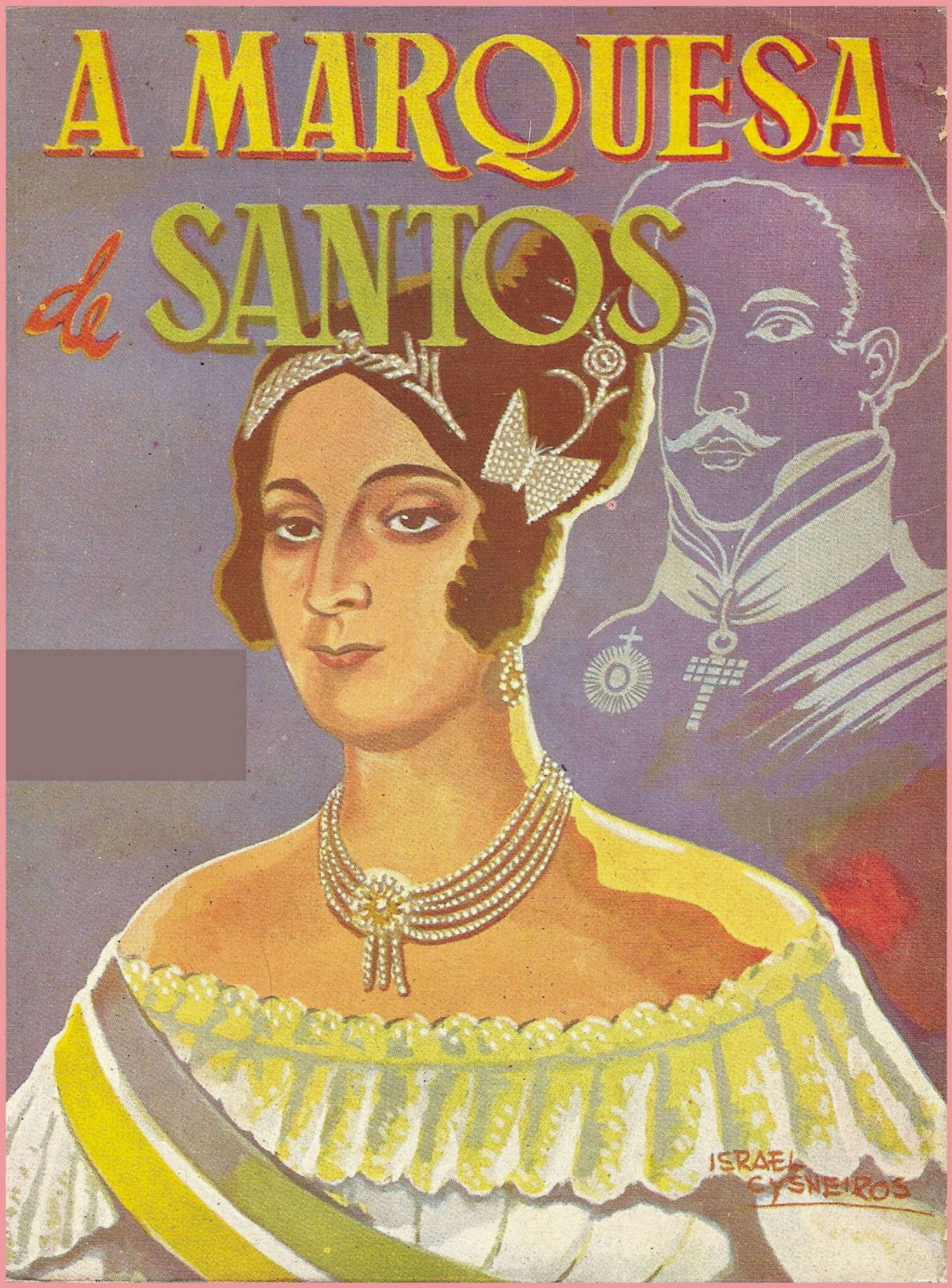
A MARQUESA de SANTOS



A Marquesa de Santos
de Paulo Setúbal

UM ACONTECIMENTO ALVOROÇANTE

13 de janeiro de 1813. Toda a gente, na cidadezinha de São Paulo, engalanara-se com espavento. Não houve matrona que se não enfeitasse de suas velhas jóias. Não houve moça que se não alindasse de galantezas e tafularias. Tudo isso, tanto primor e garridice, para assistir a um acontecimento alvoroçante, inteiramente inesperado, que viera abalar com ruído, aquela pequenina sociedade de Província: o casamento do Alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça, Moço Fidalgo da Casa Real, com a encantadora Domitila de Castro, última filha do Coronel João de Castro Canto e Melo.

Por isso, no casarão da Rua do Ouvidor, onde morava a noiva, burburinhava, há dias já, tremenda fervedura de arranjos e preparativos.

O velho João de Castro sempre se gabara de seus avós. Gloriava-se, freqüentes vezes, de ser fidalgo de lei. A sua mulher, D. Escolástica Bonifácia, apregoava-se, também, com orgulho, descendente dos Toledo Ribas. Eram eles, não havia dúvida, gente de sangue limpo, honrada, com larga parentela na cidade e na Província. E ambos, no casamento da caçula, timbraram em oferecer aos amigos bela noitada de festança grossa, com bródio e baile, que estivesse à altura do seu sangue e do seu nome.

Que rebuliço o que ia pela casa adentro! D. Escolástica, muito atarefada, não cessava de vascolejar, de arejar, de espanejar. Era um destramelar armários, um remexer empoeiradas arcas, um revirar canastras, um escancarar baús, um arrancar lá do fundo de tudo isso, para expor ao sol, os preciosos guardados antigos, as coisas nobres e magníficas, as largas toalhas de crivo, as rendas de bilro, os panos bordados, a prataria do Reino, as peças de porcelana. Sobretudo, com muitos mimos, era um esfregar aquelas pesadas louças de friso azul, tão faladas na cidade, que a boa velha guardava com ciúmes, enternecidamente, para os graves regabofes da família. Quando, em meio àquela lufa-lufa, um canto de sala parecia mais despido, ou faltavam, acolá, enfeites mais vistosos, logo a cuidadosa D. Escolástica, com o seu pronto expediente, gritava para um dos moleques da cozinha:

— Dito! Corra à casa de prima Angélica e diga assim para ela me emprestar o jarrão vidrado da sala de fora.

Os moleques e os escravos, à busca de jarrões vidrados, corriam à Rua do Ouvidor. Da Rua do Ouvidor à Rua do Cotovelo. Da Rua do Cotovelo à Rua da Princesa. Enquanto isso, na cozinha, entre as mucamas, ia largo e febril atarefamento. Despejavam-se pacotes de araruta. Besuntavam-se forminhas para bons-bocados. Desenferrujavam-se as rosetas de florear sequilhos. Folheava-se a massa das queijadas. Recheavam-se os pastéis de Santa Clara. Pingavam-se assadeiras de suspiro. E as raparigotas, brandindo garfos célebres, faziam ecoar sonoramente, no bojo das terrinas, furioso bater de gemas e de claras de ovo.

Essa atordoante trabalhadeira, tão desusado empenho em preparar a noite de gala, revelavam bem o júbilo que dava aos pais o casamento da caçula. Esse

casamento, entretanto, tivera curiosa trama. Fora um caso violento de paixão. Romance de amor tão fulminante, tão inesperado, que espantou a todos na cidade.

A história foi assim:

Domitila, a Titília, como lhe chamavam os de casa, era uma criaturinha perturbante, linda boneca de dezesseis anos, leve como pluma, botão de rosa pelo amanhecer. Tinha o talhe fino, a cinturinha breve, ar de graciosa petulância. Que primor de tentações! Os cabelos eram negros, profundamente negros, encaracolando-se num donaire petulante. Olhos também negros, negríssimos, dum fulgor líquido, que enchiam de quentura e brejeirice o moreno róseo de seu rosto. A boca, vermelha, muito úmida, a cavar ao lado, quando ela sorria, uma covinha gaiata, tentadora, que enlouquecia a rapaziada do tempo.

E não foram poucos os que enlouqueceram! Toda a gente sabia que Pedro Gonçalves de Andrade, primo e colaço do juiz de casamentos, passava noites inteiras, de violão em punho, a entoar modinhas e lundus às janelas da rapariga.

E era de ver-se, nos bailes, o Aires da Cunha, sobrinho do Almoxarife da Real Fazenda! O rapaz grudado acintosamente às saias da pequena, vivia tão junto dela, tão cioso dela, que a cidade inteira, com maldade, botou-se a linguajar daquele caso..

E a briga do Moraizinho? Foi no Botequim da Princesa, no Largo da Pólvora, em dia de procissão de São Jorge. O rapazola engalfinhou-se violentamente com o Bento Furquim, um atrevidaço, namoriscador da pequena. Lá se foi com ele aos bofetões e sopapos, numa fúria. Tão áspera cresceu a rixa, tão brutal, que acabaria de certo em tiro de trabuco se o bom do Pe. Bernardo Pureza Claraval, que por ali passava, não acudisse a tempo de separá-los.

Nesse mesmo dia, ao escurecer, depois das vésperas, o bondoso cura procurou o velho João de Castro. Narrou-lhe a briga do Moraizinho. Avisou-o com prudência:

— Sr. Coronel! Vosmecê precisa tomar tento. Isto não acaba bem...

— Mas que hei de eu fazer, senhor pároco? Que hei de eu fazer?

— Que há de fazer? Homessa... Pois é casar a rapariga. Casá-la antes que a rapaziada se destripe. Aquilo não é gente! Aquilo é demônio, sr. Coronel, aquilo é demônio... Cruzes!

Ora, foi justamente por essa época, nesses tempos em que os rapazes se esmurravam por causa da fatal menina, que chegou à Província, e veio aquartelar em São Paulo, um magnífico regimento de cavalaria, o Primeiro Esquadrão do Corpo de Dragões, que tinha sede em Vila Rica, nas Minas Gerais. O regimento, formado de guapos mocetões, equipados vistosamente, atravessou a cidade com galhardia, marchando e rufando. Foi estacar diante do Convento de São Francisco, onde se alojou. De cambulhada com esse Corpo viera um bonito rapagão protegido do Príncipe, tratado pelos superiores com benévolas deferências, moço esbelto e moreno, vinte e dois anos, gentil e simpático. O moço fazia parte do Estado Maior daquele regimento. Era o Alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça. Quis assim o destino, esse endiabrado armador de arapucas, que o oficialzinho de Minas viesse aquartelar exatamente no Largo de São Francisco, a dois passos da Rua do Ouvidor, e, portanto, bem rente à flor mais perturbante da Província, a mais perigosa das desencabeçadoras de rapazes. A graça com que se enfeitou a tentadora moça, as tafulices com que se alindou para enamorar o recém-chegado, não as sei eu, nem as quero imaginar. Mas o certo, o que contam crônicas veneráveis, é que logo

após o seu alojamento, ainda mal conhecedor da terra e dos seus usos, já o rapaz andava tão perdido pela rapariga, fazia por ela tais loucuras, cortejando-a tão às escâncaras, que o velho João de Castro, de sobrolho cerrado, chamou confidencialmente a mulher e falou-lhe com gravidade:

— Você já reparou, Escolástica, nos dengos do alferes pela menina? Pois aquilo, no pé em que está, é de duas uma: ou o rapaz presta, e preparam-se os banhos, e a coisa termina já na igreja; ou o rapaz não presta, e mete-se-lhe uma surra, boa roda de pau, para que suma da Província e nunca mais se intrometa com pessoas de bem! Eu vou hoje ao quartel tirar informações. Não há de ser um zé-ninguém, um leguelhé qualquer, que eu vá deixando entrar, sem mais aquela, na família dos Canto e Melo.

— E dos Toledo Ribas! exclamou a boa senhora, fazendo valer, com aprumo, as culminâncias do apelido.

As coisas que revelou o comandante do batalhão, as excelências que contou do mineirinho e da sua prosápia, foram de certo abundantes e rasgadas: João de Castro saiu do quartel de sobrolho desfranzido.

Dias após, Titília, a pequerrucha, teve a maior alegria de sua vida. O seu alvoroço foi tanto, foi tão entontecedora a sua felicidade, que a linda doidivanas, com o seu adorável estouvamento, saiu pela rua afora, trêfega e borboleteante, a contar de casa em casa o supremo acontecimento:

— Sabe, prima Angélica, a grande novidade?

— Fiquei noiva!

— Quê? Vai se casar? Nossa Senhora! Aposto que é com o Moraizinho...

— Pois não é!

— Credo! Então será com o sobrinho do Almoxarife? Quê? Não é? Pois então a maluquinha tem coragem de se casar com o Pedro das serenatas?

— Qual nada, prima Angélica! Tudo isso eram patacoadas. Tudo passatempo. Eu vou me casar mas é com o Alferes Felício, aquele moreno, de Minas, que veio no Estado Maior dos Dragões. Que tal, prima Angélica? E bonito, não é? Pois então dê cá um abraço! E outro! E mais outro! E até breve, prima Angélica.

Pela cidade inteira, num relâmpago, esparramou-se a notícia do estranho noivado. Foi uma bomba.

13 de janeiro, no casarão da Rua do Ouvidor, festejou-se enfim, com desmedido gosto, o casamento da caçula. Festa magnífica! O mais falado acontecimento social da época. As três da tarde, sob um sol mormacento, a casa dos Canto e Melo, reluzindo, cheirando a alfazema, esplêndida de enfeites e de galas. O velho João de Castro lá estava com o seu pompeante uniforme de coronel e com as suas vistosas dragonas de cachos. D. Escolástica Bonifácia, com o seu pesado vestido de gorgorão negro, cadeia de ouro e leque de plumas. Esperavam ambos, na sala de fora, a chegada dos convidados e da parentela. A primeira cadeirinha que surgiu à porta foi a de D. Angélica Taques Alvim, da boa prima Angélica, amiga de sempre, mãe de leite da noiva, que trazia os olhos avermelhados de tanto chorar pela sua Titília. Depois, o genro da casa, Boaventura Delfim Pereira, o futuro Barão de Sorocaba, padrinho de casamento. Em seguida, com a sua calva espelhante, o venerando D. José de Sá e Câmera, compadre e amigo velho, com

seus bofes de renda e os seus calções de ganga amarela. Logo após, ostentoso e solene, corpanzil atarracado, D. Eugênio de Lócio Seibiltz, Ouvidor da Comarca, letrado e politicão, honrosa amizade de João de Castro.

Quando o Pe. Bernardo Claraval, acompanhado do sacristão, saltou da sege, já o grave casarão fervilhava de gente. Tudo que havia em São Paulo de prestigioso, tudo que havia de escolhido e aristocrático, enxameava nas amplas salas de João de Castro. Lá estava o Coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós, barba-piolho, bonita estampa de dominador, bafejado pelo seu poderio de alto chefe político. O Capitão-Mor Eleutério da Silva Prado, cabelos brancos, muito respeitado e muito venerado, com aquele trato ameno, modos chãos, ar acolhedor de velho paulista. O Nicolau Vergueiro, espadaúdo e amplo, sobrecenho franzido, voz rude, sotaque áspero de português. O magnífico e louro D. Francisco de Assis Lorena, filho do Conde de Sarzedas, que era o fidalgo de mais proa da Província. A sua aprumada esposa, D. Maria Rita de Almeida Sousa e Faro, cintilante de jóias, porejando sobranceria e arrogância. O Capitão Jaime da Silva Teles, fechado e carrancudo, a olhar para as senhoras de soslaio.

Eis que bela liteira, pintada de novo, estaca de súbito em frente a casa do Coronel João de Castro. Desce o Alferes Felício. Que noivo galhardo! Veio cintilando nos seus galões dourados. Está pálido e trêmulo. Mas belo e encantador, como um Adonis.

Logo após, conduzida pelo braço de Boaventura Delfim Pereira, entre duas alas, debaixo de flores, surge a Titília. Vem leve e fina. Está encantadoramente pálida. Encaminha-se radiosa para o altar. Com o seu vestido branco, a grinalda branca, luvas brancas, os botões brancos de flor de laranjeira, a longa cauda branca, sustida por dois priminhos, a noiva passa tão fascinadora, tão esvoaçante e bela, os olhos tão úmidos, a boca orvalhada, que todos, velhos e moços, matronas e raparigas, parentes e não-parentes, todos, ao vê-la têm uma só exclamação:

— Que linda!
— Que linda!

A própria D. Maria Rita de Almeida Sousa e Faro, do alto do seu orgulho e da sua chocante arrogância, não pôde reprimir a sua admiração:

— Bela cachopa!

Ouviu a frase certo figurão exótico, chegado há pouco da Corte, cavalheiro muito alto e muito magro, com uns bigodes negros muito retorcidos. O homem virou-se para o marido da dama, o belo D. Francisco Lorena, e concordou baixinho:

— É verdade. Que rapariga, Sr. D. Francisco! Aquilo, sim, é rapariga e tanto!

Pe. Bernardo realizou o ato. Lágrimas de D. Escolástica. Soluços de prima Angélica. Abraços. Parabéns. Comovidos apertos de mão.

Foi então que principiou, com efervescente cordialidade, a festa grandiosa. Lá dentro, aboletados à mesa, depois do brinde do Ouvidor, os convivas devastavam arrasadoramente os castelos de fios-de-ovos e as compoteiras de batata roxa. Cá fora, na sala da frente, onde rompera fragorosa orquestra, ia o torvelinho das danças. Ruidoso saracoteio de rapazes e de raparigas. Tudo a rir! A papaguear! De quando em quando, no intervalo das marcas, aparecia na sala uma

preta gordalhuda, mucama pimpona e fresca, com a sua saia de refolhos engomados, carregando colossal bandeja de balas de ovos e doces secos. Como todos a conheciam — quem não havia de conhecer a Bastiana? — eram ditinhos daqui, piadas dacolá.

— Foi você quem fez o suspiro, Bastiana?

— Não fui. Foi Nhanhã. Mas não ficou bem batido. Antes prove a queijadinha...

Súbito, em meio aos ditos, o Moraizinho, rapazola esbelto e louro, aquele mesmo antigo apaixonado da Titília, adiantou-se até o meio da sala. Bateu palmas. E no silêncio que se fez:

— Ó Chalaça! Eu estou incumbido, em nome das moças, de pedir a você que cante um lundu...

Reboou larga tempestade de aplausos.

— Bravos! Um lundu! Bravos!

O estranho personagem viera há pouco da Corte. Estava de passagem por São Paulo. Era aquele cavalheiro muito alto, muito magro, com uns bigodes pretos muito retorcidos. Chamava-se Francisco Gomes da Silva. Tinha a alcunha de Chalaça. Era grande boêmio. Exímio cantador de modinhas. Diante dos pedidos, não teve ele outro remédio senão pegar no violão. Sentou-se no meio da sala. E sorrindo:

— Que lundu há de ser?

O Moraizinho de certo conhecia bem o repertório do homem. Bradou sem hesitar:

— O "Lundu do Capoeira"!

O Chalaça afinou o instrumento. Ajeitou-o ao peito. E pôs-se a repicar 'O Lundu do Capoeira". Que sucesso! O estribilho fazia furor. Toda a gente ria ante os trejeitos e momices do cantador:

Ai, ai, ai
Meu cobre é que lá vai...
Meu cobre é que lá vai...

Naquele baile, a 13 de janeiro de 1813, ninguém poderia jamais supor, nem imaginar de leve, que aquele figurão exótico, o Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, violinista folião, cantador de lundus, se tornasse em breve, no cenário do Brasil, personagem do mais alto destaque, Comandante da Guarda de Honra, Secretário Privado, Conselheiro de Estado, Comendador do Império, grande favorito do Príncipe. Ninguém poderia também supor, nem imaginar de leve, que a pequena Titília de Castro, a endemoninhada caçula do Coronel João de Castro, fosse em breve, entre as adulações e lisonjas de toda uma Corte, a imensa, a tresloucada paixão de D. Pedro I: fosse essa adorável Marquesa de Santos, de tão reboante

fama, a única mulher, na História das Américas, que encheu um Império com o ruído do seu nome e o escândalo do seu amor.

7 DE SETEMBRO

Três horas da tarde. O Coronel João de Castro acabara de jantar. Fumava o seu grosso cigarrão de palha, estirado na rede. Nove anos eram decorridos, nove anos bem tumultuosos na Província, desde aquela memorável noitada de boda.

Quanta coisa, desde então, sucedera por aí afora! A política fervera. A *bernarda* de Francisco Inácio sacudira a Província. Martim Francisco fora escorraçado da cidade. Os Andradas e os Queirós ferraram-se de unhas e dentes. José Bonifácio, guindado agora às culminâncias do poder, tirava desforras espantosas.

Ah, quanto infortúnio, em meio a isso tudo, viera lancetar a alma de João de Castro! Quanto desgosto viera desmanchar a paz de seu envelhecer. Era exatamente a cismar nisso, afundado em tristuras e pensares, que o encanecido coronel, naquela tarde, aos balouços da rede, enchia os compridos ócios da sua sesta modorrenta. Tão vago estava o bom do velho, tão engolfado em melancolias, que nem deu tento ao ruído duns passos, lentos e pesados, que foram varando pelo corredor adentro.

— Ora viva, Sr. Coronel! Então que tristeza é essa?

João de Castro, despertando, ergueu bruscamente a cabeça:

— Oh! Pe. Bernardo! Vosmecê! Bons olhos o vejam. Vá entrando...

Era o Pe. Bernardo Pureza Claraval. O enrugado cura, velho amigo da casa, sentou-se familiarmente numa cadeira de espaldar. Tirou do bolso a boceta de prata. Ofereceu uma pitada a João de Castro.

— Pensei que vosmecê estivesse à espera do Príncipe.

— Pois estou, Sr. pároco! Vim hoje da chácara, onde deixei a mulher e os filhos, só para cumprimentar a Sua Alteza. Não fui aí pelo caminho de Santos, ao encontro da comitiva, porque já não sou mais homem para essas estafadas. Além do mais, como o Reverendo bem sabe, o Príncipe é andejo e sacudido; não é qualquer que o acompanha na estrada!

— Grande estropiador de cavalos eu sei bem que ele é, retorquiu o pároco; a prova disso é que ainda agora, ao vir de Minas, fez em quatro dias — em quatro dias apenas! — toda a jornada de Vila Rica à Corte. Olhe que é um bom eito! Isto, sim, é que é viajar!

O padre espirrou com estrépito. Assoou-se a um vasto lenço de alcobaça. Depois, com um suspiro:

— Assim fosse ele tão bom político como é bom cavaleiro!

— Pois o Reverendo não o acha bom político?

— À minha fé que não! E como português, exclamou o padre, como português que se preza de o ser, como bom vassalo do Sr. D. João VI, censuro e reprovo o proceder do Príncipe...

— Já sei, atalhou João de Castro. Já sei! O Pe. Bernardo, como outra muita gente, cuida que o Príncipe vai fazer a separação. Não se apoquente, sr. pároco! Nem vosmecê, nem eu, haveremos de ver a Independência do Brasil. Esses bufos dos liberais, o palavreado do Clemente Pereira, essas bravatas que andam lá pela Corte, tudo isso são gabolices. Patacoadas, Pe. Bernardo! Patacoadas! Tudo bolha de sabão.

— Ou eu muito me engano, redargüiu o padre, ou vosmecê tem catarata nos olhos, sr. Coronel. O perigo é iminente. A coisa estoura já. Toda a colônia está a ferver. E o pior, o mais grave de tudo, é que o Príncipe, o próprio Sr. D. Pedro, é o primeiro a acoroçoar a separação. Só para ganhar aí meia dúzia de palmas e ter uns fumos de popularidade. Que vanglória!

— Qual, sr. pároco, as coisas não estão assim tão turvas. Vosmecê é que está aí a atacar moinhos de vento!

— Moinhos de vento, Sr. Coronel? Moinhos de vento? Mas então vosmecê julga que são moinhos de vento todos aqueles sucessos que se deram este ano no Rio? Pois é lá caçoada o que ainda agora, neste momento, se passa na Corte? Mas olhe um pouco.

Ferreteado no seu lusitanismo, a bufar, o velho padre explodiu. Desandou a enumerar as suas cóleras:

— Mas olhe um pouco! E o "Revérbero", com o Pe. Januário à frente, a escrever cachorradas contra a Metrópole. E o "Regulador" — um pasquim — a berrar pela separação. E a Maçonaria, sr. Coronel! E a Maçonaria do Gonçalves Ledo, peste que já se alastrou pelo Brasil inteiro e que não faz outra coisa senão conjurar contra Portugal. E Fr. Sampaio? Aquele tonto do franciscano vive a pregar sermões de mil demos, a acolher o Príncipe na sua cela, a tramar com Sua Alteza planos de independência. E os clubes então! Hein, Sr. Coronel? Que me diz do Clube da Resistência! Vamos lá: que é que vosmecê diz daquilo? Mas não é só. Infelizmente, não é só. Veja lá esse tal decreto do "cumpra-se"! E a convocação da Assembléia! E as representações de 9 de janeiro! E o "fico"! E o "fico", hein, Sr. João de Castro? Que tal a brincadeira? Ainda vosmecê acha que isso tudo são moinhos de vento? Pois olhe, Sr. Coronel, confesso-lhe uma coisa: para mim, naquele dia em que o Clemente Pereira, depois do seu falatório, debruçou-se numa das sacadas do Paço e gritou à multidão que se estacionava fora: "O Príncipe manda dizer que fica", nesse dia — escute bem! — nesse dia o Brasil separou-se de Portugal...

— Vosmecê aumenta muito, sr. pároco! Não é assim! As coisas ainda não chegaram a esses extremos. Creia, Pe. Bernardo, essas arengas e essas discurseiras são tudo fogo de palha. Tudo é coisa de pouca monta. O principal é tropa e munição. No dia em que aportarem por cá fragatas bem recheadas de soldados, já não há mais independência. Com dois canhões assentados no Morro do Castelo qualquer fuzileiro faz calar a boca dos patriotas...

— Esta demasiada confiança de vosmecê, como de tantos outros portugueses, é o que nos vai perder, Sr. Coronel. Não há tropa que consiga abafar tanta fervedura. É tudo a conspirar contra Portugal. Tudo! Demais, para remate, aí está esse Sr. José Bonifácio, esse perigoso Primeiro-Ministro, que maneja o Príncipe a seu talante, que move os gestos de Sua Alteza, como quem move um polichinelo de cordel.

— Ora, aí está, exclamou João de Castro; ora aí está! O sr. pároco acha que eu exagero pouco as coisas; pois eu acho que vosmecê enxerga demasiado. Afinal

de contas, diga-me lá: que grande perigo pode haver em José Bonifácio? Tanto se fala nesse homem! Tanto se fala nos Andradas! No entanto, José Bonifácio é ministro como outro qualquer. Não é melhor nem pior. Que é que tem o Primeiro-Ministro de diferente?

— Que é que tem? Vosmecê está zombando, Sr. Coronel! José Bonifácio é a primeira cabeça do Brasil. Ou será que vosmecê ainda não ouviu dizer que o Primeiro-Ministro é um sábio? Pois o é, Coronel. E grandíssimo! Esse homem, que eu conheci no Reino, lecionando em Coimbra, espantou Portugal inteiro com a sua ciência. E não foi só Portugal: foi a Europa toda...

Depois de fungar nova pitada, despeitado e azedo, Pe. Bernardo rumou contra José Bonifácio.

— Pois vosmecê ainda não atentou no poderio deste homem? Mas é só ver as coisas. Olhe o caso da bernarda. Vai o Francisco Inácio e escorraça o Martim cá da Província. Que é que acontece? José Bonifácio, não sei com que manhas, nem com que artes, faz o Príncipe acolher o irmão com todo o agasalho, cobri-lo de todas as honrarias, e até — isto é que é! — até convidá-lo para ministro. Lá está como Ministro da Fazenda. Que escândalo! Mas a coisa não pára aí. Chega o Príncipe agora em São Paulo. Sabe o primeiro cuidado que teve? No Paço, em presença de toda a gente, só para desafrontar os Andradas, recusa-se a dar a mão e beijar a Francisco Inácio! Pode haver maior acinte? Impossível! Pois o Príncipe não se contentou com tudo isso. Monta a cavalo e toca para Santos. E que é que vai fazer Sua Alteza em Santos? Uma coisa só: visitar a família de José Bonifácio. Ora, com franqueza, isto é demais. E demais Sr. Coronel! E por isso que eu não me canso de repetir a Vossa Senhoria: a hora da separação está soando! E está soando porque José Bonifácio é separatista. Com um homem deste prestigio, com um brasileiro destes a dirigir os negócios da colônia, está bem visto que a causa da Independência ganhou a sua vitória.

— Pois seja o que Deus quiser, Pe. Bernardo, atalhou João de Castro, com filosofia. A mim já me não afligem coisas políticas. Não aspiro outra coisa senão a uma velhice em paz. Mais nada! Tenho sofrido muito, Pe. Bernardo... Tenho sofrido muito!

O velho pároco sentiu o tom melancólico do amigo. Abrandou logo as suas iras portuguesas. Sabia bem o padre a causa daquelas amarguras. E meneou a cabeça com tristeza:

— Tem razão, Coronel! Tem muitíssima razão! Aquele casamento da Sra. Domitila foi um desastre.

— Foi um raio, Pe. Bernardo, exclamou o velho com vivacidade. Foi um raio que me caiu em casa! Nunca imaginei, na minha vida, que aquele casório, festejado com tanto gosto, viesse a ter um dia o desfecho que teve! Ah, Pe. Bernardo, que desmoronamento! No começo não foi nada: arrufos, azedumezinhos, coisicas. História de marido e mulher. E lá iam vivendo. Mas depois! Depois, Pe. Bernardo, que inferno! Aquilo eram brigas a toda hora, fusquinhas de parte a parte, bate-bocas, nomes feios, ciumadas, o diabo! Enfim, para coroa disso tudo, lá vai o bruto e enfia a faca na mulher. Duas facadas! Duas facadas na coxa. Ora, aí está no que deu um casamento tão bem começado...

— Numa sangueira, atalhou o padre; numa sangueira de enojar a gente!

— O bugre deixou a menina a se esvair, continuou João de Castro. Deixou a menina quase morta. Ah, o que padeci! A filha a morrer nos meus braços e a cidade inteira a ferver de mexericos. Que escândalo tremendo! O maior escândalo de São Paulo. Afinal, sr. pároco, depois de muita barulheira as coisas foram-se arrumando devagarinho: a menina sarou, o casal separou-se, ele para lá, ela para cá, e a vida, com a graça de Deus, tornou ao velho ramerrão. Eis que agora, com a chegada do Príncipe, corre pela cidade um zunzum de enlouquecer um homem. Diga-me lá, Pe. Bernardo, vosmecê ainda não escutou o falatório?

— Escutei, respondeu o padre com reserva. Escutei!

— Então, Reverendo, aqui entre nós, como amigos, seja franco: que é que vosmecê escutou?

Pe. Bernardo aproximou-se de João de Castro. Pigarreou. E confidencial, a voz baixa, murmurou sisudamente:

— Anda por aí muita coisa. O que anda, porém, de boca em boca, muito falado, é que o Príncipe antes de entrar na cidade, portou casualmente na chácara de vosmecê, onde conheceu a Sra. Domitila. É verdade?

— É!

— Pois bem; dizem então que Sua Alteza, daí para cá, ficou perdido pela moça. E é um cortejá-la! E um cortejá-la muito às escâncaras. Com muito desabrimento! Com muito rapapé! Será isso verdade?

João de Castro ia responder. Nisto, quebrando a pacateza da cidadezinha, irrompeu bruscamente larga troada ensurdecedora. Era a artilharia do Carmo que disparava com estrondo. Eram os sinos de Santa Tereza que repicavam bimbalhantes. Roquetes e morteiros que salvavam. Girândolas e foguetes que espoucavam no ar.

— É o príncipe!

Enquanto ambos prestavam ouvidos ao barulho, passos violentos, muito apressados, ecoaram de golpe no corredor. Logo após, arfando, surgiu na varanda a Titília de Castro. Tinha o ar de quem viera correndo. Estava fremente. Bradou aos dois homens com alvoroço:

— Sabem a grande novidade?

João de Castro e Pe. Bernardo olharam para a moça com surpresa. Aquele rompante, aqueles modos, a exaltação da voz, o desabalo dos gestos, tudo aquilo, assim de imprevisto, veio desentorpecer, como grossa lufada de ar fresco, a morna pasmaceira dos velhos.

— Que há, minha filha?

— Que há? Nossa Senhora! Pois será que vosmecê ainda não saiba? Nem vosmecê, sr. pároco?

— Mas que é que aconteceu? exclamou o padre com impaciência; vosmecê assusta a gente! Que há? Vamos! Desembuche.

Diante dos ouvintes, com largo gesto, a filha de João de Castro, rasgadamente, teatralmente, lançou esta coisa enorme:

— O Príncipe acaba de proclamar a Independência do Brasil!

O coronel e o padre, como tocados por um ferro em brasa, ergueram-se dum salto.

— Quê?
— Quê?
— O Príncipe acaba de proclamar a Independência.
— Vosmecê está doida, atalhou o padre, atordoado. Doida! Isso é lá possível?
— Doida, Pe. Bernardo? Doida, eu? Mas é só ver o que vai pela cidade. Um rebuliço. Bandeiras hasteadas por toda a parte. Foguetes pelo ar. Já se reuniu o Senado da Câmara. O Largo do Colégio está assim de povo! Prepara-se já grande manifestação ao Príncipe.
— Mas isso é um sonho, exclamava João de Castro.
— É de assombrar! tartamudeava o pároco. Isto é de assombrar!

Pe. Bernardo agarrou as mãos da moça. E sacudindo-as:

— Como vosmecê sabe de tudo isso?
— Como sei? Pois vi, sr. pároco!
— Viu?
— Vi. Vi com estes olhos!
— Mas viu o quê?
— Vi tudo!
— Mas tudo o quê? Bradava o padre ansiado; tudo o quê, moça? Vamos lá, fale! Desembuche! Irra...
— Eu vi a proclamação, sr. pároco!
— Viu a proclamação?
— Sim, senhor! Vi! A coisa deu-se assim: eu ia à chácara de meu pai, que o Reverendo bem conhece, lá no Ipiranga. Foi quando topei com a Guarda de Honra e a comitiva do Príncipe sesteando no outeiro...

Não pôde continuar. Ouviram-se passos e palmas no corredor.

— Dá licença?

Domitila correu a ver quem era.

— Oh, Sr. Francisco Gomes da Silva! É o Senhor? Entre! Sem cerimônia.

Era o Chalaça. Era o Secretário Privado de Sua Alteza. Era aquele tipo muito alto, muito magro, com uns bigodes pretos muito retorcidos. O homem foi entrando com todo desembaraço.

— Viva, sr. Coronel João de Castro! E Vossa Reverendíssima, sr. pároco.
— Seja bem-vindo, Sr. Francisco Gomes!

João de Castro ofereceu-lhe a cadeira de espaldar. E o Chalaça, com um gesto:

— Não se incomode, sr. Coronel! É por um instante apenas. O que me traz aqui não é contra a Vossa Senhoria que Sua Alteza proclamou a Independência do Brasil. Isto já toda a gente sabe. O que me traz aqui, sr. Coronel, é dizer a Vossa Senhoria, por ordem de sua Alteza, que hoje, no Teatro, haverá grande espetáculo de gala para festejar o acontecimento. E o Príncipe, que sabe prezar os bons vassalos, mandou reservar para Vossa Senhoria, e para a Sra. D. Domitila, o camarote unido ao camarote real.

João de Castro arregalou os olhos com espanto. Mal pôde murmurar:

— Grande honra, Sr. Francisco Gomes; grande honra! Não sei como agradecer ao Príncipe tanta mercê. Lá estaremos, sem falta. Mas queira sentar-se, Sr. Francisco Gomes.

— Impossível, sr. Coronel. Ainda tenho de ir à loja do ourives Lessa, à Rua da Boa Vista, a fim de mandar gravar, numa chapa de ouro, o emblema que vai servir de distintivo aos brasileiros. E ainda preciso arrebanhar o maestro André Gomes da Silva, o mestre da Capela da Sé, para ir, já e já, ensaiar o hino da Independência que Sua Alteza compôs e faz questão que seja cantado hoje à noite no Teatro.

O Chalaça tinha as horas contadas. Despediu-se. Lá se foi à cata do ourives e do maestro.

Mal virou as costas o Secretário Privado do Príncipe, João de Castro e o Pe. Bernardo entreolharam-se pasmados. Foi Domitila quem quebrou o silêncio.

— Não disse?

— É curioso, sr. pároco, atalhou João de Castro; é curioso que o Príncipe tenha se lembrado de mandar reservar a mim um camarote ao lado do seu! Há coisas que espantam a gente. E eu, francamente, não compreendo esta atrapalhada. Que me diz a tudo isso, Pe. Bernardo?

Pe. Bernardo tirou do bolso a boceta de prata. Sorveu a sua lenta pitada. Depois de fungá-la bem fungada, com calma e pausa, virou-se filosoficamente para D. Domitila:

— Sra. D. Domitila! Eu sou velho amigo da casa. Tenho, por isso, direito de aconselhar. Ouça lá, Sra. D. Domitila!, ouça lá o que lhe digo: cuidado com o Príncipe! Muito cuidado com o Príncipe! Vosmecê é bonita. Vosmecê é moça. Vosmecê é separada do marido. Vosmecê tem tudo para tentar um homem. O Príncipe, como toda a gente sabe, é atrevidaço e é mulhereiro. Um patifão que não respeita sequer as famílias! Olhe o que aconteceu na Corte à filha do armador João Ciríaco. Olhe o escândalo em casa do Cauper. Olhe o caso da Noemi, bailarina do Teatro São João. Eu a aviso bem: tome cuidado com Sua Alteza, Sra. D. Domitila! Tome cuidado! O Príncipe é atrevido...

— Não sei, Pe. Bernardo, não sei se o Príncipe é atrevido. Só sei que ele proclamou, hoje, a Independência do Brasil; e isto é o quanto basta para que eu, brasileira, já o tenha aqui dentro do coração!

Sem esperar resposta, a encantadora Titília de Castro, sempre adorável e trêfega, partiu numa correria a preparar-se para a festa.

UMA NOITE HISTÓRICA

O Teatro, ou melhor, a Ópera, como tão pretensiosamente o apelidara o povo, era um casarão velho, desgracioso, situado no Largo do Colégio, com frente para a Casa dos Governadores e saídas para a Rua da Fundição[1].

Naquela noite, muito antes da hora marcada para o pomposo espetáculo de gala, fervilhante burburinho de gente — soldados; crioulos, recoveiros, peões, aguadeiros, trintanários, palafreneiros — toda uma arraia miúda, mesclada e turbulenta, apinhava-se no Largo do Colégio e espraiava-se até a Rua da Fundição, berrando, gesticulando, dando vivas, com esse desenfreado e tumultuoso entusiasmo das patriotadas. De instante a instante, carregadas por escravos, chegavam cadeirinhas e traquitanas. Abrindo caminho, de instante a instante, tiniam os guizos chocalhantes de liteiras. Dentro delas, com aprumo e pompa, lá se iam para a Ópera as velhas damas, as gentes de prol, os grandes nomes da cidade.

O Bispo D. Mateus, prestigioso e solene, saltou da sege por entre vivas frenéticos da turba. O Dr. Pacheco e Silva, casaca verde e colarinho de França, entrou com autoridade, fechado e ríspido, fazendo valer a sua grave culminância de Ouvidor. O Marechal Cândido Xavier, Comandante das Armas, lá estava no camarote do Governo, faiscando de dragonas e de canutilhos, os punhos recamados de bordados de ouro. O Dr. Pimenta Bueno, liberal exaltado, a gotejar de Suor, lançava a todo o momento, vermelho e rouco, os mais desabafados vivas à Independência. Belchior Pinheiro, aquele padre famoso que assistira ao grito do Ipiranga, companheiro e intimo do Príncipe, andava de grupo em grupo, azougado, contando minúcias e detalhes numa grande fervedura patriótica. Ildefonso Xavier Ferreira, com as suas bochechas apopléticas e o seu vozeirão de trombone, sacudia os amigos com as tonitruantes virulências do seu entusiasmo. Até o severo Amaral Gurgel, sempre circunspeto, também se incendiara duma alegria louca! E ali, na Ópera, rindo-se muito, rindo-se com um riso verdejante, discutia fragorosamente com os seus correligionários de política: era o Azevedo Marques, era o Inocêncio Alvim, era o Pe. Vicente Pires da Mota, era o Joaquim Floriano de Toledo.

O teatro atulhou-se rapidamente de espectadores: camarotes, platéia, galerias, corredores, saguão, tudo apinhado, tudo coalhado, tudo compacto de povo! Era belo o ver-se a provinciana garridice das donas, os armarinhos e os brocados, os veludos e as plumas e os leques e as jóias, todas aquelas faceirices que enramilhetavam casquilhamente os balcões do teatrinho! Não fora à toa que a Ritinha Cássia e a Domingas Xavier, as duas modistas mais afreguesadas da época, correram atabalhoadíssimas essa tarde toda, numa trabalheira de ajustar corpetes, de refranzir sôbre-saias, de enlaçarotar babados. O teatro esplendia. Tudo eram galas.

Súbito, lá fora, soou áspero toque de clarim. Rufaram tambores com estrépito. Da multidão que estacionava na Praça partiu um grito só, imenso, atroador:

— Viva D. Pedro!

[1] O Largo do Colégio é hoje o Pátio do Colégio. A Casa dos Governadores, O Palácio do Governo. A Ópera, a Secretaria da Fazenda.

O Capitão da Guarda, postado à entrada da Ópera, bradou com voz forte:

— Às armas!

A Guarda de Honra, com um só movimento, desembainhou as espadas. Foi então que D. Pedro apareceu. Tinha, a um lado, o seu Ministro itinerante Saldanha da Gama; de outro, o Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão. Seguiam-no o Capitão Antônio da Silva Prado e o Dr. Gama Lobo. D. Pedro galgou majestosamente os degraus do vestíbulo. Aquela ansiosa massa, que enchia literalmente o saguão, empurrou-se, acotovelou-se, espremeu-se e, enfim, com grande custo, abriu alas para deixar passar o seu ídolo. O Príncipe, galhardo e triunfante, ao som fragoroso das músicas, lá foi, passo a passo, cortando aquele mar de gente, debaixo de flores que choviam às braçadas, por entre um rugir de palmas delirantes, por entre mil aclamações frenéticas que partiam de toda parte:

— Viva D. Pedro!

O moço Bragança varou risonhamente a onda ovacionadora. Atingiu o camarote. O Major Francisco de Castro de Canto e Melo, ajudante-de-ordens, correu as cortinas do camarim real: D. Pedro, de pé, com o seu uniforme de grande gala, o peito a faiscar de grã-cruzes, um fitão verde e amarelo a tiracolo, radioso e belo, herói de vinte e quatro anos, surgiu magnificamente ante os olhos sôfregos da assistência. A turba prorrompeu em furiosos vivas. Que gritaria atordoante! O velho casarão da Ópera, transfigurado, parecia querer desabar com o estrépito de tanto aplauso. Longos, longos minutos, a sorrir sorvendo a taça embriagante da glória, D. Pedro embalou-se naquela tempestade rugidora.

De repente, o maestro André Gomes da Silva, mestre da Capela da Sé, ergueu a batuta. Lançou os primeiros acordes do Hino da Independência. Foi um delírio! Num momento, como por milagre, em todas as mãos apareceram cópias: o teatrinho inteiro, unido pela mesma alma, entoou febrentamente o Hino patriótico; música do Príncipe, composto nessa mesma tarde, debaixo das violentas emoções do dia, para melhor, e com mais brilho, perpetuar o feito do Ipiranga. E o Príncipe, e o Ministro e o Brigadeiro, e o Marechal, e o Bispo e todos os homens graves, e todas as velhas damas, e todos os rapazes, e todas as moças, e todo o povo, acompanhando os compassos da batuta do mestre da Sé, cantavam o estribilho com ênfase:

Por Vós, pela Pátria,
O Sangue daremos...
Por Glória só temos:
Vencer ou morrer!

Quando terminou o Hino, arrefecidos os últimos ecos das palmas, levantou-se na platéia, arfante e pálido, o Major Tomás de Aquino e Castro. Trêmulo, a voz vibrante, negra mecha de cabelos a despencar-lhe do lado, o poeta, fitando o Príncipe, lançou com retumbância os seus versos memoráveis:

A grandeza do Brasil é já um axioma.
Lembrar que foi colônia causa horror.
Cabral o descobriu, mas Lísio o toma...
E se é Pedro seu Perpétuo defensor,
Será logo o Brasil mais do que foi Roma,
Sendo Pedro seu primeiro Imperador!

O soneto era horrendo. Mas a turba, fascinada e eletrizada, sacudida pela doidice das patriotadas, glorificou o poeta da Província, hoje poeta histórico, coroando as suas pobres rimas com louco reboar de aplausos. Foi então que o Cônego Ildefonso Xavier, Chantre da Sé, liberal exaltado, grande propagandista da Independência, assomou inesperadamente à balaustrada dum camarote. Era o camarote n.º 11. Com o gesto largo, a voz de trovão, como se quisesse bradar para o País inteiro, alçou pela primeira vez no Brasil, estes três vivas, eternamente memoráveis:

— Viva D. Pedro Primeiro, rei do Brasil!
— Viva D. Pedro Primeiro, rei do Brasil!
— Viva D. Pedro Primeiro, rei do Brasil!

Era a consagração de D. Pedro. Era, em São Paulo, a aclamação do primeiro Rei. D. Pedro, no camarote recebeu o título, sorrindo. Agradeceu com um gesto. Estava definitivamente Rei dos Brasileiros.[2]

Soaram, nesse momento, as três pancadas de estilo. Ia subir o pano. A Companhia Zachelli, nessa noite, representava o *Convidado de Pedra.* D. Pedro, que já conhecia a peça, pôde então, com demorados vagares, contemplar a sua vizinha de camarote. Que linda que estava!

A endiabrada filha de João de Castro, de tanta fama na cidade, já não era mais aquela boneca de dezesseis anos, menina e moça, botão de rosa prestes a romper. Era mulher feita, mulher desabrochada, mulher-mulher em pleno verão de sua formosura, em plena inflorescência de suas graças. E ali, na Ópera, com os seus cabelos trevosos, onde resplendia faiscante borboleta de pedras; com o seu colo rosado de morena, em cuja pele quente ardia enorme solitário; com os braços soberbos, onde serpenteavam argolas e braceletes; com o seu atrevido chapéu de pluma negra; com seu corpete de seda escura, muito justo; com a sua elegante saia de damasquilho, farfalhosa e tufada, D. Domitila de Castro, magnífica flor dos trópicos, deslumbrava entre as galas daquela apoteose. D. Pedro, velho sangue erótico dos Braganças, cravava, de momento em momento, olhos devoradores naquele poema de carne. Que mulher! Ah, a volúpia daquelas linhas, a quentura daqueles olhos, o arfar daqueles seios, o vermelho sangrento daqueles lábios.

Caíra o pano. Último intervalo. D. Domitila ficara só no camarote. O Chalaça, a um gesto imperceptível de D. Pedro, aproximou-se dela.

Então, muito discretamente, o ar confidencial, conversaram ambos aos cochichos. D. Domitila, no começo, riu-se. Depois corou. Corou extremamente. Mas, dos seus olhos, enquanto ouvia o Secretário Privado, rompia estranho clarão de júbilo.

Nisto, cortando bruscamente aqueles cochichos, soaram as pancadas para o derradeiro ato. O Chalaça ergueu-se. E, ao despedir-se, misterioso e risonho, perguntou baixinho:

— Combinado?

D. Domitila fez um gesto afirmativo. O Chalaça, com o seu sorrisozinho malévolo, pôs significativamente o dedo nos lábios:

---

[2] Eugênio Egas, *Independência ou Morte, pág. 747.* Memórias de Francisco de Castro Canto e Melo *op. cit.* Melo Morais, *À Independência e o Império do Brasil.*

— Bico!

Terminara o espetáculo. D. Pedro, debaixo de aclamações ululantes, desceu as escadas da Ópera. A Guarda de Honra, perfilada, apresentou armas. No Largo, quando Sua Alteza assomou diante da turba, estourou, novamente, de todo o lado, o mesmo irreprimível entusiasmo:

— Viva D. Pedro!

O Príncipe, por entre tão desmedidos estrépitos, os últimos da noite fragorosa, atravessou o Largo e recolheu-se ao paço.

D. Domitila rumou para casa. Mandou recolher a liteira. Despediu os escravos. Entrou. Mas a filha de João de Castro, por estranha determinação, não fechou a porta naquela noite: cerrou-a apenas. Não deu a volta à fechadura. No seu quarto, agitada e nervosa, arremessou sobre o canapé a larga saia de damasquilho. Livrou-se das jóias, do chapéu de plumas, das tafularias de gala. Vestiu o roupão de seda carmesim, aquele maravilhoso roupão vindo do Reino, todo enevoado de rendas e enlaçarotado de fitas. Diante do toucador, alvoroçada e arfante, desmanchou os seus cabelos negríssimos. Repartiu-os ao meio. Fez duas soberbas tranças. Borrifou-se de água-de-cheiro. Estendeu-se, cheia de abandono, entre os linhos e os almofadões da sua bela cama de entalhe. Ali deixou-se ficar inquieta, opressa, com grande ânsia a lhe bailar nos olhos. Os minutos começaram a escoar lentos, lentos. Grande silêncio em tudo. E a filha de João de Castro, na sua cama, inquieta e opressa. E os minutos a escoarem. E D. Domitila cada vez mais inquieta e mais opressa.

De súbito, na calçada, ecoam passos leves, abafados. Alguém empurra a porta. Sobe a escada. D. Domitila, sacudida por violento frêmito, já de pé, em meio do quarto, vê diante de si, como num sonho, um vulto misterioso. E um vulto alto, com largo sombreiro, envolto numa imensa capa espanhola, negra como a noite. Quando o personagem, arrancando o sombreiro, faz cair dos ombros a negra capa espanhola, D. Pedro I, com o seu régio uniforme de gala, com o peito a faiscar de grã-cruzes, aparece a sorrir, heróico e belo, diante da atordoada e deslumbrada Domitila de Castro.

— Vossa Majestade! Pois Vossa Majestade veio mesmo?

D. Pedro tomou-lhe ardentemente as mãos. E ali, na alcova, colocando-lhe à boca um devorante, um sôfrego beijo:

— Vim...

O GRÃO-MESTRE DA MAÇONARIA

O Grande Oriente, a famosa Loja Maçônica da Corte, desempenhou papel preponderantíssimo nos movimentos políticos do seu tempo. Ali, naquele sobradão da Rua Nova do Conde, fervilharam idéias extremadas de Independência. Ali reboaram discursos exaltados de patriotas. Ali se coligaram, sob juramentos formidáveis, em prol da grande causa nacional, os políticos mais prestigiosos e os homens mais em destaque daquela época. Tão intensa e tão irradiante foi a ação daquela Loja, que dentro de pouco tempo, agremiando prosélitos entre os mais

poderosos, centralizou em si o mais terrível foco da propaganda, a máxima potência da campanha.

O Príncipe, com os seus arrebatamentos de moço, foi sempre um seduzido pela Maçonaria. E mesmo, lá no íntimo, secretamente, D. Pedro tinha certo temor daqueles homens coligados na sombra.

Ora, toda aquela formidável alavanca, aquela grande força organizada, obedecia ao gesto dum só homem: o Grão-Mestre José Bonifácio. O prestígio do Primeiro-Ministro, a sua vasta autoridade no Pais, a aura de popularidade que o bafejava tão radiosamente e, como remate, esse grão-mestrado da loja Maçônica, despertaram na Corte um desenfreado ciúme. Despertaram desmedida inveja entre os ambiciosos do poder: urdiu-se então, na treva, a queda do velho Andrada.

Certa noite, depois de haver soado o toque do Aragão, quando a cidade toda já dormia sob a paz estrelada do céu, três vultos cautelosos, envoltos nas suas grandes e negras capas, penetraram discretamente no recinto do Grande Oriente. Dentro na Sala dos Juramentos, ornamentada de caveiras e de punhais, com dísticos sibilinos, por toda a parte, aqueles três homens, tardos e misteriosos, desembuçaram-se com tranqüilidade. Eram José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Câmara: Joaquim Gonçalves Ledo, grande Vigilante da Maçonaria; o Coronel Luís Pereira Nóbrega, patriota de larga influência na época.

— Ele prometeu mesmo que vinha? perguntou o Coronel Nóbrega arremessando a capa.

— Homessa! respondeu Clemente Pereira. Prometeu e vem. Garanto que vem!

— Está claro que vem, atalhou Gonçalves Ledo, depois de acender vários candeeiros de azeite. Ninguém quer cair no desagrado da Loja. E ele, mais do que ninguém, precisa hoje de nosso apoio; não acha, Clemente Pereira?

Não houve tempo para a resposta. Alguém bateu à porta, com pausa, três pancadas cabalísticas.

Instantes após, com mostras de grandes deferências, Clemente Pereira introduziu o recém-chegado na Sala dos Juramentos. Dirigiu-se aos companheiros:

— E o irmão Guatemozim.[3]

Três punhais, com um só gesto, fuzilaram no punho dos três homens; o recém-chegado, que era o próprio Príncipe D. Pedro, de chapéu na cabeça, respondeu com simples gesto àquele estranho ritual da confraria. Sem surpresa, familiarmente, sentou-se entre os três:

— Então, que há?

Caiu pesado silêncio. Gonçalves Ledo foi quem começou a falar. A falar gravemente, o ar circunspeto, pondo muito peso e solenidade no seu dizer:

— Vossa Alteza conhece a exata situação da nossa Loja. Entre nós, como nossos irmãos, ligados por juramentos sagrados, há jornalistas, há padres, há generais, há desembargadores, há grandes políticos. Todos os homens de valor e

[3] O Ato da Maçonaria

de influência no Brasil. Os nossos emissários, correndo as Províncias, levaram por toda a parte os liames da nossa força. Somos hoje, graças a esse esforço, uma terrível máquina. Terrível e poderosa. Pois bem: toda a Maçonaria, como Vossa Alteza bem sabe, está hoje nas mãos dum único homem.

— José Bonifácio! atalhou o Príncipe.

— Exatamente, continuou Ledo; a Maçonaria está nas mãos do Primeiro-Ministro de Vossa Alteza. José Bonifácio, no entanto, só com o ser Ministro, a fama e a popularidade de que goza, tem hoje uma situação de quase onipotência. Além disso, o velho Andrada é ainda o nosso Grão-Mestre. É o dono desta força! Ora, perguntamos nós: não teme Vossa Alteza tamanho prestígio numa só mão? Tanta autoridade num só homem?

O assunto era escabroso. A pergunta melindrosa. Por momentos, ali, naquela sala baçamente alumiada, o coração dos homens bateu forte.

— Ora, diante de tal situação, prosseguiu Ledo, nós, com os nossos amigos, estamos resolvidos a substituir o Grão-Mestre da Maçonaria.

O maçom fitou o Príncipe bem nos olhos. E exclamou com um ar profundo:

— Vossa Alteza quer ser o nosso Grão-Mestre?

— Eu?

— Vossa Alteza!

Novo silêncio. Aquela proposta, lançada de brusco, chocou o ânimo do Príncipe. Calaram-se todos. Foi Clemente Pereira quem quebrou o silêncio:

— Há no entanto, uma condição. Nós, para alijarmos José Bonifácio do gráo - mestrado, temos que exigir do futuro Grão-Mestre certas compensações.

D. Pedro não repeliu o que ouvia. Ao contrário! A idéia de encolher um pouco as rédeas do velho Andrada, de cercear-lhe aquele poderio ameaçante, seduzia vivamente o coração-borboleta do Príncipe. Depois de meditar um instante, ferreteado, D. Pedro indagou:

— Quais são, meus senhores, essas compensações?

— Poucas, continuou Clemente. Quase nada. Apenas isso: José Bonifácio e Martim Francisco devem ficar debaixo da imediata fiscalização do Grande Oriente.

— Não compreendo...

— Sim, Alteza. Debaixo de imediata fiscalização do Grande Oriente. No momento em que, por qualquer motivo, caírem no desagrado da Loja, serão demitidos incontinenti de Ministros.

— Isso é um absurdo, bradou o Príncipe. Como podem os Andradas ficar debaixo da fiscalização da Loja?

— Muito facilmente, retorquiu Gonçalves Ledo. Vossa Alteza nos dará três folhas de papel, em branco, com a assinatura de Vossa Alteza.

— Três folhas em branco?

— E com a assinatura de Vossa Alteza. Uma para lavrarmos, se for necessário, a demissão de José Bonifácio; outra, para a demissão de Martim Francisco; e outra, finalmente, para a nomeação do Ministro da nossa confiança.

— E para que nenhum de nós possa abusar desses papéis, ajuntou o Coronel Nóbrega, Vossa Alteza entregará uma folha a Gonçalves Ledo, outra a Clemente Pereira e outra a mim.

— Assim, com essa fórmula, tornou Clemente Pereira, nós conciliaremos tudo: Vossa Alteza será eleito Grão-Mestre e os Andradas ficarão debaixo de nossa fiscalização.

— E não é só: poremos também, com essa fórmula, um freio a esse ilimitado poderio do paulista, tornou Nóbrega.

— E ainda não é tudo, exclamou Gonçalves Ledo, o principal é fazer compreender bem a José Bonifácio que é Vossa Alteza, e não ele, o nosso único chefe.

Encolerizado, com um gesto forte, repetiu exaltadamente:

— O nosso único chefe!

— Afinal de contas, exclamou o Príncipe, erguendo-se, afinal de contas, vosmecês talvez tenham alguma razão. E preciso, realmente, encolher um pouco as rédeas.

O Príncipe era um leviano. Um assomado. Foi sempre, em toda a sua vida, um fácil e um impulsivo. Por isso, ali, naquela estranha noite, diante daqueles homens coligados, D. Pedro, o eterno arrebatado, sempre repentino, sempre a tomar resoluções súbitas, exclamou estouvadamente:

— Meus senhores! Aceito a proposta. Elejam-me Grão-Mestre da Maçonaria: e eu prometo que vosmecês, no dia da minha posse, terão as três folhas de papel com a minha assinatura.

— Então, atalhou Gonçalves Ledo, tomando bruscamente duma arma que pendia da parede; então Vossa Alteza, sobre a cruz desta espada, diga que cumprirá o prometido...

E o Príncipe, sem vacilar, estendendo a mão sobre a cruz:

— Juro!

Nada mais extravagante do que aquilo... Nada mais absurdo, nem mais ilógico: mas a verdade é que o juramento foi feito.

Dias após aquela cena incrível, o Príncipe seguia para São Paulo. E de São Paulo veio, como um raio, a estuporante notícia do 7 de Setembro. Gonçalves Ledo correu imediatamente à casa do Presidente do Senado da Câmara:

— Clemente Pereira, disse dum fôlego, o êmulo do grande paulista: não temos um minuto a perder! Precisamos derrubar o velho Andrada. Agora, depois dos sucessos do Ipiranga, esse homem vai se tornar perigosíssimo. Não haverá ninguém, no Brasil, mais poderoso do que ele.

— Mãos à obra. Gonçalves Ledo, mãos à obra! E tratar de convocar a Loja e eleger imediatamente o Príncipe.

E os homens daquela oculta coligação, os temerosos rivais e inimigos dos Andradas, não descansaram.

Nos começos de outubro, naquele mesmo sobradão da Rua Nova do Conde, D. Pedro foi empossado, com desusado brilho, no cargo de Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira. Antes, porém, de ser introduzido na Sala do Trono, Gonçalves Ledo, que esperava à porta, conduziu o Príncipe a uma saleta reservada. Nessa saleta devia Sua Alteza paramentar-se com os fitões e as insígnas de Grão-Mestre. Sozinhos, a confabular, já estavam ai duas pessoas: José Clemente Pereira e o Coronel Luís Pereira Nóbrega. Havia, sobre pequena mesa, tinteiro, pena, três folhas de papel em branco. D. Pedro, sem dizer palavra, pegou na pena, molhou-a no tinteiro, tomou as folhas de papel. Em cada uma delas, com sua caligrafia, tracejou sem tremer:

— PEDRO I, IMPERADOR.

Era a primeira vez que usava o titulo de Imperador. Cada um daqueles três comparsas, dobrando a sua folha assinada, guardou-a no fundo do bolso, cuidadosamente, com o coração aos pulos.[4]

Nessa noite, ao saltar no Paço de São Cristóvão, D. Pedro delirava. Nunca a sua estrela fulgira tanto! A glória bafejava-o triunfalmente. O seu nome, depois do grito do Ipiranga, andava de boca em boa, abençoado, apoteosado como o de um vencedor. Nunca, em momento nenhum da História, houve Príncipe mais popular. O País inteiro enlouqueceu pelo seu Libertador. Era um delírio. Eram, pelBrasil inteiro, entusiasmos doidos.

O Chalaça, que lia nos olhos do amo a cálida ventura que os iluminava, desmanchava-se em exclamações embebedantes:

— Vossa Alteza é hoje o ídolo do Brasil! O deus! Não pode haver ninguém mais adorado. Há uma loucura por ai afora.

D. Pedro ria-se, alvoroçado. De repente, em meio àquele júbilo, o Príncipe fitou estranhadamente o valido. Murmurou confidencialmente:

— Tudo me sorri, Chalaça! Tudo! No entanto, para coroar a minha glória, ainda me falta uma pequenina coisa.

— Pequenina coisa?

— Pequenina, sim... mas que, afinal, é tudo para mim. Tudo!

— Falta-me a Titília de Castro!

O Chalaça abriu os braços, espetaculoso, numa grande atitude de espanto:

— Vossa Alteza fala sério?

— Chalaça, meu amigo, escute um pouco. É incrível o que me sucede! Um absurdo! Mas é verdade: a lembrança dessa mulher não me larga mais. É a minha idéia fixa.

---

[4] Memórias de Vasconcelos Drumond, Anais *da Bibl. Nacional,* vol. XIII, 51, 2.0: "José Bonifácio veio a saber que o Príncipe, no seu entusiasmo pela maçonaria, aceitara a condição de assinar três folhas de papel em branco para ser eleito Grão-Mestre. O Príncipe assinou com efeito as três folhas de papel em branco e as entregou a Ledo, José Clemente e Nóbrega".

O Chalaça olhava o Príncipe com um olhar parvo. D. Pedro apaixonado? E apaixonado por uma provincianazinha? Aquilo embasbacara-o.

— É mesmo de espantar, Chalaça! Eu sei que é de espantar. Mas que quer você? Eu, desta vez, encontrei o meu caso. Nunca acertei tanto. Desde aquela noite de São Paulo, eu não penso noutra coisa...

Pousou a mão, fortemente, sobre os ombros do favorito:

— É fabuloso! Mas que hei de fazer? Eu sinto que amo essa mulher...

— Nesse caso, atalhou o Chalaça com fino sorriso, nesse caso é só Vossa Alteza mandar arrear um cavalo e fazer partir um próprio para São Paulo: dentro de duas semanas, afianço a Vossa Alteza, a Domitila estará na Corte!

— Não é tão fácil assim, exclamava D. Pedro. Não é tão fácil... E o escândalo? E os mexericos? E José Bonifácio?

— Qual escândalo! Qual mexerico! Qual José Bonifácio! É mandar tudo às favas. Vossa Alteza gosta da mulher? A mulher gosta de Vossa Alteza? Pois então só há uma coisa a fazer: despachar um próprio para buscá-la! E despachar já. Despachar hoje. Tudo mais é baboseira. José Bonifácio que bufe! E os mexericos que fervam! Que é que tem lá isso! Mocidade é uma só, Alteza. Toca a divertir! A vida não vai a matar...

Francisco Gomes sabia bem o que dizia. Aqueles incitamentos entraram sonoramente pela alma de D. Pedro. Um anseio ardente de ser herói de romance, de fazer da sua vida privada uma novela, acutilou sempre, perdidamente, o coração doidivanas do Príncipe. E ali, ao ouvir os entusiasmos do favorito, D. Pedro, ardendo pela ventura, murmurava risonhamente:

— Você acha isso?

— Nem há dúvida! E só escrever um bilhetinho. O resto deixe Vossa Alteza por minha conta!

Não foram necessários, para arrastar o Príncipe àquela maluquice, nem grandes, nem cerrados argumentos: Sua Alteza, como um estudante enamorado, precipitou-se às tontas na aventura.

Por isso, logo no dia seguinte, um portador de confiança corria desabalado pela estrada de São Paulo à busca da filha de João de Castro. E D. Pedro, aquele galhardo moço de vinte e quatro anos, no pináculo da glória, enquanto a esperava, pôs-se a preparar, com amor e carinho, a festa da sua Aclamação.

A Aclamação! Era o dia 12 de outubro o aniversário natalício de D. Pedro[5]. Grandes nuvens, negras e pesadas, boiavam pelo céu ameaçadoramente. Apesar da manhã enfarruscada, apesar do tom bruma e cinza que envolvia as coisas, toda a cidade amanhecera festiva e engalanada. E era uma alegria estrondosa pelas ruas, troar de canhões nas fortalezas, revoar de bandeiras a cada canto, burburinho de gente por toda a parte.

Às dez horas, precisamente, partia do Paço da Boa Vista o cortejo governamental. Luzida Guarda de Honra, composta de paulistas e de fluminenses,

---

[5] O *Espelho*, periódico da época, traz a notícia detalhada da Aclamação. — Vide *Brasil-Reino* e *Brasil-Império*, *pág.* 406.

com os seus batedores e os seus cavaleiros, montados em ginetes brancos, magnificamente ajaezados, lá vinha à frente do séqüito imperial, com estrépito, rompendo a marcha a toques de clarim. Logo atrás, tirado por oito fogosíssimos cavalos, com moços de estribeira de lado a lado, o coche imperial, solene e dourado, conduzia Sua Majestade o Imperador D. Pedro I, Sua Majestade a Imperatriz D. Leopoldina da Áustria, e uma linda brasileirinha de três anos, que era a sereníssima Princesa D. Maria da Glória. Mais dez cavaleiros da Guarda de Honra, com o seu coronel comandante à frente, todos a faiscar de recamos lampejantes, seguiam imediatamente o coche de Suas Majestades. Depois, no carro do Estado, graves e formalizados, em grande traje, os primeiros quatro ministros do Brasil: José Bonifácio, Martim Francisco, Miranda Montenegro, Manuel Antônio Farinha. Por último, fechando o séqüito, uma sege com dois camaristas a serviço de Suas Majestades.

Quando os Imperadores, atravessando cinco arcos de triunfo, debaixo de flores que tombavam de todas as varandas, por entre o agitar dos lenços que as damas entusiasticamente sacudiam, alcançaram o Campo de Sant'Ana, já toda a vasta Praça estava coalhada de tropa: eram os Caçadores da Corte, o Batalhão dos Henriques, o Regimento de São Paulo, o Esquadrão de Minas, quadrados de cavalaria, piquetes de lanceiros, bocas-de-fogo. Estuava por toda a parte uma multidão desordenada, multidão louca e frenética, que aclamava, que berrava, que delirava, na grande embriaguez da sua vitória. No momento em que D. Pedro e D. Leopoldina, circundados dos quatro ministros, surgiram na vanguarda do Palacete de Sant'Anna, aquela imensa turba, com um só entusiasmo, prorrompeu em aclamações ensurdecedoras:

— Viva D. Pedro!
— Viva D. Leopoldina!

Os Imperadores, sorrindo, agradeciam com gestos amáveis. E aquele rubro frenesi da população chegou, de súbito, ao supremo delírio: foi no instante em que D. Maria da Glória, a linda Princesinha brasileira, loura e frágil, assomou à balaustrada da varanda e agradeceu ao Povo, com leve e gracioso acenar de dedos, o estrépito das ovações:

— Viva D. Maria da Glória!

Nisto, ao mando de várias vozes, fez-se por toda a Praça, grande e absoluto silêncio. José Clemente Pereira, à frente do Senado da Câmara, que já trazia desdobrado ao vento o seu estandarte novo, com as suas novas armas, dirigiu ao Imperador, em nome da sua Província, a arenga da aclamação:

— Senhor! O Povo da Província do Rio de Janeiro, legitimamente representado pelo Senado da Câmara, vem aclamar, neste faustoso dia, a Vossa Majestade, Imperador Constitucional do Brasil.

Nesse tom grandíloquo e pomposo, Clemente Pereira lançou aos ventos a sua longa fala memorável. Quando, apagados os últimos aplausos, tombou novo silêncio, D. Pedro, pálido e emocionado, apareceu na sacada do palacete. Estendeu a mão sobre a Praça. E belo, e majestoso, e com largo gesto teatral, exclamou, bem alto, a voz vibrando:

— Aceito o título de Imperador Constitucional do Brasil, porque tal é a vontade geral de todas as Províncias!

A salva de 101 tiros reboou com estrondo pelo espaço. Catadupa de palmas, rugir de vivas, furiosa explosão de contentamento estrondejou por toda aquela formidável massa! Alegria tão louca, tão da alma, dominou de tal forma aquele oceano de gente, que o próprio Imperador, eletrizado por aquele entusiasmo, tocado por aquela transbordante comoção popular, chorava como um menino.

José Bonifácio, com a sua impecável compostura, contemplava, lá de cima, o poviléu agitado. E via, com um sorriso triunfador, a vitória da batalha por que tanto batalhara. De repente, no meio daquela população que bramia a seus pés, um homem, forte e atarracado, destacou-se de certo grupo que primava pelo entusiasmo, arrancou o chapéu de feltro, olhou fixamente a José Bonifácio, e berrou com voz tonitroante:

— Viva D. Pedro I, nosso *único* chefe!

Os companheiros do grupo, como que combinados, responderam, ao mesmo tempo, com a mesma entonação:

— Viva D. Pedro I, nosso *único* chefe!

O homem, forte e atarracado, era Gonçalves Ledo. Os companheiros, os sócios do Grande Oriente. José Bonifácio, que compreendera bem o significado daquele *viva,* sorriu imperceptivelmente. Era a onça acuada que se tocaiava para o pulo.

Nisto, em meio àquele delírio, abriam-se os diques do céu: chuva torrencial, caudalosa, jorrou sem tréguas sobre aquele formigueiro. Mas — oh milagre do patriotismo! — não houve uma só pessoa, uma só, dentre aquela tumultuosa turba, que arredasse o pé da Praça da Aclamação. Sob a água, debaixo do temporal desabalado, continuaram, ininterruptas, as aclamações mais loucas e mais desenfreadas.

Foi então que D. Pedro I, Imperador aclamado, desceu as escadas do Palacete de Sant'Ana. Entrou debaixo do pálio de seda que os procuradores das Vilas carregavam. Lá se foi, com os pés na água, através da Rua dos Ciganos, a caminho da Capela Imperial. Aí, com soberba pompa, por entre galas faiscantes, o Sr. Bispo-Capelão, D. Caetano, principiou o *Te-Deum.*

O HOMEM DO DIA

Terminaram os festejos de 12 de outubro. José Bonifácio, durante semanas a fio, trabalhou sem descanso, febrilmente. Era de ver-se o "Corta-Orelha", mulato de negra fama, capoeira perigosíssimo, favorito do Primeiro-Ministro, a correr açodado pela cidade afora. Levava recados e mais recados. Ia e vinha. Tudo denunciava graves coisas. À noite, em casa do velho Andrada, reuniam-se em torno dele muitos amigos, muitos correligionários, muitos companheiros de política. Que era aquilo? Que é que significava aquela fervedura? Ninguém o sabia.

Certo dia, no Paço de São Cristóvão, ao terminar o despacho, José Bonifácio, ar tranqüilo, comunicou ao Imperador, como se comunicasse a banalidade mais corriqueira, estas espantosas novidades:

— Ontem, numa reunião do Apostolado, Vossa Majestade foi eleito *Arconte-Rei.* Quer Vossa Majestade dar a honra de ser empossado, hoje, nesse alto posto?

D. Pedro franziu o sobrolho. Não havia penetrado o sentido daquele palavreado.

— *Arconte-Rei? Apostolado?* Que diabo quer isso dizer, Conselheiro?

— *Apostolado,* respondeu com serenidade o Primeiro-Ministro, o nome da nova Loja Maçônica que eu, com meus companheiros, acabamos de fundar. Gente muito escolhida. Só amigos verdadeiros e dedicados. Veja um pouco Vossa Majestade a lista dos nossos Confrades...

Calmo, sem espavento, José Bonifácio passou às mãos de D. Pedro várias folhas de papel. Nelas, enfileirados, sucediam-se os nomes de centenas e centenas de adeptos à nova Loja.

— Vossa Majestade, continuou impassível o Primeiro-Ministro, Vossa Majestade foi eleito *Arconte-Rei*[6]. Isso significa que foi eleito Chefe Supremo da Loja. Consente Vossa Majestade em ser empossado, hoje, nesse alto posto?

O Imperador desconcertou-se. Estava rudemente chocado por aqueles modos esquisitos, tão serenos e tão imperturbáveis, do seu Ministro. Perguntou apenas:

— Onde é a sede, Conselheiro?

— Na Rua da Guarda-Velha, Majestade, no antigo edifício do Quartel General[7].

— Pode contar comigo; lá estarei, sr. Ministro, às dez horas em ponto!

— Ah, exclamou o velho Andrada, com leve, imperceptível sorriso de triunfo; eu não esperava outro gesto da benevolência de Vossa Majestade.

Desceu as escadas do Paço. O Chalaça dobrou-se até os joelhos para deixar passar Sua Excelência. José Bonifácio tinha o coração embandeirado: acabava de desfechar um tiro de morte no prestígio do Grande Oriente!

Dez horas da noite. O edifício da Guarda-Velha fervilha de gente. De instante a instante, discretos e cautelosos, vultos embuçados embarafustam-se pelo sobradão adentro. Grande aparato de festa. Súbito, em meio àquele burburinho, esvoaçava um cicio respeitoso:

— D. Pedro!

— É D. Pedro. Sua Majestade, pela mão de José Bonifácio, recebe, nessa noite, o malhete e as insígnias de Arconte. Estava lançado, vitoriosamente, o famoso clube político dos Andradas.

Na manhã seguinte, ainda cedo, uma sege estava em frente ao pórtico de São Cristóvão. O Primeiro-Ministro saltou de dentro dela. Galgou pausadamente a vasta escadaria da Quinta. Ríspido, com o seu ar imperativo e seco, foi logo ordenando ao Chalaça:

---

[6] Melo Morais, *Hist. das Consts. pág.* 406: D. Pedro foi eleito chefe do *Apostolado* com o nome de *Arcante-Rei.*
[7] *A Independência e* o *Império* do *Brasil.*

— Avise a Sua Majestade!

O Imperador acabava de almoçar. Estranhou receber visita assim tão matutina. E foi logo ao encontro do Ministro.

— Que há, Conselheiro?
— Coisa de pouca monta, Majestade.

Austero, com seu aspecto venerando, com aquele peso no dizer, com aquela medida no gesticular, o grande paulista explicou a causa de sua ida ao Paço:

— Circunstâncias muito particulares, Majestade, forçaram-me a vir neste momento, solicitar demissão do cargo de Ministro. A minha resolução é irrevogável. Agradeço as muitas deferências que me foram dispensadas. Com os meus agradecimentos, deponho nas mãos de Vossa Majestade a pasta com que me honrou.

D. Pedro não contava jamais com essa estranha atitude de José Bonifácio. Ergueu-se, surpreso.

— A sua demissão, Conselheiro? Mas é exatamente nesse momento em que a Bahia ferve, em que o General Madeira pega em armas, em que o Pará e o Piauí se rebelam, em que todo o Norte nos ameaça, é num momento destes, Conselheiro, que Vossa Excelência toma a resolução de abandonar o seu posto?
— Vossa Majestade bem sabe, retorquiu serenamente o Ministro que eu nunca fui homem de abandonar o posto na hora da luta. Mas é Vossa Majestade quem obriga a minha saída do Governo.
— Vossa Majestade, Sr. D. Pedro! E fácil dizer por que. Na noite em que Vossa Majestade, tão inexplicavelmente assinou, em branco, aquelas três folhas de papel, entregando uma a Clemente Pereira, outra a Gonçalves Ledo, outra ao Coronel Nóbrega, nessa noite, Vossa Majestade lavrou o decreto de minha demissão.

D. Pedro, ao ouvir o seu segredo nos lábios do Ministro, empalideceu. Aquela revelação, desfechada assim, à queima-roupa, sacudiu-o.

— Os três amigos de Vossa Majestade, continuou impavidamente o ancião, foram os primeiros a alardear aquele ajuste. Era necessário, para o prestígio deles, que se soubesse no Grande Oriente da arma terrível que o Sr. D. Pedro lhes colocara nas mãos. Pois bem; agora que os fatos estão consumados, pergunto eu ao Imperador: Vossa Majestade já pensou bem as conseqüências que podem advir desse ato? Pois Vossa Majestade já pensou que, amanhã, com a assinatura do próprio punho do Imperador, podem surgir por aí os decretos mais comprometedores? As ordens mais abusivas? E como poderá Vossa Majestade, num caso de escândalo, justificar-se perante o País?

O Imperador era um colegial apanhado em flagrante. Ouvia cabisbaixo a acusação irrespondível do juiz. A palavra sensata do velho entrou-lhe pela alma vencedoramente. E D. Pedro, aquele estouvado sincero, impulsivo cheio de coração, exclamou logo:

— Tem razão, Conselheiro! Eu confesso o meu erro. Erro grave de que me penitencio. Mas agora que hei de fazer? E tarde para remediá-lo.

— Tarde? Pois algum dia, Majestade, será *tarde* para se afastar um perigo do Trono? Não é tarde! Não! Vossa Majestade, diante *da* gravidade do caso, só tem um caminho a seguir: reaver imediatamente essas assinaturas. Ou então, no caso de recusa, mandar para a Fortaleza da Lage os falcatrueiros. Eis aí o último conselho que eu, ao retirar-me do Ministério, deixo a Vossa Majestade[8].

Fez uma profunda reverência. Imperturbável, com o seu andar pausado, desceu solenemente as escadarias da Quinta de São Cristóvão.

Só, atordoado com a cena, D. Pedro, o homem das resoluções súbitas, bateu palmas. O Chalaça ergueu o reposterro.

— Monte o primeiro cavalo que achar na cavalariça, vá à cidade, procure o Ledo, o Clemente Pereira, o Coronel Nóbrega; diga-lhes, de minha parte, que venham os três imediatamente ter comigo.

O Secretário Privado curvou-se. Ia retirar-se. Mas D. Pedro, na sua agitação, não pôde reprimir-se:

— Veja lá, Chalaça, o que acaba de acontecer: José Bonifácio pediu demissão de Ministro!

— José Bonifácio?

— Pediu a demissão. Saiu daqui agora mesmo! E não há tempo a perder: vá cumprir as minhas ordens a galope. Preciso já desses homens cá no Paço.

O Chalaça partiu desabalado.

Em breve, dentro de uma sege, os três famosos maçons tocavam pela estrada de São Cristóvão. Gonçalves Ledo, alvoroçado, com quente alegria a fuzilar-lhe nos olhos, comentava:

— Não resta dúvida, meus senhores! Se José Bonifácio, como nos revelou o Chalaça, pediu de fato a sua demissão, um de nós vai ser Ministro. E fatal!

— Um ou dois, atalhou Clemente Pereira. Martim Francisco, saindo o irmão, não ficará na pasta. Então, meu caro, haverá duas vagas no Ministério. Duas vagas, Seu Ledo! Hein! Duas vagas...

Forte contentamento fervia-lhes no peito. Ministro! Ao atravessar o amplo pórtico da Quinta, cada um daqueles três homens, no fundo do peito, lá bem no fundo, tinha a certeza de ser o escolhido. D. Pedro esperava-os. E logo, sem preâmbulos, entrou no assunto.

— Os senhores trouxeram aquelas folhas de papel que eu lhes confiei no dia de minha posse?

— Trouxemos, Majestade! Acudiu Ledo, sem pestanejar, bebendo as palavras do Imperador.

---

[8] Memórias de Vasconce1os Drumond. *Anais da Biblioteca Nacional,* vo1. XIII (5I-2.o).

D. Pedro retorquiu sem vacilar: — Eu ordeno aos senhores que me restituam, já e já, essas três folhas de papel.

Se a abóbada do Paço houvesse, naquele momento, desabado sobre aqueles três homens, por certo não os esmagaria tanto como aquela brusca resolução. Gonçalves Ledo, que escancarava os olhos, mal teve ânimo de ousar uma palavra:

— Mas Vossa Majestade...

— Eu não os mandei chamar para discutir. Mandei chamá-los unicamente para lhes ordenar que me devolvam as folhas de papel que eu assinei em branco. Ou os senhores as restituem, ou sairão daqui, com o Capitão da minha guarda, para a Fortaleza da Lage: é escolher...

Havia na voz do Imperador uma inflexão tão voluntariosa, no seu olhar um clarão tão áspero, que os três homens não tiveram outro caminho: meteram as mãos no bolso e entregaram a D. Pedro as terríveis folhas de papel. O Imperador recebeu-as. Não pronunciou palavra. E despediu-os com um gesto, secamente.

Pelo parque da Quinta, o belo parque verdejante, sonorizado de pássaros, os três maçons, tão alvoroçados havia um momento, tinham agora o ar tristonho de vencidos. Que desapontamento!

Enquanto, calados e taciturnos, os políticos rodavam pela estrada poeirenta de São Cristóvão, lá fora, na Corte, deflagrava a notícia de que José Bonifácio se demitira do Governo.

Que rebuliço!

Ainda ontem, nos momentos agitados da campanha separatista, José Bonifácio era o gigante. Era o super-homem. Era o predestinado. Agora, mal proclamada a Independência, já a politiquice o derrubava do seu posto. Já a inveja e a intriga o arrojavam da pasta de Ministro. Não! Não podia ser! Logo, nos clubes, nos jornais, nos cafés, na Câmara, no *Apostolado,* nos quartéis, em toda a parte onde se discutia, onde se pensava, onde se fazia política, avolumou-se grossa vaga de descontentes. Do povo, do seio da turba, da alma daquela multidão fanatizada, partiu um imenso brado coletivo, pedindo que José Bonifácio permanecesse no Ministério. Que movimento surpreendente! As listas populares, suplicando a D. Pedro que não concedesse a demissão dos Andradas, voavam de mão em mão, num rodopio, arrebatadas, disputadas por toda a gente, subscritas já por milhares e milhares de assinaturas. O Conselho dos Procuradores das Províncias, a corporação mais alta e de mais autoridade no momento, arrastado por essa torrenciosa caudal de simpatias, endereçou a Sua Majestade grave e solene moção, pedindo, "em nome das Províncias e para a felicidade da Nação", que fossem conservados os Andradas no Ministério. Nesse impressionante documento histórico só faltou, por chocante coincidência, a assinatura de um Procurador: o de Gonçalves Ledo.

O Senado da Câmara reuniu-se também para deliberar. Ao saber do movimento, José Clemente Pereira correu agitadamente à assembléia. Tentou, com a sua autoridade de Presidente, evitar um pronunciamento a favor dos Andradas. Mas a causa de José Bonifácio era tão simpática, tão sinceramente popular, que Clemente Pereira, apupado e assobiado, saiu do recinto debaixo de sarcástica vaia. Até a tropa, sacudida pelo mesmo frêmito, num movimento temeroso, lançou altissonante proclamação, bela e enérgica, insistindo pela reintegração do velho Andrada no Governo. Assim, batida por grosso vendaval de entusiasmo, na efervescência de rubra patriotada, toda a população do Rio de Janeiro, desde os

titulares mais emproados até o poviléu mais rastejante, tudo lá se foi, ululando, pedir ao Imperador que José Bonifácio permanecesse no Ministério.

D. Pedro contemplou, da varanda do Paço, a onda fragorosa que aclamava o Primeiro-Ministro. D. Pedro foi sempre um romântico. Um sonhador à cata de glória. E teve, nessa hora, um daqueles gestos muito seus, gestos de arrebatar multidões: saiu ele próprio do Paço, e, em pessoa, ovacionado e apoteosado, veio buscar o Ministro que se demitira.

Que loucura! O Imperador, à frente da multidão, por entre vivas apopléticos, alcançou o Largo do Rodo onde morava José Bonifácio. A casa do velho Andrada foi logo invadida por atordoante burburinho de gente.

— Viva José Bonifácio!

O Primeiro-Ministro, porém, mal pedira a sua demissão, deixara o casarão do Largo do Rocio e se recolhera à sua chácara do caminho velho do Botafogo. O povo, por entre aclamações, cada vez mais desenfreadas, na culminância da sua ebriez, lá foi, através da cidade, ondeando e tumultuando, caminho de Botafogo.

No Largo da Glória, porém, toda aquela massa, aquela desbordante procissão de exaltados, topou, de chofre, com José Bonifácio que voltava da chácara. E ali, em plena praça, diante dos olhos extáticos da turba, desenrolou-se esta cena estupendíssima: o filho dos reis e o filho do povo, o Imperador e o Ministro, o moço e o ancião, ambos trêmulos, ambos vibrantes, ambos sufocados pela mesma emoção, abraçaram-se comovidíssimos, chorando, na mais linda e na mais enternecedora das reconciliações.[9]

À noite, no Teatro de São João, para coroa daquilo tudo, houve espetáculo de gala. José Bonifácio, o homem do dia, teve enfim, no camarote imperial, ao lado de D. Pedro I e da Imperatriz D. Leopoldina, a sua grande, a sua bela, a sua magnífica noite de triunfo.

O Teatro atulhou-se de povo. A Corte inteira, palpitante e sôfrega, correu a ver a vitória do grande homem. Aquilo era a glória! O momento supremo! A apoteose! O velho Andrada sorria.

De súbito, ficando a esmo a assistência, o olhar do velho, bruscamente, cruzou-se com um olhar negro. Era um olhar coruscante. Um olhar atrevido de mulher. José Bonifácio, estranhamente e inexplicavelmente, sentiu, ante o áspero fulgor daqueles olhos, um estremeção violento. Quem seria aquela mulher, aquela trigueira elegante, cabelos cor da noite, que o fixava com tanta arrogância?

Era D. Domitila de Castro. Era a encantadora favorita de D. Pedro I, a perigosíssima paulista, que assistia, lá embaixo, anonimamente, à noite triunfal do seu grande inimigo.

O "CORTA-ORELHA"

Martim Francisco, o seco Ministro da Fazenda, repetia a José Bonifácio, mais uma vez ainda, as causas da crise financeira.

— É natural esta situação, mano! Naturalíssima! Ora veja: o Sr. D. João VI, quando aqui aportou, que é que nos trouxe? Dívidas e mais dívidas.

---

[9] Memórias de Vasconcelos Drumond, op. *cit.* Visconde de Cairú, "Dos principais sucessos políticos" (CXV). Rocha Pombo, *Hist. do Brasil*, vol. VII pág. 765 — *A Gazeta* de 22 de nov. de 1822. *Hist. das Consts.*, pág. 407.

— Isso não! aparteou, sorrindo, o Primeiro-Ministro; trouxe também muitíssimos fidalgos, todos encalacrados.

— É verdade! Trouxe dívidas e fidalgos encalacrados. Pois bem! Dentro de poucos anos, com uma administração vigilante, D. João conseguiu arrecadar tanto dízimo por esse Brasil afora, que foi necessário escorar várias salas do Paço, onde estavam os cofres, a fim de que não desabassem com o peso de tanto ouro![10]

— É verdade, concordou José Bonifácio. Foi espantosa a arrecadação!

— Mas D. João, continuou Martim, D. João ao partir, apesar do atropelo do embarque, não se esqueceu de atulhar as suas fragatas com todo o nosso dinheiro. E aqui nos deixou com a maior sem-cerimônia muitíssimas responsabilidades. E que responsabilidades!

Com o lápis em punho, debruçado sobre a mesa, Martim começou então a enfileirar sobre uma folha de papel a dívida do Brasil.

— Veja: dois mil e cem contos aos ingleses Young e Finie; mil contos ao Visconde do Rio Seco; mil contos ao exército; mil e cem contos à marinha; doze milhões ao Banco Nacional, mil.

Não pôde acabar a enumeração. O "Corta-Orelha" suspendeu bruscamente o reposteiro. Penetrou no gabinete onde discutiam os dois Andradas.

O "Corta-Orelha"! Joaquim Inácio da Costa Orelha, por corrutela o "Corta-Orelha", era um mulataço entroncado, a cara larga, trinta e dois branquíssimos dentes, ar encarvoado de chimpanzé. Capoeira famigerado, tipo acabado de facínora, ninguém melhor do que ele sabia as tricas da Corte. Enfronhava-se de tudo. Andava por tudo. Esmerilhava tudo. E aí por 1822, capanga já célebre, o jeitoso mulato tinha este ofício do mais alto destaque: era guarda-costa do velho Andrada[11]. Naquela noite, vendo-o surgir inesperadamente, os dois homens olharam-no surpresos. O capoeira, despachado e palrador, foi logo explicando ao que vinha:

— *Vassuncês* me desculpem se eu venho cortá o fio da conversa. Mas eu acabo de saí, agorinha mesmo, do Teatro da Constituição, onde se deu um caso dos diabos! Caso crêspo! *Vassuncês* carecem sabê...

— Meu Deus! Que caso tão importante será esse? perguntou Martim galhofando. Que é que sucedeu? Vamos lá, Seu "Corta-Orelha", desembuche a coisa.

— Eu vo principiá do princípio...

Sem rodeios, como se contasse a história mais sabida e mais velha da Corte, o capoeira começou dizendo:

— *Vassuncês* decerto sabem — isto é coisa que já anda na bôca do povo — que o Imperador não sai da chácara de Mataporcos...

— Da chácara de Mataporcos? indagou José Bonifácio com surpresa.

---

[10] Melo Morais, *Crônica Geral*, 2.0 vol., pág. 217, CCCXVI.

[11] Melo Morais, *Crônica Geral*, 2o vol, pág. 178: Joaquim Inácio Corta Orelha desapareceu do Rio de Janeiro e só voltou em 1822 para ser chefe dos capangas couteiros de José Bonifácio.

— Ché! Tô vendo que *vassuncê* tá no escuro, continuou o capoeira com um risinho. Pois então *vassuncê* ainda não sabe que o Imperador ferrô uma raparigona de arromba, montô casa e botô a bicha de cama e mesa?

— Já ouvi falar nessa história, aparteou Martim. E explicou a José Bonifácio:

— E a Titília de Castro. A filha do Coronel João de Castro, aquela de São Paulo, que o Alferes Felício esfaqueou na coxa.

— Conheço muito! Sei muito bem quem é. Mas então?

— Pois é essa, continuou o "Corta-Orelha"; é essa a dona de Mataporcos. Dizem que o Imperador anda maluqueando por ela. Foi em São Paulo, na Independência, que conheceu a tar. E ficô zonzo. Ficô tão zonzo que mandô buscá a dita.

Os dois irmãos entreolharam-se. A novidade era grave.

— E agora, em Mataporcos, prosseguiu o mulato, é uma romaria. Um bandão de gente! Tudo a adular a bicha. O Ferreira França não sai de lá...

— O Ferreira França? exclamou Martim. Um desembargador!

— D. Pedro, continuou o "Corta-Orelha", esse vive lá. Aquilo toda a noite, é pagodeira grossa: o Miquelina toca violão, o Chalaça canta lundus; e é ceiata, e vinhaça, e é risada, e é um turumbada! O Imperador — *vassunces* bem sabem! — é louco por patuscada. E fica lá, noite e mais noite, naquela pândega dos diabos.

— É o mesmo estouvado! aparteou, sorrindo, Martim Francisco. Não muda.

— Eu sei de tudo isso, explicou o capoeira, por causa do Tenente Morais. O Tenente Morais é íntimo de lá!

— O Tenente Morais?

— O Moraizinho! *Vassuncê* não se alembra então do Moraizinho? Se alembra! Pois é hoje tenente. Está no Batalhão do Imperador. É íntimo! Vive lá.

— Isso pouco importa, atalhou José Bonifácio; vamos tornar ao nosso caso, que é importante.

O "Corta-Orelha" reatou o fio da narrativa:

— Pois acontece que a dona, querendo conhecê a Corte, apareceu hoje no teatro da Constituição. Aquilo como *vassuncês* sabem, é teatro particular, teatro de povo fino. Gentinha miúda, meio cá, meio lã, não vê que pisa ali! O diretor, quando viu na porta aquela dona desconhecida, uma dona sozinha, de vestido de seda, cheirando água-de-cheiro, joiarada fuzilando no pescoço, maginô logo — pudera — que aquilo fosse coisa de contrabando. E sem mais aquela, muito seco, foi barrando a bicha na porta:

— Dona, aqui só entra família. Tenha paciência! *Vassuncê* não pode entrá.

— Nossa Senhora! A mulher ficou vermelha que nem lacre. O sangue queria jorrá da cara dela! Mas não disse palavra. Mordeu o beiço e virô no pé. O Chalaça viu aquilo. Correu logo, afobado, ao camarote do Imperador. E aí contou a história tim-tim por tim-tim. Eta, mundo... D. Pedro ficô onça! E como é home de rompante, que deslinda as coisas na hora, mandô chamá ali mesmo o Intendente de Policia. O Intendente branqueô ouvindo as ordens:

— Mande descê o pano! Mande suspendê o espetáculo! Mande despejá a Companhia!

E bravo, pisando duro, saiu do Teatro espumando de raiva. O Intendente cumpriu as ordens; fêz pará a representação, mandô descê o pano e avisô o povo que não havia mais espetáculo. Principiô um zunzum do inferno! Que foi? Toda a gente queria sabê o que houve. Num instante, pelo teatrinho, correu o caso. O povo então ficô sabendo o motivo daquela brabeza; a dona, expulsa do Teatro, era a rapariga de São Paulo. Era a tar Domitila de Castro. Foi um estouro! E a cidade inteira, a esta hora, tá fervendo. E só diz-que-diz-que. Não se fala de outra coisa.

— Que escândalo! bradou Martim Francisco.

— Cos diabos, exclamou também José Bonifácio. Que escândalo pavoroso! Este senhor D. Pedro! ora veja se isto é coisa que se faça. Mandar suspender um espetáculo! Fechar um Teatro! Pôr uma Companhia no olho da rua! E tudo isso por causa da amante... Um Imperador!

— É a tara, mano! E o sangue dos Braganças. E haverá quem possa corrigir um filho da Sra. D. Carlota Joaquina? Impossível.

— De fato, concordou o velho Ministro; que tara pesada!

— E este senhor D. Pedro, então, continuou Martim, foi sempre perdido por mulheres. É o seu fraco. Isso desde muito menino. Ora veja o caso da Noemi, a bailarina do Teatro São João. Pode lá haver escândalo maior? E ultimamente depois de casado, aquela história com as filhas de Pedro José Cauper, o guarda-roupa de el-Rei? A Sra. D. Leopoldina, coitada, quase morreu de ciúme. Que há de se fazer? O homem vive atrás de rabo-de-saia.

— Mas é preciso pôr um paradeiro a isso, atalhou José Bonifácio. Este caso da Domitila é caso gravíssimo. Não pode continuar assim.

— Difícil coisa, ponderou Martim. Difícil e melindrosa.

— Pois eu vou falar com D. Pedro, continuou o Primeiro-Ministro. E farei tudo que puder para liquidar essa loucura do Imperador.

— Desculpe, Sr. Ministro! atalhou o "Corta-Orelha". Mas eu digo uma coisa a *vassuncê:* não mexa com vespeira! A gente não pode mangá com essas diabas. Veja *vassuncê* o que fez a Sra. D. Carlota Joaquina, mulher de D. João...

E como essa história de D. Carlota Joaquina com D. Gertrudes Pedra, em que o "Corta-Orelha" se tornara célebre, fora uma das histórias mais escandalosas do tempo de D. João VI. Martim Francisco, não podendo reprimir um *tic* de curiosidade, pediu ao famoso capoeira.

— Ó "Corta-Orelha" que diabo de história é essa? Eu, com franqueza, ainda não sei ao certo como se deu aquilo. Conte-nos um pouco essa façanha...

O "Corta-Orelha" não se fez de rogado. E ali, na presença dos dois Ministros, com grande desfaçatez, desenrolou pitorescamente o caso da Rainha:

— D. João VI — coitado! — era um marido bobo. Marido de boa-fé. A mulher — Nossa Senhora! — uma jararaca. Eta peste! Vivia só xingando o Brasil. Pois um dia, não se sabe por que mandinga D. Carlota Joaquina se embeiçô pelo Conde de S. José. *Vassuncés* decerto conhecem o Conde!?

— Está claro, respondeu Martim; é o Fernando Carneiro Leão. Gentil-homem e moço da Câmara.

— Isso! É ele mesmo. Nesse tempo, isso há dez anos, o Conde já era home feito. Home dos seus trinta e pico. Um sujeitão bonito. moreno. Valente como o

diabo! E a coisa pegô fogo. Não se falava, na Corte, senão do Conde e da Rainha. Aquilo era um sem-vergonhismo tão grande, que até dava reiva na gente. Todo mundo sabia. Só o Rei, o pobre, não sabia de nada. Mas falatório vai, falatório vem, e caso foi pará no ouvido de D. Gertrudes Pedra, mulher do Conde. Chi! Que barulheira! Foi uma ciumada do inferno. A mulherzinha tinha pêlo na venta. Principiô a botá a boca na Rainha de todo o jeito. Que aquilo não era Rainha, era *moça.* Moça à-toa! Que D. Carlota precisava era duma boa tunda de pau pra não andá desencabeçando marido das outras. E dizia tudo o que vinha à boca. A Rainha, quando soube dos bufos de D. Gertrudes, ficô numa brabeza sem conta. Batia o pé, gritava, espumava. Foi um fim de mundo. Um dia, se que eu esperasse, um criado de galão veio me procurá: era um chamado da Rainha. Eu fui. D. Carlota, por esse tempo, morava no Largo de São Domingos; e o Rei separado dela, na casa de Tomás Soares. Cheguei. Fui logo recebido. A Rainha me disse tudo o que queria. Disse claro, sem rodeio. O negócio era crespo. Mas que fazê? Eram ordens.

Martim Francisco e José Bonifácio ouviam, vexados, os pormenores daquele escândalo. E ambos, no fundo do pensamento, comentavam com tristeza:

— Que vergonha!

Mas o "Corta-Orelha", com toda a naturidade, prosseguiu no seu narrar:

— Chegô o dia da festa dos ourives. Houve, como todo ano, a procissão de Nossa Senhora das Dores. Eu fui me escondê na Chácara do Catete, onde morava o Conde. Tinha muita árvore na chácara. Lugar bom pra espera. Muito no jeito! Quando a procissão acabô, já noitinha, D. Gertrudes voltô pra casa. Vinha de carruage. No momento em que fronteô o arvoredo onde eu tava de tocaia — pum! — lasquei um tiro e finquei pelo mundo. No outro dia, quando toparam o corpo, foi um alarido. Quem seria? Quem não seria? D. João — coitado! — fez chamá o Intendente, que era o Desembargadô Fragoso, mandô que descobrissem o assassino, custasse o que custasse. A policia deu logo na pista. Eu fui preso. Enquanto era só prisão, não era nada. A gente ia aturando. Mas quando principiaram as lambadas no couro — credo! — pedi que queria falá co Intendente. E então confessei tudo! Contei o crime. Contei o motivo. Contei a mandante. O intendente, quando ouviu o nome da Rainha, branqueô. Mas escreveu tudo. Depois pegô a papelada e levô ao Rei. D. João, o pobre, leu aquela historiada. Leu e ficô tonto. Não sabia o que fazê! Mas enfim, depois de pensá bem, achô mais certo mandá queimá a papelada. Foi o que fez. Mas D. Gertrudes Pedra, apesar disso, lá está nos sete palmos...

— E você pensa, aparteou José Bonifácio sorrindo, que a Domitila, se eu bulir nos amores dela, seja capaz de fazer comigo o mesmo que D. Carlota fez com D. Gertrudes? Qual! Não tenha receio.

— Não sei, Sr. Ministro, respondeu o mulato meneando a cabeça. Não sei. Mas uma coisa eu garanto: é muito arriscado a gente mexê com vespeira e não saí mordido!

— Não é tanto assim, exclamou José Bonifácio. Você, "Corta-Orelha", incumba-se de vigiar de perto o que se passa entre D. Pedro e a Domitila. Caso essa história tome maiores proporções, essa dona volta já para a Província. Você verá que há gente capaz de mexer com vespeira e não sair mordida: é questão de jeito.

UMA TRAMA NA SOMBRA

Enquanto no gabinete do Primeiro-Ministro, o "Corta-Orelha" ia narrando as suas proezas, dois homens que também haviam estado no Teatrinho Constitucional, descendo tranqüilamente pela Rua das Noites Belas, foram desembocar no Passeio Público.

Um, alto e magro, era o Chalaça. Outro, espadaúdo e atarracado, era João Pinto da Rocha. Ambos favoritos, ambos íntimos, ambos muito validos de D. Pedro.

O Imperador, com a facilidade dos seus verdes anos, circundou-se continuamente de amigos detestáveis. Eram todos gente da ralé.

Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, esse tão apregoado dizedor de graçolas, o popular truão do Primeiro Império, viera de Portugal com a fuga de D. João VI. Aqui, para tentar fortuna, experimentara tudo: fora barbeiro, fora ourives, fora seminarista, fora até criado de galão. Mas o destino, por um desses caprichos de espantar a gente, reservara a esse boêmio, tocador de violão, uma sorte brilhantíssima.

D. Pedro, numa das noitadas de Príncipe estróina, topara certa vez com aquele exótico figurão, muito alto e muito magro, a cantar modinhas e lundus no Botequim da Cometa. Ninguém mais patusco, nem mais folião. E o Príncipe, num dos seus repentes, afeiçoou-se àquele tipo sabedor de tão boas piadas e chalaças: e no dia seguinte a esse encontro providencial, o Sr. Francisco Gomes da Silva, fechando a loja de barbeiro, aboletava-se no Paço de São Cristóvão, onde o Príncipe lhe mandara dar ótimo agasalho e ótima tença. Por essa época, já Secretário Privado do Imperador, Intendente Geral das Cavalariças, Comandante da Imperial Guarda de Honra, o Chalaça era personalidade relevantíssima, o mais adulado de todos os fâmulos de D. Pedro[12].

Todos o cortejavam. Todos, propriamente, não. Havia um homem, ríspido e severo, que jamais tivera um sorriso para o Chalaça. Alguém, sempre seco e áspero, que o tratava com uma superioridade de doer: era José Bonifácio. Por isso, no fundo do peito, lá bem no fundo, o truão odiava de morte o Primeiro-Ministro.

E com ele, odiando o velho Andrada, com o mesmo ódio, estava o seu amigo João Pinto da Rocha. Este também era grande favorito. Viera de Londres, falido, aventurar-se no Brasil. Aqui, caindo na agrado de Targini, o grande homem do Tesouro, abiscoitara imediatamente um lugarzinho opíparo na Alfândega, onde, sem o menor trabalho, sugava na úbere do Estado a bagatela de um conto e trezentos[13].

Martim Francisco, porém, que era Ministro exemplaríssimo, guarda cioso dos dinheiros públicos, cortou cerce aquela imprudência. Ao ver-se sem emprego, sem eira nem beira, o homenzinho desandou a botar a boca nos Andradas. E falou tais

---

[12] Memórias de Drumond, *op. cit.;* Melo Morais, *Crônica Geral;* Memórias Históricas de Damasceno Vieira; Armitage, História *do Brasil;* Alberto Rangel, a fls. 189 faz o seguinte resumo:

A 19 de novembro de 1822 foi-lhe mandado entregar ouro para a fatura da coroa e do cetro. Em dezembro de 1823, encontra-se o oficial da Secretaria dos Negócios do Império; depois, a 4 de abril de 1825, oficial maior graduado da mesma Secretaria com exercício no Gabinete Imperial; e a 6 de abril de 1827 um Decreto mandava que ele a seu pedido recebesse "emolumentos" em todas as Secretarias de Estado, como se fosse Oficial efetivo delas! Intendente Geral das Cavalariças, Secretário do Gabinete Imperial, Conselheiro de Estado, Comandante da Imperial Guarda de Honra, concessionário de exploração de ouro, oficial da ordem do Cruzeiro, Comendador honorário da Torre e Espada, Comendador da Ordem de Cristo e de Leopoldo, Ministro Plenipotenciário, cargo de que se dispensou, procurador e factótum de Dona Amélia, viúva, tudo isso Gomes o foi.

[13] Crônica *Geral.*

coisas, disse tais impropérios que o Intendente de Polícia, envolvendo-o no processo das devassas, trancafiou-o na Fortaleza da Lage[14].

Uma boa estrela, contudo iluminava o berço de João Pinto. Ao sair da prisão, ainda fremente de cólera, o perseguido dos Andradas, não se sabe como, caiu nas boas graças do Imperador. E, dum dia para outro, aquele falido de Londres, o expulso da Alfândega, penetrou no Paço de São Cristóvão como grande favorito de Sua Majestade. Foi logo, por mercê de D. Pedro, nomeado guarda-roupa e gentil-homem.

Os dois validos, nessa noite de estio, atravessando o largo portão do Passeio Público, lá se foram, pela grande rua do centro, até ao terraço fronteiriço ao mar. Era uma noite clara e morna. Uma dessas noites tropicais, embalsamadas de perfumes selvagens, toda lantejoulada de estrelas. No Passeio Público, inteiramente deserto, só se ouvia, pelo silêncio daquela hora, o rumor da água da *Cascatinha,* espiralada, que vinha tombar murmurante sobre rochas toscas, empilhadas com desalinho rústico e estudado.

— Mas que escândalo, Chalaça, ia exclamando João Pinto. Isto que acaba de acontecer no Teatrinho é muito grave. Mandar suspender um espetáculo para desafrontar a amante, caramba!

— Qual grave, qual nada! Isto cá no Brasil, meu caro, anda tudo à matroca. É largar mão. D. Pedro que se há de fazer? — não pode passar sem uma aventurazinha. Não pode! Aquilo está na massa do sangue. Nasceu assim, há de morrer assim. Pois é deixá-lo. Que se estrompe lá com a Domitila.

Num dos bancos de pedra, que circundavam o terraço, sentaram-se os dois validos. E diante deles, sob o olhar indiferente de ambos, estendeu-se, quieto e solitário, o vasto parque do Passeio Público.

O Passeio Público! Ah, não era mais o Passeio, sob D. Pedro I, aquela mesma envaidecedora maravilha, aquele jardim curioso e bizarro, com que Luís de Vasconcelos, o Vice-Rei, havia em 1783 aformoseado a Corte. Já lá não existiam, devastados pelo rolar do anos, aqueles famosos enfeites de conchas e de escamas, obras-primas de Xavier das Conchas, que fizeram tanto tempo a delícia dos coevos. Muita coisa lá se fora. Muita! Mas ainda restavam tantas... Caramanchões cobertos de madressilvas e de jasmineiros. A pirâmide de azulejo, recamada de heras, com a sua frase enlanguescente. "Saudade do Rio". E aquele menino célebre, todo nu, despejando um filetezinho de água, a dizer a toda gente: "Sou útil até brincando". Ainda lá estavam os lagos artificiais, grandes e crespos, com pássaros de pedra pousando à tona das águas. E os dois magníficos jacarés de bronze, vomitando jorros de água pela goela escancarada, que Valentim Fonseca da Silva, o mais afamado entalhador da época, ajeitara pitorescamente entre penhascos e musgos.

Os dois amigos, ali, no terraço, puseram-se a conversar, muito confidenciais. O Chalaça estava azedo.

— Este País vai à garra! Está perdido. O Imperador — como você sabe — já nem governa mais. Largou tudo nas mãos de José Bonifácio. O paulista, depois daquele triunfo, parece o único homem do Brasil. E o dono disto. Agora então, com a Domitila aí, há de ser maior o descalabro. D. Pedro vai deixar o velho fazer o que

[14] Brasil Histórico, processo das devassas.

quiser. O principal é viver em paz com a Domitila. O resto que vá às favas! E José Bonifácio, que é rancoroso e vingativo, continuará a envolver o mundo inteiro nas devassas. Veja o que se passa em São Paulo...

— É verdade, concordou João Pinto; as notícias vindas de São Paulo são de espantar a gente. Os Andradas instauraram por lá o regime do terror: ou é andradista ou inimigo. Para os andradistas, tudo; para os inimigos, cadeia! E não se poupa inimigo algum. Tanto faz ser gente de prol como arraia miúda. E processo, é devassa, é polícia, é o diabo!

— O Pe. Antônio Feijó, interrompeu o Chalaça, que é um padre ás direitas, um homem rijo e honesto, escreveu ao Imperador uma carta indignada.

— A causa, afinal, de toda esta perseguição em São Paulo, é só vingança. Não é? Tudo aquilo é só para desagravar o irmão que foi escorraçado de lá. Mas deixe estar, Chalaça; esta situação não continua assim. Ou cessam as devassas, ou estoura já, por aí, nova bernarda.

— Não estoura coisa nenhuma, João Pinto! Coisíssima nenhuma. Esse homem já compreendeu que isto é um País de moles. Basta haver um Ministro carrancudo, como farromas de independente, que fale alto, que berre, para que tudo amoite. Afinal, João Pinto, o que se passa aqui no Rio, em plena Corte, nas barbas de D. Pedro é pior, mil vezes pior, do que está se passando em São Paulo. Amargo, deixando extravasar o seu velho ódio contra José Bonifácio, o Chalaça pôs-se a apostrofar as arbitrariedades do Ministro:

— Mas então, João Pinto, você já se esqueceu do que fez o Andrada contra João Soares Lisboa, o redator do "Correio do Brasil"?

— Não há dúvida; foi uma violência tremenda!

— Violência inqualificável, João Pinto! Pois então, meu caro. só porque um jornalista diz aí meia dúzia de coisas atacando o Governo é lá isso motivo para se agarrar o homem, trancafiá-lo no porão dum navio, e expulsá-lo daqui sem mais aquela? Haverá maior abuso? Impossível! Mas não é só isso. E o caso do May? Que me diz você daquilo? Hein? O homem, era sabido, criticava toda gente. A "Malagueta" não perdoava ninguém. Um dia, só porque buliu com José Bonifácio, só porque deu uma alfinetada no *Grande Homem,* pronto! Foi o bastante para que lhe varejassem a casa e lhe metessem uma tunda de mestre. Isto é coisa que se faça?

— Tudo isso ainda não é nada, atalhou João Pinto. E as perseguições? Aqui é que bate o ponto! No dia seguinte à reentrada de José Bonifácio no Ministério, o Intendente de Polícia madrugou no Largo do Rocio. E as ordens do Primeiro-Ministro foram de arrepiar. Aquilo era só: prenda o Ledo! Prenda o Clemente! Prenda o Nóbrega! Prenda fulano! Prenda sicrano! E prendeu-se toda a gente. Tudo que era inimigo dos Andradas amanheceu no cárcere. Foi uma varredura.

— O Clemente Pereira e o Nóbrega, esclareceu o Chalaça, saíram do Brasil no primeiro barco: José Bonifácio fulminou os seus inimigos com o desterro. Lá estão em França, passando misérias. E o Pe. Januário? O pobre homem já ia longe, fugindo para Minas, quando foi reconhecido no caminho. E agora aí está na Fortaleza da Lage, trancafiado num calabouço, com sentinela à porta.

— E o Ledo? Que é feito dele?

— O Ledo, para não ser preso, andou dum lado para Outro, num corre-corre. Até que uma noite, disfarçado em negra quitandeira, com O rosto e os braços pintados de preto, balaio na cabeça, foi se esconder em Niterói, em casa do Barão de São Gonçalo. E daí, graças à proteção do Cônsul da Suécia, o Lourenço Westin, partiu para Buenos-Aires. Lá está no exílio. Ora, meu caro, isto tudo é uma pouca-vergonha.

— Uma pouca-vergonha! confirmou João Pinto. Mandar prender todos os seus inimigos, homens de responsabilidades, e mandar todos eles para o desterro! Caramba...

— Mas não foram só os seus grandes inimigos, atalhou o Chalaça. Foi todo o mundo. José Bonifácio não se esqueceu de ninguém. Não perdoa a ninguém. Nunca, nem em Lisboa, ao tempo de Pina Manique, houve um período de tanto arrocho. Estamos em pleno regime do terror!

— Eu que o diga, exclamou João Pinto. Não se pode nem piar. É só abrir a boca, é só dizer uma palavrinha contra José Bonifácio — zás — Fortaleza da Lage! E tunda! E couro sem dó e sem piedade. A coisa chegou ao extremo. Não há quem possa mais.

Entre os dois amigos caiu súbito silêncio. Só se ouviram por um instante, o escachôo murmurante da *Cascatinha* e o balouço quebrado das ondas do mar. O Chalaça levantou-se. Pôs as mãos sobre os ombros do amigo. E fixando-o:

— Ó João Pinto! Escute lá... Vamos fazer, nós dois, uma coligação?

— Ora essa! E para que, Chalaça?

Francisco Gomes fixava o amigo com insistência. Estranha chispa fuzilava-lhe nos olhos.

— Para derrubarmos os Andradas!

— Derrubarmos os Andradas? Nós?

— E por que não? Você tem medo, João Pinto?

— Meu caro Chalaça, tornou o antigo falido, com um ar escarnecedor, eu não quero ser escorraçado do Brasil. Olhe o que aconteceu ao Ledo. Olhe o que aconteceu ao Clemente Pereira. Este negócio de viajar num porão de navio, Chalaça, de ir em França a roer o pão seco do desterro — é duro. É muito duro.

— Não seja poltrão, João Pinto, volveu o Chalaça. Escute lá. Nós contamos, neste momento, com um elemento formidável, poderosíssimo, com que o Ledo não contava. Um elemento decisivo nesta história!

— Decisivo!

Chegou-se rente do amigo. E segredou-lhe este cicio mágico:

— A Domitila de Castro!

João Pinto quis falar. Mas o Chalaça atalhou com um gesto:

— E ou não é certo que o Imperador tem paixão por essa mulher?

— Isso é coisa que não se discute! O homem não sai de Mataporcos noite e dia. É um apego! Basta ver o escândalo de hoje no teatrinho. Nem se discute!

— Pois então, meu caro João Pinto, o caso é muito simples: ouça lá o meu plano.

No Passeio Público, aos cochichos, muito amigos e muito íntimos, aqueles dois perigosos intrigantes, unidos pelo mesmo ódio aguilhoados pelo mesmo despeito, tramaram longamente, longamente... Afinal, quando se separaram, noite

alta, ambos, com vivo fulgor de júbilo nos olhos, haviam assentado levar a cabo essa arrojadíssima tarefa: derrubar José Bonifácio do poder!

DUAS ALMAS DANADAS

O dia seguinte amanhecera claro, de sol forte, com alegrias redourantes a faiscar por tudo. A chácara de Mataporcos, escondida entre a folhagem, discreta como um ninho de beija-flor, dorme, chiante de cigarras cantadeiras, entre a galhaça abrigadora das árvores patriarcais.

São onze horas. Um cavaleiro, que vem trotando pelos ziguezagues do caminho, faz o animal parar em frente à porta da casa. Apeia-se. Amarra as rédeas. E grita para dentro:

— Ó de casa! Um negrinho, encarvoado e magricela, corre a ver quem é.
— Olá, moleque: a Sra. D. Domitila está?

Nisto, no varandim da casa, tão pitorescamente enroscado de trepadeiras, surge uma encantadora mulher. Tem dois olhos muito grandes e muito negros. Veste esbelto vestido de linho branco, elegantíssimo, que lhe põe uns ares sadios de frescura e graça. Mal avista o recém-chegado, ela exclama com jubilosa efusão:

— Ó Sr. João Pinto! Entre! Faça o favor.

João Pinto sobe a pequena escada do varandim.

— Então, que milagre foi esse? Vosmecê por aqui! Algum recado urgente de Sua Majestade?
— Exatamente, Sra. D. Domitila; um recado de Sua Majestade. Urgente, não direi. Mas, em todo caso, agradável.
— Pois então faça o favor de entrar.

Entram. Dentro, na ampla sala de jantar, João Pinto começa sem preâmbulos:

— O Sr. D. Pedro manda avisar Vossa Senhoria, Sra. D. Domitila, que virá esta noite, mais o Chalaça e o Miquelina, a fazer cá uma ceiata alegre.
— Oh, diz D. Domitila com alvoroço, oh, Sr. João Pinto, que notícia bem-vinda! D. Pedro não podia ter idéia mais feliz. E a que hora virá Sua Majestade?
— Às nove, Sra. D. Domitila.
— Muito bem! Esperá-lo-ei com muito gosto.

E sedutora, com aquele seu fresco sorriso, a linda senhora pergunta ao hóspede:

— Toma um cafezinho, Sr. João Pinto?
— Se não for incômodo, Sra. D. Domitila.
— Incômodo? Ora essa!

Vira-se para a mucama que surgira à porta.

— Zefa! Traga uma xícara de café para o Sr. João Pinto. Bem quente, ouviu?

Enquanto esperam o café, põem-se ambos a conversar amistosamente.

— Então, Sr. João Pinto, que novidades há?

— Poucas, Sra. D. Domitila. Muito poucas! Só São Paulo, a sua querida Província, é que está em polvorosa.

— Mas que é que sucede em São Paulo? Toda gente só fala de São Paulo! Ainda agora cá esteve Moraizinho...

— O Moraizinho?

— O Sr. João Pinto não conhece o Moraizinho? Conhece! É o Tenente Morais. Aquele do Batalhão do Imperador.

— Ah, já sei! Um rapaz louro...

— Exatamente! É muito meu amigo. Ele esteve aqui a me contar da fervedura que vai pela minha Província.

— Pois é verdade, continuou João Pinto. Causa lástima o que por lá acontece. Causa lástima!

— Mas enfim, Sr. João Pinto, que há de tão grave por São Paulo?

— Pois Vossa Senhoria ainda não sabe? Ah, Sra. D. Domitila, aquilo está perdido! Os Andradas revolucionaram tudo.

— Mas será mesmo certo o que andam contando dos Andradas?

— Certíssimo! José Bonifácio, sob o pretexto de apurar responsáveis da bernarda de Francisco Inácio, mandou trancafiar na cadeia todos os inimigos políticos da família. Aquilo por lá, hoje em dia, é só devassa! E é processo! E é perseguição! E é o diabo!

— Pois é de pasmar!

— É de pasmar e de indignar, exclama o valido.

— E o Imperador, Sr. João Pinto, que diz de tudo isso?

— O Imperador? Oh, Sra. D. Domitila, retorna João Pinto com maldoso sorriso; bem se percebe que Vossa Senhoria ainda não conhece bem as tricas da Corte. O Imperador não sonha, nem de leve, com o que se está passando! E o Primeiro-Ministro quem governa. É o Primeiro-Ministro quem põe e quem dispõe. E o Primeiro-Ministro neste momento, o dono absoluto do Brasil!

E meneando a cabeça, com ar de grande tristura, murmura desolado:

— Este senhor José Bonifácio, Sra. D. Domitila, tem uma alma de déspota. É o homem mais duro do Brasil!

— Dizem, realmente, que o Primeiro-Ministro é um homem de ferro.

— De ferro? Não, Sra. D. Domitila, vocifera João Pinto, exaltado. Não! É homem de maus bofes. Homem de más entranhas. Isso sim! Veja Vossa Senhoria o que aconteceu ao Ledo. E ao Pe. Januário. E ao Clemente Pereira. E a tantos outros.. Haverá maior crueza do que aquilo?

— É verdade, concorda D. Domitila; o desterro daqueles homens foi desapiedado. Mas que se há de fazer?

— E Vossa Senhoria, atalha João Pinto vivamente, com muita e maldosa tonalidade na voz: e Vossa Senhoria, mais do que ninguém pode afirmar que José Bonifácio é violento e mau.

— Eu? exclama a paulista, admirada. E por quê?

— Oh, Sra. D. Domitila, respondeu João Pinto com perversidade. Por Deus Não queira se fazer de ingênua.

D. Domitila olha o valido com surpresa.

— Afianço-lhe, Sr. João Pinto, que não compreendo. Absolutamente, não compreendo!

João Pinto, diante da afirmativa categórica, esboça um sorrisozinho embaraçado.

— Não entendo, Sr. João Pinto, insiste D. Domitila. Não entendo o que vosmecê acaba de insinuar!

João Pinto torna a sorrir o seu sorriso embaraçado. E com o ar confuso, ar de quem se vê coagido a uma revelação que o desgosta:

— Eu digo isso, Sra. D. Domitila, só por causa do incidente no Teatrinho da Constituição.

D. Domitila cora de súbito. Forte onda de sangue, chofrando-lhe no rosto, purpureja-a toda. Mas João Pinto continua:

— Todo o mundo, na Corte, não faz outra coisa senão comentar aquele caso. Foi, de fato, um caso que ficou muito mal à Vossa Senhoria. Mas que se há de fazer?

João Pinto levanta-se. E com a voz áspera:

— Mas que se há de fazer? Foram ordens de José Bonifácio.

D. Domitila ouve a revelação inesperada. E de sobrolho franzido:

— Quê? Que é que vosmecê está dizendo? Ordens de José Bonifácio?
— Sim, minha senhora, ordens de José Bonifácio!

Mau, a destilar veneno na alma da favorita, João Pinto exclama dum jacto:

— Ora! Por que havemos nós de estar aqui com panos quentes? A verdade é esta: o "Corta-Orelha", que é o grande favorito do Primeiro-Ministro, contava ontem à noite, no Botequim da Cometa, e isto para quem quisesse ouvir, que Vossa Senhoria não pôde entrar no Teatro só porque José Bonifácio o proibira. E proibira porque acha Vossa Senhoria uma mulher escandalosa! Eis aí!

D. Domitila, ao ouvir a rudeza daquela palavra, empalidece. Os lábios tremem-lhe.
Nisto, interrompendo as revelações do áulico, surge na varanda o velho João de Castro:

— Oh, Sr. João Pinto! Bons olhos o vejam...

— Viva, Coronel! Deus o salve e guarde!

Mal os dois homens se saúdam, D. Domitila, agitada, exclama com azedume:

— Sabe, meu pai, quem foi o mandante *daquilo* que me fizeram ontem no Teatro?
— Foi José Bonifácio!
— Quê!
— José Bonifácio! Pergunte aqui ao Sr. João Pinto...
— É verdade, confirma João Pinto. Foi o Primeiro-Ministro. Foi ele quem ordenou ao diretor do Teatrinho que não permitisse a entrada da Sra. D. Domitila.

João Pinto, astuto e jeitoso, repete a João de Castro, com cores vivas, tudo o que soubera do "Corta-Orelha". O Coronel, com sombria carranca de tempestade, ouve o favorito. E depois de ouvi-lo, diz pausadamente:

— Pois eu, minha filha, já suspeitava desse homem. Digo mais, minha filha: tinha a certeza! Ah! É que eu conheço bem José Bonifácio. Aquilo é bisca! É traste!

E passeando pela sala, já irado:

— Grande canalha!
— De fato, Sr. Coronel, exclama João Pinto; José Bonifácio não podia descobrir, para vexar a sua filha, ultraje maior. Que audácia!
— Que cachorrismo, berra, todo cólera, o velho João de Castro. Que cachorrismo sem nome! Ah! Sr. João Pinto, este paulista precisa é duma roda de pau! Isto é que é.

E assim, exaltados, a descompor o velho Andrada, aqueles dois homens lançam, no coração da mulher ofendida, candente fagulha de ódio e de despeito.
A essa mesma hora, enquanto João Pinto atiçava com habilidade as iras da favorita, o Imperador D. Pedro, no Paço de São Cristóvão, conversava jovialmente com o Secretário Privado:

— Tudo combinado, Chalaça?
— Tudo, Majestade. O João Pinto já foi a Mataporcos avisar a Sra. D. Domitila; e eu, por minha vez, já avisei ao Miquelina[15].
— Muito bem!
— De forma que, prosseguiu o Chalaça, o Miquelina, às nove em ponto, estará em Mataporcos com o violão. E eu acabo de passar pelo Botequim da Cometa. Encomendei à Maria Pulchéria um cuscus de frango, bem fumegante. Remexi também cá na adega do Paço, e, com grande prazer, descobri umas garrafas daquele vinho velho do Sr. D. João VI. Aquele branco de 1760. Assim, com esses comes e bebes, com o Miquelina no violão e eu no lundu, vamos ter hoje urna funçanata opípara. Vossa Majestade verá!

---

[15] *Brasil-Reino, Brasil-Império, pág.* 406: "— O celebrado Marciano, por alcunha o Miquelina, pardo, marceneiro, cantador de modinhas, e muito valido de D. Pedro I".

D. Pedro sorriu.

— Bravos! Muito bem! O programa é de arromba.

E batendo nos ombros do favorito, disse, como a justificar aquela patuscada:

— É preciso, Chalaça! É preciso que a gente se divirta um pouco. Esta trapalhada de Constituinte, com estes deputados a botarem falatório, me tem deixado bambo! Cáspite...

Levantou-se, muito bem-humorado, a assobiar gaiatamente uma solfa. Abriu um grande armário negro, de carvalho entalhado, e retirou de dentro uma caixa de xarão incrustada de prata.

— Veja lá este mimo! Vou hoje levá-lo à Titília.

O Chalaça, tomando da caixa, mirou e remirou a lembrança. Era um colar de enormes ametistas, com a efígie do Imperador gravada em cada pedra — curiosíssimo, verdadeira maravilha de arte.

— Que lindo, exclamou o valido. Vossa Majestade não podia oferecer prenda de mais gosto.

Depois de examinar detidamente o mimo, depois de gabá-lo com imensos gabos, o favorito tomou um aspecto compungido:

— Ainda bem que Vossa Majestade, com essa prova de estima, atenua um pouco o vexame de ontem. Coitadinha! Expulsa dum Teatro...

D. Pedro, sentindo o gume daquela exprobação, replicou assomado:

— Mas ainda agora, por uma portaria, mandei fechar o Teatro. Ontem, logo que soube do desacato, mandei incontinenti suspender o espetáculo. Mandei despejar os cômicos. Que mais posso fazer para desagravá-la?

O Chalaça sorriu.

— Não há nada mais certo do que o rifão cá do Brasil: papagaio come milho, periquito leva a fama. Vossa Majestade despeja os cômicos, suspende o espetáculo, fecha o Teatro, e assim, com essas medidas, obriga uns pobres-diabos a pagarem por si os pecados dos outros.

— Como? pergunta D. Pedro surpreso. — Que é que você está a dizer?

— Oh, Majestade, continuou maldosamente o Chalaça, o diretor do Teatro — Vossa Majestade bem vê — proibindo a entrada da Sra. D. Domitila no Teatro, nada mais fez do que cumprir ordens.

E sarcástico:

— Ordens superiores!

D. Pedro ouviu aquilo. Estranha chispa fuzilou de súbito no olhar do Imperador.

— Ordens superiores? Homessa! Ordens de quem, Chalaça?
— Majestade, perdoe-me! Mas eu não ouso.
— De quem partiram essas ordens, Chalaça?

O Secretário, diante daquela atitude, não teve outra saída senão gaguejar:

— De José Bonifácio.
— De José Bonifácio?
— De José Bonifácio!
— Você está louco! Não é possível...
— Não é possível, Majestade? bradou o Chalaça numa efervescência. Pois então Vossa Majestade acredita que haja outro, aqui na Corte que tenha a coragem de desacatar publicamente a favorita do Imperador? Só José Bonifácio, o Primeiro-Ministro, é quem teria a ousadia de fazer o que fez. Quer Vossa Majestade a prova do que eu digo? Nada mais fácil: é só ouvir o "Corta-Orelha"! Ouvindo-o, Vossa Majestade saberá que tudo aquilo, toda aquela história do Teatro, foi obra exclusiva do paulista!

E rindo-se:

— Foi para *moralizar!* Foi pelo *decoro* do Trono! Ah! Ah! Ah!... Estes velhos, estes velhos!

O Imperador, com funda ruga na testa, sente, como alfinetados no seu orgulho, as risadinhas do Chalaça. E pôs-se a passear dum lado para outro. Afinal, irritado e brusco, despediu com um gesto o favorito. E ao despedi-lo:

— Isto, se for verdade, há de custar caro, muito caro, ao Primeiro-Ministro.

No céu de José Bonifácio, no céu azul da sua política, principiou, desde esse instante, a flutuar grossa nuvem negra, pejada de borrasca...

UMA NOITADA ALEGRE

Meia-noite. Na chácara de Mataporcos, sempre tão discreta, esfervilha grande patuscada foliona. Estruge lá dentro férvida alegria. Há muitas garrafas abertas. A fumarada dos cigarros enevoa o ar. E o Chalaça, vermelho, o olhar incendiado, ergue a todo instante o seu copo de genebra:

— Sra. D. Domitila! À sua...

Todos bebem à saúde da favorita. D. Domitila é a chama da festa. Linda, com seu vestido de seda clara, a adorável paulista enche aquela noitada com as graças perturbantes da sua mocidade. Tudo nela é tentação. Tudo volúpia. D. Pedro, junto dela, enamoradamente, devora-a com os olhos. Embebeda-se dos feitiços mágicos daquela mulher.

O Chalaça, esse, com a sua facúndia picaresca, pontilha de galhofas a noitada. E lá está, careteiro e bufo, a contar anedotas, a ridicularizar todos e tudo. E aquele bando alegre ouvindo-o, ri-se a perder! E o Miquelina? Ah, o Miquelina... O pardo incomparável, aquele genial tocador de violão, é a suprema delícia da pagodeira Ele, que faz "chorar o pinho". E chorar tão quebradamente, com tanta alma, com um langor tão brasileiro e doce, que o Imperador, batendo-lhe no ombro, exclama com entusiasmo:

— Deixe estar, Miquelina, você, à custa do violão, ainda há de ser Comendador do Império! Hein, Miquelina? Que tal?

O mulato, escutando a pilhéria, sorri, lisonjeado, numa tonteira de felicidade. E com mais requinte, com mais ardência, põe-se a repinicar no violão um lundu catita, lundu brejeiro e saltitante, que o Chalaça, com o seu forte sotaque lisboeta, vai acompanhando reboladamente:

Ai, ai, ai,
Meu cobre é que lá vai,
Meu cobre é que lá vai...

Súbito, em meio àquela folia, alguém, inesperadamente, bate à porta. Todos entreolham-se. Quem será? Mas o Chalaça, com largo gesto dominador, pacifica os ânimos:

— Não se assustem! Isso é comigo.

E sai. Momentos após, em plena sala, triunfante, erguendo alto vasta cesta recheada de pratos e garrafas, o Chalaça brada gloriosamente:

— Cuscus!
— Cuscus? exclama D. Domitila, rindo-se com uma risada gostosa. Um cuscus, Sr. Francisco Gomes? Que idéia!
— Sim, senhora. Um cuscus feito pela Maria Pulchéria. Pela Maricota Corneta! E aqui estão as garrafas de vinho branco! E aquele branco que trouxe D. João VI, 1760! Vamos ao 1760!

Os comparsas do rega-bofe, com grande alacridade folgazona, agrupam-se barulhentos em toro do cuscus. O prato fumega. Derrama-se, pelo ambiente, um odor apetitoso. O vinho branco do Sr. D. João VI jorra. D. Pedro, o copo em punho, brinda rumorosamente:

— Você foi um herói, Chalaça! O cuscus está soberbo! Por isso, minha gente, vamos lá: à saúde do nosso herói!

Todos batem os copos:

— À saúde, Chalaça!
— À saúde!

E a funçanata continua, noite afora, álacre e desordenada.
D. Domitila, sôfrega por saber notícias da Corte, não se cansa de interrogar o Chalaça. E a todo instante:

— Sr. Francisco Gomes!
— Sra. D. Domitila!
— Conte um pouco, Sr. Francisco Gomes, como foi o baile que O General Avilez ofereceu a D. Pedro...

O Chalaça abre os braços e revira os olhos para o céu:

— Ah! Sra. D. Domitila, foi a mais bela coisa que já se viu no Rio de Janeiro. Que baile! Imagine Vossa Senhoria que a brincadeira custou cinqüenta e três contos!
— Cinqüenta e três contos fortes, minha senhora! Mas foi uma maravilha. Cada dama, ao entrar, recebia um medalha de prata. Houve medalhas desde o número 2 até o número 324! A medalha 1 era de ouro: foi oferecida à Sra. Princesa D. Leopoldina, hoje nossa Imperatriz...

D. Domitila ouve encantada. Acha aquilo tudo muito lindo. E provinciana, ansiosa por se enfronhar naquelas elegâncias, quer todos pormenores:

— E a que horas começou o baile?
— Às nove em ponto. Logo após a entrada dos príncipes no Teatro. Lembro-me perfeitamente. O General Avilez e a Sra. Condessa de Belmonte foi o primeiro par que saiu dançando.
— Que é que dançaram, Sr. Francisco Gomes?
— Uma contradança inglesa. O baile foi todo assim: primeiro, uma contradança inglesa; depois uma francesa; por fim, uma espanhola. Cada uma delas, porém, era alternada com uma valsa.

D. Domitila bebe as palavras do valido. Todas aquelas coisas têm para ela um encanto novo, um chiste mágico.

— E a ceia, continuou o Chalaça — a ceia, Sra. D. Domitila! O palco foi transformado num jardim. Dentro dele, em forma de grande estrela dourada, armaram a mesa, toda a refulgir de candelabros de prata. Vossa Senhoria nem avalia o efeito desse arranjo. Foi de deslumbrar a gente!

O Chalaça vai por aí afora. Narra tudo. Comenta tudo. Jornal vivo, interessantíssimo.
Mas D. Domitila é insaciável.

— E a Maria Graham, Sr. Francisco Gomes? Vosmecê conheceu a Maria Graham?
— Mas muito, Sra. D. Domitila! Muitíssimo! Era uma inglesa feiarrona, muito ruiva, seca como um espeto.
— E muito distinta, atalha D. Pedro. Muito distinta e muito inteligente. Foi uma hóspede ilustre que tivemos.
— Pois essa Graham, prossegue o Chalaça, que andou correndo este mundo e o outro, veio dar no Brasil. Ficou muito admirada, quando saltou no Rio, ao ver que o povo não andava nu. Pensava que aqui tudo era bugre. Só bugre de tanga e pena. Imagine, Sra. D. Domitila!

— Foi por isso, exatamente, afirma D. Pedro, que todas as famílias timbraram em recebê-la com aquele carinho.

— Ah, foi um rebuliço, exclamava o Chalaça. A Sra. Baronesa de Goitacases deu uma festa. E que festão! Todo o mundo de sege. A casa ficou assim de povo! Logo depois, na chácara de Botafogo, a Viscondessa da Cachoeira convidou-a para um sarau. Um sarau lindíssimo. Compareceu tudo que havia de fino no Rio. E a Sra. Viscondessa do Rio Seco, para não ficar atrás, ofereceu também um jantar. Ah, foi coisa de fazer época!

O Chalaça, bebendo copázios de vinho branco, descreve o jantar da Sra. Viscondessa. E cada vez mais vermelho, o olhar chamejante, desanda numa loquacidade irrefreável:

— Ah, Sra. D. Domitila, isso ainda não é nada. Festa, e festa grossa, foi a chegada do Duque de Luxemburgo.

— Do Duque de Luxemburgo? indaga logo a paulista com curiosidade.

— De pé no meio da sala, o valido põe-se a descrever os arcos de os enfeites do Paço, as iluminações públicas, a alegria de D. João VI.

E D. Pedro, com o copo na mão:

— Vamos lá, Chalaça: arremede aí o jeito do Duque!

E o Chalaça, bamboleando-se, ajeitando-se, revirando os olhos, numa destrambelhada encenação, imita o andar do Duque, o timbre da voz, o modo de cortejar, o diabo! E o bando todo a estourar de riso...

— Por sinal, Sra. D. Domitila, recorda o Chalaça, veio no séqüito do Duque um músico talentosíssimo. Que pena Vossa Senhoria não ter ouvido...

— É verdade, aparteia D. Pedro, foi o Neukomm. Discípulo de Haydn. Que grande artista!

— E eu que gosto tanto de música! exclama a linda senhora.

— Pois aqui, na Corte, há muito artista de valor. Vossa Senhoria já ouviu o Pe. José Maurício?

— O Pe. José Maurício? Aquele que D. João VI, diante de toda a Corte, condecorou com o hábito de Cristo? Ah, Sr. Francisco Gomes, eu tenho imenso desejo de conhecer esse homem!

— E por que vosmecê não vai ouvi-lo? indaga D. Pedro.

— É muito fácil, intervém o Chalaça: no próximo domingo, na Capela Imperial, deve realizar-se uma grande missa. Não só vai tocar o Pe. José Maurício, como também vai pregar um franciscano moço, de vinte e poucos anos, que dizem ser um orador formidável.

— E o Pe. Francisco Mont'Alverne, explica D. Pedro. Dizem, realmente, que é um talento. Fr. Sampaio, ainda há poucos dias, gabou-me extraordinariamente esse moço. Se vosmecê gosta de boa música e de bom sermão, deve ir domingo à Capela Imperial. Terá assim ocasião de ver a Corte e de ouvir grandes artistas. Garanto que não se arrependerá. Vale a pena.

O Chalaça, que enchia novamente o seu copo, estaca de repente Súbita idéia atravessa-lhe o cérebro. Um sorriso leve, sorrisozinho enigmático, esvoaça-lhe no lábio.

— Eu até creio que Sua Majestade, por especial mercê, vai consentir que a Sra. D. Domitila assista à missa de domingo em uma das tribunas imperiais.

O Imperador fita o valido. Calam-se todos. Há um relâmpago de silêncio. Aquilo é dum atrevimento... Mas D. Pedro, engolindo o último trago do 1760, exclama risonhamente:

— Boa lembrança, Chalaça! Muito boa lembrança.

Vira-se para a favorita. E com um gesto condescendente.

— Fica vosmecê autorizada, Sra. D. Domitila, a assistir à missa de em uma das tribunas imperiais.

Domitila cora. Repentino clarão fuzila-lhe no olhar. Pérfida, voz em que ia muito espinho, a paulista responde:

— Grande mercê, Majestade! Mas não sei se a deva aceitar... São capazes de proibir minha entrada na Capela Imperial!

D. Pedro sente a machucante ironia daquela frase. Sem pestanejar, autoritário e ríspido, ordena ao Chalaça:

— Sr. Francisco Gomes! Determine ao Sousa Lobato, de minha parte, que faça a Sra. D. Domitila de Castro assistir à missa de domingo de uma das tribunas imperiais. Vosmecê, Sra. D. Domitila no próximo domingo, irá ouvir, entre as Damas da Imperatriz, a música do Pe. José Maurício.

Estranho frêmito sacode a paulista. Os seios arfam-lhe. Toda uma onda de felicidade purpureja-a.

— Bravos! Bravos! grita ruidosamente o Chalaça. E para festejar essa mercê com que Sua Majestade acaba de agraciar a Sra. D. Domitila, você pegue lá no violão, Seu Miquelina, e remate esta noitada com um lundu...

E o pardo, tonto da vinhaça, tomando o violão, ajeitando-o, corre os dedos pelas cordas:

— Que lundu há de ser?
— O "Lundu do Capoeira"! pede D. Domitila. É para recordarmos, Sr. Francisco Gomes, aquela noitada de São Paulo... Lembra-se?
— Se me lembro! Lembro-me perfeitamente. Foi o Moraizinho quem me fez cantar esse lundu.
— Alto lá! interrompeu a paulista. O Moraizinho, não senhor: o Tenente Morais.

— É verdade, concordou o Chalaça, rindo. O Tenente Morais! Ia me esquecendo que o Moraizinho, aquele rapazola de São Paulo, está hoje nessa culminância. Mas isto pouco importa. Vamos ao lundu. Isso sim!

O Miquelina, com a sua mestria, põe-se a repinicar o violão. E o Chalaça, com seu vozeirão de português, lá vai, meloso e dengoso, acompanhando os requebros picantes da música.

Ai, ai, ai,
Meu cobre é que 1á vai,
Meu cobre é que lá vai...

Instantes depois, já noite alta, aquela companhia alegre se desfez. E D. Pedro, ao despedir-se da favorita, que lhe beija a mão com a mais graciosa reverência:

— Até domingo, na Capela Imperial!

E ela, com um sorriso, antegozando o seu grande triunfo:

— Até domingo, na Capela Imperial!

Saem todos. D. Pedro e o Chalaça, esporeando os cavalos, tocam a toda brida pela estrada. E o Miquelina, a pé, com o violão ao peito, lá se vai, devagar, pelo caminho silencioso de Mataporcos lançando ao vento, sob a faiscação das estrelas, a mágoa chorosa do seu pinho.

A MISSA DA CAPELA IMPERIAL

A Capela Imperial... Ah! a mais bela coisa do Rio de Janeiro, nos começos do século passado, foram, sem dúvida alguma, as solenidades da famosa Capela. D. João VI, curiosa mistura de rei e de frade, mandou decorá-la suntuosamente. Vieram trabalhar nela os nomes mais brilhantes da época. José de Oliveira pintou as paredes. Manuel da Cunha, o teto. Raimundo da Costa e Silva, a "Ceia". E José Leandro, o célebre José Leandro, figura culminante do tempo, a grande tela do Altar-Mor. D. João VI, como todos os bragança, adorava as pompas religiosas. Com generosidade de nababo, gastando a mancheias, el-Rei mandava buscar na Europa artistas reputadíssimos, compositores, e músicos, *castrati* de larga fama, a fim de abrilhantar com eles as festas de sua Capela. Naquele recinto, com efeito, nos dias de gala, fremiu muita vez o gênio do Pe. José Maurício. Flamejou o talento magnífico de Neukomm. Ecoou a larga inspiração de Marcos Portugal. Ali, nas grandes cerimônias da religião, retumbou muita vez a voz de Mazziotti e de Tanners, os dois famosos contraltos italianos. Ali foram admirados e louvados, com grande entusiasmo para o bairrismo dos brasileiros, o tenor Cândido Inácio, que era a mais doce e a mais sonora garganta de Minas, assim como o baixo João dos Reis, cuja voz poderosa, da mais larga ressonância, fazia tremer nos caixilhos as vidraças da Capela.

Havia, portanto, razões de monta, e de sobejo, para que D. Domitila de Castro ansiasse por assistir à missa de domingo. O que mais a seduzia, porém, não era, seguramente, o ir ver, entre os entalhes dourados da Capela, os painéis de José Leandro; nem escutar a música do padre mulato que enchia a Corte com a fama de seu gênio; nem tampouco ouvir a flamância de Mont'Alverne, o apregoado

orador franciscano, cuja glória, que subira tão alto, começava então a crescer. O que a seduzia, o que a espicaçava mais agudamente, tornando-a tão alvoroçada por assistir àquela missa era poder — enfim um dia! — contemplar a Corte bem de perto, misturar-se com orgulho às Damas do Paço, roçar por entre aquelas fidalgas emproadas, e mostrar, do alto de uma tribuna, acintosamente, as graças e os feitiços de sua mocidade e do seu fascínio.

Ah! Os requintes que pôs a perturbante senhora em se alindar para tão suspirado triunfo! As águas-de-cheiro! Os pós de França! As luvas de doze botões! O leque de marfim e ouro! Madame de Saissait, a modista francesa da Rua do Ouvidor, preparou-lhe um vestido ousadamente bizarro, à Zamperini, moderníssimo, cor de cenoura, de corpete muito teso, com imensa e donairosa sobre-saia, caindo em ondas largas, bordadas a fio de prata. E que apuro de detalhes... Desde O penteado alto, com o trepa-moleque de safiras, até o escarpim pequenino de fivela dourada, tudo nela era encantador. E quando, diante do toucador, depois de empoada e perfumada, a cintilar de jóias, D. Domitila se remirou no seu espelho de Veneza, correu-lhe à epiderme um arrepio voluptuoso, seus lábios sorriram o sorriso da vaidade. Estava magnífica! Olhos úmidos e negros, boca sangrenta, talhe ondeante, todo pluma, aqueles vinte e quatro anos, quentes e sazonados, irradiavam frescura e trescalavam juventude.

Entretanto, no Paço da Cidade, antes de principiar a missa, ia grulhante vozerio de damas e de camareiras. O assunto era o tombo de D. Pedro. Não se falava noutra coisa. É que D. Pedro, há dias já, caíra do cavalo e quebrara uma costela. Por isso, a Viscondessa do Rio Seco, muito enlaçarotada, muito recamada de diamantes, indagava ansiosamente de D. Francisca de Castelo Branco, açafata do Imperador:

— O Imperador já se levantou, D. Francisca?

— Levantou-se hoje, Sra. Viscondessa. Mas ainda não pode vir a missa. O tombo foi violento. Sua Majestade não sai dos aposentos. Ainda está com o aparelho.

E enquanto esfervilhavam comentários ao tombo imperial, tombo esse tão apimentadamente satirizado na Corte, o Chalaça corria dum lado para outro, muito açodado, a cochichar pelos cantos, misteriosamente:

— Sabe, Sra. Marquesa, que José Bonifácio está furioso?

E a Sra. Marquesa de Aguiar, com toda a sua chocante, enfunada sobranceria:

— Furioso! E por que, Sr. Francisco Gomes?

E o Chalaça, baixinho, com um murmúrio:

— Eu vou contar a Vossa Excelência, Sra. Marquesa. Mas só a Vossa Excelência! Veja lá, Sra. Marquesa: não me comprometa! É só a Vossa Excelência que eu vou contar o escândalo.

— Escândalo?! Mas que há? perguntou a camareira assustada. Que escândalo é esse, Sr. Francisco Gomes?

— Calcule, Sra. Marquesa, que o Sr. D. Pedro ordenou ao Sousa Lobato que hoje, na Capela Imperial, para assistir à missa, conduzisse a uma tribuna.

E cortando a frase com ar desolado:

— Imagine quem, Sra. Marquesa, quem?
— Não atino...
— A Domitila de Castro!
— A Domitila?!
— A Domitila, Sra. Marquesa! A paulistinha. A tal!

A Marquesa abria os olhos. Não queria acreditar. Aquilo era de um tal descaro.

— É espantoso, não é, Sra. Marquesa?
— É de indignar a gente, Sr. Francisco Gomes!
— Mas é a pura verdade, minha senhora! exclamava o Chalaça sucumbido. É a pura verdade!

Em breve, pelo Paço inteiro, correu a notícia do escândalo. Não houve dama que não ouvisse do Chalaça (isto entre nós, muito entre nós, sem que ninguém o saiba!) o caso da Domitila de Castro. Foi um zunzum. Grandes abespinhamentos. As damas do Paço, feridas no seu orgulho, iraram-se com a afronta.

Nisto, em meio às zangas das senhoras, o enorme relógio de mogno, que era um velho enfeite do Paço, bateu sonoramente dez pancadas. Eis que o Sr. Visconde do Rio Seco, Porteiro-Mor, ergue respeitosamente o reposteiro: surge no salão a Imperatriz D. Leopoldina. Todas as damas dobrando airosamente o joelho, saúdam Sua Majestade. Simples, amável, com um sorriso para todas, a Sra. D. Leopoldina, ladeada pela sua Camareira-Mor, D. Maria Flora Ribeiro de Andrada e Silva, irmã de José Bonifácio, atravessa com lentidão o passadiço e entra solenemente na Capela Imperial. Num instante, pelas tribunas imperiais, onde as colchas da Índia, despencando, riam pelo riso quente de suas cores, espalha-se fidalgamente o bando suntuoso. Por toda a parte, onde o olhar pousasse, era um gosto o contemplar as cores estonteantes dos vestidos, a garridice das plumas, os gorgorões pesados das matronas, a riqueza dos grandes leques marchetados. E chispando pelas cabeleiras e incendiando os colos, e fuzilando nas orelhas, e enroscando-se pelos braços, fulgia sobre aquela florida ninhada de camareiras e damas, um dardejar de broches, de borboletas cravejadas, de pingentes, de trepa-moleques, de bichas, de camafeus, de pedraria de toda a cor.

D. Leopoldina, alta, loura, gargantilha de pérolas ao pescoço, assoma à balaustrada de sua tribuna. Logo, em meio às pompas do recinto, tangem com estrépito os sinos da capela: o Sr. Bispo-Capelão D. José Caetano, mitrado e solene, debaixo do pálio, com o báculo de ouro na mão, avança gravemente até o Altar-Mor. Aí, sobre um almofadão de veludo escarlate. Sua Excelência ajoelha-se por um instante. Todos o acompanham. Faz-se grave silêncio.

Naquele momento de concentrada religiosidade, uma linda morena, elegantíssima, vestida à Zamperini, atravessa a nave com sobranceria, fronte erguida, derramando em tono de si, ao ritmo do seu andar, todos os feitiços do seu donaire. Por toda a Capela, onde fulgem galas e resplendores, perpassa brusco

frêmito. E as damas, ao verem surgir a criatura magnífica, exclamam baixinho, umas às outras, com o vasto leque de plumas a esconder o cochicho:

— É ela!

Radiosa, triunfal, banhada de felicidade, D. Domitila de Castro, seguida de Sousa Lobato, galga a escada que conduz às tribunas imperiais. Ao aproximar-se de uma delas, onde há várias damas, Sousa Lobato, com discreta reverência, murmura:

— É a Excelentíssima Sra. D. Domitila de Castro. Por mercê de Sua Majestade, o Imperador, a Sra. D. Domitila vem assistir hoje, desta tribuna, à missa da Capela.

Todos os olhares, ávidos por saborearem a cena, fixam-se sôfregos no balcão em que aparecera a paulista. Então, diante do olhar bisbilhoteiro de todas aquelas damas, em plena Corte, em plena Capela Imperial, na grande missa de Suas Majestades, a Sra. D. Ana Francisca Maciel da Costa, Dama da Imperatriz, Baronesa de Goitacases, fita a recém-vinda com bravia altivez. Contempla-a desdenhosamente. Mede-a de alto a baixo. E ereta, esmagadora, com fulminante sobranceria, D. Ana Francisca tem a chocante coragem desta suprema irreverência: abandona com acinte, teatralmente, a tribuna imperial! Sousa Lobato, lívido, não pode reprimir um grito de espanto:

— Oh!

Todas as fidalgas ali presentes, arrastadas por aquele rasgo de intrepidez, acompanham a atitude da velha dama: e a porejarem proa, um muxoxo de desdém no lábio, também abandonam, com estardalhaço, a tribuna imperial.

Sozinha, focalizada, alvo de todas as curiosidades, ali, no alto da tribuna, D. Domitila traga por alguns momentos a impiedosa amargura daquela humilhação. Que instante de agonia! Mas foi um instante só. Logo após, sopitando a cólera surda que a sacode, refreando aquele estuar de sangue que lhe burburinha nas veias, a paulista readquire súbita serenidade. E mais orgulhosa do que nunca, a fronte erguida, a favorita de D. Pedro, como se nada houvesse acontecido, tão sobranceira como aquelas sobranceiras damas, assiste atrevidamente à missa da Capela Imperial.

Mas que hora de tortura... A música do Pe. Maurício, a voz de Mazziotti, a oratória de Mont'Alverne, os quadros de José Leandro, nada consegue empolgar o espírito irado da favorita. Durante toda aquela hora, no seu peito de mulher ofendida, só esfervilham idéias ferozes de vingança, desejos selvagens de revide.

Termina a missa. D. Domitila desce as escadas da tribuna. Atravessa a nave. Toma a sege que a espera à porta. O boleeiro toca a largo trote. E estaca, de repente, à esquina do primeiro quarteirão.

— Que há! interroga D. Domitila.

O Chalaça, com um salto, embarafusta-se pela sege adentro. Grita para o boleeiro:

— Toque!

E virando-se para D. Domitila, com voz alterada:

— Vi tudo! Já sei de tudo!
— E agora, Sr. Francisco Comes? Que hei de eu fazer?
— Que há de fazer? Pois então Vossa Senhoria não reparou qual foi a dama que a desfeiteou?
— Foi a Baronesa de Goitacases!
— E Vossa Senhoria sabe quem é a Baronesa, não sabe?
— Não. Quem é a Baronesa?
— Ah, como Vossa Senhoria desconhece a Corte! A Baronesa, minha senhora, é a amiga mais querida dos Andradas. E íntima de José Bonifácio. Afianço a Vossa Senhoria, Sra. D. Domitila, que foi o Primeiro-Ministro que açulou a Baronesa a fazer o que fez!
— Será possível?
— Afianço! Foi José Bonifácio quem preparou a Vossa Senhoria este pratinho.

D. Domitila desorientou-se. Não sabia o que fazer.

— E então, Sr. Francisco Gomes? Que devo eu fazer?
— Ora essa! Pois então Vossa Senhoria não vê quem é o seu grande inimigo? Quem é que a persegue por toda a parte? Quem proibiu a entrada de Vossa Senhoria no Teatro? Quem manda desfeiteá-la em plena Capela? Pois é unicamente um homem — José Bonifácio! Portanto, minha senhora, não há que refletir: é virar imediatamente a sege. E tocar para São Cristóvão. Já! E ir contar ao Imperador tudo que sucedeu...
— Vossa Senhoria acha?
— E ir já e já. Nada de delongas. Vá e conte tudo! E mais do que isso: exija, Sra. D. Domitila, exija do Imperador uma reparação completa. Isso que acaba de acontecer a Vossa Senhoria ultrapassa tudo. Vá, Sra. D. Domitila! Vá! Não perca tempo. Aceite o meu conselho...

O Chalaça salta da sege. D. Domitila ordena ao boleeiro:

— Paço de São Cristóvão!

A sege voa. Quando quebra a primeira esquina, com os cavalos a dispararem debaixo do chicote desapiedado do cocheiro, o Chalaça sorri.
Que sorriso!
Minutos depois, no Largo do Rocio, o Chalaça batia palmas em casa do Primeiro-Ministro. O 'Corta-Orelha", ao ruído das palmas, correu a ver quem era:

— Oh, Sr. Francisco Comes!
— Como vai você, "Corta-Orelha"?
— Assim, assim, Sr. Francisco Comes. Sempre pronto para o servir.
— Pois então avise o sr. Ministro que eu preciso dizer-lhe uma palavrinha.

José Bonifácio trabalhava na papelada do Estado. Foi com surpresa que o Ministro soube da visita do valido. Mandou que entrasse imediatamente. E com certa afabilidade:

— Viva, Sr. Francisco Comes!
— Deus o guarde e salve, sr. Ministro!
— Então que há? Vosmecê por aqui! Alguma coisa urgente?

O Chalaça tomou uns ares sérios. Uma atitude espetaculosa, desolada:

— Ah! Sr. José Bonifácio! Vossa Excelência é a única pessoa que pode intervir, com autoridade, num caso grave que acaba de suceder. É um caso que compromete grandemente o Trono.
— Mas vosmecê assusta-me, atalhou o Primeiro-Ministro. Que teria acontecido, Sr. Comes, assim tão grave?

O Chalaça ergueu-se. Bateu a porta. Deu a volta à chave. E baixo, como temendo que as paredes o ouvissem:

— Vossa Excelência sabe, naturalmente, que a Titília de Castro é hoje a paixão do Imperador. Isso já não é segredo para ninguém. Pois bem: o Sr. D. Pedro — imagine Vossa Excelência! — teve a imprudência de mandar a amante, hoje, assistir à missa da Capela Imperial.
— Que me diz, Sr. Gomes?
— E ainda, sr. Ministro, o que é mais sério: teve a coragem de mandá-la subir, com muitos rapapés, como se a lambisgóia fosse grande senhora, às tribunas imperiais, em meio a todas as Damas do Paço!
— Será possível? exclamou José Bonifácio de sobrolho franzido.
— E nas tribunas imperiais, bem em frente à Imperatriz, teve o arrojo de exibir a amante aos olhos de todo o mundo!
— Eu venho da missa. Vi toda a cena. As damas estão furiosas. Há uma revolta geral. Ora, Sr. Ministro, é inútil estarmos a comentar a gravidade do caso. No entanto, como Vossa Excelência é tão acatado pelo Imperador, pensei em vir à sua casa contar o incidente.
— Fez muito bem, exclamou o Ministro. É um caso que demanda providências. Eu vou falar ao Imperador. E vou falar hoje mesmo.
— Tem razão, sr. Ministro! Falar hoje! Falar já! É preciso malhar o ferro enquanto quente.

José Bonifácio bateu palmas. O "Corta-Orelha" surgiu:

— Vossa Excelência chamou?
— Mande atrelar a sege!

O mulato desapareceu. E o Chalaça, radioso, com um brilho vivíssimo nos olhos:

— Eu também vou à Quinta, sr. Ministro. E pediria a Vossa Excelência, se não fosse incômodo, um lugarzinho no seu carro.
— Pois não, Sr. Gomes!

Logo depois, aboletados ambos na sege, o Primeiro-Ministro e o Secretário Privado, tocando a galope, disparavam pelo caminho de São Cristóvão

A PRIMEIRA DAMA

D. Domitila de Castro, trêmula e chamejante, galgou sufocada as escadarias de São Cristóvão. João Carlota, o criado de serviço, mal a viu surgir, correu apressadamente a avisar Sua Majestade[16].

D. Pedro, desde o tombo do cavalo, ainda não abandonara os aposentos. E a favorita, naquele domingo alegre, de sol forte, tão sonoro de pássaros, foi encontrá-lo na antecâmara, afundado na sua fofa "preguiçosa", ainda encastoado de amarras e de ligaduras. Sua Majestade lia grossa papelada. Era o processo das devassas de São Paulo.

Foi com viva alegria, alegria de convalescente, que D. Pedro ouviu o João Carlota, na porta da antecâmara, anunciar alto com a sua voz rouquenha de beirão:

— A Sra. D. Domitila de Castro!

D. Domitila entrou. João de Castro deixou tombar o veludo do reposteiro. D. Pedro, com largo júbilo:

— Oh, minha Titília!

D. Domitila aproximou-se da "preguiçosa". Beijou as mãos do Imperador. Mas, ao beijá-las, tinha o lábio tão seco, tão queimante e, ao mesmo tempo, a fisionomia tão descomposta, que D. Pedro não pôde sem exclamar:

— Mas que é isso, minha Titília? Vosmecê está doente?

Fitou-a com sofreguidão. E vendo-a revolucionada e trêmula:

— Mas que há, minha Titília?

— Que há? respondeu, vibrando, a indignada senhora. Saiba Vossa Majestade o que acaba de suceder-me na missa.

— Na missa?

D. Domitila, a voz cortante, exclamou com um gesto de cólera:

— Fui desacatada, Majestade! E desacatada em plena Capela Imperial!

E D. Pedro, com dois olhos ásperos.

— Mas por quem?

— Pela Baronesa de Goitacases.

— Pela Goitacases?!

— Exatamente. Ao ver-me entrar, recebeu-me a emproada dama com grande empáfia: e em plena Capela, à vista de todo o mundo, abandonou com insolência a tribuna imperial. Teve vergonha de assistir à missa ao meu lado! As

[16] Memórias de Vasconcelos Drumond, *op.* cit., pág. 59: — "O serviço do Paço era feito por portugueses. Os mais íntimos do Imperador eram: Francisco Gomes da Silva (o Chalaça), João Carlota e Plácido. Este era um barbeiro, que o foi de José Egídio Álvares; o outro tinha sido moço de carregar as caixas da cozinha e o primeiro mau oficial de ourives".

damas, vendo aquilo, seguiram-lhe o exemplo. E eu, Sr. D. Pedro, eu fiquei só, na tribuna. Sozinha, diante do olhar de toda a Corte, pisada e humilhada. Fiquei só, durante a missa inteira, a sentir que as fidalgas de Vossa Majestade, afastando-se orgulhosamente de mim, apontavam-me com desdém:

— A *moça* do Imperador!

D. Pedro fremia. E num daqueles assomos, numa daquelas rajadas que sacudiam com ímpeto o cordame vibrátil dos seus nervos, segurou as mãos da enfurecida senhora e exclamou com fúria:

— Minha querida Titília, eu juro, e juro-o pela minha honra, que vingarei a vosmecê! Deixe estar!

D. Domitila, lendo nos olhos de D. Pedro a cólera sincera que Os incendiava, pôs-se a beijar-lhe sofregamente as mãos. Súbito, como se os seus nervos houvessem afrouxado, a linda senhora desandou a chorar e a soluçar.

— Ah, eu sabia que Vossa Majestade não me havia de abandonar! Com as lágrimas a despencar, tanto mais bela quanto mais chorosa, foi dizendo atabalhoadamente:

— Tudo isto é obra do velho Andrada. Foi ele quem preparou tudo. José Bonifácio resolveu matar-me de vergonha... O Primeiro-Ministro quer mostrar com isso, aos olhos do mundo, que Sua Excelência é o todo-poderoso. Por todo o Rio já se cochicha, com risinhos, que Vossa Majestade obedece ao Primeiro-Ministro. Que Vossa Majestade executa e o Primeiro-Ministro reina. E é contra isto, Majestade, que eu clamo! E contra isto que...

D. Pedro ouvia os desabafos da favorita. O seu olhar fuzilava. E havia por todo ele tal expressão de despeito, que D. Domitila sentiu bem que havia tocado, com um ferro em brasa, no ponto dolorido de Sua Majestade.

Nisto, quebrando a cena, como ignorando a presença da favorita, surgiu bruscamente na antecâmara o vulto esguio do Chalaça.

— Perdão! disse com ar de embaraço. Perdão!

Ia retirar-se. Mas D. Pedro conteve-o com um gesto:

— Que há, Chalaça?

— O Primeiro-Ministro está lá fora, a espera.

D. Pedro sentiu calafrios. Forte assomo de cólera estrungiu-lhe na alma. Um desejo louco de esmagar o Ministro sacudiu-lhe os nervos.

— Titília, exclamou, apontando para o fundo do aposento: ali, atrás daquele reposteiro, há uma porta que dá para meu quarto[17]. Esconda-se lá! Depressa!

E para o Chalaça:

[17] Memórias de Vasconcelos Drumond, op. cit. pág. 61: "A Domitila estava no quarto próximo..."

— Faça entrar o Primeiro-Ministro!

D. Pedro, com grande calma aparente, tomou da papelada das devassas. Começou a folhear tranqüilamente o calhamaço. José Bonifácio, com o seu aspecto venerando, sempre sisudo e grave, penetrou no aposento em que estava Sua Majestade. D. Pedro apontou-lhe uma cadeira:

— Sente-se, sr. Ministro!

A cena, entre ambos, naquele ambiente carregado de eletricidade, foi rápida e fulminante. José Bonifácio começou:

— Os bons amigos, Majestade, são aqueles que dizem a verdade. E eu, que me honro de ser devotado amigo do Imperador, careço de dizer-lhe uma verdade que, receio, talvez vá magoá-lo.

— Não importa, Sr. José Bonifácio. Pode falar sem rebuço. A respeito de que vem Vossa Excelência conversar comigo?

— D. Domitila de Castro.

— Domitila de Castro? Ah! E que é que acontece, sr. Ministro?

— Por toda a Corte, Majestade, não se fala de outra coisa a não ser desse caso. Há muito cochicho. Há muito comentário picante em torno dessa história. Demais — Vossa Majestade me perdoe — mas há de concordar que tem sido afoito: o despejo do Teatrinho Constitucional, por exemplo, foi imprudente.

D. Pedro escutou aquilo sem irritação visível. José Bonifácio continuou:

— Além disso, Majestade, o caso que acaba de suceder hoje, na Capela Imperial, é gravíssimo.

O velho Andrada fitou o Imperador bem nos olhos. E com destemor, severo e áspero, disse as coisas claras:

— As Damas da Imperatriz têm razão em se mostrar agastadas. Nada mais justo do que a atitude que tiveram. Afinal de contas, Majestade, colocar a Domitila nas tribunas imperiais, é querer o Imperador nivelá-las a essa mundana. E afrontá-las com a companhia duma decaída.

O Imperador mordeu o lábio. Súbita palidez espalhou-se-lhe no rosto. Os seus olhos chamejaram.

— E que pensa, sr. Ministro, que eu deva fazer?

— Vossa Majestade, que tem a obrigação do exemplo, deve, como Esposo, como Pai, como Imperador, terminar de vez com essa ligação. E preciso, Majestade, para o respeito e para o decoro do Trono, que Vossa Majestade obrigue essa mulher a sair imediatamente da Corte.

— Sr. José Bonifácio! atalhou D. Pedro, com voz vibrante, que cortava: o respeito e o decoro do Trono são coisas que competem ao Imperador, e não aos Ministros, de vigiar. E essa mulher, de que Vossa Excelência fala com tanto desdém, veio à Corte por minha ordem. Permanece na Corte por minha ordem. E é por minha ordem — fique sabendo! — que ela não sairá da Corte!

— É pena que Vossa Majestade não queira ouvir a palavra dum amigo. E maior pena ainda, muito maior, é ver que Vossa Majestade, na cegueira da paixão, deixa-se arrastar pelos caprichos de uma mulherinha.

Saiba Vossa Excelência, sr. Ministro, que a Sra. D. Domitila de Castro não sairá do Rio: é mais fácil — ouça-o bem! — é mais fácil os Ministros deixarem as pastas do que a mulherinha deixar a Corte.

José Bonifácio ergueu-se de pronto. A frase não lhe caíra no chão. Sentiu bem o veneno que ela continha. De pé, a cabeça erguida, com os seus nobres cabelos brancos aureolando-lhe a fronte, o velho paulista exclamou com dignidade:

— A Domitila continuará na Corte, Sr. D. Pedro. Mas o Primeiro-Ministro demite-se. Vossa Majestade, com seus vinte e quatro anos, prefere os amavios enganadores dessa mundana aos conselhos sensatos dos homens de bem. Mas eu, José Bonifácio de Andrada e Silva, não posso assistir, como Ministro, a esse desmoronar...

D. Pedro, rompendo as ligaduras que o atavam, levantou-se a chamejar. Punhos cerrados, sobrecenho franzido, tudo nele era fúria. E exclamou num berro:

— O senhor está demitido! O senhor não é mais Ministro! O senhor não é mais nada! Ouviu? Mais nada!

O velho sorriu. Sorriu com alta superioridade esmagadora. E retorquiu sem pestanejar:

— Alargue um pouco mais o decreto de Vossa Majestade. Eu e Martim Francisco, desde este instante, deixamos de ser Ministros. E mais ainda: D. Maria Flora deixa também de ser a Primeira Dama da Imperatriz.

E ereto, a fronte escampada, com aquele orgulho tranqüilo de homem honrado, José Bonifácio disse apenas:

— Os Andradas, Majestade, são paulistas de velha raça: eles não se apartam da estrada da honra!

Sereno, imperturbável, o velho José Bonifácio, a passos lentos, saiu majestosamente do aposento do Imperador[18].

Quando a porta se fechou sobre o Ministro caído o reposteiro do fundo se franziu. E de trás dele, radiosa e palpitante, D. Domitila de Castro precipitou-se nos braços do Imperador. E com um beijo longo, um beijo fundamente agradecido:

— Como eu te amo, D. Pedro.

---

[18] Memórias de Vasconcelos Drumond, op. *cit., pág.* 61: "O Imperador encolerizou-se a tal ponto de erguer-se da cama e quebrar o aparelho que lhe continha as costelas. D. Domitila estava no quarto próximo. José Bonifácio pediu ali mesmo a sua demissão, dizendo que desde aquele instante não se considerava Ministro. Foi isto em 15 de julho de 1823".

O Imperador, naquela hora, sentiu a delícia suprema de poder, com um gesto, fulminar um homem. De poder gozar, com a mulher amada, a volúpia duma grande vingança. Desabafado, D. Pedro bateu palmas. O Chalaça apareceu:

— Chalaça! Os Andradas estão demitidos. Quero que amanhã, sem falta, saia o decreto da demissão. Providencie ainda hoje os papéis.

O Chalaça abriu a boca. Largo sorriso esparramou-se-lhe no lábio. Que triunfo!

— E vá também comunicar, de minha parte à Sua Majestade, a Imperatriz, que a Sra. D. Maria Flora Ribeiro de Andrada, irmã de José Bonifácio, deixou hoje o cargo de Primeira Dama do Paço.

E D. Pedro, fitando a favorita, continuou:

— Comunique mais à Imperatriz que eu nomeio para Primeira Dama, em substituição à D. Maria Flora, a Sra. D. Domitila de Castro...

O Chalaça empalideceu. Escancarou os olhos. E sacudido de espanto, pôde apenas exclamar:

— Primeira Dama? A Sra. D. Domitila?

Domitila, na glória daquela surpresa, sentiu, por um segundo, que *o* coração se lhe estourava no peito. Numa tonteira, bêbada de felicidade, a primeira Dama atirou-se com tal volúpia ao pescoço do "bem-amado, beijando-o tanto, tanto, que o Chalaça, ante aquela incontida explosão de ardência e de carinho, achou de boa prudência afastar-se da cena.

E retirou-se discretamente.

UMA SENTENÇA INTERESSANTE

O Barão de Mareschal, ministro diplomático da Áustria, levantou-se pelas onze, como de costume[19]. Tomou a sua canequinha de café, acendeu o charuto, abriu o "Diário Fluminense". Mas ao correr os olhos pelo jornal do Governo, sempre tão enfadonho e sensaborão, o austríaco, naquela manhã, não pôde reprimir uma exclamação:

— *Donnerwetter!*

Mareschal acabava de ler esta coisa inconcebível: a nomeação da Sra. D. Domitila de Castro e Meio, "senhora paulista das mais altas e das mais apreciáveis virtudes", para o cargo de Primeira Dama da Imperatriz.

Aquele ministro rabugento, que o Imperador da Áustria mandara ao Brasil para servir na Corte da filha, o amigo íntimo e fiel de D. Leopoldina, sentiu dentro de

[19] Filipe Leopoldo Wenzel, Barão de Mareschal, ministro da Legação Austríaca no Rio. Esteve no Brasil desde 1818 até 1830. Figura de relevo no Primeiro Império. Extremamente dedicado a D. Leopoldina.

si áspera rajada de indignação. Amarrotou o jornal e arremessou-o longe. Azedo, o ministro gritou para o criado:

— Faça atrelar a sege!

Enfiou às pressas o seu fato de pano inglês, retorceu ao espelho, com cosmético cheiroso, as pontas retorcidas do seu bigode grisalho e, já na rua, frisado e elegante, ordenou ao boleeiro:

— São Cristóvão.

Afundado na sege, uma ruga na testa, o velho diplomata partiu para o Paço. Lá se foi a raciocinar sobre a gravidade daquele caso. A favorita, não havia dúvida, culminara nas boas graças. Aquela nomeação era afrontosa. E, sobretudo, achincalhante ao decoro da Imperatriz. Chamar a amante, a amante pública, para Primeira Dama da mulher! Oh, era de revoltar... E Mareschal, imaginando a cruciante mágoa da Ama e amiga, já ia conjeturando como bom diplomata, a .maneira mais jeitosa e mais polida com que pudesse consolá-la daquele ultraje.

Ao chegar à Quinta, Mareschal fez-se logo anunciar. A espera foi rápida. D. Francisca de Castelo Branco, Viscondessa de Itaguaí, ergueu o reposteiro de veludo. D. Leopoldina apareceu. Vinha toda de claro, à caçadora, botas altas, chapéu largo, chicotinho de prata dependurado no pulso. Mareschal beijou-lhe respeitosamente a mão. E Sua Majestade, com um sorriso jovial:

— Viva, Barão! Bons olhos o vejam! Então, que é isso? Não há quem mais o aviste cá pela Quinta!

E sem esperar resposta:

— E é hoje que eu vou à caça, hoje, exatamente, que o meu caro Mareschal aparece!

— Vossa Majestade vai caçar?

— Vou. Vou até o sítio do Vahia. Levo comigo dois batedores e o Kloss. O Kloss é um excelente picador! D. Pedro está contentíssimo com ele.

E, com irradiante bom humor, mudou bruscamente de assunto:

— Já leu o "Tamoio" de hoje?

— Ainda não, Majestade.

— Pois leia. Está feroz! Eu me rio bastante daquelas coisas. Mas D. Pedro não suporta!

— De quem é o artigo?

— De um dos Andradas, certamente. Aqueles homens, depois que saíram do Governo, fazem oposição a tudo. Não perdoam coisa alguma. E D. Pedro anda furioso com isso.

— A oposição deles é um tanto justificável, comentou Mareschal. Que queda tremenda! José Bonifácio, dum dia para outro, sai do ministério. Martim Francisco também. Até a irmã, pelo que eu acabo de ler, deixou de ser Primeira Dama!

— É verdade. Deixaram todos o poder.

— A propósito, continuou Mareschal, curioso e discreto: li a nomeação da Sra. Domitila de Castro para substituir D. Maria Flora.

— É verdade. Foi hoje nomeada minha Primeira Dama.

— Parece que se espanta, Barão?

— Espantar? Espantar, propriamente, não me espanto. Mas, com franqueza, não compreendo muito a razão dessa escolha.

— Pois é fácil compreender.

Com tocante ingenuidade, o coração nos lábios, D. Leopoldina narrou isto ao amigo e confidente:

— Esta senhora pertence a distinta família de São Paulo. Gente muito conceituada na Província. O irmão mais moço desta dona, Francisco de Castro Canto e Melo, foi até ajudante-de-ordens do Imperador. D. Pedro, na jornada de 7 de Setembro, recebeu em São Paulo grande agasalho da parte dos Canto e Melo. Acontece que essa dona, chegando agora na Corte, mostrou muito desejo de ouvir o Mont'Alverne. D. Pedro, sabendo disso, consentiu que ela viesse ouvir o franciscano na Capela Imperial. As damas do Paço, porém, ao verem a desconhecida na tribuna, mostraram-se muito abespinhadas e tiveram a coragem de desacatá-la em plena Capela! Imagine um pouco... D. Pedro, ao saber do caso, encolerizou-se muitíssimo. E quis, como era natural, desafrontar essa senhora de tão grosseiro vexame. Sua Majestade, por isso, rogou-me para que a aceitasse como minha Primeira Dama. Eu acedi de boa vontade. É uma pessoa agradável, de sangue limpo, e, com franqueza, uma provincianazinha bonita. O que já é boa qualidade para Primeira Dama... Não acha, Barão?[20]

Mareschal ouviu aquilo estupefato. E D. Leopoldina, sem esperar resposta, estendeu a mão ao velho amigo.

— Adeus, meu caro Barão. Nós aqui a tagarelar, e o Kloss à minha espera! Nestes tempos de complicações no Governo, é difícil haver um dia de folga. E eu não quero esperdiçar o de hoje. Vou à minha caça. Adeus, Barão!

Mareschal, curvando-se, beijou a mão que a Imperatriz lhe estendia. E ela, ao sair, com um sorriso:

— E notícias da Áustria?

— Tudo em paz, Majestade...

Mareschal desnorteado, foi descendo vagarosamente a escadaria de São Cristóvão. E já estava a subir na sege, quando uma voz bradou com insistência:

— Sr. Barão! Sr. Barão!

Era o Chalaça.

[20] Dizem as crônicas da época, especialmente Melo Morais, que D. Leopoldina foi a primeira quem quis, para desagravar D. Domitila, nomeá-la Primeira Dama!

— Perdoe, Barão! Mas eu preciso ir à cidade e não tenho sege. Vossa Excelência permite que eu vá em sua companhia?

— Oh, Sr. Gomes, com prazer...

Com um gesto polido, apontando a portinhola da carruagem, ofereceu amavelmente:

— Faça o favor! Entre.

Aboletaram-se. E lá foram ambos, o diplomata e o favorito, a palrar pelo caminho. A conversa caiu logo em política. O Chalaça comentava:

— Acho muito grave a situação, Barão! Os Andradas estão intratáveis. Não há oposicionistas mais intransigentes.

— Vossa Senhoria diz isso, Sr. Gomes, por causa dos ataques que fizeram ao título de Marquês, que D. Pedro conferiu a Lorde Cochrane?

— Pois veja lá, Barão, esse caso do Cochrane, por exemplo. Haverá maior injustiça? José Bonifácio, o próprio José Bonifácio, quando Ministro, mandou buscar o Lorde no Chile para vir *salvar* o País, como ele então dizia. Vem o homem, derrota os portugueses, Pacifica o Norte, consolida a Independência. Salva, enfim, o Brasil. Pois bem: D. Pedro, para premiar tão bons serviços, confere a Cochrane o título de Marquês do Maranhão. Haverá nada mais justo? Pois foi suficiente para os Andradas fazerem na Assembléia aquele berreiro do inferno.

— Foram exagerados, não há dúvida. Mas eu penso que a oposição deles há de passar. É uma nuvem apenas.

— Não é tão fácil assim, Barão, atalhou o Chalaça. Esses homens são perigosos. Veja um pouco os artigos do "Tamoio". Vossa Excelência não lê o "Tamoio"? Pois é ler! Não há nada mais violento. D. Pedro, toda a manhã, ao dar com aquelas coisas, tem acessos de cólera...

A sege disparava. O Chalaça, discutindo política, trazia à baila os últimos sucessos. Era o caso do Rio Maior. O caso do Marechal Pinto França. O discurso irritante de Muniz Tavares. Mil coisas!

E lá se foram até a cidade. Ao penetrarem, porém, no Largo da Carioca, a sege que os levava foi obrigada a parar em frente à botica de mestre David Pamplona. Aí, com surpresa de ambos, aglomerava-se negra massa de populares. E havia gritos estranhos.

— Fora os "pés-de-chumbo"!

— Fora a canalha!

— Morra Portugal!

De instante a instante engrossava aquela onda. O boleeiro, vendo que não podia passar, virou a sege e embicou pela Rua das Violas.

— Que será isto, Sr. Gomes?

— Não posso compreender, Barão. Mas estou ansioso por saber a razão deste motim. E vou saltar aqui, no Botequim da Corneta, para saber notícias frescas.

O Chalaça saltou no botequim. Ao entrar, o Secretário Privado topou logo com o "Corta-Orelha". O mulato, num grupo, discutia com imponência. Tinha ares de grande eminência política. O favorito fez-lhe um aceno. O capoeira acorreu imediatamente. Os dois abancaram-se, camaradas, em torno duma mesa.

— Que diabo de motim é esse em frente à botica do mestre Pamplona?
— Vossa Senhoria ainda não sabe?
— Não sei.
— Pois é história crêspa.

E arrancando do bolso um amarfanhado exemplar do "Sentinela", jornalzinho de oposição, violentíssimo, passou-o às mãos do Chalaça.

— Leia isto primeiro.

O Chalaça começou a ler. Havia no jornal uma carta atrevida, transbordante de insultos, em que se diziam, numa linguagem nua, os mais copiosos desaforos aos oficiais portugueses incorporados ao exército do Brasil. O Chalaça leu-a toda. E ao fim da leitura:

— Então?
— Então, explicou o "Corta-Orelha", dois oficiais portugueses[21], pensando que o David Pamplona fosse o homem que escreveu a carta, entraram hoje na botica do diabo. Esbordoaram o bicho sem dó. Deixaram o tar amarrotado de pancada, quase morto. O povo, quando soube do caso, arrevoltô-se. Tudo quanto é brasileiro pulô a favor do Pamplona. E por isso o motim tá fervendo. Aquilo é só: "abaixo os pés-de-chumbo!", "morra Portugal!" Já foi uma comissão a casa de José Bonifácio. E José Bonifácio prometeu que hoje, na Assembléia, vai tratá do caso. Que é que *vassuncê* diz, seu Chico Gomes?

O Chalaça ouviu o capoeira. E arguto, sabendo bem da velha e incurável animosidade entre brasileiros e portugueses, compreendeu, num relance, o que de grave havia no incidente. Mas sem o menor indício de inquietação, bateu amistosamente no ombro do mulato:

— Ora, seu "Corta-Orelha"! Isto é motim sem importância. Amanhã — você verá — todas as coisas estão concertadas. Um caso à-toa!

Levantou-se. Mas o "Corta-Orelha" ofereceu-se logo, serviçal e pressuroso.

— Qué que eu vá buscá uma sege prá *vassuncê?*
— Não é preciso. Eu vou aqui, à Rua do Piolho, falar ao Cônego Caetano...
— Ah! cortou o capoeira, piscando os olhos maliciosamente; *vassuncê* vai sabê notícia do divórcio?

O Chalaça ficou passado. Mas o "Corta-Orelha" continuou, com uma risadinha sarcástica:

---

[21] Foram o Major Lapa e o Capitão Zeferino.

— Não se assuste, seu Chico Gomes! Toda a gente já sabe. Só se fala, na Corte, do divórcio da paulista. O negócio foi arranjado muito em segredo. Muito escondido. Mas ché! Segredo nisso? Impossível!

O Chalaça cortou cerce a conversa:

— Deixe de falatório, homem! Você lá entende dessas coisas?

E lá se foi exótico, muito alto e muito esguio, a caminho da Rua do Piolho, onde morava o Reverendíssimo Dr. José Caetano Ferreira de Aguiar, vigário do Rio de Janeiro.

O divórcio de D. Domitila! Um divórcio no Primeiro Império! Pode-se lá imaginar escândalo maior? Todo o velho Rio, aquele Rio de chafarizes e de rótulas, arrepiou-se de horror.

O processo correu vertiginosamente. Fez-se tudo às lufadas. Tudo debaixo do maior sigilo. Agora, depois de concluídas as provas, subira a papelada para a sentença. E o Cônego Caetano era o juiz.

O Chalaça entrou ansioso. O padre recebeu-o com efusão. Abriu a boceta de rapé, sorveu uma pitada e foi logo entrando em assunto:

— Tudo pronto, Sr. Gomes! Os autos vieram conclusos ontem. E ontem mesmo lavrei a sentença. Vossa Senhoria disse-me que Sua Majestade se interessava muito em ver este caso liquidado o quanto antes...

— De fato, Cônego, Sua Majestade interessa-se vivamente!

— Pois eu, de minha parte, prosseguiu o padre, melífluo, fiz tudo o que pude para contentar o Imperador. E quer que lhe diga a verdade? Não me foi nada difícil. A prova dos autos é abundante. Está tudo muito bem documentado. Vossa Senhoria quer ler a sentença?

Levantou-se, abriu a gaveta dum velho armário, retirou lá do fundo um calhamaço de papéis. Folheou com pausa. Afinal, achando o que queria, passou às mãos do Chalaça a peça rebuscada. Francisco Gomes leu, jubiloso, a sentença. Era simples e dizia:

"Vistos estes autos etc. Requer a Autora, D. Domitila de Castro Canto e Meio, ser divorciada perpetuamente do seu marido, o Alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça, principalmente porque este tem tal ódio a ela, Autora, que a quis matar, dando-lhe duas facadas, sendo uma delas mortal; e mais, porque o Réu tem cometido adultérios. Prova a Autora a sua intenção, por maneira que se manifesta o seu direito para o divórcio, que pede, porque prova, pelas testemunhas inqueridas a fl. 16, que tendo ela boa conduta e, amando seu marido, este atentara contra a vida dela, Autora, dando-lhe duas facadas, do que resultou a Autora ficar em perigo de vida. Prova mais a Autora, pelas certidões de fís. 12 a fls. 20, que o Réu lhe tem cometido adultérios, e que, do seu punível coito, o Réu teve duas filhas que reconheceu como suas. Por tudo, e o mais dos autos, julgo provada a ação, e hei a mesma Autora divorciada perpetuamente do Réu, seu marido, com divisão de bens competentemente. Pague o Réu as custas. J. Caetano Ferreira de Aguiar."

O Chalaça, com fina adulação, felicitou muitíssimo o juiz:

— Vossa Reverendíssima apanhou atiladamente os pontos. Muito atiladamente! O Imperador vai ficar agradecido a Vossa Reverendíssima.

E o padre, dócil e modesto:

— Pois eu, no que puder, aqui estou para servir a Sua Majestade!
— Vossa Reverendíssima não ficará esquecido. Afianço-o a Vossa Reverendíssima!

E risonho, o coração intumescido de gosto, o Chalaça despediu-se com muitos agradecimentos.
Ah, a prova dos autos! Por elas, D. Domitila de Castro tornara-se a vítima. Sim, a vítima! Era ela que, ferida na sua dignidade, se divorciava do marido, porque o marido era um adúltero. Não podia haver nada mais risível.

O CONSELHO DE MINISTROS

No Terreiro do Paço, desgraciosa e pesadona, erguia-se a vasta mole do Palácio Imperial. Era aí, como dizia o povo, o Paço da Cidade. Típico, verdadeiramente típico, o cenário que o enquadrava. Em frente, animando o panorama, o mar crespo, engaivotado, dum azul vaporoso. Dum lado, como enfeite de arte, o clássico chafariz colonial. Nos fundos, ligado por singelo passadiço, o convento dos carmelitas, transformado em Capela Imperial. De outro lado, rígido e massudo, o casarão da Câmara e Cadeia. Foi aí, no recinto da Câmara, nesse antigo aljube da Corte, que se instalou, em 1823, a Assembléia Constituinte.
Naquele dia, ao voltar da casa do padre, o Chalaça deu com desusada massa de povo, barulhenta e arruaceira, a bramir nas imediações da Constituinte. A agitação era desordenada. Tumulto bravio e ameaçador. Só se ouviam exclamações coléricas:

— Morra o "pé-de-chumbo"!
— Abaixo a canalha portuguesa!

Eis que chega um popular. Vem flamante:

— Antônio Carlos está soberbo! Exige a prisão imediata dos agressores...
— Que está dizendo?
— Imediatamente! E disse mais, com toda a razão, que o insulto não foi feito só ao Pamplona: foi a todos os brasileiros!

Que delírio! Daquela horda de amotinados, tocados com ferro em brasa no seu bairrismo, partiu vasta exclamação de júbilo:

— Viva Antônio Carlos!
— Viva!

O Chalaça viu aquela efervescência. Compreendeu logo as vantagens que iriam tirar os Andradas dessa rusga entre brasileiros e portugueses. Nada mais fácil do que, naquele momento de tempestuosa paixão, fazer vibrar o nacionalismo dos brasileiros. O perigo era iminente.
O valido, saltando em São Cristóvão, galgou a quatro e quatro as escadarias do Paço. Mas não conseguiu falar com o Imperador. Sua Majestade, fechado no Salão de Despachos, conferenciava reservadamente com o Ministro da Guerra.

A notícia do motim já havia estourado na Quinta. Por isso, formigando por saguões e corredores, ia grande alvoroço de gente, entra e sai cortesãos, vaivém de oficiais. Estavam todos sôfregos por notícias.

O Chalaça pôs-se a passear pela antecâmara. Eis que o João Carlota entra afobado:

— A Sra. D. Domitila de Castro!

— Faça entrar...

A encantadora paulista, numa elegância de sedas e de rendas, derramando em torno sadio aroma de água-de-cheiro, penetrou, como radiosa primavera, na antecâmara onde estava o Chalaça. Trazia ao lado, como escudeiro, o Moraizinho. O lindo moço, muito esbelto e muito louro, faiscava na sua farda de Tenente. O Secretário recebeu-os com júbilo:

— Deus a salve e guarde, Sra. D. Domitila! E você, Moraizinho? Como vai isso? Bons olhos o vejam!

Ambos apertaram amistosamente a mão do valido.

— Viva Chalaça!

D. Domitila, com o seu sorriso capitoso, com aquela sua graça envolvente, foi indagando muito interessada:

— Então, Chalaça, que há?

D. Domitila, desde que se alçara às culminâncias de Primeira Dama, não mais tratava o Secretário Privado com aquela deferência de antigamente: Sr. Francisco Gomes! Agora era simplesmente Chalaça. Chalaça, você.

— Então, Chalaça, que há? Que história de motim é essa?

— Pois Vossa Senhoria ainda não sabe? É um motim grave..

— Conte-me as notícias! Eu soube apenas do espancamento do Pamplona. E agora, vindo pelo Terreiro do Paço, vi grande algazarra na Praça. E "vivas". E "morras". O caso, ao que parece, está tomando vulto.

— É um caso muito sério, Sra. D. Domitila! Imagine que os Andradas levaram o "caso Pamplona" ao conhecimento da Assembléia. E já agora, diante do barulho que estão fazendo, não se trata mais dumas simples bordoadas num boticário: trata-se — imagine um pouco! — dum ultraje feito à Nação. Foram os portugueses que espancaram os brasileiros. E lá estão eles, na tribuna, a incendiar com o seu palavrório o bairrismo dos nacionais.

— E D. Pedro? indagou D. Domitila. Que diz D. Pedro de tudo isso?

O Chalaça não pôde responder. O sr. Ministro da Guerra, com ar preocupado, atravessou a antecâmara. O Tenente Morais perfilou-se.

O Ministro, ao avistar D. Domitila, saudou-a com afável sorriso. A paulista dirigiu-lhe uma palavra:

— Sua Majestade ficou só, sr. Ministro?

— Ficou, Excelentíssima.

Numa reverência, muito gentil, o Ministro desapareceu sob o reposteiro que o Chalaça, pressuroso, suspendia.

D. Domitila, sempre cativadora, sempre com o seu fino sorriso a esvoaçar-lhe nos lábios, virou-se para o Tenente:

— Adeus, Moraizinho! Vou falar ao Imperador. Não se esqueça de levar a Mataporcos todas as notícias do motim.

E estendeu-lhe a mão. O Moraizinho seguiu, com os olhos muito lânguidos e muito compridos, aquela mulher embriagante que sumia sob o reposteiro.

Instantes após, seguida do Chalaça, D. Domitila beijava, com leveza e graça, a mão do Imperador. E com um interesse ansioso:

— Então? Que há? É um motim muito grave? É?

— Vosmecê não se assuste, redargüiu D. Pedro. Os Andradas é que estão envenenando o caso. Aqueles homens são adversários implacáveis.

E ali, em presença de ambos, Sua Majestade, depois de narrar o espancamento do Pamplona, explicou a situação:

— O caso, como estão vendo, é muito simples. Umas bordoadas, nada mais. Era só prender os agressores, duas semanas de xadrez, e pronto. Estava liquidada a história. Mas surgiu, infelizmente, uma complicação séria. É o que vai embaraçar a solução do acidente. Imagine que os militares, à vista do motim, tomaram decididamente o partido dos seus camaradas. E agora, coligados e solidários, já fizeram sentir ao Ministro que não admitem punição alguma aos espancadores.

— Nesse caso, aparteou a paulista, a situação tornou-se melindrosa...

— Melindrosíssima! resmungou o Imperador.

E com um sorriso mau, sorriso ressumante de fel:

— O que é preciso é dar uma lição aos Andradas. E fazer calar a boca desses desordeiros. Aquilo é uma corja. Não há quem os ature! E sopitoso, com ar sombrio:

— Hoje, à noite, há conselho. Mandei reunir o Ministério. Vou dizer aos Ministros, bem claramente, tudo que penso e tudo que quero.

D. Domitila atalhou sorrindo, com um jeito brejeiro e trêfego:

— Se houver necessidade dum Ministro, Vossa Majestade não se esqueça do Desembargador!

O Chalaça soltou uma gargalhada. Gargalhada sonora, saída da alma.

— Quem? O Desembargador? O Ferreira França? Meu Deus!

O próprio D. Pedro achou graça no pedido. E rindo-se:

— Que idéia! Mas vosmecê não sabe, então, que o Ferreira França é o juiz mais sem autoridade da Corte?[22]

D. Domitila não se perturbou. Antes, com uma vozita cativante:

— Que gente sem coração! Não digam isso do meu pobre amigo. Coitado do Desembargador! Um homem tão agradável! Ainda ontem, em minha casa, ele dizia a meu pai: a minha maior ambição, sr. Coronel, é ter uma ocasião, qualquer que seja, para mostrar ao Imperador o quanto eu sou dedicado a Sua Majestade!

— Pois a ocasião há de chegar, disse D. Pedro, continuando a rir. Há de chegar! Quem espera sempre alcança.

Nisto, afogueado e anelante, o João Pinto rompe pelo salão adentro. E estacando diante do grupo:

— Grandes novidades! À sessão da Constituinte foi tumultuosíssima. Os populares invadiram o recinto. E que berreiro! Que gritaria do inferno! Todo o mundo clamava por justiça.

— Quê?

— O pior é que a maioria dos deputados está com os Andradas. Tudo contra o Governo! Os paulistas arrastaram a Constituinte inteira. E os deputados, acuados pelo povo, exigem a punição dos espancadores...

— Meu Deus! bradou D. Domitila, assustada. E agora? Como vai ser?

— Agora, continuou João Pinto, para liquidar a questão, vêm marchando para São Cristóvão vários regimentos de infantaria. Parece que esses regimentos, diante da atitude dos deputados, querem fazer calar os papagaios da Constituinte.

Mal acabara de contar essas retumbantes coisas, que já, ao longe, reboando na distância, começou a ecoar confuso rumor de cometas e tambores. Pelas janelas do salão, donde se descortinava o horizonte, todos os do grupo, com o olhar sôfrego, divisaram as fardas empenachadas dos regimentos que vinham tingindo de vermelho o caminho da Quinta. Todos, ao contemplarem lá embaixo aquele ondear de uniformes, aquele marchar estrepitoso de soldados, compreenderam nitidamente a gravidade do momento. D. Pedro, os dentes rilhantes, exclamou, sombrio e ameaçador:

— Ah! Estes Andradas! Estes Andradas! É preciso acabar com essa corja...

A situação tomou um aspecto angustioso. D. Domitila sentiu bem o melindroso do instante. Levantou-se de pronto:

— Vou-me embora. O imperador precisa de todos os seus momentos.

D. Pedro estendeu-lhe a mão. A favorita beijou-a com a mais brejeira gentileza. E saiu. Saiu, deixando no coração-borboleta do Imperador luminosa impressão de sedas e de jóias.

---

[22] Rocha Pombo, *História do Brasil*, pág. 869~ vol. VII.

Nessa noite, em São Cristóvão, houve conselho. O assunto a deliberar era dos mais graves. A situação, no momento, das mais críticas. Os ministros, ao penetrar no Salão dos Despachos, vinham sombrios e taciturnos. Tinham todos, a lhes sulcar a testa, fundo vinco de preocupação.

As oito, precisamente, o Ministério estava completo. O reposteiro verde, que caía sobre a porta do fundo, franziu-se de súbito: D. Pedro surgiu. Com uma solenidade que lhe era pouco habitual, assumiu, seco e ríspido, a presidência do Conselho.

— Meus senhores! A Constituinte deixou de ser a Assembléia dos representantes da Nação. E agora, na mão dos Andradas, um antro de facciosos. Uma casa de arruaceiros. Esses homens, depois de apeados do poder, só pensam em levar o país à desordem e ao terror. Sacrificam tudo, até o bem da Pátria, pela ambição política. Ora, para os grandes males, grandes remédios. Assim sendo, eu só vejo, para resolver a situação criada pelos deputados, este único alvitre: dissolver a Constituinte.

Os Ministros arrepiaram-se. Nenhum tugiu. A deliberação era de alta responsabilidade. E todos, no fundo do peito, sentiram bem o atrevimento e a gravidade da medida. Dissolver a Assembléia! Sufocar a mais velha aspiração dos brasileiros! Voltar, de novo ao regime absoluto! Dissolver a Assembléia... Oh, era seríssimo!

Mas Sua Majestade fingiu não compreender o silêncio de morte que caíra entre aqueles homens. Abriu a sua grande pasta de couro. Tirou de dentro um decreto já lavrado. E apresentando-o ao velho desembargador Tinoco, Ministro da Justiça, ordenou autoritariamente:

— Senhor Desembargador! Queira referendar, como Ministro da Justiça, o decreto da dissolução.

D. Pedro molhou a pena no tinteiro. Depois, com um gesto incisivo, gesto de mando, apresentou a pena ao Ministro. D. Pedro, aquele moo tão liberal e tão constitucional na aparência, era, no fundo, tão despótico e tão absoluto como a longa fieira dos seus avós.

Todos os olhares fixaram-se avidamente na pessoa veneranda de Sebastião Luís Tinoco. Uma angústia, um peso na consciência, uma repugnância, sufocava a todos. O Ministro da Justiça ouviu a ordem.

E ali, como um autômato, pegando na caneta, curvou-se sobre a mesa para referendar o decreto.

Súbito, no momento em que ia lançar a primeira letra do seu nome, violento assomo de revolta sacudiu-o. Arremessou a caneta ao chão. Resoluto e impávido, o velho exclamou com dignidade:

— Senhor, a pena treme! Não posso assinar este decreto![23]

[23] Rocha Pombo, *História do Brasil, v*o1. VII, pág. 868, nota 3. Memórias de Drumond, *op. clt.*

Foi um alívio! Um desabafo! Carneiro de Campos, Primeiro-Ministro, recobrou o animo. Levantando-se, com pausa e acerto, ousou ponderar várias coisas criteriosas. E terminou:

— Dissolver a Assembléia, Majestade, é voltar ao regime absoluto. É retrogradar. Ora, como Ministro do Império, eu acho essa medida um erro. Sou contra a medida.

João Vieira de Carvalho, Ministro da Guerra, levantou-se também. E singelo, sem oratória:

— Voto contra! O povo pediu a Constituição, foi-lhe prometida essa Constituição. Não se pode, portanto, faltar à palavra.

D. Pedro tornou-se sombrio. A sua vontade, o desejo que o acutilava, era o de esganar, ali, aqueles três homens. Impulsivo, com aquele seu despotismo ingênito, sem poder jamais tolerar, como nunca tolerou, que alguém se antepusesse à sua vontade, bradou, em pleno conselho, borrascosamente:

— Pois aqueles, dentre os senhores, que não estiverem de acordo com as minhas idéias, só têm um caminho a seguir. Um único e bem claro...

Os três ministros, diante da alusão, não hesitaram: todos os três, movidos pelo mesmo ímpeto, pediram imediatamente a demissão de suas pastas. Foi-lhes concedida ali mesmo, sem titubear.

E o Conselho de Ministros, a um gesto de D. Pedro, dissolveu-se, naquela noite, taciturnamente.

O Imperador fremia de cólera. Aquela recusa espetaculosa acirrou-lhe ainda mais o autoritarismo. Mas não se entibiou um minuto. Naquela mesma noite, em companhia do Chalaça, recompôs o Ministério:

— Primeiro-Ministro, o Paranaguá.
— Ótimo, bradava o Chalaça. Não pode ser melhor!
— Guerra, o Rio Comprido.
— Muito bem lembrado!
— Fazenda, o Maricá.

De repente, cruzando os braços, sem saber como resolver um grande embaraço:

— E Justiça, Chalaça? E Justiça? Quem me há de referendar o diabo deste decreto?

O Chalaça sorriu. Maldoso, com um clarão pérfido nos olhos:

— Vossa Majestade tem um homem a calhar.
— A calhar!
— Não atino...

O Chalaça então, com um gesto de triunfo, lembrou com ênfase:

— E o Ferreira França! É o candidato da Sra. D. Domitila.

— É verdade! Nem me lembrava mais... A Titília teve uma grande idéia! Vamos lá, Chalaça, corra a casa do homem.

E nessa mesma noite, horas mortas, o Desembargador Clemente Ferreira França referendava, como Ministro da Justiça, o decreto da dissolução...

A NOITE DA AGONIA

Abriu-se a Assembléia Constituinte. Antônio Carlos foi o primeiro a subir à tribuna. Calmo e rigoroso, fez o histórico dos acontecimentos. E propôs, ao terminar, que se mandasse uma deputação à Sua Majestade a fim de rogar ao governo que "comunicasse à Assembléia a razão daqueles estranhos movimentos militares".

Seguiram com a palavra, apoiando a idéia, vários deputados. O último a falar foi Martim Francisco. No momento em que o ex-Ministro discursava, chegou à mesa, com surpresa da Assembléia, inesperado ofício do Ministro do Império. O orador interrompeu o discurso.

O Secretário, em meio a pesado silêncio, lê o ofício: O Ministro, por ordem de Sua Majestade, comunicava à Constituinte que os oficiais do exército, queixando-se de insultos sofridos na sua honra, faziam sentir à Assembléia que não toleravam a falta de decoro com que a Augusta Pessoa do Imperador era tratada por "certos redatores de periódicos e seu incendiário partido".

Grande tumulto. Os oradores sucedem-se na tribuna. Discute-se violentamente o ofício. Às três da tarde, depois dos mais encarniçados debates, tomou-se afinal a deliberação de também oficiar ao governo. Redigiu-se a resposta. Era altiva e áspera. Dizia, secamente, que os deputados ignoravam quais eram os "insultos", quais eram os "redatores de periódicos", qual o "partido incendiário". Partiu às pressas um correio para São Cristóvão. E a Assembléia, reunida em sessão permanente, esperou...

Foi então que aqueles homens, naquele momento de angústia, deixaram na história belo exemplo de coragem. Que situação constrangedora! Dum lado o Imperador, com seus canhões, decidido a toda violência. Do outro lado um punhado de homens, sem uma arma, decididos a todo sacrifício. Por isso, aquela noite inteira, noite incerta, de inenarrável aflição, que a posteridade denominou, com tanta justeza, a *Noite da Agonia,* foi para todos os deputados, naquela cruel expectativa, um desfiar de alarmas e de sobressaltos.

Chegou, pela madrugada, a resposta do governo. Era de chocante rudeza. Clara e sem rodeios: os periódicos, de que se queixavam os militares, eram o "Tamoio" e o "Sentinela". Os redatores e chefes do partido incendiário eram o Sr. José Bonifácio de Andrada e Silva, o Sr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada e o Sr. Antônio Carlos Ribeiro Machado.

Ia rompendo o dia... Os partidários de José Bonifácio viram então, bem claro, a delicadeza da situação. Não se tratava mais do "caso Pamplona". O "caso Pamplona" era assunto morto. Agora só se tratava dos Andradas. O governo queria expulsá-los da Constituinte. Foi isto o que se deduziu da resposta. Foi isto o que o governo, logo depois, mandou dizer, oficialmente, no próprio recinto da Assembléia.

Mas os deputados resolveram não abandonar os Andradas. Sustentariam, custasse o que custasse, a causa do Patriarca. Nicolau Vergueiro, apesar da angústia da situação, sugeriu, e foi unanimemente aprovado, que a Assembléia, usando dos seus direitos, exigisse a vinda imediata do Ministro do Império à

Constituinte. Havia urgência de explicações verbais. Partiu, incontinenti, novo correio para São Cristóvão.

Às onze horas, no Terreiro do Paço, ecoa o estrépito de uma sege. O clarim reboa seco. A porta da Assembléia clama alguém com entono:

— O sr. Ministro do Império!

Francisco Vilela Barbosa, o futuro Marquês de Paranaguá, hirto e solene, com o seu fardão *bordeaux,* com o seu chapéu de bico, com sua espada dourada, penetra vistosamente na Assembléia. Um deputado, quebrando o silêncio, grita com ênfase:

— Aqui, na Assembléia, não há necessidade de espada! O Ministro que deixe fora a sua.

Mas Vilela Barbosa, sem se perturbar, sorridente e fino, respondeu com uma frase de efeito:

— Esta espada não é para ofender a augusta Assembléia: é para defender a minha Pátria! Posso, portanto, entrar com ela.

E Paranaguá, o homem que D. Pedro escolhera para presidir o gabinete, a figura mais em foco naquela tormenta agitada, dirigiu-se emproadamente à mesa do Presidente. Foi então, debaixo dum silêncio absoluto, que começou o interrogatório.

No entanto, minutos antes da chegada do Primeiro-Ministro, o porteiro da Assembléia aproximou-se discretamente do velho Andrada. E em voz baixa.

— Está uma pessoa do Paço em casa de Vossa Excelência. E quer falar-lhe em particular. E negócio urgente.

— Pessoa do Paço? Em minha casa?

E intrigado:

— Quem é que trouxe esse recado?

— O "Corta-Orelha".

José Bonifácio saiu imediatamente. Tomou a sua pobre sege de boléia. Mandou tocar às pressas para o Rocio.

Em casa, ao penetrar no seu gabinete, o Andrada não pôde reprimir um gesto de surpresa.

— Oh!

E que, diante do Patriarca, luminosa e clara, sorria a favorita de D. Pedro I.

— Vossa Senhoria, Sra. D. Domitila?

— Eu mesma; sr. Conselheiro! Mas não se assuste. Poucas palavras, bem rápidas, decidem o negócio que me traz à sua casa.

E D. Domitila de Castro, sem perda de tempo:

— Sr. Conselheiro: a sorte da Assembléia Constituinte está nas mãos de Vossa Excelência.

E fitando-o bem nos olhos, com desassombro:

— Se Vossa Excelência quiser salvá-la e, ao mesmo tempo, se quiser salvar os seus amigos e a si próprio, só há um caminho a seguir. Um só! E é este: fazer uma aliança comigo. Não quero, como brasileira, assistir a queda do partido de Vossa Excelência e a vitória do partido português. Por isso sou eu quem vem, espontaneamente, oferecer a minha aliança a Vossa Excelência. Aceite-a, Sr. José Bonifácio! E o quanto basta para que Vossa Excelência, de amanhã em diante, seja novamente o dominador do Brasil. Vamos, Conselheiro! Não hesite. Estenda-me a sua mão! E, com este gesto, faça triunfar a sua causa...

José Bonifácio ouviu, perplexo, a proposta da sua grande inimiga. Sabia perfeitamente, mais do que ninguém, que aquela coligação — a dele com a Domitila — seria a arma decisiva para esmagar os seus detratores políticos. Mas aquilo o repugnou. Era indigno dele. E desdenhoso, a fronte erguida, com os seus formosos cabelos brancos, o ancião respondeu sem hesitar:

— Vossa Senhoria enganou-se! Eu e os meus amigos defendemos uma causa sagrada. E a nossa causa, que é a causa do Brasil, não carece de auxílios "dessa" laia!

Por sua vez, fitando-a bem nos olhos, com esmagadora arrogância:

— Saiba Vossa Senhoria, Sra. D. Domitila, que eu prefiro, mil vezes, cair vencido e esmagado, a coligar-me com gente de sua igualha!

E bateu palmas. A favorita mordeu o lábio. O "Corta-Orelha", ao som das palmas, surgiu à porta. José Bonifácio ordenou, ríspido:

— Esta senhora quer se retirar. Vá acompanhá-la até a sege.

D. Domitila mediu o Patriarca de alto a baixo. Toda ela dardejava cólera. E exclamou, ameaçadora e terrível:

— Dentro de duas horas, sr. Conselheiro, Vossa Excelência saberá o quanto lhe vai custar o seu ultraje.

Com um meneio orgulhoso de cabeça, luminosa e clara, a favorita de D. Pedro, num farfalhar de sedas, partiu indignada a caminho de São Cristóvão.

Na Quinta, estava reunido o Conselho. O Marquês de Paranaguá, de volta da Constituinte, acabara de narrar ao Imperador, detalhadamente, tudo quanto se passara na Assembléia. E D. Pedro, cruzando os braços:

— Mas afinal, Sr. Vilela Barbosa, esses deputados não compreendem que eu quero a exclusão dos Andradas da Constituinte? Vossa Senhoria não disse as coisas claras? Bem claras?

— Disse, Majestade. Disse com todas as letras. Mas que quer Vossa Majestade? Os homens se fazem de desentendidos. Ou antes: os homens entendem tudo muito bem; mas o que querem é sustentar a causa dos Andradas!

— Nesse caso, meus senhores, só há um remédio: é assestar bocas-de-fogo contra o Terreiro do Paço e varrer à bala esses turrões. Não há outro caminho.

E a andar de um lado para outro:

— Não há outro caminho! É dissolver a Constituinte...

Caiu súbito silêncio. Dissolver a Constituinte! Ninguém ousava uma palavra. Nisto, abrindo a porta, surgiu em pleno Conselho a Sra. D. Domitila de Castro. Vinha opressa, muito pálida, trazendo na cintura um grande ramo de café. E enérgica, a voz vibrante, toda incitamento:

— Sr. D. Pedro! A Assembléia inteira foi arrastada por José Bonifácio. Todos os deputados estão contra Vossa Majestade. E preciso dissolver a Constituinte! E não há tempo a perder; é preciso dissolver aqueles arruaceiros antes que eles levantem o povo contra Vossa Majestade.

D. Pedro, diante daquela rajada impetuosa, sacudiu a hesitação que o perreava. Virou-se bruscamente para os circunstantes:

— Meus senhores! A cavalo e a postos!

Ergueram-se todos. Então, num gesto dramático, D. Domitila, arrancando da cintura o seu verdejante ramo de café, adornou com ele o chapéu do Imperador:

— Que seja este o emblema dos bons brasileiros! Que triunfe, com ele, a causa do Imperador[24].

D. Pedro, à frente dos canhões e da soldadesca, esporeando o seu enfunado ginete, partiu a caminho da Assembléia Constituinte.

Os deputados continuavam em sessão permanente. Esperavam o desfecho dos acontecimentos. A situação era dolorosa. Que fazer?

Eis que, em meio à ansiedade, ecoa súbito rufar de tambores. Partiu de todos os lados um grito só:

— Tropa!

Instantes após, sob o comando do Major Morais, o esquadrão de São Paulo, que o povo apelidara, chistosamente, o "esquadrão da Domitila", postava-se em frente à Constituinte. Os soldados estenderam-se em linha de combate. Os

[24] Memórias de Drumond. op. *cit.:* "O Imperador ornou o seu chapéu de um frondoso ramo de café. O mesmo fizeram os generais e oficiais. Aos soldados distribuiu-se, a cada um, um ramo das mesmas folhas para ornar a barretina. Era o emblema da vitória que iam alcançar. Vilela Barbosa, posto que não fosse militar, ornou o seu chapéu com um ramo. Até os criados do Paço ornaram-se com folhas de café, e a Domitila com um ramo exorbitante no peito".

artilheiros assestaram os seus canhões. E o Major Morais, com o seu ramo de café, galopou ufano para a Assembléia.

Martim Francisco estava com a palavra e exclamava:

"O *Sr. Martim Francisco:* Daqui só iremos, sr. Presidente, para onde a força armada nos mandar. O nosso lugar é este. E aqui que devemos deliberar.

O *Sr. Antônio Carlos:* Se nos for permitido deliberar..

O *Sr. Lopes da Gama:* Eu creio que nem podemos deliberar: estamos cercados.

O *sr. Presidente*: Enquanto estivermos cercados, seguramente não podemos deliberar..."

Foi quando Major Morais assomou à porta da Assembléia. Solene, empenachado, metido no seu uniforme de calção vermelho, passou às mãos do Secretário, que fora recebê-lo, o decreto de Sua Majestade. E ali, debaixo de um silêncio de morte, com todos os deputados de pé, como se compreendessem bem que estavam vivendo um notável momento histórico, o secretário leu, com pausa, gravemente este célebre

DECRETO: — Havendo Eu convocado, como tinha direito de convocar, a Assembléia-Geral e Legislativa a fim de salvar o Brasil dos perigos que lhe estavam iminentes e havendo dita Assembléia perjurado ao tão solene juramento que prestou à Nação, de defender a integridade do Imperador, sua independência, e minha dinastia: Hei por bem, como Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil, dissolver a mesma Assembléia...

Grosso sussurro de ironia perpassou pela Assembléia. Vários deputados pediram a palavra.

"O Sr. Alencar: Não sei para que pedir a palavra!

O Sr. Antônio Carlos: Nós já não temos mais o que fazer aqui..."

Então, diante das baionetas, debaixo daquela ostentosa coação, os deputados, um por um, começaram a abandonar o recinto. Os dois irmãos Andradas saíram juntos. Na rua, ao pisarem a calçada, o Major Morais deteve-os:

— Estão presos!

Antônio Carlos, ouvindo a ordem, virou-se para um formidável canhão, ameaçadoramente assestado contra a Assembléia, tirou o chapéu, e, com um gesto largo, saudou-o numa reverência:

— Respeito a Sua Majestade o Imperador!

Foram ambos detidos. Faltava, porém, José Bonifácio. O Major Morais, tornando-se para o oficial a seu lado, deu-lhe uma ordem enérgica. O oficial fez continência e partiu a galope.

Momentos depois, na sua pobre casa de moradia, o velho Andrada, o Patriarca da Independência do Brasil, era preso sumariamente.

Conduziram-no, como se fosse um criminoso qualquer, para a Fortaleza da Lage. Ai, numa enxovia imunda, sobre o roto pedaço de tapete, o nobre ancião, branco e venerando, dormiu a primeira noite da sua queda política. Os inimigos dele, que eram os triunfadores do dia, rejubilaram-se fragorosamente com esse feito. Mas a Pátria, a alma do Brasil, soluçante e desgrenhada, passou aquela noite inteira, junto ao cárcere do paulista, chorando essa ingratidão inominável.

A SENHORA VISCONDESSA

A chácara de Mataporcos, nessa noite, acendeu os fachos da alegria. O júbilo aí foi desbordante. D. Domitila delirava. Ria-se. Papagueava. D. Pedro, esquecido nos braços da mulher amada, pagava-se, com beijos, das canseiras da tarde. Ah, se houvesse vencido, à frente de canhões fumegantes, exércitos tremendos, Sua Majestade por certo não estaria mais radioso do que estava aquela noite, em que, simplesmente, havia destroçado e encarcerado três homens de ação e de talento. Mas não foi somente a queda dos Andradas que enchera de louca felicidade a chácara de Mataporcos. Houve mais. Para coroar a glória daquele dia, D. Pedro, alvissareiro, disse jovial mente à favorita:

— Tenho grande notícia para dar a vosmecê!

D. Domitila encarou-o com surpresa.

— Grande notícia?
— Adivinhe...

Que é que poderia ser? D. Domitila não atinava. D. Pedro, tomando-lhe ambas as mãos, murmurou:

— O Cônego Caetano.

D. Domitila apertou com violência as mãos do Imperador. E alvoroçada:

— Deu sentença no divórcio?
— Sim, senhora! Deu sentença.

E risonhamente.

— Favorável a vosmecê!
— Oh! exclamou D. Domitila, eis a mais bela notícia da noite!
— Hoje vosmecê é livre. O Cônego Caetano desatou o nó...

Radiosa, D. Domitila precipitou-se nos braços que o Imperador lhe abria.

— Oh, meu Amo e meu Senhor! Oh, meu adorado D. Pedro!

E foi um transbordar de carinhos.

Súbito, D. Domitila cessou de rir. E doce, veludosa, pôs maciamente a mão no ombro do Imperador:

— Eu tenho, também, um segredo para contar a Vossa Majestade. É um lindo segredo.

D. Pedro, desta vez, foi quem a encarou surpreendido. Um segredo? Que é que poderia ser? D. Domitila enlaçou-o com aqueles seus braços enfeitiçadores. E rente do Imperador, bem ao ouvido, sussurrou-lhe uma frase rápida. Uma frase só!

D. Pedro estremeceu. Os olhos faiscaram-lhe. Enternecido, num largo clarão de felicidade, indagou ansioso:

— Verdade? Vosmecê tem certeza?
— Absoluta!

D. Pedro apertou a favorita ao peito, apertou-a muito, aconchegadamente. Nisto, quebrando aquele enternecimento, surge a mucama da casa à porta e anuncia o Chalaça.

— Diabo, exclamou D. Pedro; o Chalaça? A estas horas?

O Chalaça entrou. Abancou-se. E foi logo dizendo ao que vinha:

— O Boaventura Delfim Pereira esteve no Paço à procura de Vossa Majestade[25]...
— O Boaventura?
— É verdade, Majestade. Veio a propósito dum caso curioso. imagine Vossa Majestade que o Alferes Felício.
— Quem? atalhou D. Domitila.
— O Felício Mendonça, respondeu o Chalaça, o antigo marido de Vossa Senhoria. O Felício, ao saber da sentença do divórcio, teve o descaro de mandar uma carta ao Boaventura. Uma carta malcriadíssima! Carta em que diz da Sra. D. Domitila tudo quanto lhe deu na telha de dizer. Encheu duas páginas de insultos. Eu nunca li tanto desaforo junto.

E passou às mãos do Imperador a carta dos desaforos. D. Pedro começou a ler. Era pavoroso! Tudo quanto se pode imaginar de mais ultrajante. Não havia adjetivo, por mais injurioso, que não estivesse ali, nu, com todas as letras. D. Pedro, à medida que lia, ia empalidecendo. Aquilo era duma audácia... D. Pedro não pôde reprimir o seu furor:

— Cão!

Amarrotou o papel com ira. E tornando-se para o Chalaça:

— Vamos!

Fora a noite está trovejante. Noite de breu. Nenhuma estrela.
Temporal iminente. D. Pedro, envolto na sua capa negra, seguido pelo
Chalaça, esporeou o cavalo e partiu desabalado. Mas não rumou para São Cristóvão. Debruçado na sela, a chicotear o animal, D. Pedro meteu-se a galope através da estrada do Periperi[26].
Eis que a chuva desandou pesada, encharcadora. Mas D. Pedro, indiferente àquela caudal, continuou a disparar pelo caminho trevoso. Foi uma corrida desassisada. Afinal, sob a água, debaixo do estrondear ziguezagueante do céu,

[25] Boaventura Delfim Pereira, cunhado de D. Domitila, Superintendente Geral das Quintas e Fazendas Imperiais, futuro Bano de Sorocaba.

[26] Uma das feitorias imperiais, de que Felício Mendonça havia sido nomeado feitor.

chegaram os cavaleiros ao Periperi. Grande alarma. Os escravos, com tochas na mão, acorreram pasmados. Quem seria o doido que aportava assim, àquela hora, de modo tão estranho, à feitoria? Um dos viajantes, rude e autoritário, disse apenas:

— Vão chamar o feitor.

Felício Mendonça acordou estremunhado. Levantou-se dum salto. Quê? Gente na feitoria? Com um temporal daqueles? E correu a ver quem era. No pátio, o feitor deparou com um vulto estranho, alto, envolto numa capa negra, gotejante. Os dois homens, à luz avermelhada das tochas, entreolharam-se frente a frente. O vulto negro, arrancando a capa, desembuçou-se de golpe. Felício Mendonça recuou, transido. Os olhos saltavam-lhe das órbitas.

— Vossa Majestade?

D. Pedro, sem dizer palavra, meteu-lhe uma bofetada em plena cara. Uma bofetada só! Mas brutal, arrasadora. Felício Mendonça rolou no chão. E D. Pedro, embuçando-se rápido na sua capa negra, pulou para riba do cavalo. O Chalaça seguiu-o. E ambos, como sombras, tocaram de novo a caminho de São Cristóvão[27]. Raiava já o dia quando saltaram ambos na Quinta da Boa Vista. Antes de se recolher, o Imperador chamou o valido e determinou-lhe estas grandes coisas:

— Eu quero que a Titília, no próximo sábado, seja recebida no Paço como Primeira Dama. E quero que seja recebida com todas as honras. Portanto, você providencie tudo.

— Fique tranqüilo, Majestade. Providenciarei tudo para sábado. A Sra. D. Domitila será recebida com todas as honras.

— Não é só isso, continuou o Imperador. Há mais ainda: você vá imediatamente ao Ministro do Império, de minha parte, e diga que lavre um decreto nomeando a Titília Viscondessa.

O Chalaça fez um gesto de espanto:

— Viscondessa?

— Viscondessa, sim senhor!

D. Pedro pôs a mão sobre o ombro do valido. E como a explicar tão estrondosa mercê:

— E ainda é pouco, Chalaça! Ainda é muito pouco para quem vai ser, dentro em breve, a mãe dum filho do Imperador.

Mãe! D. Domitila ia ser mãe? O valido não achava palavras para responder. E D. Pedro:

— Quero que a Titília seja Viscondessa. Viscondessa de Santos... Ouviu bem? Viscondessa da Pátria dos Andradas!

---

[27] Esta curiosa aventura, foi narrada pelo Barão de Mareschal a Metternich, Chanceler da Áustria, no ofício de 24 de outubro de 1825.

E rindo um riso chocarreiro:

— É só para moer José Bonifácio.

Viscondessa de Santos! A mercê estourou como um petardo. A Corte ouriçou-se toda. Ferveram comentários. Não se bisbilhotava sobre outra coisa. Não se discutia outra coisa. Foi um rebuliço. Toda a gente quis ir ao Paço assistir à recepção da paulista. Toda gente quis bem de perto, o dia triunfal da Senhora Viscondessa! E o dia chegou...

É sábado. Oito horas da noite. Fora, na Quinta da Boa Vista, o pátio está coalhado de seges. A do Sr. Visconde do Rio Seco, que é riquíssimo, traz o brasão de armas gravado em ouro e cravejado de pedras. A do Sr. Conde de Palma, aquele que serviu de condestável na Coroação, tem uma soberba parelha de alazães puro-sangue. A envidraçada, com o boleeiro fardado de azul, é da Sra. Condessa de Belmonte. Os trintanários de Pedro Dias Pais Leme, Barão de São João Marcos, trazem na libré o escudo do amo com os cinco melros negros. Lá está a caleça dourada dos Barões de Santo Amaro. D. Ana Romana de Aragão Calmon, a fidalguíssima Condessa de Itagipe, veio numa linda cadeirinha de entalhe. Só há um coche, o solene, puxado por quatro machos: é de *Sir* Chamberlain, embaixador inglês.

Dentro, no Paço, os criados de serviço, uniformizados de grande gala, com os canhões e as golas recamados de bordaduras, boldrié de cinto, espadim ao lado, e os nove botões de prata gravados com a Coroa Imperial, perfilam-se cintilantes ao longo das escadarias. Há, por tudo, largo faiscar de candelabros acesos. Vistosa ostentação de panos e de tapeçarias. Pelos salões, onde as casacas de riço verde se entrecruzam com os uniformes de canutilhos dourados, burburinham as senhoras fidalgas. A Sra. Marquesa de Aguiar, Camareira-Mor, farfalhante de sedas, cintila de pedrarias. A velha Baronesa de Itanhaem, cabelos brancos, vestido de gorgorão negro, abana-se com o seu vasto leque de plumas. A Sra. Marquesa de Paranaguá, Dama da Imperatriz, tem no pescoço a mais bela gargantilha de diamantes que já viu a Corte. D. Maria Benedita Delfim Pereira, a futura Baronesa de Sorocaba, passa numa névoa de escumilhas e de rendas. D. Mariana Laurentina da Silva e Souza Veloso de Barbuda, Marquesa de Jacarepaguá, exibe um magnífico vestido *Império,* muito berrante, chegado de França pela última corveta.

A Imperatriz, muito tisnada de sol, traz nos cabelos, penteados à austríaca, enorme trepa-moleque de rubis. Sua Majestade ri-se. Conversa festivamente com as Damas de Honra. E todo mundo repara com pasmo o bom humor da Sra. D. Leopoldina.

Sussurram cochichos. Há zunzuns maldosos pelos grupos. O assunto único é o escândalo da noite. Toda a gente está assombrada. Mas alfineta a todos beliscante curiosidade por assistir à cena que se vai desenrolar.

Eis que, erguendo o reposteiro, Valentim Faria de Sousa Lobato, Porteiro da Imperial Câmara, anuncia com entono:

— A Sra. Viscondessa de Santos!

Tomba um silêncio de morte. Corre súbito calefrio pela sala. Os olhares cravam-se na entrada. E então, diante da bisbilhotice devorante da Corte, surge a Sra. Viscondessa de Santos. Vem de branco, maravilhosa e deslumbradora. Adorna-lhe a fronte atrevido diadema de pedrarias. Faísca-lhe ao colo, ousado e chocante, o

seu grande colar de ametistas com a efígie de D. Pedro. Tomba-lhe do vestido, roçagante e majestosa, longa cauda de seda.

É o grande momento. D. Pedro devia conduzi-la até o salão onde estava a Imperatriz. Mas não teve ânimo. Pálido, a voz sumida, o Bragança vira-se discretamente para D. Francisca Castelo Branco.

— Minha boa Francisca! Apresente a Viscondessa à Imperatriz.

D. Francisca levanta-se amavelmente. E a sorrir, com a mais graciosa reverência, aponta, com um gesto polido, o salão em que estava D. Leopoldina:

— É por aqui, Sra. Viscondessa.

D. Pedro, os nervos sacudidos, trêmulo, avança até o varandim do salão. Tem necessidade de respirar. E encostado à balaustrada vibrante, a alma opressa, Sua Majestade solta o olhar pelo parque afora...

Ah! se o seu olhar pudesse lobrigar o que se passava ao longe, lá, muito ao longe, no fundo do horizonte, Sua Majestade haveria de ver, sobre as águas solitárias do Atlântico, a massa negra e confusa dum brigue que deixava a barra. Era o "Lucônia". Dentro dele, junto à amurada, D. Pedro haveria também de ver a sombra indecisa de um velho, dum velho muito branco e muito venerando, que, com os olhos cheios de lágrimas, contemplava doridamente as serras do Brasil que se iam esfumando na distância.

Era José Bonifácio que partia para o exílio.

A VIAGEM À BAHIA

As coisas públicas andavam tumultuosas. A dissolução da Assembléia Constituinte tivera sangrenta repercussão. O Norte, de armas em punho, protestou contra aquela violência ditatorial. Estourou por lá a "Confederação do Equador". O General Lima e Silva, para sufocá-la, inundou de sangue as Províncias coligadas. D. Pedro foi inexorável. Não teve um gesto de demência. Os cabeças do movimento, desde o pobre Frei Caneca até o mísero Ratcliff, todos estrebucharam na forca. E mal ia amortecendo aquela onda revolucionária, já o Sul, de bandeira desfraldada, rebelava-se também contra D. Pedro. Arrebentou a Guerra Cisplatina.

Nisto, em meio a tais efervescências, desencadearam-se na Corte boatos alarmantes sobre a Bahia. As últimas notícias vindas de Portugal fizeram referver as velhas dissenções entre brasileiros e portugueses. Temia-se, a qualquer instante, o estrondar de nova bernarda. D. Pedro, ao ter conhecimento da borrasca iminente, resolveu embarcar-se de pronto para a poderosa Província. Uma proclamação rápida, alinhavada às pressas, anunciou à Nação a viagem de Suas Majestades Imperiais. Partiria também, com os soberanos, a sereníssima Princesa D. Maria da Glória. E a notícia de que a própria Imperatriz D. Leopoldina, que jamais houvera antes visitado uma Província, iria desta vez com o Augusto Esposo, mostrava bem alto a honra e a atenção com que se pretendia frisantemente distinguir a Bahia.

Foi por isso que o porto do Rio de Janeiro, de um dia para outro, viu esfervilhar dentro dele atordoante lufa-lufa. Formigueiros de gente atropelavam-se pela praia no afã de atulhar de pompas e magnificência a aparatosa travessia dos dois Monarcas americanos. Principiaram, na velha nau "D. Pedro I", imensos arranjos e consertos. Eram carpinteiros que levantavam tabiques às carreiras.

Pintores que refaziam as tintas desbotadas dos beliches. Decoradores que colgavam telas às paredes. Tapeceiros que acolchoavam a nau de panos raros e veludos de preço. Dos dois Paços, tanto do Paço da Cidade como do Paço de São Cristóvão, chegavam a todo instante corroçadas de enfeites e de alfaias. Eram reposteiros, brocados, colchas da Índia, candelabros de prata, cristais, baixelas, toda uma requintada profusão de luxo e de conforto.

Enquanto, com esse férvidos trabalhos, a desmantelada nau ia se alindando com brilho, cá fora, pelos ângulos da Corte, ia esta borbulhante curiosidade: quais seriam os camaristas do Imperador? E as camareiras da Imperatriz? E as damas da Princesa? E os guarda-roupas? E o veador? E as açafatas? Era um conjeturar mil coisas. No entanto, como bem se avalia, o que mais fundamente espicaçava a bisbilhotice dos palacianos era isto:

— A Viscondessa de Santos irá?

Ninguém sabia. O único acontecimento certo, o que ninguém ignorava, era que o Embaixador Extraordinário da Inglaterra, *Sir* Charles Stuart, que Canning enviara ao Brasil para negociar o reconhecimento da Independência, mandara já embandeirar a sua fragata e, com toda a legação, preparava-se para acompanhar Suas Majestades às terras do Norte. O que ainda se sabia, e até já andava publicado, era que a Legação da França, para também solenizar aquela reboante visita, mandara, por seu turno, aprestar a fragata "Arethuse", a fim de partir para a Bahia na larga esteira dos Imperadores. Não se podia imaginar, portanto, séquito mais imponente e mais vistoso: a Inglaterra e a França a comboiarem a nau imperial!

Mas era só. Tudo mais boatos e suposições. Por isso, de boca em boca, ansiosamente bailava esta pergunta:

— A Viscondessa irá?

Mareschal, ao saber da súbita viagem, correra à casa de Paranaguá. O austríaco e o Ministro, por esse tempo, andavam amigos íntimos. Nada mais explicável do que essa camaradagem. Paranaguá, no Ministério, mais de uma vez opusera-se tenazmente a certos pedidos da Sra. Viscondessa. Fora o bastante — está visto! — para incorrer nas iras da onipotente senhora: era tido e havido como declarado inimigo político de D. Domitila. Mareschal, esse publicamente e ostensivamente, fazia alarde da sua repugnância à favorita. Amigo fidelíssimo de D. Leopoldina, o austríaco, aproveitando-se da sua posição de enviado especial de Francisco Leopoldo, declarara guerra aberta à nova Pompadour chegada de São Paulo. Essa malquerença à paulista, tão inoportuna, apertara a amizade dos dois homens.

Mareschal embarafustou-se pelo gabinete do Ministro:

— E a Viscondessa, meu caro Marquês? A Viscondessa irá?

Paranaguá abriu os braços num gesto de desconsolo:

— É exatamente nisso que eu estava a imaginar, Barão! Será que D. Pedro vai ter a coragem de levá-la?

— Coragem? bradava Mareschal! Afronta! Diga afronta, Marquês! Porque afinal, vamos lá, não pode haver nada mais injurioso para a Sra. D. Leopoldina!

Paranaguá sorria. E, como Ministro experimentado, Ministro que conhecia bem as maluquices do seu Imperador, comentava com amargor:

— Seria, realmente, dum descaro! Mas que quer, Barão? D. Pedro enlouqueceu. A paixão cegou-o. Vossa Excelência não viu o negócio do palacete? Haverá coisa mais despropositada? Mandar construir um palacete para a amante, em São Cristóvão, bem em frente ao Paço! Debaixo dos olhos da mulher! Aquilo é de arrepiar...

E Mareschal:

— Mas que D. Pedro construa o palacete, vá! Que eleve o Boaventura a Comendador do Império, vá! Que faça do Cônego Caetano um senador; que arranje o bispado para D. Romualdo; que nomeie o Magessi Presidente da Cisplatina, vá! Tudo ainda passa. Mas levar a amante ao Norte, levar a amante ao lado da mulher e da filha, isso não! Isso é demais!

Paranaguá concordava. Era, de fato, revoltante. Não podia haver escândalo maior nem mais acintoso. E o velho Marquês, meneando a cabeça, rematou com uns restos de esperança:

— Mas D. Pedro talvez não a leve. É muita audácia. E tudo, na vida, tem limite.

Mas a verdade é que ninguém sabia ao certo. Todos os da Corte, até os que privavam de perto com D. Pedro, julgavam também que, ao menos desta vez, Sua Majestade não tivesse o despejado arrojo de exibir aos baianos, ao lado da mulher e da filha, aquela comprometedora dama, de tão malquista nomeada, que o Brasil inteiro, revoltado, apontava como a favorita do Imperador. Mas a ilusão durou pouco.

Em breve, pelo Paço, divulgou-se a lista dos que receberam a cobiçada mercê de partir com os Imperadores. Pouca gente, sim; mas todos fidalgos do melhor estofo. Ao serviço da imperatriz, entraram apenas três senhoras: para Primeira Dama (oh!) a Sra. Viscondessa de Santos; para Dama efetiva, a Sra. Viscondessa de Itaguaí; e para Dama honorária a Sra. Condessa de Lorena. Veador: Francisco Martins Teles. Ao serviço da Princesa entrou apenas uma dama: A Sra. Baronesa de Itapagipe. O serviço do Imperador, porém, fora um pouco mais extenso. Camaristas: o Marquês de Cantagalo, o Visconde de Lorena, o Barão do Rio Pardo e José Saldanha da Gama.

Um dia, enfim, com a nau "D. Pedro I" transformada em ninho de luxo, verdadeira maravilha de graça, toda aquela Corte, garrida e barulhenta, embarcou-se alvoroçadamente para a reboante viagem da Bahia. O grave Barão de Souzel, Comandante da esquadra, uniformizado de branco, recebeu Suas Majestades no portaló: depois, com um gesto, ordenou ao Capitão Bibiano que largasse. E os dois Imperadores, e a Princesinha, e os fidalgos de serviço, e os convidado — mais de trezentos tripulantes afora a maruja! — tudo isso, debaixo das salvas estourantes das fortalezas, largou emproadamente a barra do Rio de Janeiro. A nau "D. Pedro I" rompia a marcha; a "Niterói" e a "Ipiranga" seguiam-lhe ao encalço. E as fragatas das embaixadas, com os pavilhões a panejar ao vento, lá se iam também, balouçantes e donairosas, na espumarada do cortejo magnífico.

A vida de bordo correra branda e fácil. Cordialidade urbana e distinta entrelaçada a todos. Era um cavaquear afável, um discreto cortejar às damas, um intérmino banquetear-se ao som enlanguescente das músicas.

A Imperatriz nunca descia para comer. Na mesa imperial, florida como um jardim, D. Pedro sentava-se à cabeceira. Tinha, à direita, a Princesa D. Maria da Glória. À esquerda, a Sra. Viscondessa de Santos.

Os demais sentavam-se indistintamente. O Imperador era servido pelo seu camarista e guarda-roupa particular. A Princesa D. Maria da Glória, pelo veador da Imperatriz. As senhoras, pelos moços da mantearia. Os guarda-roupas eram os que passavam as iguarias às camareiras. Mas isto o faziam por gentileza e não por obrigação. O Imperador, por um requinte de amabilidade, trinchava para oferecer às damas[28]...

Era linda a camaradagem que se estabelecera a bordo. D. Leopoldina, à hora cálida, sentada debaixo do toldo, no tombadilho, cercada das suas camareiras e damas, deliciava-se em jogar gamão com D. Francisca de Castelo Branco. E que urbanidade! Que rir e que folgar!

D. Pedro, por seu turno, despeado de protocolos, jovialíssimo, tratava a todos com encantadora afetuosidade. E por uma simpatia particular, que dava na vista, Sua Majestade não largava um momento do Visconde de Barbacena. Mal saía do beliche, cedo, já o Imperador indagava de Caldeira Brant:

— Chalaça, onde está o Barbacena? Vá buscar o Barbacena.

D. Domitila, de seu lado, soubera ganhar, com habilidade, a estima ingênua de D. Maria da Glória, a doce princesinha de sete anos. E de braços dados com ela, indo e vindo, passeavam ambas pela ponte, numa estreita cordialidade, a rir como duas íntimas amigas. Era chocante.

A favorita tornara-se, decisivamente, a mulher suprema do Império. Era a Pompadour do Brasil. Não havia cabeça, por mais alta, que não se curvasse ante o seu prestígio. A Imperatriz, a pobre D. Leopoldina, lá no toldo, debruçada sobre o tabuleiro de gamão, nem sonhava o que ia de cortejos e mesuras à afortunada paulista!

Os camaristas bajulavam-na despejadamente. As damas sorriam-lhe com rastejante afabilidade. Os lacaios corriam risonhos para servi-la. O Chalaça incensava-a com cínico descaro. E o Moraizinho, que fora propositadamente destacado para a nau 'D. Pedro I", não se despregava dela, escudeiro esbelto e louro, a segui-la por todo o lado com uns olhos muito lânguidos e muito compridos.

A viagem foi encantadora. Tudo mar de rosas. Por isso, quando a nau ancorou na baía crespa de São Salvador, marchetada de vela brancas, todos os tripulantes palravam entusiasticamente da travessia:

— Que viagem!
— Dias incomparáveis!

O Visconde de Queluz, Presidente da Província, viera a bordo para receber os Augustos Hóspedes. D. Pedro e D. Leopoldina, com a Princesinha ao lado, já haviam descido dos beliches a fim de tomarem a galeota imperial que os esperava.

---

[28] Melo Morais, *Crônicas Gerais*.

Mas D. Pedro antes de largar, corria os olhos pelos companheiros. E diante de todos, com um sangue-frio pasmoso, indagava naturalmente:

— E a Viscondessa? Onde está a Viscondessa?

O Chalaça correu à cata da Viscondessa. D. Domitila surgiu. Vinha, deliciosa e fresca, com um moderníssimo vestido de linho claro. Trazia uma rosa encarnada florindo-lhe na cinta. E a sorrir, borboleteante, debaixo do olhar devorador de toda a nau, saltou gloriosamente para a galeota imperial, onde D. Pedro a reclamava.

NO ALTO MAR

São Salvador, até aquele momento, ainda não havia assistido a regozijos públicos como aqueles. Nem a chegada de D. João VI, que fora recebido com pompas retumbantes, provocara entusiasmo tão fremente como o com que os baianos acolheram os Imperadores. Foi uma apoteose. Tudo embandeirado! Tudo enguirlandado! Tudo recamado de flores! Eram arcos de Triunfo, dísticos laudatórios, coretos, a cada canto, colchas de damasco a despencarem das varandas, ondear de flâmulas e de bandeiretas, e, redourando tudo, uma alegria larga, ruidosa, esparramada pela cidade em festa.

A galeota ancorou debaixo de ensurdecedores estrondos de morteiros. Suas Majestades saltaram no Arsenal de Marinha. O Senado da Câmara, com o estandarte, balouçando ao vento, esperava reverente os imperiais visitantes. O Presidente entregou ao Imperador, solenemente, as chaves da cidade. E D. Pedro, entrando debaixo do pálio, cujos varais os vereadores carregavam, lá foi cintilando de grã-cruzes, pela ladeira da *Preguiça* acima, ao som reboante das charangas, sob larga chuva de rosas que tombavam das sacadas.

Imperatriz D. Leopoldina partiu, carregada por escravos, numa cadeirinha de talha dourada, riquíssima, acolchoada de brocado cor-de-rosa. A Princesinha D. Maria da Glória, mui donairosa e taful, lá *foi* também em outra cadeirinha, estofada de branco, linda como um andor.

Os baianos agasalharam os Monarcas com requintes de fidalguia. Os aposentos da Imperatriz foram lindamente preparados na Relação. Os da Princesa, no Passadiço. Os do Imperador, rasgados e solenes, ficavam no próprio Paço.

Mas a maravilha, a obra-prima, eram as opulentas instalações da Sra. Viscondessa de Santos. Os aposentos da paulista, também no Paço, ocupavam um andar inteiro. E era de vê-los. O salão, nobre e largo, mobiliado com magnificência, era todo de jacarandá trabalhado. O quarto de dormir, recoberto de tapeçarias de preço, tinha coisas deslumbradoras: cama riquíssima, cortinado de rendas, colchas da Índia, cortinas de seda, finíssimas cambraias bordadas, toucador sortido de todos os enfeites. E não era só. Havia ainda sala de jantar, quartos para seu irmão, quartos para seus apaniguados, quartos para suas criadas. Não se podia imaginar, para vencer o coração do Imperador, gentileza mais inteligente.

No dia seguinte à chegada, logo pela manhã, estacou em frente ao pórtico do Paço um elegantíssimo coche. Vinha tirado por quatro machos, fogosos e soberbos, cobertos de manta de veludo carmesim, bordada a ouro. O fraco de D. Pedro era guiar. E Sua Majestade, a fim de conhecer São Salvador, quis ele próprio, naquela manhã, sair guiando a carruagem.

Era o seu primeiro passeio. O povo apinhou-se em frente ao Paço. Todos queriam ver a D. Pedro I. Todos queriam ver o glorioso fundador do Império!

Sua Majestade pulou agilmente para a boléia do coche. E então, sem pesar conveniências, afrontando severos preconceitos da Província, D. Pedro, com a linda Viscondessa de Santos a seu lado, lá partiu pela cidade afora, risonho e triunfante, a ostentar, ante os olhos estatelados dos baianos, a despudorada felicidade daquele amor. O povo, que enxameava na Praça, ao vê-lo romper, moço e belo, estalando airosamente o chicote, prorrompeu em aclamações entusiásticas:

— Viva D. Pedro!

Lá de cima, do alto da janela, ao contemplar Sua Majestade que ali partia, vitoriado, levando a amante sob os aplausos da turba, o Visconde de Barbacena que conversava com o Visconde de Queluz, meneou a cabeça com tristeza:

— Ora, veja aquilo, meu caro João Severino! Veja aquilo... E diga-me um pouco se isto não é um País perdido!

Noite. Mar alto. Luar suave... A nau "D. Pedro I" singra as vagas espumarentas do Atlântico. Luzes retardatárias, alanternando os óculos dos beliches, pontilham de vermelho a imensidade que ruge A Bahia estourante de festejos, ficou lá, muito longe, aninhada no cocuruto do morro, olhando o sinuoso do seu recôncavo azul engaivotado de velas brancas.

E a nau desliza. Há um silêncio profundo a bordo. Todos os passageiros recolhidos. O guarda-roupa de serviço, Pedro de Castro Canto e Melo, irmão de D. Domitila, cabeceia de sono no camarim vazio do Imperador. No convés, porém, sobre a maca de palhinha, recoberta de almofadões de veludo, conversam dois vultos solitários. Quem será esse par de românticos que lá vai, tão aconchegado, sob o luar dormente, num idílio de noivos em lua-de-mel? Não é difícil de adivinhar. E D. Pedro e D. Domitila. Ambos, diante daquelas águas imensas, onde branqueja e espumarada corcoveante das vagas, lá se vão, numa intimidade enlanguescente, a evocar os dias luminosos da Bahia, tão belos e tão bem vividos. E que relembrar delicioso... Era o beija-mão, em que a pequenina Maria da Glória deslumbrara, com seu vestidinho de boneca, tufado como os das grandes damas. Era o espetáculo de gala, no teatro abarrotado de gente, onde esplendera cintilando de jóias, o colo magnífico da Viscondessa de Queluz. Era o baile, o grande baile oferecido à Corte, em que o Visconde de Barbacena dançara a quadrilha com a Sra. de Itapagipe.

— Ah, exclamou D. Pedro, ao ouvir o nome do Barbacena. Resolvi mandar o Barbacena para o Sul. Vai como generalíssimo das tropas.

— Que milagre! retorquiu, a sorrir, D. Domitila. Como foi que Vossa Majestade se lembrou do Barbacena?

— Milagre? Mas o Barbacena é tão meu amigo!

— Por isso mesmo...

Habilidosa, a paulista enveredou a conversa para um assunto grave. O assunto máximo da sua vida.

— Por isso mesmo... Vossa Majestade lembra-se pouco dos amigos! E não apenas dos amigos: Vossa Majestade lembra-se pouco, muito pouco, daqueles que deviam ser caros ao coração de Vossa Majestade.

D. Pedro pôs-se a rir. Os amuos da Viscondessa eram sempre muito saborosos.

— Meu Deus! Que é que está vosmecê aí a dizer?

— Peço que Vossa Majestade não graceje, retorquiu D. Domitila, tornada séria. Digo e repito: Vossa Majestade lembra-se pouco dos que deviam ser caros ao coração de Vossa Majestade.

— Vosmecê me espanta, querida Titília! Diga lá, duma vez, que é que vosmecê quer dizer com isso?

D. Domitila, sob a claridade da lua, olhou fixamente nos olhos de D. Pedro. Meditou um instante. E logo após, já arrependida:

— Não vale a pena dizer! É um caso meu. Não falemos mais nisso. É uma bobice...

E apontando o fundo do horizonte, donde surgia uma grande lua redonda, D. Domitila mudou bruscamente de assunto:

— Repare Vossa Majestade a lua! Lá vem ela subindo.

Mas D. Pedro, já agora curioso, enlaçou-a carinhosamente:

— Venha cá, minha briguenta! Não gosto de ver vosmecê com esses modos... Vamos lá: diga o que vosmecê está querendo.

— Não vale a pena! Foi uma bobice minha. Não se fala mais nisso. Acabou-se!

— Não seja caprichosa, prosseguiu D. Pedro, insistente. Diga lá, por quem é que vosmecê quer que eu me interesse? Vamos! Diga...

— Vossa Majestade quer realmente saber?

— Mas se estou a pedir a vosmecê...

E então, macia e súplice, juntando as mãos, a Viscondessa exclamou:

— Pela nossa filha!

D. Pedro ficou pasmo. E D. Domitila:

— Pela nossa filha, sim! Pela nossa filhinha! Pela Isabel Maria...

— Mas vosmecê fala sério? bradou enfim D. Pedro. Que mais posso eu fazer pela nossa filha? Vosmecê bem sabe como eu a quero! A Bela é a minha paixão. Não pode haver pai mais extremoso...

A Viscondessa cortou-lhe a frase. E rude, com um gesto forte:

— Vossa Majestade está enganado! A nossa filha não tem pai...

— Mas vosmecê enlouqueceu, Titília! Que despropósito é esse?

— Torno a dizer, Majestade, esta dura verdade: a nossa filha não tem pai! Sim, a Bela será sempre, aos olhos do mundo, uma filha de *pais incógnitos.* E como ficou escrito no assento do vigário. Filha de *pais incógnitos!*

D. Pedro ergueu-se da maca. Estava nervoso. Aquelas palavras doeram-lhe o coração. Mas D. Domitila, que jogava a sua grande cartada, prosseguiu certeira, cheia de veneno, ferindo a tecla dolorida:

— Todos podem usar o nome de seus pais. Todos! Mas a pobrezinha não. Nunca usará. E por quê? Porque nasceu filha de D. Pedro I! Por esse crime, é necessário esconder o nome do pai. Pois como pode o Imperador dizer que a filha é sua? Impossível! Seria um escândalo...

E dolorosa, com pungente ironia, mãe que pula rugindo em prol do filho:

— Escândalo! Escândalo! Ah, como se fosse escândalo, como se fosse nódoa, vir um pai a público e confessar como é do seu dever:
— Esta é minha filha! E meu sangue! E minha carne!

D. Pedro ouvia aquele desabafo. E, pai amorosíssimo, tocado pela quentura daquelas frases:

— Vosmecê talvez tenha razão, minha Titília! É uma injustiça. Injustiça que também me repugna a mim. Mas que se há de fazer?
— Que se há de fazer? Uma coisa só: mandar reformar o assento da paróquia. Nem há outro caminho para um homem de coração.
— Não é tão fácil assim. Ao contrário! É coisa muito melindrosa! Como se há de modificar o assento da paróquia?
— Não há nada mais simples: hasta uma palavra ao Bispo. Uma palavra de Vossa Majestade, uma só, e o assento se modificará.

Terníssima, numa súplica irresistível, D. Domitila, com veludo na voz, pôs-se a bombardear o coração de D. Pedro:

— Seja meu amigo, Majestade. Salve a nossa filhinha! Dê-me esse gosto! É a minha aspiração! O meu sonho! Seja meu amigo...

Como resistir? A súplica era tão sentida! A voz tão embriagante! D. Pedro não se conteve. E num dos seus arrebatamentos de impulsivo:

— Fique sossegada, minha Titília: a Isabel Maria será reconhecida, publicamente, como filha do Imperador!

D. Domitila ouviu a promessa. Entrou-lhe pela alma uma alegria candente. E a Viscondessa de Castro, num assomo de júbilo, saltou ao pescoço de D. Pedro. E ali, sob o luar, diante da imensidade rugidora, a amante colocou à boca do amante um desses beijos longos, eternos, um desses beijos de sorver a alma e de sugar a vida! Nisto, um grito lancinante, grito selvagem, saído bruto da alma, cortou de súbito o silêncio:

— Oh!

Ambos desenlaçaram-se bruscamente. E trêmulos, agoniados, os dois amantes defrontaram ali, de pé, no tombadilho, banhada por um clarão de luar, com

a figura revolta de D. Leopoldina. A Imperatriz, fremindo, o olhar em fogo, contemplava aquela cena brutal, apunhalante, que ali topara de chofre, por acaso.

Mas logo, recobrando-se, com esmagadora serenidade, Sua Majestade, sem pronunciar palavra, imperatriz e não mulher, rumou orgulhosamente à solidão do seu beliche. Aí entre aquelas alcatifas, sozinha, o coração sangrando, fundo despeito roendo-lhe a vaidade, a pobre D. Leopoldina, chorando aos borbotões, lançou-se desgrenhadamente sobre os almofadões do seu leito vazio.

Desde esse dia, durante todo o resto da viagem, a Imperatriz enclausurou-se no seu apartamento. E nunca mais, até que a nau ancorasse no Rio, nunca mais Sua Majestade apareceu na ponte, debaixo do toldo, para jogar o seu gamão.

PROMESSA É DIVIDA

Francisco Pedro do Amaral, o "Chico Amaral", famoso pintor dos Palácios Imperiais, despediu-se da Sra. Viscondessa[29]. E de pé, chapéu na mão:

— Pois é como eu digo, Sra. Viscondessa. O palacete está acabado. Uns retoquezinhos sem importância, uns acabamentos aqui e ali, e Vossa Excelência poderá inaugurá-lo. Ah, ficou magnífico. Creia, Sra. Viscondessa, que a casa do negociante Harrison, no Botafogo, não se compara, nem de leve, com a moradia de Vossa Excelência. O Sr. Montigny, que é arquiteto do Imperador, afirma a toda gente que o palacete de Vossa Excelência é o mais bonito da Corte!

— Pois eu fico muito contente em saber a opinião do Sr. Montigny, retorquiu a Viscondessa.

— A do Sr. Montigny e a de todos os artistas do Rio. Vossa Excelência pode inaugurar sem medo o seu palacete. E olhe, Sra. Viscondessa: a inauguração é uma das coisas mais esperadas da cidade. Anda uma ânsia por aí! Todo o mundo já está se preparando para a festa...

D. Domitila sorriu. E estendendo a mão ao pintor:

— Pois ainda hoje, como combinamos, irei até a Rua Nova. Quero ver o que falta para essa tão falada inauguração.

— Lá estarei à espera de Vossa Excelência!

Francisco Amaral partiu. Mal virou as costas, o Chalaça, com ruidosa jovialidade, penetrou no gabinete de D. Domitila. E com gestos desabalados:

— Grande notícia, Sra. Viscondessa! Grande e ótima notícia!

— Jesus! exclamou D. Domitila. Que haverá de tão bom?

— Saiba Vossa Excelência disto: o Sr. D. Pedro determinou que eu fosse buscar, para uma conferência reservada... imagine quem?

— Sei lá!

— D. José Caetano!

— O Bispo?

— Pois não, respondeu o Chalaça. O Bispo!

---

[29] Gonzaga Duque-Estrada, *Arte Brasileira*, pág. 45: "Francisco Pedro do Amaral, discípulo de Debret, decorou o teto da sala principal da Biblioteca Nacional, o palacete da Marquesa de Santos, algumas salas da Quinta da Boa Vista e o teto do Paço da Cidade".

A Viscondessa esboçou um sorriso. E curiosa:

— Você sabe para que é, Chalaça?

O Chalaça revirou os olhos.

— Ora... Então não hei de saber? Sei de tudo! Vossa Excelência, desta vez, não me disse nada. Mas eu reconheci, de longe, o dedinho de Vossa Excelência no caso. E olhe, Sra. Viscondessa, que vai ser um sucesso! O maior de todos! Imagine o barulho na Corte quando se espalhar a notícia do "reconhecimento".

E com grandes trejeitos:

— Não resta dúvida! Vossa Excelência consegue tudo. É mesmo de espantar. Não há o que a Sra. Viscondessa não consiga.

— Vamos! Deixe-se de comentários, Chalaça. Vá para a casa do Bispo e acabe com esse negócio o quanto antes.

— Vou já, Sra. D. Domitila, vou já!

— Pois vá! E venha contar-me o que sucedeu. Este negócio, Chalaça, é o negócio mais sério da minha vida. Ouviu bem? O mais sério da minha vida.

O Chalaça levantou-se. E já na porta, prestes a sair:

— É verdade! O Chico Amaral esteve aqui há pouco?

— Esteve.

— E que coisas conta do palacete?

— Quase pronto. Diz o Chico Amaral que ficou bonito...

— Então, pelo que vejo, vamos ter festança grossa! Olhe que a Rio Seco já encomendou em Paris o vestido mais caro que já veio ao Rio. Tudo por aí está fervendo. Só se fala na inauguração!

— Vá-se embora, Chalaça! exclamou D. Domitila com impaciência. Deixe de tagarelar. Este negócio do Bispo é que é o importante. Tudo mais é bobice...

Foi com surpresa, e grande, que D. José Caetano de Sousa Coutinho, Bispo-Capelão do Rio de Janeiro, recebeu, naquele dia, a visita do Secretário Privado. O Bispo, além de conspícuo homem de letras, era prelado de vida exemplaríssima. Infundia em todos, pela sua doçura evangélica, o mais reverencioso respeito.

O Chalaça explicou logo a causa da sua visita:

— Sua Majestade tem um assunto grave para tratar com Vossa Excelência. Eis porque, Sr. Bispo, D. Pedro roga a Vossa Excelência que se digne de marcar dia e hora para uma conferência reservada.

— É negócio urgente, Sr. Comendador?

— É urgente, Sr. Bispo.

— Nesse caso eu vou já, tornou singelamente D. José Caetano. Sua Majestade está em São Cristóvão?

— Em São Cristóvão, Sr. Bispo.

— Pois vamos então para São Cristóvão!

E o Sr. Bispo, momentos depois, sulcava com o Chalaça a velha estrada da Quinta. D. Pedro, que esperava ansioso, recebeu-o imediatamente. Entraram ambos para o Salão dos Despachos. E trancaram-se lá dentro, a sós, muito secretamente.

Logo, pelo Paço, estourou a notícia da chegada de D. José Caetano. Quê? O Bispo em São Cristóvão? O João Carlota correu para o Chalaça:

— O Bispo, Sr. Francisco Gomes? O Bispo no Paço?

— O Bispo, sim senhor, tornou o Chalaça tranqüilo. Foi o Bispo que veio visitar D. Pedro.

— Hum, rosnou o criado com aquele seu velho faro. Hum... Então é coisa crespa!

Havia imensa razão para aqueles espantos. A vinda do Bispo ao Paço era, realmente, coisa de pasmar. D. José Caetano (toda a gente o sabia) abespinhara-se com D. Pedro. Num beija-mão, em dia de anos do Imperador, não se havia guardado ao Bispo, por inexplicável descortesia, o lugar que era devido a Sua Excelência. D. José Caetano melindrara-se. Afastou-se do Paço. D. Pedro, que notara aquela ostensiva abstenção, mandou oficiar a Sua Excelência. Mas o Bispo respondeu com dignidade. Não iria mais a beija-mãos: o homem podia tolerar tudo, mas o Bispo não podia ser apoucado. E continuou, inabalável, a não mais subir as escadarias oficiais[30].

Não havia, portanto, dúvida alguma: só mesmo um negócio de monta poderia trazer D. José Caetano àquela conferência. E o Chalaça, que sabia bem de tudo, esperava na antecâmara, agitado, o desfecho da conferência. De repente, no Salão dos Despachos, ecoaram as palmas de D. Pedro. O Chalaça precipitou-se para atender o Amo.

Ao suspender o reposteiro, Francisco Gomes defrontou com uma cena borrascosa. D. Pedro, de pé, o sobrolho franzido; D. José Caetano, em frente ao Imperador, um vinco na testa, o aspecto resoluto. D. Pedro ordenou secamente ao valido:

— O chapéu do Sr. Bispo!

O Chalaça saiu. E ao tornar, trazendo o chapéu, ainda escutou o remate da cena.

— Pois saiba Vossa Excelência que eu mandarei reformar o assento da paróquia. Por bem ou por mal, Sr. Bispo, o reconhecimento se fará!

— Faça Vossa Majestade como entender, retorquia o Bispo serenamente. Com a minha anuência, porém, Vossa Majestade não tocará nos livros da Igreja.

— Com anuência, ou sem anuência, eu farei reformar o assento da paróquia.

Desrespeitoso, D. Pedro virou-se para o Chalaça:

— Acompanhe o Sr. Bispo!

[30] A resposta de D. José Caetano ao Ministro do Império, vem na íntegra, no *Brasil Histórico.*

O Bispo, tranqüilo e digno, sem um gesto brusco, deixou gravemente o salão onde fora recebido[31].

O Chalaça acompanhou Sua Excelência até a escadaria do Paço. Ao voltar, fervendo de curiosidade, encontrou Sua Majestade a fremir de cólera.

— Você já viu o topete de D. Caetano? Pois teve o atrevimento dizer-me aqui, cara a cara, que não consente na modificação do assento!

— Disse isso a Vossa Majestade?

— Com todas as letras! Não fez a menor cerimônia.

E D. Pedro, cruzando os braços, num grande exaltamento:

— Mas já se viu que desaforo! Ah, deixe estar que eu ensino aquele Bispo! Ensino...

Com aquele seu eterno arrebatamento, irado e tempestuoso, D. Pedro sentou-se à mesa, tomou duma larga folha de papel, escreveu meia dúzia de linhas. E passando o papel ao valido:

— Eis aí uma declaração. Declaração pública, sem rodeios, feita pelo meu próprio punho. Corra à casa do Ministro do Império e diga que assine comigo esse papel. Vá à casa de dois outros Ministros, quaisquer que sejam, e também lhes diga que assinem como testemunhas.

O Chalaça correu os olhos pela declaração. Era um reconhecimento categórico, expresso, da filha da Viscondessa. Dizia assim:

Declaro que tive uma filha de mulher nobre, e limpa de sangue, a qual ordenei que se chamasse Isabel Maria de Alcântara Brasileira, e a mandei criar em casa do Gentil-Homem de minha casa Imperial, João de Castro Canto e Melo. E para que isto todo tempo conste, faço esta expressa declaração, ficando o origina em mãos do mesmo Gentil-Homem da Imperial Câmara para ser devidamente entregue à dita MINHA FILHA[32].

— Você leve esse documento à paróquia. Vá com ordens terminantes ao Vigário para inscrevê-lo no livro dos assentos.

— Mas se o Vigário se recusar a inscrever? perguntou timidamente o Chalaça.

— Que pergunta! O Vigário tem que inscrever sem discutir: é uma ordem do Imperador! E se por acaso desobedecer, o que eu não acredito, o remédio é simples.

— Já sei, atalhou o Chalaça, se o Vigário desrespeitar as ordens do Imperador, é trancafiar o Reverendo na cadeia!

— Está visto, exclamou D. Pedro. Nem mais nem menos.

---

[31] *Crônica Geral*, vol. II, pág. 257: D. Leopoldina pedia que mandassem chamar o bispo D. José Caetano, a quem ela muito venerava, porque o bispo quis que o vigário do Engenho Velho não rasgasse a folha de batismo de Isabel Maria, em cujo assento se dizia ser ela filha de pais incógnitos, e o imperador queria que se fizesse novo em que se escrevesse ser ela sua filha, ao que o bispo não quis anuir.

[32] *Diário Fluminense*

O Chalaça saiu precipitado. Mandou atrelar a sege do Paço e tocou para casa do Visconde de São Leopoldo, Ministro do Império.

O Visconde leu a declaração. E abriu a boca.

— Mas que é isso, Comendador! Uma declaração destas...

— É isso mesmo, Sr. Visconde. E faça o favor de assinar que eu tenho pressa!

O Visconde de São Leopoldo refletiu um minuto. Coçou a barba-piolho. Tornou a ler a declaração. E enfim, meneando a cabeça, desconsoladamente, entrou para o seu gabinete. Voltou logo depois com o papel na mão:

— Eis aqui, Comendador! Está assinado.

O Chalaça partiu a galope para a casa do Barão de Lages, Ministro da Guerra. João Vieira era grande amigo de D. Domitila. Ao ler o documento pôs-se a rir:

— Esta paulista! Esta paulista! Ora veja isto seu Chalaça. E entregou ao Chalaça o papel assinado.

— Não há quem possa com a Viscondessa! Isto vai ser uma bomba.

O Chalaça voou à casa do Inhambupe. O Visconde leu. E depois de assinar:

— Este Sr. D. Pedro!

O Secretário Privado guardou no bolso, com cautela, o precioso documento. E meteu-se pela estrada do Engenho Velho à cata do Vigário.

O Reverendo Manuel Joaquim Rodrigues Dantas, vigário de São Francisco Xavier do Engenho Velho, lia, com enlevo, o "Pro Milone" de Cícero quando o moleque da casa veio quebrar-lhe bruscamente a pitoresca leitura.

— Padrinho! Lá fora tá um homem...

— E o que é que quer?

— Não sei. Disse que veio com um recado do imperador.

Assustado, o tranqüilo sacerdote viu entrar-lhe pela sala adentro a figura exótica do Chalaça.

— Deus o salve e guarde, Sr. Reverendo!

— Boas-tardes, Sr. Francisco Gomes! Boas-tardes! Faça o favor: sente-se!

Aboletando-se numa cadeira, o Chalaça, risonho e amável, serenou com boas palavras o espantadíssimo padre. Informou-o da missão que o trazia ao Engenho Velho e rematou:

— É uma ordem do Imperador, Sr. Vigário! Faça o favor, portanto, de cumprir. Vamos reformar o assento. E vamos fazer isto já.

O Vigário correu os olhos pelo documento. Quase não queria acreditar no que estava lendo. E, na sua surpresa, quis protelar o caso:

— Muito bem, Sr. Francisco Gomes. Vossa Senhoria faça o obséquio de deixar aí esse papel. Eu vou falar com o sr. Bispo...

— Desculpe, Sr. Vigário, atalhou o Chalaça: mas não são essas as instruções que eu trouxe. O Imperador determinou que Vossa Reverendíssima fizesse já isso.

Olhou o pároco bem nos olhos. E ordenou-lhe brusco:

— Trate, portanto, de mandar buscar o livro. Vamos fazer o registro já. Eu quero sair daqui com a certidão. São essas as ordens do Imperador.

E com pausa, deixando cair a frase bem destacadamente, palavra por palavra:

— São essas as ordens do Imperador!

O Vigário Dantas compreendeu bem. A situação era embaraçante. Pensou. Leu de novo a declaração. Tornou a pensar. Tornou a ler... E afinal, não vendo saída para aquela entalada, acabou por se resolver.

— Está bem! Vamos até a sacristia. Eu vou cumprir as ordens do Imperador.

Meia hora depois, com o coração aos pulos, o Chalaça partia desabalado a caminho de Mataporcos.

— Então, perguntou D. Domitila, sôfrega; então, Chalaça? Que há? O Bispo que é que resolveu?

— O Bispo não consente, Sra. Viscondessa! Recusou-se de pé firme a atender D. Pedro.

— Não consentiu? exclamou a paulista com espanto.

— Mas não se assuste, Sra. Domitila, atalhou o Chalaça, rindo-se. Não se assuste.

Arrancando do bolso larga folha de papel, o valido entregou a à D. Domitila:

— Vossa Excelência leia!

A Viscondessa leu o papel que o Chalaça lhe apresentava. Dizia assim:

"Certifico que no dia 28 do corrente mês de maio de 1826, chegou à casa de minha residência, junto à Matriz de São Francisco Xavier do Engenho Velho, o Oficial menor Graduado da Secretaria dos Negócios do Império, o Comendador Francisco Gomes da Silva, dizendo-me que Sua Majestade, o Imperador, ordenava que eu fizesse uma nota no assento do batismo da inocente Isabel, que foi batizada nesta Matriz, em 31 de maio de 1824, declarando-me juntamente que o mesmo Augusto Senhor RECONHECIA por sua filha a mesma sobredita inocente, a Senhora Isabel Maria de Alcântara, e logo me entregou um atestado em que justificava isto mesmo, feito por um Ministro D'Estado e assinado por outros abaixo

declarados e eram eles: o Visconde de Inhambupe, Ministro dos Estrangeiros; o Barão de Lages, Ministro da Guerra, o Visconde de São Leopoldo, Ministro do Império. Em conseqüência, pois, da referida ordem de Sua Majestade, o Imperador, e intimado pelo já citado Comendador Francisco Gomes da Silva, e do referido atestado. passei a reformar o assento em questão, o que tudo afirmo *in fide Parochi.* O Vig. M. J. Roiz Dantas".

A Viscondessa de Santos mal podia ler o venturoso papel. Brusca felicidade entontecia-a. Alegria louca revirava-lhe a alma. E com uma voz estrangulada, D. Domitila, tomando ambas as mãos do Chalaça, exclamou num assomo:

— Vamos a São Cristóvão, Chalaça! Vamos a São Cristóvão! É preciso que eu me atire aos pés de Sua Majestade!

E a Sra. Viscondessa de Santos, iluminada e radiosa, lá se foi, a caminho de São Cristóvão, agradecer ao Imperador aquela estrondosa mercê.

UM BAILE RETUMBANTE

12 de outubro. É o dia de anos do Imperador. Um sol de ouro surgiu festivamente num céu muito alto, muito azul, pincelado de nuvenzinhas fugidias. Vai pelo fulgor dessa manhã olímpica, derramada em tudo, a gorgear no chilreio dos pássaros, a tremeluzir no orvalho das frondes, a boiar na luz fina do sol, uma alegria seivosa, oxigenante, que enche de festa e riso a alma da gente. No palacete de São Cristóvão, porém, a Sra. Viscondessa de Santos, apesar da manhã tão linda e tão soalheira, ainda não se animou a deixar os seus aposentos. Na penumbra quebrantadora do seu quarto, como gata voluptuosa, a espreguiçar-se entre as fofezas do leito, a favorita de D. Pedro cisma.

É o dia da inauguração do palacete. É o dia do baile! É o dia do baile mais esperado e mais comentado na Corte! E D. Domitila, naquele seu delicioso quebrantamento, os olhos semicerrados, um sorriso vago nos lábios cor de sangue, vai sonhando, afundada entre as cambraias, com as glórias e os louros dessa ambicionada noite de triunfo.

Nisto, cortando a doçura amolecente daqueles ócios, uma voz de açafata, macia e tímida, murmurou de leve na antecâmara:

— Sra. Viscondessa!

D. Domitila abriu os olhos.

— Que há?
— O jornal!
— Ah, o jornal? Entre...

A Viscondessa abriu sofregamente o "Diário Fluminense". Começou a procurar as notícias do seu baile. E logo, às primeiras linhas, um grito de surpresa, grito brusco, irrompeu-lhe vibrante na alma.

É que a Sra. Viscondessa topara de chofre. no jornal do governo, estampado em letras ostentosas, este decreto inesperado, retumbante, de sacudir de escândalos o País:

DECRETO

Havendo eu reconhecido por minha filha a D. Isabel Maria de Alcântara, Brasileira, e querendo fazer-lhe honra e mercê: Hei por bem conceder-lhe o titulo de DUQUESA DE GOIÁS, com o tratamento de Alteza. Palácio do Rio de Janeiro, 5^{0} da Independência do Império. IMPERADOR. José Feliciano Fernandes Pinheiro.

D. Domitila saltou do leito. Saltou trêmula, a ofegar. E correu cambaleante ao quarto da menina. Tomou a pequerrucha ao colo. Beijou-a. Abraçou-a. E tornou a abraçar. E tornou a beijar. Era um transbordar de meiguices irreprimíveis! Na sua felicidade, com os olhos úmidos, exclamava, atarantadamente, numa embriaguez:

— Duquesa! Minha Duquesinha! Minha Duquesinha do coração!

Os criados, que acudiam prestes a ver esse alvoroço, olhavam-na surpresos. Ninguém compreendia o que significava aquele inundante borbotoar de abraços e de beijos. Mas a Sra. Viscondessa, como para explicar aquilo, dizia-lhes num transporte:

— De hoje em diante — tomem bem nota! — esta menina não é mais a "Dona Bela", como vocês chamam. Agora é Sua Alteza! Entenderam! Agora é Sua Alteza e Senhora Duquesa! Ouviram bem? É a Sra. Duquesa de Goiás!

Vaidosa, embriagada com a sonoridade do título, apertava ao colo, com um anseio ainda mais quente, com uma ternura brotada bem no fundo da alma, a graciosa Duquesinha de três anos.

Súbito, quebrando a cena, irrompe pelo quarto adentro o velho Coronel João de Castro. D. Domitila, ao dar com o pai, tomou a filhinha nos braços, exultante:

— Apresento-lhe, meu Pai, Sua Alteza, a Excelentíssima Sra. Duquesa de Goiás!

João de Castro beijou a pequenita, sorrindo. E bobo de felicidade:

— Já li, minha filha, já li... Não há quem não tenha lido! Toda agente, na cidade, não fala de outra coisa! Que triunfo!

E amoroso, aconchegado, pai feliz, João de Castro abraçou enternecidamente a filha. Depois, com venturosa expressão de beatitude, o velho Coronel, pousando solenemente a mão sobre o ombro da filha, com ufania:

— Mas há outra surpresa, minha filha! Há outra surpresa!

D. Domitila olhou o pai, intrigada. E João de Castro:

— Adivinhe, se for capaz...

— Pois então, ouça, exclamou, espetaculoso, abrindo os braços. Ouça lá, minha filha: acabo de ser agraciado com o título de Visconde!

— Vosmecê?

— Eu, minha filha. Eu mesmo! Visconde de Castro!

— Visconde de Castro! Vosmecê?

D. Domitila abria os olhos, aturdida, chocada por tão magníficos sucessos. E o velho Castro:

— Mas não fui só eu, minha filha, o agraciado. O Boaventura, o vosso cunhado, também recebeu o título de Barão.
— Que me diz, meu pai?
— Sim, senhora! Foi agraciado com o título de Barão de Sorocaba! Mas ainda não é tudo, minha filha. Ainda há mais! D. Pedro, para honrar a minha velhice, concedeu, hoje, a todos meus filhos, a mercê de Moços Fidalgos da Casa Imperial!

D. Domitila mal podia acreditar no que estava ouvindo. Aquela onda de graças e honrarias, inundando assim, alagadoramente, os Canto e Melo, baralhava o espírito da feliz Viscondessa. E exclamava, às tontas:

— Como D. Pedro é nosso amigo! Como D. Pedro é nosso amigo!

Em meio àquelas violentas alegrias, eis que um criado, surgindo à porta, anunciou, gravemente, com todos os títulos:

— O Sr. Comendador Francisco Gomes da Silva!

D. Domitila e o pai, ambos frementes, correram a recebê-lo. O Chalaça, um sorriso no lábio, elegante e perfumado, casaca verde, enorme flor na botoeira, sobraçava, ao entrar, negra caixa de carvalho chapeada de ouro. E efusivo, com a sua larga ruidosidade, o valido dirigiu-se ao velho Castro:

— Meus parabéns, sr. Visconde! Meus parabéns, Sr. Visconde de Castro! Não pode haver mercê mais justa. O título assenta admiravelmente a Vossa Excelência, sr. Visconde...

O velho João de Castro, embalado, gozando a delícia de ouvir aqueles repetidos "Vossa Excelência" e "Senhor Visconde", agradecia, sorrindo, lisonjeado. E o áulico, sempre labioso:

— Hoje é o dia dos Canto e Melo, Sra. D. Domitila! Hoje é o dia do supremo triunfo. Eu acabo de chegar das fortalezas, onde fui levar um ofício ordenando aos capitães que façam salvar, em continência militar, todas as vezes que passar a Sra. Duquesa de Goiás! Imagine um pouco...

D. Domitila não cabia em si. E ria-se! Ria-se à toa, perdidamente. O Chalaça, tomando então da caixa de carvalho, ofereceu-a à encantadora paulista:

— Hoje, senhora D. Domitila, devem chover neste palacete, em honra da Duquesinha, mimos e prendas de toda a Corte. E o Sr. D. Pedro, que participa da alegria da casa, quis ser o primeiro a enviar um presente a Vossa Excelência. Por isso, Sra. D. Domitila, Sua Majestade mandou-me aqui para trazer esta lembrança.
— Que honra, Chalaça! Sua Majestade quer matar-me de felicidade!

D. Domitila, curiosa, apertou o botaozinho de ouro que havia sobre a tampa da caixa. A tampa saltou. Dentro, ao invés duma jóia, como julgara a paulista, havia

apenas um pergaminho, grosso e largo, onde as cores do Império, verde e amarelo, se entrecruzavam numa vistosa tarja.

— Mas que é isto, Chalaça?
— Leia, Sra. D. Domitila!

Como se não bastassem tantas e tão violentas emoções, como se não bastasse aquele mar de felicidade, a filha de João de Castro, sufocada, leu o estranho pergaminho. E o que estava escrito nele dizia assim:

"Dom Pedro, por Graça de Deus, e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil: faço saber aos que esta Minha Carta virem que, querendo dar um público testemunho do alto apreço em que tenho os serviços prestados pela Viscondessa de Santos, D. Domitila de Castro Canto e Meio, Primeira Dama da Imperatriz Minha Muito Amada e Prezada Mulher, tratando da Minha Muito Amada e Querida Filha a Duquesa de Goiás, desde que Me Dignei entregar-lhe, e querendo fazer-lhe honra e mercê em atenção a tão distintos serviços, que sobremaneira tem penhorado Meu Coração, Hei por bem acrescentá-la em grandeza com o Título de MARQUESA DE SANTOS em sua vida. E Quero e Mando que a referida Viscondessa, D. Domitila de Castro Canto e Melo, se chame MARQUESA DE SANTOS daqui em diante, e que, com o dito título, goze de todas as Honras, Privilégios, Isenções, Liberdade e Franquias, que hão e têm, e de que usam e sempre usarão as Marquesas na Monarquia Portuguesa, hoje separada deste Império e que de Direito lhes pertencerem. Palácio do Rio de Janeiro, aos doze de outubro, Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1826. IMPERADOR. Visconde de São Leopoldo[33].

O Chalaça ia acompanhando, com um sorriso, as fortes emoções da favorita. Quando D. Domitila, opressa e trêmula. findou a leitura do pergaminho, Francisco Gomes virou-se, com um gesto amplo, para o velho João de Castro e exclamou com ênfase:

— Senhor Visconde! Seja o primeiro a felicitar a Sra. Marquesa de Santos!

João de Castro abriu os braços: e a nova Marquesa, estrangulada de júbilo, caiu entontecida nos braços do pai.

É noite. O palacete da Sra. Marquesa de Santos flameja de luzes. Pelos salões, enguirlandados de rosas, burburinha um frêmito de festa. O baile ferve. De momento a momento, estacando com estrépito, os coches despejam convidados. E os escravos, com suas jaqueta azuis de debrum escarlate, precipitando-se às portinholas douradas, curvam-se numa reverência ante a passagem dos Grandes do Império. A Sra. Marquesa de Santos, pálida, arfante, levemente olheirosa, vestindo um elegantíssimo vestido de seda rosa, enevoado de bretanhas, uma pluma atrevida na fronte, recebe, com a mais acolhedor gentileza, as fidalgas cortesanias dos seus convivas. A flor mais alta da sociedade, os nomes mais aprumados e mais retumbantes da Corte, Ministros e Dignitários, Diplomatas e Desembargadores, Generais e Políticos, tudo perpassa, com a espinha dobrada, diante do sorriso triunfante da mulher vencedora.

[33] Manuscrito existente no Arq. Nacional.

Lá está o Marquês de Caravelas, fardão bordeaux, com seu espadim dourado de Primeiro-Ministro. A Viscondessa do Rio Seco, trigueira e fina, exibe, com vaidade, o seu riquíssimo vestido chegado de Paris. O Sr. Conde de Palma, o peito a faiscar de crachás, muito efusivo, conversa ruidosamente com a Marquesa de Gabriac, Embaixatriz da França. O velho Marquês de Maricá, barba-piolho e calva filosófica, discute Platão com o venerando e erudito Visconde de Cairú. O Barão de Santo Amaro, camarista Honorário de Sua Majestade, cochicha num canto, sisudo e grave, com o encarquilhado Marquês de Inhambupe, Ministro dos Estrangeiros. O Visconde de São Leopoldo, com as suas maneiras adocicadas, comenta política com o Baependi, aquele afável, gentilíssimo Manuel Jacinto Nogueira da Gama. D. Lídia Mafalda de Souza Queirós e Ribeiro de Rezende, a educadíssima senhora Marquesa de Valença, contempla, com o "lorgnon", bem demoradamente, a "Morte do Doge Mascantoni", famosa tela da Sra. Marquesa de Santos.

Na sala do cravo, o vaidoso Marcos Portugal, aquele emproado compositor chegado do Reino, vai prelecionando com sonoridade sobre as excelências da música italiana. E o pintor Debret, com o seu nariz pontudo e as suas suíças grisalhas, narra pitorescamente ao seu amigo e companheiro, Nicolau Taunay, artista de talento que o Conde de Barca mandara vir da França, aquela viagem de arte que fizera à Itália em companhia do grande David.

A Sra. Marquesa de Santos, soberba e refulgente, com o seu olhar sutil, a reparar em tudo, adeja de sala em sala, encantadora, a distribuir sorrisos para todos, com frases de mel a cada passo. O Moraizinho, o Tenente esbelto e louro, encostado a um batente de porta, vai seguindo com os olhos a Sra. Marquesa. seguindo-a por todo o canto, romanticamente, com aqueles seus olhos muito languidos e muito compridos...

Nisto, com espanto de toda a gente, o Marquês de Paranaguá, velho e casquilho, todo cortesão, surge inesperado naquele burburinho de festa. D. Domitila, ao ver aparecer o elegante Ministro, o seu grande e feroz inimigo, corre alvoroçada para recebê-lo.

— Oh, Sr. Marquês! Que honra...

Mas o Sr. Marquês viera por um instante. Um instante só! E explicou desolado:

— Uma enxaqueca, Sra. Marquesa! Uma enxaqueca impiedosa! Mas eu, apesar disso, não quis me furtar o prazer de vir felicitá-la. Vim por um instante. Um instante só...

A Sra. D. Domitila, desfazendo-se cm agradecimentos, com o seu melhor sorriso, lá vai, com muitas mesuras e rapapés, conduzindo o altaneiro Ministro até o salão. A assistência, entre risinhos e cochichos, goza aquele delicioso bocado de cena. É um pratinho incomparável. Mas a senhora Marquesa, com redobrada amabilidade, em pleno salão, bem alto, para que todos a ouvissem:

— Já viu a Duquesa, Sr. Marquês?
— Ainda não tive essa honra, Sra. Marquesa! E estou ansioso por tê-la.

Então, em pleno salão de festa, diante de toda a Corte, sob o olhar mexeriqueiro daquele mundo fútil, a pérfida paulista, com a mais cândida naturalidade, virou-se para a pequenina Bela:

— Duquesa! Venha dar a mão a beijar ao Sr. Marquês...

A Bela, fina e donairosa, encaracolada como um querubim, estende a mãozinha ao orgulhoso político: e Paranaguá, o emproado e belo Paranaguá, faiscante, com o seu fardão de Ministro, dobrando-se, beija reverente os dedos da pequerrucha. O Chalaça, a um canto, sorri levemente.

Nisto, rompendo numa valsa lânguida, a orquestra desmancha a graça de tão saboroso quadro. O baile referve de novo.

Que baile! Toda a noite é um delírio. As contradanças sucedem-se ininterruptas. Até que em meio àquela ruidosidade, Luís Lacombe, o mestre de dança da Corte, bate palmas e anuncia alto:

— Quadrilha!

Aplausos! Todos se movimentam. Os cavalheiros saem a convidar damas. A Sra. Marquesa de Santos, com a sua gentileza cativadora, não repousa: e escolhe o Marquês de Gabriac para cavalheiro da Sra. Baronesa de Lages; e leva gentilmente o velho Inhambupe para o salão; e força o Cairú a dançar com a Rio Seco; e arranja os pares; e determina os *vis-à-vis,* e incentiva, e aviva, e é a chama daquele entusiasmo! Duas vastas fileiras de pares já se estendem dos dois lados do salão. Luís Lacombe, que vai marcar, brada com entono:

— *Attention!*

Todos a postos. Há um relâmpago de silêncio. A orquestra, com o maestro de batuta em punho, vai romper. Eis que, inesperadamente, todos os convivas, sacudidos, bradam com pasmo:

— Sua Majestade!

É que, na ampla porta do salão, surgira o Imperador. Em grande gala, o peito faiscando de grã-cruzes, D. Pedro viera, herói de novela, em pessoa, ao baile da Sra. Marquesa! E muito cortesão, dobrando-se diante da triunfadora paulista, o soberano — oh supremo escândalo! — exclamou com um sorriso:

— Vamos dançar esta quadrilha, Sra. Marquesa[34]!

Uma Cena do Paço

Por do sol. Hora macia e quieta. Uma doçura angelizante abranda as coisas. Erram pelo crepúsculo tristezas suaves. E a tarde, cor de cinza, vai tombando

[34] Conta Meio Morais que o Imperador compareceu, em pessoa, numa das funções em casa da Marquesa. A. Rangel, a pág. 237, acrescenta, textualmente: "para romper o baile se iniciou a contradança de cerimônia, dançada por D. Pedro ao lado da Marquesa!"

devagar, muito triste e muito lenta, aveludando o ar, esfumando o horizonte, diluindo os contornos...

Na Quinta da Boa-Vista, encostada a uma janela, a Imperatriz D. Leopoldina, cismarenta, derrama vago olhar nostálgico pela melancolia do parque. Ensombra-lhe o semblante uma expressão dorida, um tom esmaecido de saudade que punge. Em que cisma, tão merencória, a desventurada filha de Francisco Leopoldo? Talvez, na paz enevoante daquele crepúsculo, ante seus olhos pisados e olheirentos. perpassem, numa sucessão dolorosa, visões de antigas felicidades, pedaços ensolarados de sua vida, sonhos que duraram um relâmpago, ilusões que se desmancharam em lágrimas, todo esse trecho de existência, tão duramente vivido, que vem desde o seu noivado refulgente de Arquiduquesa até aquela cruciante realidade de Imperatriz. E D. Leopoldina cisma...

É em Viena. O Marquês de Marialva, Embaixador Extraordinário de D. João VI, acaba de chegar, espaventosamente, para representar o Rei nas festas dos esponsais.

E Marialva, o famoso Marialva, que é um dos sangues mais velhos e mais puros da Península, deslumbra a faustosa Corte da Áustria com as suas esbanjadas magnificências de nababo. Com torrenciosa prodigalidade, mais esplêndido do que o próprio Buckinghan, o fidalgo esplendoroso esparrama a mancheias por todo o Paço, desde o grande Metternich até o último dos camareiros, presentes de opulentíssima suntuosidade, punhados de diamantes brasileiros, grossos fios de pérolas, pedras de toda a cor, pilhas de barras de ouro.

O baile nos jardins de Augarten, esse baile tão celebrado nas memórias da diplomacia galante, em que Marialva gastara, afora as ordens de Lisboa, toda a herança que recebera do pai, fora verdadeiro de fadas, sonho refulgente das Mil e Uma Noites, tão rico e tão lindo que jamais se havia presenciado cm Viena outro tão deslumbrador.

Depois... que maravilha! Na Capela do Paço, entre os brilhos imponentes daquela grande Corte, o Cardeal Carmelengo, vestido de brocado vermelho, abençoou aquela aliança de Braganças e de Habsburgos. E poucos dias após, em Liorne, os adeuses da partida... Ah, a travessia a bordo do "D. João VI"! E o esplendor da nau! E os camarins forrados de seda e lhama! E a chegada ao Rio! E as festas! E a alegria de D. João VI!

Depois... D. Leopoldina derrama novamente o seu olhar nostálgico pela melancolia do parque. Depois — como era horrível — o escândalo com a "outra", os triunfos da "outra", a paixão pela "outra", e aquela vida miserável de Imperatriz abandonada, humilhada, espezinhada, mais infeliz do que a última das açafatas.

E era de ver-se ali, ao crepúsculo, apoiada à janela, a pobre D. Leopoldina! Daquela Imperatriz jovial, sangüínea, a transbordar viço e saúde, que amava loucamente os cavalos de raça, as caminhadas rudes, os dias de sol forte, as caçadas extenuantes por montes ásperos, de toda aquela exuberante e fresca mocidade, restava agora, tristonha e enervada, uma criatura sem cor, enfermiça, ferida de melancolias pungentes. Era um enlanguescer, um desflorir, um murchar-se dia a dia...

Eis que plange um sino doloroso. D. Leopoldina, como que despertando-se, presta ouvidos àqueles dobres fúnebres. E virando-se para D. Francisca de Castelo Branco, Marquesa de Itaguaí.

— É *Nosso Pai...*

A Marquesa, por seu turno, deixa um instante as rendas de bilro e presta atenção ao sino. E confirma logo:

— É *Nosso Pai...*

Era o *Nosso Pai.* Um sacerdote, paramentado de roxo, cercado por seis soldados da guarda imperial, com os irmãos do Santíssimo à frente, vestidos de opa vermelha, um carregando a cruz, outros os castiçais, lá ia, debaixo de pálio, pelas ruas afora, enquanto o sacristão badalava uma campainha lúgubre.

D. Leopoldina, atenta ao dobre dos sinos, indaga com naturalidade:

— Para quem será, Marquesa, esse *Nosso Pai?*

D. Francisca de Castelo Branco, ao ouvir a pergunta, cora. Mas como é interrogada pela Imperatriz, responde imediatamente:

— É para o Sr. Visconde de Castro.

Cai entre ambas fundo silêncio. A frase faz gelar D. Leopoldina. Novamente, apoiando-se à janela, Sua Majestade derrama O olhar nostálgico pela tediosa melancolia do parque. Tudo tão triste! Tudo tão enervante! Que tarde...

De repente, como se brusca idéia a assaltasse, D. Leopoldina, branda e merencória, torna para D. Francisco de Castelo Branco:

— Marquesa! Eu preciso dizer uma palavra a D. Pedro. Vã indagar se Sua Majestade pode me receber.

D. Francisca sai. E a Imperatriz, a mão no rosto, com a sua dolorosa expressão de Verônica, recomeça a contemplar a tristeza contagiante do pôr do sol. Instantes depois, quase sem ruído, a Marquesa reaparece no aposento:

— Sua Majestade não está no Paço.
— E onde está Sua Majestade?
— Em casa do Sr. Visconde de Castro.

A resposta é cruel. Silêncio de morte tomba no aposento. D. Francisca não ousa palavra. A Imperatriz, com duro punhal cravado no peito, encosta-se de novo ao peitoril da janela.

A tarde enfim se apaga. E vem a noite. Noite dormente, noite luminosa e cálida. D. Leopoldina, com a sua nevrose, recolhe-se taciturna aos aposentos. No outro dia, ainda cedo, Sua Majestade, com os olhos vermelhos, olhos de vigília, chama D. Francisca de Castelo Branco:

— Marquesa! Eu preciso dizer uma palavra a D. Pedro. Vai indagar se Sua Majestade pode me receber.

A Marquesa sai. Corre aos aposentos de D. Pedro. Fala um instante como o Chalaça. Volta depois:

— Sua Majestade não está no Paço!

D. Leopoldina não teve um gesto. Encerrou-se no seu gabinete, calada e sofredora. E esperou. Que dia sem fim!

A tardinha, com a voz agoniada, D. Leopoldina murmura para D. Francisca de Castelo Branco:

— Marquesa! Eu preciso dizer uma palavra a D. Pedro. Vá indagar se Sua Majestade pode me receber.

D. Francisca sai. Dentro em pouco, confusa e embaraçada, a Marquesa torna à presença da Imperatriz:

— Sua Majestade não está no Paço!
— Ainda não voltou?
— Ainda não voltou...

D. Leopoldina, pela terceira vez, ouve a frase desolante. A pobre Imperatriz, com lancinante desespero, não se pode reprimir: e duas lágrimas, bem grossas e bem sentidas, resvalam-lhe dolorosas pelo rosto.

— Marquesa, vá chamar o Secretário particular de Sua Majestade.

D. Francisca vai à procura do Chalaça. Tornou com Francisco Gomes da Silva. Mas quando tornou, D. Leopoldina não era mais a mesma. Estava incrivelmente transmudada. Não chorava. Tinha o ar decidido e firme. Dirigiu-se, como Imperatriz, ao favorito.

— Ordeno-lhe, sr. Comendador, que esvazie imediatamente os armários do Sr. D. Pedro, que encha as malas de Sua Majestade com todos os seus guardados, e que faça transportar tudo isso, ainda hoje, para a casa da Sra. Marquesa de Santos.

Com um gesto incisivo, D. Leopoldina despede secamente o truão:

— Vá cumprir as minhas ordens[35]!

O Chalaça saiu a correr. Desceu a quatro e quatro as escadarias da Quinta. Embarafustou-se numa sege. Mandou tocar a galope para a casa do velho João de Castro.

Largo pano preto, com uma cruz branca, balouçava lugubremente no amplo portal da moradia do Visconde. Dentro, na sala de visitas, sobre negro ataúde, cercado por quatro tocheiros, o cadáver do velho Castro. D. Domitila, debruçada sobre o corpo do pai, chorava.

O Chalaça entrou naquele ambiente de angústias. Aproximou-se discretamente do Imperador. D. Pedro, a um canto da sala, começou a escutar, com

[35] *Crônica Geral*, vol. II, pág. 255. "Adoecendo o Visconde de Castro, pai da Marquesa de Santos, que faleceu no começo de novembro de 1826, o Imperador passou dois dias e duas noites sem voltar ao Paço, e a Imperatriz, já não podendo suportar tanta falta de atenção, levantou-se na terceira noite, mandou chamar o criado particular do marido e disse-lhe: Apronte toda a roupa do Imperador, meta em baús, ou como quiser, enquanto eu escrevo, para que o Imperador mude-se para a casa da Marquesa de Santos.

surpresa, o que o Secretário ia contando baixinho. Ao saber do que ocorria, Sua Majestade tornou-se sombrio. E saiu imediatamente. Rumou para São Cristóvão.

D. Leopoldina, nos aposentos, estava com as suas malas abertas, pilhas de roupa branca pelos móveis, vestidos espalhados pelos divãs.

D. Pedro empurrou com violência a porta do quarto. Entrou. E ao dar com aquela desordem, aqueles preparativos, aquelas malas escancaradas:

— Que é isto?

D. Leopoldina tinha uma serenidade decidida, imperturbável. Respondeu friamente:

— Não é nada. Sou eu que me vou embora do Paço.

— Vossa Majestade vai-se embora do Paço?

— Vou para o Convento da Ajuda. No meio de monjas é que deve morar uma Imperatriz sem marido.

D. Pedro nunca houvera visto, até aquele instante, D. Leopoldina tão resoluta. Era de pasmar! A Imperatriz continuou:

— Já mandei que as malas de Vossa Majestade fossem transportadas para a casa da Sra. Marquesa de Santos. Vossa Majestade, que não se coíbe de passar dias inteiros em companhia dessa mulher, naturalmente irá morar, de hoje em diante, definitivamente, em casa da adúltera.

— Vossa Majestade enlouqueceu? Mas Vossa Majestade não vê o escândalo?

D. Leopoldina fitou-o cara a cara, sobranceira e escarnecedora:

— E Vossa Majestade que tem a ousadia de me falar em escândalo? Pois o que faz o Imperador todos os dias, nestes últimos anos, senão escândalos? e mais escândalos? Que é Vossa Majestade, neste momento, com a sua amante pública, senão o mais escandaloso de todos os homens?

D. Pedro escutou aquilo com fúria. Tinha o olhar congesto, o aspecto revolto.

— Vossa Majestade se contenha! Vossa Majestade se contenha!

— Basta, Sr. D. Pedro, basta! Eu já estou farta de suportar tantas humilhações! Vossa Majestade esqueceu-se de que sou filha de Imperador; de que sou mulher de Imperador; de que sou mãe do futuro Imperador. E não se pejou, para humilhar-me, de fazer da sua amante a Sra. Marquesa de Santos! Não se pejou de reconhecer, por um decreto, menoscabando assim em público a honra de sua esposa, o fruto ilícito desses amores. Não, Sr. D. Pedro! Não! É demais. A taça transbordou. Vá viver com a divorciada! Mas deixe-me a mim, Imperatriz sem marido, ao menos a felicidade de viver em paz, num convento, longe de tanto horror...

D. Pedro não se conteve. Dentro de sua alma, despertou-se o bruto, o homem das cavalariças, aquele domador de potros que vivia adormentado no sangue de Sua Majestade. E agarrando a Imperatriz pelo pulso, num ímpeto de

calceteiro, D. Pedro ergueu a mão no ar... Ergueu a mão pronto para desabar a tapona! Foi uma cena de relâmpago, hedionda. D. Leopoldina, soberbíssima, sentiu referver-lhe nas veias todo o velho sangue dos Habsburgos. E, com os olhos chispantes, magnífica de cólera:

— Vamos! Dá na tua mulher! Espanca a mãe de teus filhos! Faze esse ato heróico! Vamos, Sr. D. Pedro! Bate na Imperatriz do Brasil! Vamos, bate!

E fitou-o de alto a baixo. Fitou-o com formidável, esmagado arrogância. D. Pedro abaixou o braço...

— Não, Sr. D. Pedro, não foi para "isto" que Vossa Majestade foi buscar-me na Áustria! Vir ao Brasil, a este fundo pedaço da América, sozinha, sem parentes, para ser assim ultrajada pelo marido! Para ser humilhada como sou, todos os dias; oh, Sr. D. Pedro, não, não foi para isso que Vossa Majestade me arrancou do palácio do meu Pai!

E como se não pudesse represar a onda que lhe subia da alma, D. Leopoldina sentiu as lágrimas saltarem-lhe dos olhos, caírem-lhe aos borbotões, num grande desabafo aliviador.

D. Pedro, aquele impulsivo, aquele arrebatado, comoveu-se de pronto. E diante da mulher que soluçava, diante daquele sentido despencar de lágrimas, invadiu-lhe a alma, transbordando-a, o velho sentimentalismo da raça. E já arrependido, e já vencido, e já com os olhos molhados:

— Perdão, Leopoldina...

Atirou-se bruscamente aos pés da mulher. E com a voz estrangulada:

— Minha Leopoldina! Minha boa Leopoldina! Perdão... Eu tenho sido indigno de ti!

D. LEOPOLDINA

No dia seguinte, logo pela manhã, D. Pedro mandou chamar o Marquês de Paranaguá. Vilela Barbosa correu a São Cristóvão. Ao defrontar com Sua Majestade, o Ministro da Marinha notou que algo de estranho havia revolucionado, naquela noite, a alma do Imperador. Havia em D. Pedro, nos seus modos, no vinco de sua testa, um ar de noite mal dormida. Sua Majestade principiou sem delongas:

— Mandei chamá-lo, Marquês, para comunicar a deliberação que acabo de tomar.

D. Pedro pousou a mão sobre os ombros do Ministro:

— Vou partir para o Sul!
— Para a zona da guerra?
— Exatamente, continuou D. Pedro. Para a zona da guerra.
— E o Barbacena? atalhou Paranaguá, surpreso. Vossa Majestade não mandou para lá, ainda agora, como generalíssimo, o Marquês de Barbacena?

— É verdade. O Barbacena foi para lá como generalíssimo. Mas eu quero ver, eu mesmo, com os meus olhos, como andam as operações.

Paranaguá, ouvindo notícia tão estranha, mostrou-se realmente espantado. Mas D. Pedro continuou:

— Eu sei que há aqui muita coisa para resolvermos: o tratado de comércio com a Áustria, o tratado com a Inglaterra, o casamento de D. Miguel com a Maria da Glória. Tudo isso, não há dúvida, são coisas muito sérias. Mas que se há de fazer, Marquês? *Eu preciso* partir...

Havia nesse "eu preciso" singular entonação de voz. E D. Pedro, num assomo de intimidade, murmurou ao velho Ministro:

— Eu preciso partir, meu caro Paranaguá! Preciso! A minha vida doméstica, umas tantas coisas privadas que me preocupam, tudo exige, terminantemente, que eu me afaste um pouco da Corte. Quando eu voltar, após boa temporada de ausência, será mais fácil, bem mais fácil, romper certos liames que ora me prendem, do que rompê-los já, bruscamente, com violência... Por isso, meu velho Paranaguá, não discutamos mais. É preciso, e está acabado!

— Vossa Majestade queira dar ordens!

— Vossa Excelência faça aprestar as naus necessárias para eu partir.

— A "D. Pedro I" está no porto, bem equipada, pronta para velejar. Eu vou providenciar incontinenti sobre outros barcos. Quando Vossa Majestade quer zarpar?

— O quanto antes. Amanhã, se fosse possível.

— Pois eu vou tomar todas as providências para Vossa Majestade partir o mais depressa.

— Então vá, meu caro Marquês. Vá! Foi para isso que eu o mandei chamar.

Paranaguá partiu.

E logo, por todos os cantos da Corte, espalhou-se a notícia da viagem do Imperador. Foi geral a surpresa. Ninguém podia compreender tão súbita deliberação.

O Chalaça, quando soube das ordens de Sua Majestade, correu intrigado à casa da Marquesa de Santos. D. Domitila, de luto fechado, chorava ainda a morte do pai. E a Marquesa, ao ouvir a brusca novidade, não pôde também conter o seu espanto:

— Mas que houve? Qual o motivo de resolução tão repentina?

— Eu não compreendo, Sra. Marquesa. Nem há aí, pela Corte, muita gente que compreenda.

— Mas o Imperador, argumentava D. Domitila, o Imperador já mandou para o Sul, como comandante-em-chefe, o Marquês de Barbacena, não é?

— Mandou, Sra. Marquesa; o Caldeira Brant lá está, há bons vinte dias, dirigindo as operações.

— Há apenas vinte dias? E já Sua Majestade vai ao encalço de Caldeira Brant! É muito esquisito!

D. Domitila ficou um instante pensativa.

— Muito esquisito! É um enigma. E você, Chalaça, que é que pensa disso tudo?

— Eu, Sra. Marquesa, para lhe dizer a verdade, bem francamente, eu acho essa partida um mau sinal.

— Eu também, tornou a Marquesa. Uma partida assim, tão inesperada, sem avisar ninguém, é coisa fora de propósito. Enfim, que se há de fazer? É esperar pelos acontecimentos.

— Isso mesmo, Sra. Marquesa. E esperar pelos acontecimentos. O que for, soará...

Francisco Gomes partiu. E a paulista lá ficou, com o seu luto fechado, a matutar nas causas da inexplicável viagem.

Os preparativos começaram. As naus aprestaram-se e municiaram-se. O Barão de Souzel, que dirigia os trabalhos, assumiu o comando da frota.

Chegou, enfim, o dia do embarque.

D. Leopoldina recebeu o marido nos aposentos. Foi tocante aquele adeus de despedida! Ambos estavam ternos e afetuosos. Conversaram longamente. Longamente e comovidamente. A Imperatriz sentia dentro d'alma uma tristeza mordente, qualquer coisa de vago, espedaçante. Presságios de mau agouro a torturarem-lhe a alma:

— Não sei o que me diz o coração que estamos nos despedindo para sempre!

— Mas que tolice, volvia D. Pedi-o com um sorriso jovial. Que idéia sem fundamento!

— É uma tolice, eu bem sei, é uma idéia sem fundamento, é tudo quanto Vossa Majestade quiser. Mas o certo é que eu sinto dentro de mim, estranhamente, certa voz a me dizer que eu não verei mais a Vossa Majestade...

E sem razão, ferida de intraduzível mal, doente da alma, a imperatriz chorava. Tomou dum mimo e entregou-o timidamente a D. Pedro.

— Guarde isto! É uma lembrança minha.

D. Pedro mirou o presente. Era um simples anel de ouro, feito com dois aros sobrepostos: ao abrirem-se viam-se neles dois corações entrelaçados. D. Pedro sentiu o coração apertar-se-lhe. Sentiu um nó na garganta. A despedida foi realmente cruciante. O cronista das intimidades de São Cristóvão narra essa despedida assim: — "Eu morro; você quando vier do Rio Grande já não me há de achar. Aqueles que na vida foram desligados, sejam unidos depois da morte. Ele a abraçou. Choraram ambos muito. Ela lhe disse que tudo lhe perdoava e nenhum rancor lhe tinha..."

Na tarde desse dia, a frota, debaixo de salvas das fortalezas, largava a barra da Corte, levando Sua Majestade para os azares da guerra do Sul.

O dia primeiro de dezembro era o aniversário da Coroação do Imperador. O dia dois de dezembro aniversário natalício do príncipe D. Pedro, herdeiro do Trono. Na Corte, todos os anos, festejavam-se ambas essas datas com imensa pompa e brilho. Em 1826, porém, com surpresa de toda a gente, Valentim Faria de Sousa Lobato fez afixar, no "Diário Fluminense", o aviso de que não haveria, nem a primeiro nem a dois, o beija-mão protocolar. É que D. Leopoldina, — desde a partida

do Imperador, enfermara. E enfermara gravemente. O médico da Imperial Câmara, Dr. Vicente Navarro de Andrada, Barão de Inhomerim, correu ao Paço logo ao primeiro alarma. E depois de examinar a Sua Majestade, diagnosticou com autoridade:

— É aborto.

Era, de fato, aborto. E por isso a Quinta da Boa-Vista, em poucas horas, regurgitou de gente. A Corte inteira, o mundo oficial, altas patentes, áulicos, palacianos, damas, grandes titulares, tudo correu pressuroso a indagar da saúde de Sua Majestade. Os íntimos, os amigos fiéis e privados, esses, como sombras, trançando pelos aposentos particulares de D. Leopoldina, andavam nas pontas dos pés, falando baixo, o aspecto compungido, vigiando com desvelo a imperial doente. A Marquesa de Aguiar, Camareira-Mor, instalou-se definitivamente no Paço. O Barão de Mareschal postou-se, dia e noite, à porta da antecâmara. Paranaguá, abandonando os negócios públicos, passava horas inteiras em São Cristóvão. E D. Francisca de Castelo Branco, a boa, a inseparável, a devota camareira, essa não arredava um instante dos aposentos imperiais, dedicando-se, como uma escrava, de corpo e alma, pela vida da Ama.

Mas, dia a dia, por fatalidade, o estado da Imperatriz agravava-se alarmante. O Barão de Inhomerim, mais o Cirurgião-Mor do Império, o Dr. Guimarães Peixoto, assistiram efetivamente um parto prematuro de Sua Majestade. Desde esse fatal insucesso, começou a minar a vida da Imperatriz, impiedosa e implacável, tremenda septicemia puerperal. Os boletins médicos, afixados com abundância, denunciavam aflitivamente, num crescendo desolador, a ascensional gradação do intoxicamento. O "Diário Fluminense" informava assim ao público da Corte.

"Com o maior sentimento ainda não podemos felicitar nossos leitores pela suspirada melhora de Sua Majestade a Imperatriz. Os boletins, acima, mostram a infeliz continuação dos seus dolorosos incômodos e enchem de amargura os nossos corações pela triste recordação do perigo, que o Céu afasta para longe de nós. Entretanto, nota-se a mesma ansiedade no público, o mesmo concurso na Imperial Quinta, e maior impaciência por mais gratas notícias."

D. Leopoldina tornara-se uma soberana realmente querida do povo. Os infortúnios conjugais dos últimos tempos, os desregramentos do Imperador, tudo havia contribuído para nimbar o nome de D. Leopoldina dum halo de simpatia. Para torná-la, aos olhos românticos do povo, a melhor e a mais doce das imperatrizes. E o povo, que não discerne, mas sente, amava com sinceridade aquela boa Soberana. Era de ver-se, por isso, durante aqueles dias de tristeza e de amargura a comovida sensibilidade popular. Todo o Rio de Janeiro, desde os mais graduados até os mais humildes, enchia as Igrejas da Corte com votos, com rezas, com promessas, com lágrimas pela saúde de Sua Majestade. Os sinos não deixavam um momento de tanger. Mas embalde subia ao céu, ao gemer dos sinos, a piedosa devoção do povo pela sua Imperatriz. A pobre D. Leopoldina, ardendo em febre, o cérebro num excitamento esbraseado, rolava na cama, a delirar, a delirar... E o seu delírio era de rasgar os corações:

— Minha boa Francisca! Minha Francisca! Repare um pouco... É veneno! É veneno o que está naquele copo verde. Não me deixe envenenar... Foi ela quem preparou a bebida. Foi *ela!* Foi *ela!*

Agarrava nas mãos de D. Francisca de Castelo Branco:

— Foi feitiçaria! Só feitiçaria podia virar a cabeça de meu marido! Do meu Imperador! Jesus! Foi *ela. Ela* e a *filha!* Acudam! Eu quero D. Pedro! Depressa! D. Pedro...

E rolava nos lençóis e erguia-se, e gesticulava, e chamava por D. Pedro. Era uma agonia sem fim, pungente e desesperadora.

Os médicos, desapontados e impotentes, sentiram por fim que a ciência falhara. D. José Caetano, o Bispo, veio então para a Eucaristia. D. Leopoldina recebeu os sacramentos.

Desgraçadamente, naquele corpo cambaleante de moribunda, a febre não cessava de queimar. E a angústia, e o excitamento, e as visões alucinadas, continuavam impiedosamente a torturá-la. Era um delirar sem tréguas:

— Eu morro! Eu morro! Tragam o médico! Eu quero o médico! Todos os presente, com o coração opresso, choravam compungidos. Nisto, em meio àquela angústia, a Marquesa de Aguiar, pé ante pé, aproximou-se do velho Paranaguá. E num cicio:

— Venha comigo!

Paranaguá, sem dizer palavra, seguiu a Marquesa. Na antecâmara, porém, o Ministro estacou de brusco. Estacou petrificado. A Camareira-Mor, apontando então a Sra. Marquesa de Santos, que ali surgira toda de preto, num luto elegantíssimo, explicou o incidente:

— A Sra. Marquesa de Santos quer entrar nos aposentos da Imperatriz. Eu pedi à Sra. Marquesa que esperasse um instante para falar a Vossa Excelência.

D. Domitila, a fronte erguida, virou-se com arrogância para Paranaguá:

— Não compreendo, Sr. Marquês, a razão pela qual me fazem esperar nas antecâmaras. Parece que todos andam esquecidos do meu cargo: eu sou, neste Paço, a Primeira Dama da Imperatriz!

Paranaguá, indignado, teve uma atitude de arrojo:

— Tenha paciência, Sra. Marquesa: Vossa Excelência não pode entrar!

D. Domitila olhou o Ministro com ira. Os seus olhos esbraseavam. Toda ela era fúria.

— Não posso entrar?

— Não pode!

De pé, no meio da porta, trancando a passagem, Paranaguá lançou em rosto da favorita esta coisa enorme:

— Não pode! E queira retirar-se. Queira retirar-se já, Sra. Marquesa! Eu não admito que Vossa Excelência, com a sua presença, venha ultrajar os últimos momentos da Imperatriz.

E o Ministro, com um gesto autoritário, apontou à Marquesa de Santos a porta da saída... D. Domitila empalideceu. Os lábios tremeram-lhe. Os seios arfaram-lhe como ondas encapeladas. Fitou o atrevido com bravia arrogância e rugiu entredentes:

— Vossa Excelência pagará.

E a Sra. Marquesa de Santos, aturdida, partiu com um grande ódio esfervilhando-lhe no coração.

Dentro, nos aposentos imperiais, a rolar na cama, a pobre D. Leopoldina continuava na sua agonia. Lá estava, nos estertores. Fugiam-lhe os últimos lampejos. A vida esvaía-se-lhe gota a gota. Era o fim.

No dia seguinte, o médico imperial, num boletim largamente tarjado de negro, afixava estas linhas irreparáveis:

"11 de dezembro. Pela maior das desgraças se faz público que a enfermidade de Sua Majestade a Imperatriz resistiu a todas as diligências médicas, empregadas com todo o cuidado por todos os médicos da Imperial Câmara. Foi Deus servido chamá-la a si pelas dez horas e um quarto. Barão de Inhomirim".

UM BEIJA-MÃO TRÁGICO

Os vastos salões do Paço de São Cristóvão, severamente recobertos de crepes fúnebres, transbordam de gente. De instante a instante, erguendo o reposteiro, João Carlota dobra-se reverencioso ante os Grandes titulares do Império. As damas, de luto fechado, vestido de veludo negro, sem jóias nem adereços, passam de olhos vermelhos, numa grande expressão de dor. Os cortesãos, solenes, entram com o aspecto compungido, um grande ar de desolação.

Todo esse mundo oficial e palaciano, que ali atulha salões e corredores, espera, debaixo de um silêncio tumular, que soe a hora do beija-mão. É o beija-mão derradeiro. O beija-mão trágico.

Dolorosa angústia aperta a todos. Erra pelo ar, como se a alma daqueles crepes voasse pelo ambiente, uma tristeza funda, tristeza espessa, que os sentidos sentem.

Súbito, do velho e enorme relógio de mogno, tombam pesadamente, uma por uma, doze lentas badaladas[36].

É a hora.

Valentim Faria de Sousa Lobato, no seu oficio de Porteiro Imperial, escancara as amplas portas que dão para o aposento onde repousa o corpo da Imperatriz. O aposento, trescalante de aromas, está florido como um jardim. Dentro, sobre largo estrado almofadado, recoberto por finíssima colcha cor de pérola, jaz o cadáver embalsamado da Sra. D. Leopoldina. Loura, plácida, vestida de grande gala, com todas as suas insígnias e fitões, muito esmaiada e muito doce, um sorriso

[36] Coleção do Diário Fluminense.

gelado no lábio, a Imperatriz repousa a cabeça, serenamente, sobre duas vastas almofadas de seda verde e ouro.

Começa o beija-mão... O primeiro a atravessar aquela câmara, assim pungentemente enfeitada, é o Príncipe Herdeiro, aquele galante e ingênuo principezinho de apenas um ano, que entra carregado por José de Andrade Pinto, camarista de Sua Majestade: todo de negro, sem compreender a grande desgraça, o órfão pequenino, o que vai ser, dentro em breve, o glorioso Imperador do Brasil, beija, pela última vez, a mão da augusta Mãe. Pálida, sufocando os gemidos, seguida pelo camarista José Alves Pereira de Ribeiro Cirne, entra a Sra. D. Maria da Glória. E a leve, a graciosa rainhazinha de Portugal, branca e dolorosa, atira-se com desespero sobre o cadáver de D. Leopoldina. Depois, seguida pelo Sr. Visconde da Cachoeira, a Princesa Januária, num transe de nervos, põe-se a gritar, comovedoramente, em altos brados: "Mamãe! Mamãe! Eu quero Mamãe! Acordem Mamãe!" E abraça a mãe com frenesi.

Diante do cadáver em grande gala, naquela câmara trágica, estranhamente decorada de verde e ouro, começam a desfilar, hirtos e fúnebres, os altos personagens da Corte. D. José Caetano, o Bispo-Capelão, resplendendo de sedas escarlates. A Sra. Marquesa de Aguiar, a Camareira-Mor, com os seus gorgorões faiscantes de vidrilhos, toda debulhada em lágrimas. O velho Mareschal, com os bigodões ornamentais, comovido como um menino. D. Francisca de Castelo Branco, Marquesa de Itaguaí, dolorosa, os cabelos em desalinho, a abafar os soluços que lhe borbotavam da garganta.

E o desfile continua, vagaroso, protocolar, repassado de emoção e de silêncio. E o Sr. Marquês de Caravelas, rijo e austero, com o seu espadim de Primeiro-Ministro; é o Sr. Marquês de Paranaguá, impecável, muito pálido, o lenço de seda negra afundado no peitilho da camisa; é o Sr. Conde de Lages, os olhos piscos, forçando uma severidade que lhe custa; é o Sr. Visconde de Inhambupe, sombrio e doloroso; é o arcado e encarquilhado Visconde de Cairú, com o pescoço espremido num imenso colarinho de palmo...

No outro dia, noite já fechada, deu-se início ao enterro. Eram oito horas. Principiou o desfilar daquela marcha fúnebre. Era um cortejo tétrico impressionante, quase bárbaro. À frente, cavalgando cavalos árdegos, seis porteiros da Câmara carregavam insígnias e pendões. Em seguida, uniformizados, com o barrete negro, orlado de arminho branco, vinha o sr. Corregedor da Corte. E de lado a lado, em imensas filas, uns atrás dos outros, todos os Dignitários, todos os Grandes do Império, todos os Cortesãos, todos os Criados da Imperial Câmara. Iam silenciosos, fúnebres, enrolados na suas longas capas trevosas, montados em ginetes de luxo, recobertos de mantas pretas, bordadas a ouro. Os criados de cada um, trajando libré de luxo, levando nas telizes as armas dos amos, alumiavam com tochas aquele cortejo sombrio. Atrás do coche mortuário, que quatro grandes fidalgos circundavam, vinha o carro do Estado, vazio, grave como um cortesão. Logo depois, puxado por seis cavalos, um outro coche carregando a Coroa. Fechava a marcha a Guarda de Honra.

E assim, por entrelinhas de soldados que se estendiam, ininterruptas, desde o Paço da Boa-Vista até o Convento da Ajuda, desfilou, sob a noite preta, alumiado por estranhos fogaréus de tochas, aquele enterro impressionador.

E naquela noite memorável, em 14 de dezembro de 1826, foi sepultada, no Convento da Ajuda, a filha de Francisco Leopoldo, a cunhada de Napoleão Bonaparte, a primeira Imperatriz do Brasil.

DUAS CENAS NUMA NOITE

Enquanto, sob o dorido planger dos sinos, os músicos da Imperial Capela entoavam o "Responso" das encomendações, cá fora, no Botequim da Cometa, ia áspero tumulto de capoeiras e mulatos. Toda aquela gentalha discutia assanhadamente a morte da Imperatriz.

— Foi veneno!
— E veneno da Domitila[37]!

Aqueles tipos eram a mais sórdida ralé do Saco da Gamboa. E os valentões, exaltados, principiaram a exorbitar:

— É preciso vingar a Imperatriz!

Aquela idéia pegou fogo. E foi se avolumando. E cresceu. E em breve, no Botequim da Cometa, era o desejo mais empolgante daquela malta bêbeda.

— Morra a Domitila! Morra a Domitila!

Em meio aos roncos, em meio àquela trovejante efervescência, o velho "Corta-Orelha", trepando ao balcão, urrou para a canalha:

— Vamos apedrejar a casa da Marquesa!

Com seus ares de grande homem, o capoeira saiu para a rua, temeroso, a brandir alto um grosso porrete de caviúna.

— Pra casa da Domitila, rapaziada! Mata a Domitila!

A choldra acompanhou o chefe. E de todos os lados, arrastada por aquele mando, a caterva rompeu em uivos:

— Mata! Mata!

Formou-se, de pronto, vasto magote de arruaceiros. E a massa ululante pôs-se em movimento..

— Abaixo a Domitila!
— Abaixo a *moça!*
— Abaixo a envenenadora!

Àquela hora da noite, no entanto, o palacete da favorita, já recolhido e quieto, repousava taciturnamente entre as suas grandes árvores silenciosas. Dentro, numa alcovazinha aconchegada, estendida sobre o fofo canapé, cismava a Sra. Marquesa de Santos.

---

[37] Correu, entre muita, versões, a de que D. Leopoldina fora envenenada. Carlos Seidler, tenente alemão que estivera no Rio por essa época, recolhendo esse boato, estampou-o no seu livro.

Aqueles chorosos dobres de sino, aquelas pompas fúnebres, aquela dorida plangência que se infiltrava em tudo, não conseguiram entenebrecer a alma da paulista. Ao contrário! D. Domitila tinha agora a ambição largamente enfunada. E no seu peito, lá no mais secreto cantinho do coração, ela sentia bem que a morte de D. Leopoldina, assim tão súbita, abrira no seu destino, de golpe, um horizonte lindo e vasto! Que faltava agora para ser ela a Imperatriz de verdade? Um quase nada.

E na sua fantasia, ali, à meia-luz, o rosto apoiado na mão, leve sorriso na comissura do lábio, a Marquesa de Santos ia erguendo castelos no *ar...*

De repente, quebrando a trama dos devaneios, D. Domitila começou a escutar um ruído longínquo. Ruído confuso e estranho. Era uma atoarda incompreensível. E ia engrossando... engrossando... E eis que a Marquesa estremece. Põe-se a escutar melhor... Com espanto, D. Domitila distingue, bem claramente, os berros da multidão:

— Morra a Domitila!
— Morra a envenenadora!

Assustada, a pobre Marquesa espia timidamente por uma frincha da janela: em frente a sua casa, vociferando, grande malta negra atulha sombriamente a rua. E os gritos não cessam:

— Mata! Mata!

D. Domitila, naquele rápido espiar pela frincha da janela, reconhece a figura agressiva do "Corta-Orelha". O mulato escalando o gradil do muro, estava prestes a saltar para dentro do jardim. Espavorida, a Marquesa de Santos foge precipitada para os fundos da casa. Mal dá os primeiros passos, porém, sente que a casa toda, desde os alicerces até o teto, estremece fragorosamente! Estremece sacudida, sob estrondante saraivada de pedras e paus. E a multidão, aos berros:

— Mata! Mata!

Já se ouve, à entrada, o estrupido dos arruaceiros a forcejarem a porta. E a cada estrondo, e a cada porretada, responde o ulular da malta:

— Morra a envenenadora!
— Morra a assassina!

D. Domitila sente que vai sucumbir. O furor da população prostra-a. Gelado, o suor corre-lhe em bátegas.

Eis que, a um sacolejão violento, a porta do fundo escancara-se.

D. Domitila recua espavorida! Diante dela, porém, desembuçando-se rápido, surge o Moraizinho, desgrenhado:

— Venha! Venha depressa!

Envolve-a, célere, na sua capa negra. E escudeiro fiel, conduz a aturdida senhora por entre as alamedas do pomar.

Fora, na rua dos fundos, o moço pula agilmente para o cavalo que o espera. Ergue a encantadora favorita. E esporeando o ginete, com a Marquesa à garupa, dispara como um doido, fantasticamente, pelas ruelas escuras da Corte.

D. Domitila, embuçada na capa, agarra com fúria aos ombros do cavaleiro:

— Para onde vamos?
— Para o paço!
— Para o paço?
— Para o Paço da Cidade. E lá que está o Chalaça.

Minutos depois, estupefato, o Chalaça recolhia ao Paço, ainda trêmula e descorada, a Sra. Marquesa de Santos.

O Tenente Morais, sem descansar, volveu, num galope, à cata do Intendente de Polícia. Providenciou. Mandou piquetes de cavalaria. Limpou a cidade[38].

Noite alta, quando tudo estava novamente apaziguado, o Moraizinho tornou ao Paço. A Marquesa esperava-o, ansiosa:

— Que há?
— Tudo em paz! Já não há mais capoeiras pela rua. O Intendente mandou varrer tudo a pata de cavalo.

Então, com grande expressão teatral, juntando as mãos, D. Domitila exclamou agradecida:

— Oh, meu amigo! Meu querido Moraizinho! Devo-lhe a minha vida. Você foi o meu salvador...
— Foi um herói, atalhou o Chalaça. Você foi um autêntico herói, Moraizinho. E por isso, pelo seu ato de bravura, você merece um gole de genebra. Espere aí, meu amigo, que eu vou buscar copos par bebermos à sua saúde.

Saiu. Sozinho, diante daquela mulher que enchera a sua vida, que fora a sua ambição mais alta, debaixo daquele olhar negro e coruscante, o Tenente Morais, confuso e embaraçado, não ousava uma única palavra. Mas D. Domitila, aquela perigosa enlouquecedora de homens, chegou-se, toda macia, toda seda e pluma, até bem rente do seu velho e platônico apaixonado.

Pousou-lhe as mãos no ombro. Fitou-o com um olhar incitador. De repente, num ímpeto brusco, a Marquesa de Santos atirou-se, aveludadamente, ao pescoço do seu romântico. E toda ardência, num cálido transporte de carinhos, cobriu-o duma rajada de beijos longos, entontecedores.

O Chalaça, que entrava sem ruído, trazendo a genebra e os copos, estacou assombrado à porta do salão.

E escondendo-se atrás do reposteiro, com leve sorriso sarcástico no lábio, o truão, desolado, revirou os olhos para o céu:

— Meu Deus... Até o Imperador!

---

[38] Alberto Rangel, pág. 162: "Que a Marquesa se tivesse refugiado da avania nos aposentos do Paço, ou na residência de D. Mariana Carlota, o certo é que garantiram a defesa da paulista o Ministro da Guerra e o Intendente Geral de Polícia".

Nessa mesma noite, a essa mesma hora, bem longe da Corte, que cena diferente... E em Massiambu. Em frente à barraca de campo do Imperador, a fogueira crepita. Ecoa, pela vasta solidão do pampa, o andar monótono da sentinela. D. Pedro, sozinho, o cotovelo fincado na mesa, a mão na fronte, alheio aos mapas de guerra esparsos à sua frente, olha a fogueira. Olha a fogueira e sonha. Saudade mordente, tristeza que punge, confrange o coração enamorado do Monarca.

Aqueles dias de febre, aqueles aprestos de campanha, aquelas proclamações trombeteadas com estrondo, tudo aquilo não conseguira desviar a idéia fixa que torturava o seu cérebro escandescido. Nada, absolutamente nada, conseguira sufocar a sua paixão absorvente. A ausência acendera-lhe a saudade. A distância agravara-lhe os desejos. A solidão acirrara-lhe o desespero. Tudo nele eram recordações. Tudo ânsia mórbida por voltar. E ali, na barraca, solitário e absorto, olhos na fogueira, vago sorriso a despontar-lhe no lábio, o Imperador sonha...

De repente, quebrando a solidão, ecoa pelo silêncio da noite áspero trotar de cavalo. Quem será? O ajudante-de-campo, perfilado e ereto, entra na barraca:

— Acaba de chegar um correio da Corte.

— A estas horas?

— Veio estropiando cavalos pelo caminho. Trouxe ordens expressas de entregar urgentemente esta carta para Vossa Majestade.

E passou a carta às mãos do Imperador. D. Pedro tomou-a. Correu os olhos pelo sobrescrito. Ah, o coração quase lhe estourou no peito! Despediu com um gesto o ajudante-de-campo e rasgou sofregamente o envelope.

Era uma carta da Marquesa. D. Domitila contava a D. Pedro a rude humilhação por que passara:

Mal V. Majestade se foi embora e nem havia ainda desembarcado, já os servidores do Paço começaram a me insultar. Que covardes! O Paranaguá, o Paranaguá tão amigo de V. Majestade, foi de uma brutalidade sem nome: enxotou-me do Paço! V. Majestade ouviu bem? Enxotou-me! E eu, a Primeira Dama da Imperatriz, eu, que fora cumprir os meus deveres junto ao leito da Enferma, eu saí enxovalhada do Paço! Saí enxovalhada de São Cristóvão, enxovalhada publicamente como se eu fosse a última das últimas! Oh! Sr. D. Pedro quando V. Majestade voltará[39]*?*

D. Pedro leu aquilo. O sangue ferveu-lhe nas veias. E leu a carta de novo. Releu-a outra vez. E mais outra. E assim, todo nervos, a passear azedo pela barraca, D. Pedro atravessou a noite em claro. Naquele cérebro de apaixonado atropelavam-se as idéias mais desencontradas. Rugia-lhe um vendaval no peito. Irrefreável desejo de partir, de voar para a Corte, de correr em amparo da mulher amada, estrugia-lhe forte no coração.

E o amor, aquele amor que o desatinava, falou nele enfim, mais alto do que a razão. Por isso, logo ao romper do dia, ainda com os olhos febrentos da vigília, Sua Majestade chamou o ajudante-de-campo. E o ajudante-de-campo ouviu estatelado:

---

[39] Diz o Marques de Gabriac, Ministro de França, no seu ofício de 18 de janeiro de 1827, que Paranaguá asseverava ter D. Domitila mandado uma carta de acusação contra ele, Paranaguá, e os outros Ministros.

— Motivos imperiosos me chamam à Corte. Amanhã sigo para Pedro. E de lá, no primeiro barco, para o Rio. Providencie tudo a minha viagem.

Pelo acampamento, espalhou-se célere a notícia do regresso de Majestade. Ah, foi um desapontamento! Mas o apaixonado, no tresvario da paixão, abandonando soldados, afrontando com desasombro o ridículo daquele recuo, lá se foi, cavalheiresco e romântico, acudir a mulher do seu amor, aquela que, lá do seu infortúnio, lhe enviara uma simples carta lacrimosa.

— D. Pedro partiu.

Durante a viagem, numa hiperexcitação mórbida, Sua Majestade enraivecia à toa. Tudo era motivo para que os seus nervos se exaltassem. Só porque um peão, o que puxava a tropilha, ia caminhando pachorrento e lerdo, o Imperador cortou-lhe a cara com uma chicotada. Em Desterro, quando chegou a nau que devia conduzi-lo, D. Pedro jantava. Sua Majestade, naquela sua ânsia por voltar, largou a comitiva, os amigos, o jantar, tudo! Embarcou-se imediatamente. A nau nem sequer teve tempo de refrescar. Voltou aos trancos, panos abertos a todos os ventos, os marinheiros com meia ração de água, os oficiais passando a arroz e carne seca[40]... Enfim, a 15 de janeiro, pelas duas horas da tarde, Sua Majestade desembarcou no Arsenal de Marinha. Foi um desembarque taciturno. Não houve pompa. Só o Ministério veio recebê-lo. D. Pedro, austero e ríspido, não teve um sorriso, não teve um gesto amável. A secura do viúvo impressionou a todos.

Chegando em São Cristóvão, ainda quebrado das fadigas da travessia, o Soberano, como primeiro ato, mandou lavrar um decreto Depois, com imperceptível sorriso diabólico nos lábios, o Imperador bateu palmas. O Chalaça apareceu.

— Vá entregar este decreto ao Sr. Marquês de Paranaguá. V:; depressa!

O Chalaça partiu. O velho e elegante Ministro, abancado à sua ampla secretária de carvalho negro, recebeu com amabilidade a estranha visita do Secretário Privado.

— Que há, Sr. Comendador?

— Sua Majestade mandou-me aqui para entregar a Vossa Excelência este papel.

Paranaguá recebeu o envelope com o timbre do Estado Rasgou-o. Leu o decreto. Aflorou-lhe ao lábio um sorriso pungente. Sorriso escarninho e doloroso.

— Sabe o que é isto, Sr. Comendador?

— Não, Sr. Marquês.

— Leia!

O Chalaça, com a sua figura exótica, retorcendo os seus bigodes muito negros e muito retorcidos, leu, com imperturbável serenidade este incrível decreto de Sua Majestade:

---

[40] O cônsul da Suécia narra os episódios dessa viagem. Vide: *D. Pedro e a Marquesa de Santos* pág. 173.

Tendo-Me representado repetidas vezes o Marquês de Paranaguá que as suas moléstias o privavam de poder perfeitamente desempenhar o honroso emprego de Ministro e Secretário do Estado: Hei por bem atendê-lo dando a sua demissão. Palácio do Rio de Janeiro, em 15 de janeiro de 1827, sexto da Independência do Brasil. — Imperador[41].

UMA AVENTURA DO CHALAÇA

Mirando-se ao espelho do toucador, o Chalaça dava o último retoque ao nó do *plastron.* Nisto, alguém empurrou a porta. Era João Pinto da Rocha. Francisco Gomes, em frente ao espelho, perguntou tranqüilamente ao amigo:

— Então, João Pinto? Tudo pronto?

Tudo. Amanhã às sete horas, rigorosamente, o banquete será servido.

— Veja lá a sua responsabilidade, João Pinto! Não se esqueça de que este é o primeiro banquete que se dá no Paço depois da morte da Imperatriz. Veja, portanto, o que você vai nos apresentar.

— Não tenha medo, Chalaça. Vai ser um banquete de arromba. Coisa linda. Você verá!

João Pinto sentou-se num canapé e pôs-se a tagarelar:

— A vinda da Marquesa ao banquete é que está escandalizando a toda a gente. Ninguém quer acreditar. Foi uma bomba! E com razão. Afinal de contas o Sr. D. Pedro, depois que enviuvou, é apontado como um modelo; como o homem mais morigerado da Corte. Vive a vida dum recluso. Passa a maior parte do tempo na Fazenda de Santa Cruz. Todo mundo, diante disso, está convencido de que o Sr. D. Pedro acabou de vez com seus velhos amores. Vai agora, na primeira festa que há, a dama principalmente convidada é logo a Sra. Marquesa de Santos! Ora, isso é francamente coisa de espantar.

— É isso mesmo, exclamou o Chalaça. É coisa de espantar. Mas que quer você? D. Pedro é o temperamento mais extraordinário que existe. O homem mais ilógico do mundo. Ao ver aqueles modos reconcentrados, aquele isolamento, aquele luto, toda a gente — não há dúvida — toda a gente acredita que Sua Majestade mudou inteiramente de vida...

— Toda a gente!

— Pois bem, continuou o Chalaça, a verdade, nua e crua, é esta: todas as noites, embuçado na sua capa negra, o Sr. D. Pedro lá vai, muito às escondidas, esquecer a sua viuvez nos braços da Domitila!

— Que está você dizendo, Chalaça?

— Nos braços da Domitila!

— Será possível? fez João Pinto, arregalando os olhos.

— É o que lhe conto, meu amigo! E não arregale assim os olhos. É a pura verdade! E o mais engraçado, comentou o Chalaça a piscar os olhos, muito

[41] *Decretos,* livro XI, Arq. Público Nacional.

ridicularizante — o mais engraçado é que D. Pedro leva o seu mistério a ponto de esconder essa farsa até de mim!

— Até de você?

— Até de mim! Eu, naturalmente, finjo que não sei. E desempenho com habilidade o meu papel de ingênuo. Sou como toda a gente: acredito piamente na estranha reviravolta de D. Pedro, isto é, nas suas atuais virtudes de viúvo inconsolável.

E rindo-se:

— Digo mais: acredito piamente — e isso como todo mundo — que o Sr. D. Pedro anda louco por se casar com uma princesa da Europa...

— Bem, atalhou vivamente o João Pinto; bem, Chalaça, agora vamos falar sério. Diga-me com franqueza: que tal esse casamento? Sai ou não sai?

— Sei lá! Vá perguntar ao Barbacena! O Barbacena é quem está incumbido de arranjar a noiva. O Barbacena é agora o homem do dia.

— Realmente, exclamou João Pinto, como este Barbacena tem estrela! É assombroso! E dizer-se que este homem, depois da derrota de Ituzaingó, ainda está nas boas graças do Imperador? Cáspite...

— Que quer você, retorquiu o Chalaça, filosófico. O mundo foi sempre assim: mais vale cair em graça do que ser engraçado. Este Barbacena é um caso típico. D. Pedro tem paixão pelo homem! Tudo para D. Pedro é o Barbacena. E só o Barbacena. E que se há de fazer? D. Pedro acha que o Caldeira Brant é um gênio. E não há quem o demova disso. Depois da derrota de Ituzaingó o Sr. D. Pedro ainda recebe o Barbacena de braços abertos. É inacreditável! E não fica aí... Faz mais: manda o homenzinho para a Europa à cata de noiva. Não pode haver missão mais importante. E Caldeira Brant 1á está, com carta-branca para tudo, cheio de honrarias, a brilhar nas Cortes...

— Brilhar nas Cortes é coisa de menor importância. O homem que brilhe à vontade! O principal é que ele arranje a noiva.

— Não arranja coisa nenhuma! É um sujeito incapaz. Você verá o fracasso! Aliás, até agora, a coisa por lá tem andado péssima.

E com um piscar de olhos:

— Não há jeito de se fisgar uma noiva para D. Pedro.

— Verdade?

— Imagine você que duas princesas já foram pedidas: uma de Turim, outra da Baviera. E as duas, meu amigo, as duas disseram não!

— De forma que... atalhou João Pinto.

— De forma que, concluiu o Chalaça, o nosso Imperador já levou duas tábuas! Duas, meu amigo!

E ambos, ante a idéia das tábuas, soltaram uma gargalhada.

— Mas afinal, volveu João Pinto, você que pensa de tudo isto? Vamos lá, Chalaça, francamente: O Imperador casa ou não casa?

— Casa! Isso não há dúvida. Casa! Mas...

E aqui, com uma voz muito baixa, muito intencional, o Chalaça cochichou em segredo:

— Mas casa aqui, no Brasil. Casa por capricho! Casa por maluquice! Você verá. E só um pouquinho mais de força e a bomba estoura...
— Você está doido Chalaça!...
— O tempo o dirá, João Pinto! O tempo o dirá.

E o Chalaça virou-se de novo para o espelho. Compôs a flor da botoeira. Borrifou-se de água-de-cheiro. E depois de puxar, com um repelão, os punhos engomados da camisa:

— Bem, João Pinto, basta de tagarelice. Adeus! Até amanhã. Eu vou-me à casa da Marquesa. Vou visitar a deusa! E apertando vigorosamente a mão do amigo:
— Veja lá o banquete de amanhã! Nada de fiasco. Não me vá sair, oh, João Pinto, um novo Barbacena!

E partiu alegremente. Ao descer, porém, as escadarias da Quinta, o Chalaça topou com o Moraizinho. A Sra. Marquesa de Santos, depois daquela famosa noite de tropelias, conseguiu colocar o Tenente no Paço a serviço de Sua Majestade. O Chalaça, parando, estendeu a mão ao agraciado:

— Você já sabe que amanhã há banquete no Paço?
— Já sei. Chalaça!
— E você sabe, que é um homem feliz como os Lobatos, já sabe que tem o seu talher à mesa[42]?
— Já sei. E estou honradíssimo.
— Pois então, meu caro Tenente, é só envergar a fatiota de gala e comparecer faiscante. Até amanhã!

Com um gesto amável, sorrindo, o Chalaça despediu-se do moço e desceu as escadarias do Paço a caminho do palacete da Rua Nova.

Fora, atravessando o parque umbroso da Quinta, o Chalaça ia radioso, festivo, a assobiar brejeiramente uma solfa gaiata. Que alegria cantante e linda sonorizava o peito do truão! Havia um pássaro de ouro a gorjear-lhe na gaiola da alma. O Chalaça, depois da cena do Moraizinho, transmudara-se radicalmente. Tornara-se o grande cortejador da Sra. Marquesa. Raro o dia em que o valido não surgia no palacete da D. Domitila. Aparecia sempre com uma lembrançazinha, qualquer coisa graciosa, um mimo. Aquela assiduidade junto à bela favorita, aquele empenho em lhe ser agradável, o esforço que punha em cativá-la com as mais finas gentilezas, revelavam até certo ponto intenções alarmantes, comprometedoras... E a endiabrada Marquesa, muito fina e muito astuta, recebia, com polida complacência, esse cortejar velado. Aquele tipo lhe era indispensável. O íntimo de D. Pedro, o

---

[42] José Vieira Fazenda, *Rev. do Inst.* Histórico e *Geográfico Brasileiro*, tomo 88, Vol. 142, pág. 307.

"Feliz como os Lobatos", diziam os capadócios do tempo de D. João VI, "porque *Os* tais figurões, além de ocupar vários e importantes empregos, gozavam de todo o valimento do Rei e ainda por cima recebiam cada um do erário a soma de dois contos de réis anuais".

famoso e adulado confidente, podia prestar os mais decididos serviços aos planos da grande ambiciosa.

Por isso, naquela bonita noite de verão, noite romântica de luar, foi com um sorriso encantador que a Sra. Marquesa de Santos acolheu o perfumado amigo do Imperador:

— Seja sempre bem-vindo, meu caro Chalaça!

— Deus a salve e guarde, Sra. Marquesa!

Brejeira, a irradiar graças e feitiços, D. Domitila começou risonhamente:

— Recebi ontem, com as rosas, o convite para o banquete. E nem sei o que mais deva agradecer: se o convite, se as rosas.

— Oh, Sra. Marquesa, as rosas...

— Lindas! Lá estão na jarra do meu toucador. É pena que emurcheçam tão breve. Se não, meu caro Chalaça, havia de me florir com elas para ir ao banquete.

— A Sra. Marquesa não precisa florir-se... atalhou o Chalaça madrigalesco; Vossa Excelência, mesmo sem uma flor, será fatalmente a primavera da festa!

— Sempre caçoista, tornou D. Domitila com um sorriso. Sempre a dizer chalaças!

E tomando bruscamente um ar de desconsolo:

— Primavera! Pobre primavera... Uma primavera que escandaliza as festas em que vai! Não é verdade, Chalaça?

— Escandalizar, Sra. Marquesa, escandalizar, propriamente, não escandaliza. O povo anda aí a comentar, de fato, o convite feito Vossa Excelência. Mas o povo é sempre o mesmo linguarudo, comenta tudo e todos! E não dar trela nem ouvidos a esse velho maledicente...

— Mas há, realmente, muito comentário?

— Muito! Um comentário enorme, respondeu o Chalaça; foi um choque!

— Mas por que Chalaça? Por quê? Qual a razão para tanto alarma?

O Chalaça sorriu. E melífluo, com a sua voz açucarada, explicou ingenuamente a D. Domitila aquilo que a paulista já estava cansada de saber:

— É que todo mundo está convencido que houve completo ma pimento entre Vossa Excelência e Sua Majestade...

— Ora veja que tolice, aparteou a Marquesa. Não houve rompimento algum. Tudo é pura invencionice. O Imperador, depois que enviuvou, anda muito recluso. Não recebe ninguém. Nem a mim! Mas isso não significa que sejamos inimigos. Longe disso...

— Pois olhe, Sra. Marquesa, continuou o valido, eu, que sou íntimo do Paço, eu também julguei que Vossa Excelência estivesse arrufada com o Imperador.

— Eu? Que idéia... E por quê?

O Chalaça ergueu-se. Aprumou-se. Consertou o nó do *plastron.* E maldoso, com o seu sorrisozinho diabólico, murmurou:

— É que Sua Majestade, ultimamente, anda fazendo certas visitas... Certas visitas noturnas, bastante enigmáticas.

D. Domitila encarou no valido com surpresa. Aquilo era uma revelação grave:

— Sua Majestade anda a fazer visitas noturnas?
— Afianço-o a Vossa Excelência! exclamou o Chalaça, positivo firme. Digo mais: a pessoa que D. Pedro visita, é pessoa muito conhecida de Vossa Excelência!

D. Domitila não pôde dominar-se.

— Chalaça, meu bom Chalaça, deixe-se de gracejos! Vamos lá... Diga a verdade: é certo o que você acaba de revelar?
— Se é certo? Oh, Sra. Marquesa!

Diante do espanto da favorita, o Chalaça, brutalmente, contou-lhe tudo:

— Vossa Excelência quer ter a certeza? Pois é muito fácil: mande rondar a casa da Sra. Baronesa de Sorocaba.
— A casa da Baronesa? Da minha irmã?!
— Exatamente: da irmã de Vossa Excelência!

A Marquesa ouviu, sucumbida. Aquilo era inacreditável. Era hediondo.
Mas o Chalaça, o hábil trapaceiro, veio logo, com mãos de veludo, fechar a dolorosa ferida que abrira com tão funda punhalada:

— Mas não se magoe, Sra. Marquesa. Nem se entristeça por tão pouco. Essas aventurazinhas de D. Pedro são bagatelas à toa. Coisa sem mais valia! A grande aventura, a aventura séria, a definitiva, essa, Sra. D. Domitila, essa o Sr. D. Pedro não fará com a Baronesa de Sorocaba: fará com a Marquesa de Santos!
— Comigo?
— Com Vossa Excelência!

E olhando-a bem nos olhos, frente a frente, o Chalaça perguntou abruptamente:

— Por que Vossa Excelência não se casa com o Imperador?
— Sim, Sra. Marquesa! Vossa Excelência! Essa, sim, que é a grande aventura.
— Você está zombando, Chalaça, interrompeu D. Domitila, lisonjeada. Isso é pilhéria sua! Ora veja lá... Quem sou eu para pensar nesse casamento? Você está zombando...
— Não, senhora! Falo a sério. Muito a sério. E digo-lhe mais, Sra. Marquesa: Vossa Excelência tem a faca e o queijo na mão. E só querer.

D. Domitila sorria. Aquilo era o seu desejo mais torturante. O sonho que a embalava noite e dia. A mais alta, a mais ferretoante ambição de sua existência. Casar-se com D. Pedro... Ser a Imperatriz! Ser a mulher suprema! D. Domitila fitou com olhos lampejantes o seu terrível amigo:

— Vamos lá, Chalaça! Não graceje... Falemos com calma. Responda-me lealmente: você acha viável esse casamento? Vamos, diga tudo o que você pensa. Seja meu amigo! Ajude-me a raciocinar.

O Chalaça chegou-se rente à favorita. E sereno, com segurança e lógica, aquela alma endemoninhada começou a dizer o que pensava.

— O Imperador precisa casar-se. Isto é indiscutível. E o Caldeira Brant já está lá por Londres à cata da noiva. Mas aquilo vai ser uma complicação dos diabos.
— Porquê?
— Não é coisa simples, não, fisgar uma noiva para D. Pedro. Ao contrário! É tarefa muito melindrosa. Aquelas princesinhas da Europa não querem saber da América. Isto por aqui, é um fim de mundo. É um desterro. E, além do mais, pelos gabinetes de lá, já se espalhou a notícia de que há no Rio uma senhora muito perigosa por quem D. Pedro faz todas as maluquices do mundo

D. Domitila sorria.

— Não sorria, não, Sra. Marquesa! Não sorria! A verdade é esta: o espantalho das Cortes da Europa é a Sra. Marquesa de Santos. D. Pedro já teve duas desilusões. E duas desilusões bem amargas. Na terceira, como Vossa Excelência já está vendo aqui, D. Pedro explode. E explode, e grita, e manda tudo ás favas, e faz um estardalhaço dos diabos! Ora...

Aqui o Chalaça parou. Aquele seu velho sorrisozinho diabólico espicaçante, aflorou-lhe subitamente ao lábio:

— Ora, nesse momento, na ocasião oportuna, é só alguém, um íntimo, um amigo de todos os dias, assoprar a idéia. É instigar o Imperador. E dar um empurrâozinho. Zás, nó cego...

D. Domitila ouvia embalada. Um clarão de júbilo incendiava-lhe as pupilas. O Chalaça dizia a pura verdade. Nada mais certo do que aquilo que ele dizia. D. Domitila tomou as mãos do valido. E com alacridade:

— E esse intimo, esse amigo privado, esse que irá instigar o Imperador, esse será você, meu Chalaça! Será você, meu querido amigo, meu grande amigo! Não é verdade?
— Naturalmente, Sra. Marquesa, dizia o truão, alagado de contentamento. Naturalmente...

Nisto, fitando a favorita com olhar súplice:

— E que hei eu de merecer, Sra. Marquesa, por essa dedicação?

A Marquesa encarou-o. Que estranha fisionomia a do Chalaça. Que havia nela de tão esquisito? D. Domitila, surpresa, recuou um pouco. Mas logo, com um sorriso, blandiciosa e grata:

— Você terá todas as recompensas, Chalaça! Tudo que você quiser! Tudo! Você será Marquês. Afianço que você será Marquês! E Ministro! Primeiro-Ministro do Império! Hein, Chalaça? Você, com o espadim dourado, a presidir o Conselho... Ou então, se você preferir, será Embaixador. Embaixador em Paris! Que me diz, Chalaça? Olhe só para isto: o Sr. Marquês Gomes da Silva é o nosso Embaixador em Paris! Que tal?

— Não, Sra. Marquesa. Eu não quero nada disso.

D. Domitila olhou-o com espanto.

— Mas então que quer você, Chalaça?

O Chalaça não respondeu. Estava confuso. Um embaraço estranho tolhia-o.

— Mas então que quer você, Chalaça?

E o Chalaça, aquele tagarela, aquele que não tinha papas na língua, sentiu-se ali perreado, mudo.

— Vamos, Chalaça! Que é que você deseja? Vamos! Eu farei tudo que você quiser!... Tudo.

— Tudo?

— Tudo!

Havia na voz da favorita tal expressão, tal firmeza, que o truão se ergueu de brusco. E, desabafando o que lhe ia na alma, jorraram-lhe estas palavras como labaredas:

— Não, Sra. D. Domitila, não! Eu não quero honras nem posições. A minha ambição, a minha ânsia, o meu desejo mais louco, desejo que me acompanha dia e noite, é unicamente... Não, Sra. Marquesa! Vossa Excelência não me acredita. Não pode acreditar. Mas que hei de fazer? É a minha loucura! A minha loucura!

Eis que, tomado de súbito atrevimento, o Chalaça enlaça violentamente a Sra. Marquesa de Santos. E buscando-lhe os lábios, num ímpeto de selvagem, brada como um louco:

— É que eu a quero, Sra. Marquesa! É que eu a quero! Eu a quero!

Cego, naquele desvario, o valido, com a alma desordenada, tenta colar os lábios queimantes, lábios que ardiam em febre, à boca úmida e vermelha da favorita.

D. Domitila, espavorida, debate-se com fúria:

— Oh, miserável! Miserável!

O Chalaça, diante da resistência, tenta derrubá-la sobre o de canapé veludo. Agarra-a com rudeza.

— Arrede-se! grita a Marquesa, bracejando. Arrede-se, atrevido!

E com todas as forças dos seus pulmões, num uivo de cólera, a favorita brada pelo criado.

Francisco Gomes, caindo em si, afasta-se rápido. O criado aparece:

— Vossa Excelência chamou?

— Mande atrelar a sege. É para levar o sr. Comendador.

O criado parte. D. Domitila, pálida e esgazeada, os seios arfantes, vira-se com grande sobranceria para o atrevido:

— Queira retirar-se!

O Chalaça fita-a com um olhar de ódio. Todo ele, agora, é amor-próprio ferido. Surda cólera espumeja dentro daquela alma despeitada. E num assomo teatral:

— Vossa Excelência acaba de perder a coroa do Brasil!

— Não seja pretensioso, atalha D. Domitila, com orgulho; eu acabo, neste momento, de conhecer o homem mais indigno da Corte!

— Engana-se! Vossa Excelência, neste momento, acaba de conhecer o seu inimigo mais rancoroso! E por isso, Sra. Marquesa, eu juro-lhe — e juro-lhe pela minha honra — que Vossa Excelência há de se arrepender!

— Veremos!

O criado entra. E perfilado, seco, da porta do gabinete:

— A sege está atrelada.

O Chalaça, então, com vasta reverência, um pérfido sorriso no lábio, curva-se gentilmente diante da Marquesa. E despede-se com o mais fidalgo cavalheirismo:

— Até amanhã, no banquete, Sra. Marquesa!

E saiu com o coração apunhalado.

O Banquete

O Chalaça, erguendo o reposteiro de veludo, penetrou familiarmente nos aposentos do Imperador.

— São sete horas, Majestade. Todos os convidados já chegaram.

— Todos?

— O único que faltava era o Sr. Visconde do Rio Seco. E esse acaba de entrar.

— Diabo, exclamou D. Pedro. Eu hoje me sinto mal. Estou com os nervos revirados. Tenho qualquer coisa cá por dentro que anda me azucrinando. E ter ainda que aturar um banquete! Que cacetada...

E depois de passear pelo aposento, irascível, com sinais evidentes de mau humor:

— Foi o Mareschal quem me deixou neste estado de irritação em que estou...

— Sim, o Barão. Que sujeito impertinente! Esteve aqui, falou como um papagaio, comentou o meu casamento, elogiou a diplomacia austríaca, mil coisas. Terminou por censurar a vinda da Marquesa de Santos ao banquete de hoje...

Estacando diante do Chalaça, cruzando os braços, D. Pedro exclamou:

— Ora veja isto: censurar a vinda da Marquesa ao Paço!

O Chalaça abaixou os olhos. E, com voz arrastada, com modos de quem se vê também na obrigação de falar, ponderou com reserva:

— De fato, Sr. D. Pedro, esse convite à Marquesa está dando o que falar à Corte. Escandalizou a toda a gente.

— Oh, fez D. Pedro, embasbacado. Que diz você? Escandalizou a toda a gente? Ora essa! E por quê, Chalaça?

Pérfido, como se contasse a coisa mais corriqueira da Corte, Francisco Gomes explicou:

— E que corre pela cidade, de boca em boca, abertamente, o caso da Marquesa com o Moraizinho...

D. Pedro olhou o valido. Olhou-o estuporado. Aquilo, dito assim tão banalmente, como coisa tão sabida, chocou-o rudissimamente.

— O caso da Marquesa com o Moraizinho?

— Vossa Majestade ainda não sabe?

D. Pedro, cada vez mais surpreso, fitava o truão. O Chalaça, com ingênua naturalidade, desenrolou então, matreiramente, o que já vinha tão bem guardado debaixo da língua:

— Pois andam num grande namoro! Parece que a Sra. Marquesa depois que Vossa Majestade a abandonou, procura esquecer as suas mágoas nos braços do Tenente. E não pense Vossa Majestade que isto seja falatório do povo. Não. Eu, eu que aqui estou a falar a Vossa Majestade, eu vi, em pessoa, certa cena escabrosa...

— Você?

— Vi com estes olhos. Foi naquela noite de tropelias em que o Moraizinho fugiu com a Marquesa à garupa. Pois bem: naquela noite, por mero acaso, topei com os dois, em pleno Paço, abraçados, a se beijarem...

D. Pedro escutava a fremir. Aquela tremenda revelação atordoara-o. Os seus nervos tremiam corno um cordame de nau onde estrugisse o vento. Mas o Chalaça, alma diabólica, lá continuou, insidiosamente, a distilar veneno no peito do namorado:

— Ainda ontem, aqui no Paço, houve grande balbúrdia. O João Carlota e o Plácido andavam num corre-corre, a vasculhar os móveis e a revirar os tapetes. Que é que podia ser aquilo? Fui indagar do caso. E soube que o Tenente Morais havia perdido uma medalha de ouro, que ele guardava como lembrança muito preciosa. Eis que hoje, pela manhã, o João Carlota trouxe, para eu admirar, a medalha do Moraizinho. Vossa Majestade quer ver?

O Chalaça apresentou a D. Pedro a graciosa prenda. O Imperador mirou-a. Havia, na parte de cima, um botão pequenino. D. Pedro apertou-o. A medalha abriu-se. Dentro, com indizível espanto, D. Pedro contempla o retrato da Marquesa circundado por um trancelim de cabelos. Os cabelos eram negríssimos[43]...

O Imperador não disse palavra. Passeou uns minutos pelo aposento, agitado, com grande cólera reconcentrada. Depois, sem comentários, seco e áspero, tornou-se brusco para o Chalaça:

— Bem... Vamos ao banquete!

E saiu enervado, o olhar duro, fundo despeito remordendo-lhe o coração. Lá fora, na sala encarnada, a refulgir de candelabros profusos, zumbia o vozeio amável dos convidados. Palrava-se e ria-se. Quando D. Pedro, bonacheirão e democrático, assomou à entrada do salão, houve um relâmpago de silêncio. Todos levantaram-se. Cada um, com o melhor sorriso, curvando-se, veio beijar a mão que o Imperador estendia. De novo, pelo salão dourado, recomeçou o zumzum dos cortesãos. Que ambiente encantador! As senhoras deslumbravam. Os colos cintilavam de jóias. As sedas farfalhavam rumorosamente. Havia, entrecruzando-se, fardões *bordeaux* e casacas de riço claro. Eis que, em meio ao bulício, o João Pinto anunciou:

— O banquete está servido!

Correu um arrepio pela sala. As damas fitavam avidamente o Imperador. Quem iria ser o par de Sua Majestade? O Sr. D. Pedro, de pé, alvo de todas as curiosidades, circunvagou, por um instante, o olhar pela assembléia. E Sua Majestade, atravessando o salão, curvou-se, com surpresa geral, diante da Sra. Baronesa de Sorocaba:

— Baronesa, o seu braço...

Solene, com as suas grã-cruzes a fuzilarem no peito, o Monarca, de braços dados com a Sra. Baronesa, enveredou para a sala do banquete.

A Marquesa de Santos, ao ver aquilo, mordeu o lábio.

Cada cavalheiro, em seguida, ofereceu o braço à sua dama, assim, formando extensa cauda, o formoso cortejo seguiu os passos de Sua Majestade. D. Pedro, a quem um secreto aguilhão espicaçava, pode então, da cabeceira da mesa, contemplar os pares que chegavam: e logo, entre os primeiros, o Imperador avistou a Sra. Marquesa de Santos, a refulgir de pedrarias, soberba e magnífica, de braços dados com o Tenente Morais. D. Pedro ao ver aquilo, mordeu lábio...

O Chalaça, ao longe, sorria imperceptivelmente.

---

[43] Melo Morais, f1. 265: "O Imperador D. Pedro I brigou com a Marquesa de Santos por ciúme que teve dela, por ter visto um trancelim de cabelos com o Tenente Morais que supôs ser feito dos seus cabelos".

Todos sentaram-se. As luzes dos candelabros, tombando aos jorros, faziam chispar os cristais lavrados de Veneza. A mesa trescalava rosas. Um clarão de júbilo faiscava no olhar de todos os comensais. A orquestra, a um gesto de João Pinto, prorrompeu numa valsa lânguida. Os criados serviram a sopa.

De repente, por mero acaso, D. Pedro, que estava profunda mente casmurro, ergueu um olhar entediado á parede fronteiriça. Grande e ruiva, na moldura dourada dum quadro, D. Leopoldina, do alto da parede, com leve sorriso, assistia ao festim rumoroso. Ao dar, porém, com aquele olhar fixo, perfurante, com aquele retrato que o fitava impressionadoramente, o Imperador sentiu correr-lhe pelo corpo gélido calafrio. Os seus nervos arrepiaram-se. E D. Pedro, gelado, desviou os olhos do retrato.

No entanto, na mesa, todos sorriam. Ia um confuso vozeio. Fidalga cordialidade insinuara-se pela sala.

Os criados principiaram a servir o peixe. D. Pedro, sem querer, estranhadamente, movido por irresistível fascinação, tornou a levantar os olhos para a parede fronteiriça. D. Leopoldina, no alto, grande e ruiva, com o seu leve sorriso, lá estava a contemplar a ruidosidade do banquete. Um suor frio começou a borbulhar na fronte do Imperador. E Sua Majestade, sem saber por que, inexplicavelmente, pôs-se a recordar que ali naquela mesma sala, que era a Sala do Docel, fora armada a peça mortuária... Fora ali que se dera o último beija-mão... Fora ali que estivera exposto o cadáver da Imperatriz... E bruscamente, sem razão, um tremor convulsivo apoderou-se de Sua Majestade. As têmporas latejaram-lhe. Baça nuvem passou-lhe pelos olhos. Esquisita tonteira enfumaçou-lhe o cérebro.

O Moraizinho, que sorria prazenteiro para a Sra. Marquesa de Santos, parou subitamente de sorrir. E com o garfo suspenso:

— Sra. Marquesa! Repare como o Imperador está pálido...

Realmente! D. Pedro estava cadavérico, olheiras escavadas, fúnebre. Havia qualquer coisa de anormal em Sua Majestade. D. Domitila, chocada, fitou aquela lividez de morte. Nisto, com assombro de toda a gente, D. Pedro levantou-se da mesa. Levantou-se, olhou os convivas, retirou-se da sala a passos largos. Foi um choque! O riso morreu no lábio de todos. O banquete gelou. Que foi? Que aconteceu? Ninguém podia explicar. Passou-se um minuto de cruel expectativa E outro. E mais outro. E cinco. E dez... Então, num assomo, a Marquesa de Santos, audaciosamente, ergueu-se da mesa:

— Vou ver o que aconteceu à Sua Majestade!

E desassombrada, num farfalho de sedas caras, embarafustou-se pelo Paço adentro. Correu todos os salões. Nada de D. Pedro! A Marquesa atreveu-se até aos aposentos particulares de Sua Majestade.

Aí, muito curiosa, ergueu o reposteiro. Estupefata. sem compreender o que via, a Sra. Marquesa topou o Imperador, de joelhos, chorando e soluçando, a beijar convulsivamente o retrato de D. Leopoldina!

— Majestade!

D. Pedro virou-se brusco. E ao dar com a Marquesa, aquele homem absurdo, tomado de repentina cólera, pôs-se a gritar como um louco:

— Saia, Sra. Marquesa! Saia daqui! Saia!

E agarrando o retrato da defunta, numa fúria de alucinado, beijava-o carinhosamente, perdidamente, com as lágrimas a rebentarem-lhe dos olhos.

E eis que D. Pedro, num baque bruto, rola de súbito pelo chão.

D. Domitila solta um grito de espanto. Todos os convivas correm atônitos a ver o que é. D. Pedro, estendido no soalho, rijo e duro, o olhar escancarado, a boca espumando, retorcida, jaz imóvel como um cadáver. Que foi?

D. Francisca de Castelo Branco, a velha açafata, ao ver Sua Majestade assim, brada imediatamente para o Chalaça:

— O médico! Depressa... É o ataque!

Era, de fato, um ataque de epilepsia.

A RUPTURA

Foram as cartas de Barbacena, chegadas pelo último paquete, que conseguiram afinal lançar um clarão de júbilo na alma neurastenizada do Imperador. Recluso, os nervos em desordem, Sua Majestade, desde aquela triste noite do banquete, passou larga enfiada de dias enjaulado nos seus aposentos. Nem o andamento das coisas públicas, nem os negócios alarmantes de Portugal, nem as preocupações com o casamento da filha Maria da Glória, nada disso, que era tão grave no momento, pôde empolgar o espírito doente daquele pobre monarca, cm cuja alma tombara, como cerração espessa, imenso tédio. Mas as boas noticias da Europa, recebidas naquela tarde, adoçaram e iluminaram o coração magoado de D Pedro. Mal o Imperador acabou de ler as cartas reservadas de Barbacena mandou incontinenti buscar á sua presença o amigo e íntimo. O Chalaça que ansiava por ver o Amo, correu pressurosamente. D. Pedro foi logo ao encontro do confidente com muitas exclamações:

— Notícias da Europa, Chalaça! Notícias palpitantes!

— Noiva, Majestade?

— Noiva, Chalaça! E noiva linda, e moça e sangue real dos melhores! E a Princesa Mariana Ricarda, filha do Rei da Sardenha. Tudo parece ajeitado. O Imperador da Áustria, juntamente com o Metternich, está ultimando as negociações. E caso liquidado! A coisa estoura já. Você quer ver? Leia as cartas do Barbacena...

D. Pedro passou às mãos do Chalaça uma das missivas confidenciais. Barbacena, a quem o ofício diplomático obrigava ser cauteloso e comedido, lançava, mesmo assim, estas grandes e alvissareiras coisas:

Senhor! Tive a honra de participar a Vossa Majestade Imperial, pelo paquete do Brasil e Buenos-Aires, a minha chegada a Falmouth em 20 do corrente. E aproveito o paquete de hoje para levar ao conhecimento de Vossa Majestade Imperial o que foi feito até esta data.

Em primeiro lugar felicitarei a Vossa Majestade por não se verificar o seu casamento com uma princesa da Baviera, pois as princesas desta Casa parecem estéreis ou pelo menos as duas casadas o têm sido, o que induz a supor ser mal de família. A Imperatriz da Áustria tomou tanto a peito este negócio, que, sendo inseparável do Imperador, foi ela, entretanto, por esse motivo, sozinha, a Munich;

porém, a Princesa mais velha está justa a casar. e a segunda, que tem quinze anos, parece que o seu coração está penhorado de maneira a não convir.

Em conseqüência desta resposta. lembrou-se o Imperador da Áustria da Princesa Mariana Ricarda, filha do Rei da Sardenha, sobrinha do atual, e também sobrinha de Sua Majestade o Imperador da Áustria: tem vinte e quatro anos, mui gentil figura, e costumes exemplares: reúne quanto Vossa Majestade deseja!

Não cabia em tempo vir a resposta da Sardenha, quando Metternich escreveu a Estherhazy[44], mas diz no seu ofício QUE TEM TODA A ESPERANÇA DE CONSEGUIR O DESEJADO CASAMENTO.

Faltam diversos diplomas de que mando nota ao Comendador Francisco Gomes; mas não creio que isso atrase a conclusão das negociações, uma vez que o Imperador da Áustria se mostra tão empenhado em satisfazer os desejos de Vossa Majestade. Deus guarde a Vossa Majestade Imperial por longos anos, com perfeitíssima saúde, como todos desejam e principalmente quem, como eu, é com o mais profundo respeito.

De V. M. I.

Marquês de Barbacena[45].

O Chalaça, ao terminar a leitura, prorrompeu também em exclamações otimistas. Não restava a menor dúvida! Era negócio líquido, liquidíssimo. No próximo paquete, certamente, arrebentava aí a notícia do casamento. D. Pedro podia se considerar noivo. Estava noivo: era coisa decidida!

— É o que me parece, opinava D. Pedro, alegríssimo. Tudo leva a crer, Chalaça, que o meu casamento sai já. Até o mano Miguel, falando ao Barbacena, é dessa opinião. Veja o tópico desta outra carta...

E D Pedro, risonho e alvoroçado, apontava o tópico ao valido:

Falando-lhe sobre o principal objeto desta minha comissão, disse-me D. Miguel que não tinha a menor dúvida sobre o SIM definitivo da Sardenha[46].

— Está vendo, Chalaça?

— Ótimo, exclamava o áulico. Agora sim, Majestade! Agora o casamento sai. Com Metternich e o Imperador da Áustria a conduzirem o barco, não há perigo de fracasso. E Vossa Majestade o que acha da noiva?

— Do meu agrado, respondeu D. Pedro exultante. Do meu inteiro agrado. A escolha foi felicíssima...

E D. Pedro, um sorriso luminoso no lábio, batendo amistosamente no ombro do amigo, exclamava com efusão:

— Pois bem, Chalaça, vamos ser previdentes: é preciso enfeitar o Paço! É preciso renovar as velharias. Temos que receber a nova Imperatriz com todas as honras. Quero que haja grandes festas, e luminárias, e baile, e beija-mão, e *Te-Deum,* e espetáculo de gala, e tudo que for possível.

---

[44] Representante da Áustria, junto a Londres.
[45] Carta de Londres, datada de 7 de outubro de 1827.
[46] Carta de Paris, datada de 1º de janeiro de 1828.

Francisco Gomes ouvia, a sorrir, aqueles projetos entusiásticos. Diabólico. acirrado por insopitável desejo de vingança, o despeitado Comendador não perdeu o ensejo para mostrar as garras. Por isso, diante daqueles planos, o Chalaça tomou uns ares graves. E ponderou sisudamente:

— Festas, bailes. luminárias, *Te-Deum,* tudo isso se fará com grande pompa. Nada mais fácil. Mas o principal não é isso...

— Como?

— Para mim, Majestade, o principal, o urgente, é que Vossa Majestade tome uma providência enérgica, providência violenta, é verdade, mas absolutamente necessária...

— Providência enérgica?

— Sim, Majestade. E é isto: afastar a Marquesa da Corte! Mandar embora a Domitila, Majestade! Afinal de contas, pensando bem, Vossa Majestade há de concordar que será profundamente desagradável à nova Imperatriz dar de encontro com a Marquesa no Paço. É uma indelicadeza. É indelicadeza que se deve poupar à noiva de Vossa Majestade. É, portanto, necessário, absolutamente necessário, fazer a Marquesa ir-se embora da Corte.

D. Pedro concordava. Era, realmente, necessário. Não ficava bem. Mas... E havia sempre, em Sua Majestade, certa dubiedade, certas restrições. Não tinha coragem de levar avante a medida. E D. Pedro discutia. E ponderava. Nisto, suspendendo o reposteiro, João Carlota anunciou:

— O Sr. Barão de Mareschal!

— O Barão? exclamou D. Pedro, num alvoroço. Que entre, que entre!

E D. Pedro, em pessoa, foi receber o diplomata.

— Viva, Barão!

Mareschal beijou a mão de D. Pedro. E exclamando com alacridade:

— Quer me parecer que Vossa Majestade recebeu notícias boas'

— Recebi... Recebi... E Vossa Senhoria, Barão?

Também eu! Notícias excelentes. Tanto do meu Imperador como de Barbacena.

— Bravo! E o que diz Francisco Leopoldo?

— Diz que as negociações caminham muito bem. Tudo vai às maravilhas. Barbacena, por sua vez, conta certo com o êxito da sua missão. E comunicou-me que Metternich, até o próprio Metternich apesar das suas reservas, espera o mais completo resultado. Veja Vossa Majestade esta carta.

D. Pedro leu a carta de Barbacena a Mareschal. A carta dizia coisas destas:

Meu querido barão e amigo do coração. Cheguei a Falmouth no dia 20 do corrente e fácil é de imaginar qual seria a minha aflição encontrando a notícia da morte do grande homem Mr Canning, que me honrava com seu favor e amizade. Nunca o Imperador, meu Amo, esteve em tão alta consideração, e afeto, no espírito

de seu augusto sogro, como presentemente está. As carta de um verdadeiro filho produziram o desejado efeito e suposto não esteja de todo ultimado o ajuste com a Sardenha, diz o príncipe de Metternich, QUE ESPERA O MAIS FELIZ RESULTADO. Em suma, espero hoje, mais do que nunca, desempenhar a minha comissão muito a contento do meu Amo.

Poderei, no próximo paquete, adiantar mais algumas notícias.

Desejo a Vossa Excelência a melhor saúde e sou com a maior consideração e afeto.

De Vossa Excelência amigo do coração e obrigadíssimo criado

Marquês de Barbacena.

D. Pedro lia aquelas boas novas com grande gosto. E exclamava:

— Não resta dúvida! É mesmo coisa decidida.

Mareschal aproveitou-se daquele bom humor para vir, mais uma vez ainda, com a sua velha cantilena:

— Vossa Majestade permita-me uma palavra de amigo. Creia Vossa Majestade que eu falo visando apenas uma solução feliz para este negócio de casamento. A mim me parece que, para melhor impressionar as Cortes da Europa, para solidificar ainda mais reputação de Vossa Majestade, seria de bom alvitre, de muito boa prudência, que Vossa Majestade fizesse a senhora Marquesa de Santos retirar-se em tempo para a Província. Não julga Vossa Majestade que isso seja uma medida de alcance?

O Chalaça, desta vez, correu em socorro de Mareschal. E muito judiciosamente, com muitos e bons argumentos, reforçava as ponderações do diplomata.

— A estadia desta senhora aqui na Corte, não há dúvida, tem sido o maior empecilho para o arranjo da noiva.

— É a pura verdade! concordava Mareschal. É a pura verdade!

— É preciso, para o bom êxito das negociações, que a Marquesa se vá embora. É preciso.

E repetia, com insistência:

— É preciso, Majestade...

— Eu também penso como o Comendador, atalhava Mareschal; é medida imprescindível. Imprescindível e urgente.

D. Pedro, porém, apesar daquele cerrado assédio, hesitava. Sua Majestade, o apaixonado de ontem, não se sentia com ânimo suficiente para tomar uma deliberação assim violenta. E titubeava...

— Eu vou pensar! Não é negócio muito simples, não, isso de se mandar embora uma mulher, como essa, que se meteu na vida da gente. Não é assim tão fácil! É necessário muita cautela. muito jeito, senão, meus amigos, rompe aí pela Corte um escândalo dos diabos. É preciso cautela...

E não havia meio do Imperador se resolver. O Chalaça, porém, que persistia na idéia, tentou continuar a investida. Mas o João Carlota, erguendo subitamente o reposteiro, anunciou ao Imperador:

— O Sr. Barão de Sorocaba está na antecâmara. E pede, com insistência, para falar à Vossa Majestade. Diz o Barão que é negócio urgentíssimo.

Mareschal, ao ouvir o anúncio, levantou-se. E despediu-se com jovialidade:

— Peço licença para me retirar. Vim hoje. por um instante, só para cumprimentar à Vossa Majestade. Quis ser o primeiro a felicitar o Imperador D. Pedro I pelo seu noivado com a Princesa Mariana Ricarda!

E depois de beijar a mão do Imperador, saiu feliz, orgulhoso, por constatar a vitória da diplomacia austríaca.

O Barão de Sorocaba entrou. Tinha o aspecto excitado. D. Pedro e o Chalaça olharam-no com surpresa.

E o Barão:

— Eu venho pedir justiça, Majestade!

— Justiça? acudiu o Imperador; mas que há, Barão?

Boaventura Delfim Pereira desabafou a sua angústia:

— Que há? Um caso grave, Majestade: a minha mulher acaba de ser vítima de uma emboscada!

— A Baronesa de Sorocaba?

— Exatamente, Majestade. Não sei que criminoso, não sei que alma de facínora, disparou contra a Baronesa, à traição, um tiro de pistola. Vossa Majestade bem pode imaginar a minha indignação: uma tentativa de assassínio contra minha mulher!

— Mas como, indagava D. Pedro, como? Um atentado contra Baronesa? Um tiro? Uma emboscada? Explique melhor, Barão!

O Barão desenrolou perante o Imperador o sucesso:

— Hoje, como Vossa Majestade sabe, houve a procissão Nossa Senhora da Glória. A Baronesa, como em todos os anos, foi assistir á festa. Saiu de sege. Tudo normal pelo caminho. Ao galgar o morro, porém, logo à subida da rampa, sem ninguém saber como nem por que, partiu de súbito um tiro contra a sege. A bala espatifou vidraças. Chegou a ferir o boleeiro. E minha mulher, que foi a alvejada, escapou por milagre.

D. Pedro e o Chalaça entreolharam-se. Havia no olhar de ambos uma chispa eloqüente. A mesma idéia assaltou a ambos. O Barão continuou:

— Sair uma pessoa à rua, ir passando sossegadamente na sua sege, e de repente, sem motivo, um tiro de pistola! Um atentado: Isto é de indignar!

D. Pedro ordenou ao Chalaça:

— Vá chamar o Capitão da Guarda.

E dirigindo-se ao Barão:

— Fique tranqüilo, Barão. Eu vou punir com toda a energia, esse atentado contra a vida da Sra. Baronesa. Vá, de minha parte, ao Intendente de Polícia. Diga-lhe que instaure imediatamente o processo. Diga-lhe mais que eu quero — ouviu bem, senhor Barão? — eu quero esse crime deslindado em todos os seus detalhes.

O Chalaça tornou a entrar. Vinha seguido pelo Capitão da Guarda.

— Capitão! Siga o Barão de Sorocaba até a Intendência de Polícia. E determine ao Desembargador Aragão, de minha parte, que cumpra rigorosamente as ordens que acabo de transmitir ao Barão.

O Capitão, perfilado, ouviu o imperador em continência. E Barão, agradecido, saiu á cata do intendente de Polícia.

Quando caiu o reposteiro, a sós os dois, D. Pedro cruzou o braços diante do Chalaça:

— Que diz você de tudo isto?

— Oh, exclamou o favorito, sem vacilar: foi a Domitila!

D. Pedro, que tinha a mesma convicção, concordou imediata mente:

— Foi a Domitila!

E num daqueles seus impulsos de arrebatado, D. Pedro explodiu:

— Não resta dúvida, Chalaça: é preciso acabar com a Domitila E acabar com isto já, antes que estoure por aí novo escândalo. A coisa chegou ao extremo. É preciso pôr um ponto final a isto.

E agitado, a dar largas passadas pelo aposento:

— Não há dúvida: a Domitila vai-se embora! É negócio resolvido. Não há mais protelação. A Marquesa, dentro de dois dias, sairá da Corte.

Abancando-se á mesa dos despachos, carrancudo e azedo, Sua Majestade começou a escrever uma carta à Sra. D. Domitila.

Era a ruptura.

O BILHETE FINAL

A Sra. Marquesa de Santos amanhecera com a alma enevoada. Tudo nela era agitação e sobressalto. Os olhos, vermelhos e febrentos, revelavam as vigílias que a atormentavam; e os seus modos, irascíveis e irrequietos, a tempestade que lhe desmantelara os nervos. Sentada no seu gabinete, indiferente à alegria daquela fresca manhã de sol, que cascateava ouro sobre as árvores do seu pomar, a Sra. Marquesa repassava, com azedume, os últimos acontecimentos. A cena com o

Chalaça... O banquete... A Baronesa de Sorocaba... O ataque epiléptico... A reclusão de D. Pedro... E mergulhada em cismas, numa hipersensibilidade mórbida, D. Domitila sentiu violento estremeção, quando o criado, á porta da entrada, anunciou com todas as letras:

— O Sr. Comendador Francisco Gomes da Silva!

Depois da noite fatal, em que se desenrolara entre ambos aquela cena vertiginosa, nunca mais havia a Sra. Marquesa trocado palavra com o valido. Inimigos rancorosos, começaram ambos, desde esse dia, a se odiar de morte. E por isso, naquela manhã, a súbita aparição do Chalaça no palacete da Rua Nova, embasbacara a Sra. Marquesa de Santos. No entanto, fingindo uma calma que lhe custava, tornou-se tranqüila para o criado:

— Que entre!

Francisco Gomes, muito respeitoso, um sorriso cortesão no lábio, entrou polidamente no gabinete da favorita. D. Domitila, porém, desdenhosa e rude, sem se dignar oferecer uma cadeira, perguntou com secura:

— Que é que você quer?

O Chalaça, risonho, afetando a cortesanice mais afável, curvou-se diante da ríspida senhora:

— Sua Majestade mandou-me aqui para entregar esta carta a Vossa Excelência.

E passou às mãos da Marquesa a carta do Imperador.

D. Domitila, apesar da ira que lhe espumejava no coração, ainda não tivera ensejo de narrar a D. Pedro o atrevimento do Chalaça. O dia seguinte àquela cena incrível, fora o dia do banquete. E depois daquele banquete, tão sinistro e lúgubre, D. Pedro, recolhido aos seus aposentos, não recebera a ninguém. Tornara-se assim impossível revelar ao Imperador as audácias do seu valido. Naquele dia, portanto, foi com ânsia que a paulista rasgou o envelope da carta inesperada. Começou a ler...

O Chalaça, de pé, ia contemplando, diabolicamente, as emoções que se pintavam no rosto da Sra. Marquesa. D. Domitila ao ler, empalideceu horrivelmente. É que D. Pedro, com duro autoritarismo, determinava à Sra. Marquesa de Santos — ordem tremenda! — que abandonasse imediatamente a Corte. A carta, entre outras coisas, dizia isto:

"É urgente que vosmecê, debaixo de pretexto de saúde. peça licença para ir estar em outra Província do Império. a fim de Eu poder completar o meu casamento, ao qual de frente se opõe a sua residência nesta Corte. De onde *se torna indispensável que vosmecê saia imediatamente da Corte.* O caso é muito sério. E esta minha comunicação deve ser tomada pela Marquesa como um aviso que lhe convém aproveitar. E fique certa que esta é a minha derradeira resolução. Assim como a derradeira carta que lhe escrevo, a não me responder com aquela

obediência e respeito, que lhe cumpre como minha súdita, e, principalmente, como minha criada"[47].

D. Domitila, pálida, mordia o lábio, despeitadíssima. O Chalaça, venturoso, saboreava aquele triunfo imenso. Nunca, em toda a sua vida, o truão imaginaria alcançar, sobre a deusa onipotente, vitória assim tão esmagadora. Mas D. Domitila, sempre sobranceira, dominando os nervos, contemplou o valido com grande soberba:

— A carta está entregue. Pode retirar-se.

O Chalaça, antes de partir, quis ainda remoer com desapiedade a alma atribulada da favorita. E então, fitando estranhamente D. Domitila, com a voz muito intencional, muito maldosa:

— O Senhor Desembargador Aragão, Intendente de Polícia, já descobriu quem mandou atentar contra a vida da Baronesa de Sorocaba. É bom que Vossa Excelência, para seu governo, saiba disso.

A Marquesa empalideceu ainda mais. Contudo, sopitando ainda a nova emoção que a sacudia, respondeu com serenidade:

— Está bem. Pode retirar-se!

O Chalaça despediu-se com as mais rasgadas mesuras.

E mal o Secretário Privado desapareceu sob o reposteiro, já a atarantada senhora gritava ansiadamente para o criado:

— Mande atrelar a sege!

D. Domitila correu ao toucador. Instantes depois, com um farfalho de sedas, a elegantíssima paulista mandava tocar a toda brida para São Cristóvão. Ah, no seu peito, fervilhando e espumando, rugiam ódios insopitáveis.

Era preciso, absolutamente preciso, que D. Pedro soubesse de tudo. Que soubesse do atrevimento daquele *Dou Juan.* Que soubesse, bem ao certo, quem era aquela alma negra de intrigante. Ah, com que paixão, com que volúpia, D. Domitila haveria então de esmagar o desaforado truão, pisá-lo debaixo dos pés, arrasá-lo, moê-lo, como quem mói uma víbora peçonhenta. E ia revolvendo, dentro do peito, planos tremendos de vingança.

Nisto, a sege estacou em frente ao pórtico da Quinta. D. Domitila saltou. Subiu agitadamente as amplas escadarias. João Carlota, na antecâmara, atendeu-a. E D. Domitila, com modos secos, ordenou autoritariamente ao criado:

— Preciso falar à Sua Majestade. Vá avisar. Diga que é negócio urgente.

João Carlota, embaraçado, postou-se em meio da porta e respondeu com um arzinho de mofa:

---

[47] Esta carta, com mínimas modificações, vem transcrita no *D. Pedro e a Marquesa de Santos*, pág. 215.

— Impossível, Sra. Marquesa!
— Impossível, tornou o criado; tenho ordens terminantes para não admitir a entrada de Vossa Excelência.
— Ordens terminantes? perguntou a Marquesa com pasmo. E de quem são essas ordens, João Carlota?
— De Sua Majestade, Sra. Marquesa!

D. Domitila tremeu. O sangue, numa ondada purpúrea, chofrou-lhe no rosto. Houve um instante de silêncio. E naquele instante, como por milagre, uma idéia súbita acudiu-lhe ao cérebro. Era a salvação. A Marquesa disse apenas:

— Está bem. Nesse caso, João Carlota, eu quero falar com o Tenente Morais. Vã chamá-lo.
— O Tenente Morais?

João Carlota olhou a Marquesa. E com aquele mesmo ar de mofa, aquele ar escarnecedor:

— Vossa Excelência está muito atrasada! O Tenente foi hoje despedido do Paço.
— Que diz, João Carlota?
— Despedido, sim senhora. E, ao que parece, despachado para São Paulo...

D Domitila arregalou os olhos. Desconcertada, a favorita sentiu que o sangue se lhe escoava das veias. Aquilo era demais! Arrasada, o coração ferido de despeito, D. Domitila desceu, aturdida, as escadarias do Paço.
Na sege, a Marquesa de Santos, apesar das iras que a sufocavam compreendeu, numa visão bem nítida, o descalabro de sua vida. Aquilo era a derrota. Era a expulsão. Era o ponto final.
Ao saltar da sege, no entanto, D. Domitila, com espanto, avistou a caleça do Intendente de Polícia estacada diante de sua casa. Que seria aquilo?
À O Desembargador Teixeira de Aragão, dentro, sentado no gabinete, o aspecto severo. esperava pacientemente a Sra. Marquesa. D. Domitila, ao chegar, transmutou-se logo. E gentil, com encantador sorriso, apressou-se em cumprimentá-lo efusivamente:

— Oh, Sr. Desembargador! Que prazer em vê-lo nesta sua casa. A que devo eu a honra de tão inesperada visita?

O Intendente de Polícia, com modos frios, o falar cortante, respondeu pausadamente:

— Um caso muito sério, Sra. Marquesa.

E fixando-a bem nos olhos:

— É o caso da tentativa de assassínio da Sra. Baronesa de Sorocaba.
— Ah! E então?
— Então, Sra. Marquesa, pelas provas que eu colhi, ficou bem documentado que foi Vossa Excelência a mandante desse crime...

— Sr. Desembargador!

— É inútil, Sr. a Marquesa, o querer Vossa Excelência, com esses espantos, teatralizar um caso perfeitamente provado. O mulato, que disparou os tiros é um apaniguado de Vossa Excelência. E ele confessou tudo[48]. Portanto, Sra. Marquesa, não discutamos esse ponto. Mas ouça lá o que lhe digo. Se Vossa Excelência quiser evitar escândalo, este imenso escândalo que está trovejando sobre a sua cabeça, trate de cumprir as ordens que Sua Majestade enviou a Vossa Excelência na carta de hoje: partir para São Paulo, a sua Província, e nunca mais pensar em voltar à Corte.

D. Domitila ouviu, esmagada, o Intendente de Polícia. Compreendeu, num relance, a enormidade da sua catástrofe. A sua queda inevitável. Então, com aquela sua habilidade sutil, com aquela finura de mulher habilidosa, D. Domitila respondeu com sobranceira:

— Essa história do tiro, que Vossa Excelência acaba de contar, é pura fantasia, sr. Desembargador.

O Intendente quis falar. Mas D. Domitila, com gesto brusco, cortou-lhe a frase:

— Pura fantasia... E é coisa de somenos importância. O principal, o fim único de tudo isto, eu o compreendo bem, é fazer com que eu me retire da Corte. Sua Majestade vai se casar. E pensa, com os meus inimigos, que eu, vivendo na Corte, seja capaz de molestá-lo. Fique Sua Majestade descansado. Não serei eu quem vá perturbar a felicidade do Imperador. Vossa Excelência pode tranqüilizá-lo. Senhor desembargador! Amanhã, queira afirmá-lo a D. Pedro, amanhã impreterivelmente, eu parto para São Paulo.

D. Domitila abancou-se à sua secretária. Escreveu meia dúzia de linhas. Depois, com arrogância e desdém, apresentou o papel ao desembargador:

— Faça o favor de entregar este bilhete a D. Pedro. Leia!

Teixeira de Aragão lançou rapidamente os olhos por aquelas linhas. O bilhete dizia apenas isto:

Minha presença não lhe há de mais ser fastidiosa, nem Vossa Majestade casando e nem deixando de casar: só desta maneira terão sossego os meus inimigos.

Marquesa de Santos.

No outro dia, logo ao alvorecer, certa tropilha de mulas, carregando baús e canastras, trotava pela estrada de São Paulo. Atrás, montada em rico silhão de veludo, ia uma senhora, formosa e morena, elegantemente vestida de amazona. Ao lado dela, num alazão, um moço louro, muito esbelto. Ambos, parados numa curva do caminho, contemplaram por instantes com olhos longos e mortiços, a cidade que

---

[48] Alberto Rangel, pág. 219: "A detonação da arma que teria espoucado dentre as trevas da noite de 15 de agosto de 1828 contra a carruagem da Baronesa e competidora, acentuaria as causas moventes dos dissabores e repu1sas entre D. Pedro e D. Domitila, pois segundo fora apurado em inquérito policial um criado da Marquesa e seu mandatário, é que desaperrara o trabuco.

ficava ao longe, lá para as bandas do mar. Era a Sra. Marquesa de Santos, a grande paixão de D. Pedro I, que ia, seguida pelo Moraizinho, a caminho do seu desterro...

AS TÁBUAS QUE LEVOU D. PEDRO...

O Marquês de Barbacena, o neto ilustre daquele ilustre Felisberto Caldeira Brant, contratador de diamantes e ouro desembarcou no Rio de Janeiro, de volta da sua melindrosa missão diplomática em princípios de março de 1828. Alto e louro, tipo magnífico de homem, o fidalgo mineiro ostentara, durante meses pelas mais emproadas Cortes da Europa, a sua bela e simpática estampa de plenipotenciário. Jorge IV recebera-o com grande acolhimento. Luís XVIII com muitas e decididas gentilezas. Francisco Leopoldo, com as mais significativas honras e magnificências. Tratara, em Saint James, com o famoso Wellington. Em Paris, com o inofensivo Barão de Damas. Em Viena, com o perigosíssimo Metternich. Recebera, no Hotel Crillon, a Duquesa de Clarence. Conferenciara, mais duma vez, com o Duque de Orleans. Comera, ao lado do fidalguíssimo Duque de São Carlos, amigo íntimo e confidente do Rei de Espanha, os jantares opulentos do Barão de Rothschild. Ao deixar a Áustria, como prova de subida honra, o Imperador Francisco Leopoldo, com as suas próprias mãos, entregou-lhe, numa caixa lavrada, a Grã-Cruz da Coroa de Ferro. E o grande Metternich, a mais temível cabeça diplomática do tempo, mimoseou-o, num gesto suntuoso, com um jogo de cristais e de porcelanas, maravilha de realização, que mandara fabricar, especialmente para o mineiro, na Imperial Fábrica de Viena.

Ao saltar no Rio, ainda atordoado dos cambaleios da nau, Caldeira Brant dirigiu-se imediatamente para São Cristóvão. D. Pedro, que ardia em desejos de ouvir o diplomata, recebeu-o com grande ânsia.

— Vamos, Marquês, ao meu caso. Vossa Excelência não pode calcular a minha irritação. Eu ando com os nervos sacudidos. Não compreendo, francamente, o fracasso do meu casamento. É inconcebível! Que é que estão fazendo os meus amigos lá pela Europa? E Metternich? E meu sogro? Eu tenho a impressão de que ninguém age. Vamos lá, Marquês! Diga-me que há. Explique-me bem esse negócio...

Barbacena sentia, por aquele escachôo de frases, o quanto de azedume refervia no coração do Monarca. E sem poder disfarçar, nem atenuar, os insucessos humilhantes das negociações, lá se foi, ponto por ponto, a enumerar as catástrofes:

— Em Turim, conforme eu já comuniquei a Vossa Majestade, não foi possível o casamento. Não houve meio de se convencer uma das princesas a vir para o Brasil. E a razão mais preponderante, ao que me informou Metternich, foi o não quererem as princesas separar-se dos pais. Aquilo é um apego... É uma adoração...

— Bem, bem, atalhou D. Pedro, isso em Turim. Mas a Baviera? Que é que houve em Munich?

— Obstáculos de toda espécie. A Imperatriz da Áustria, que não se havia nunca separado do Imperador, foi, em pessoa, persuadir uma das princesas. Mas tudo em vão. A idéia de vir para tão longe, de vir morar na América, neste fim do mundo, amedrontou as princesas. Que é que se havia de fazer? No entanto, ao que

parece, aí até houve ajuda de Deus: as princesas dessa casa são todas estéreis. Isso, como Vossa Majestade vê, é muito grave.

— É pasmoso, atalhou D. Pedro, com severidade. É pasmoso. Eu não entendo a diplomacia austríaca.

E depois de dar umas passadas pelo salão:

— Vamos ao resto... E a Sardenha? Vossa Excelência, nas cartas, dava grandes esperanças. Parecia que o casamento nessa casa estava muito bem encaminhado. Tudo levava a acreditar, segundo as informações de Vossa Excelência, que as negociações teriam aí o melhor êxito. Que é que aconteceu afinal?

— Eu tive, realmente, toda a esperança de ver o casamento ajustado nessa casa. A moça queria. O Rei queria. A Áustria queria. Como, diante disso, não se ter certeza do triunfo?

— Pois bem, aparteava D. Pedro; e então?

— Então, quando menos se esperava, a Rainha-Mãe surgiu com um rol de exigências. Queria saber da Constituição do Brasil, da dotação da Imperatriz, da sorte dos filhos em caso de sucessão, mil coisas. O Marquês de Rezende, chamado especialmente, deu todas as explicações. E a Rainha-Mãe, com o direito canônico em punho, pôs-se a estudar o caso. Eis senão quando, em todas as gazetas da Alemanha, rebenta a notícia de que a Sra. Marquesa de Santos havia caído, novamente, nas boas graças de Vossa Majestade. Foi uma bomba! Por mais que eu afirmasse por toda a parte, por mais que eu bradasse em todos os gabinetes que aquilo era falso, tremendamente falso, não houve quem me acreditasse. Foi um verdadeiro pânico. O fato, porém, é que a princesa da Sardenha, aterrorizada, lá foi, de joelhos e em lágrimas, suplicar ao Pai que não a mandasse para o Brasil.

— Inconcebível! bradava D. Pedro indignado. E o que mais me enfurece, Marquês, é ver meu nome a rolar assim de Corte em Corte! É ver a minha honra, que afinal é também a honra do Brasil, assim arrastada e envilecida.

— Que quer Vossa Majestade? Há coisas, continuou Barbacena, que ninguém espera, que ninguém nunca pediu, mas que afinal acontecem e vêm comprometer seriamente uma pessoa. Veja Vossa Majestade o caso de Nápoles. É um caso aborrecido, não há dúvida, mas onde não houve culpa de ninguém. O ministro napolitano em Viena, querendo ser agradável à Áustria, procurou confidencialmente Metternich — repare Vossa Majestade que leviandade! — e comunicou-lhe que o Amo, Rei de Nápoles, veria com bons olhos o casamento da filha com Vossa Majestade. Despachou-se imediatamente um correio para Nápoles a fim de sondar. O Rei, que não autorizara coisa alguma ao seu Ministro, mandou responder, singelamente, que a filha não pretendia casar-se.

— Quer isso dizer, exclamou D. Pedro, abrindo os braços, num amplo gesto de desolação; quer isso dizer que eu fui recusado até por uma princesa que não foi pedida?

— Infelizmente essa é a verdade.

— Incrível! Incrível! dizia D. Pedro pondo a mão na cabeça. Mas onde está a diplomacia da Áustria? Onde está a finura de Metternich?

E passeava dum lado para outro aturdido.

— O Duque de Orleans, continuou Barbacena, com quem eu estive em Paris, tocou-me, ao de leve, no casamento de Vossa Majestade. Eu, aproveitando a ocasião, muito discretamente, dei a entender que seria de grande alcance um novo enlace entre Braganças e Orleans. Mas o Duque, ouvindo a insinuação atalhou de pronto *Mais la Marquise? La Marquise de Santos?* E ficamos por aí...

— De forma que, meu caro Marques acentuou D Pedro desolado, não foi possível conseguir uma noiva para o Imperador do Brasil?

— Ainda não foi possível... Mas eu garanto a Vossa Majestade que se há de conseguir! Ah, isso eu garanto. Matternich, ultimamente, lembrou-se de ajustar o casamento de Vossa Majestade com uma das três princesas de Wurtemberg. É uma casa protestante. Apesar disso, e contra a minha vontade, fez partir um emissário para lá. A mais velha respondeu que já estava comprometida com um príncipe do Norte. Metternich pretendia enviar um outro emissário para pedir a segunda; e talvez, havendo recusa, a terceira. Mas eu me opus terminantemente. Era demais! Era menosprezar o decoro de Vossa Majestade. Eis aí o motivo que determinou o meu embarque imediato para o Brasil. Eu quis, de viva voz, expor a Vossa Majestade, sem rebuços, todo o ocorrido.

D. Pedro, com grandes gestos desabalados, prorrompeu numa torrente de exclamações:

— É hediondo seu Barbacena! É dum ridículo espantoso! Afinal de contas, sr. Marquês, que papel representei eu em toda essa farsa? Pode lá haver coisa mais humilhante do que tudo isso?

E exasperado, numa ira justificadíssima, D. Pedro bramia:

— Ora veja um pouco! Veja se isto são desculpas: em Turin não se realizou o casamento porque as princesas não querem deixar os papás. Em Baviera, porque são estéreis. Em Wurtemberg, porque são protestantes. Em Sardenha, por causa da Rainha-Mãe. Em Nápoles, por causa da leviandade do Ministro. Nos Orleans, por causa da Marquesa de Santos. E em toda a parte, afinal, por um pretexto infantil, absurdo, sem pé nem cabeça! Mas a verdade, nua e crua, o que ressalta de toda essa trapalhada, é apenas isto: eu estou sendo ridículo! Profundamente ridículo! E o que mais admira, sr. Marques, e que nisto tudo não houvesse ninguém, absolutamente ninguém, que fosse suficientemente hábil para evitar a um Monarca tão grosseiras humilhações.

Aqui Barbacena pulou. E de pé, gesticulando largo, Caldeira Brant exclamou:

— Vossa Majestade me perdoe! Mas seria injustiça, e clamorosa, responsabilizar os servidores de Vossa Majestade pelo fracasso dessas negociações. Vossa Majestade não se esqueça que esse negócio não foi comedido a mim. Nem ao Itabaiana nem ao Rezende, nem ao Pedra Branca. A nenhum dos Ministros acreditados juntos às Cortes da Europa. Vossa Majestade incumbiu do seu casamento, exclusivamente, a Francisco Leopoldo. Foi Francisco Leopoldo, por intermédio de Metternich, quem deu todos os passos. Foi Francisco Leopoldo quem negociou junto às Cortes. Foi Francisco Leopoldo quem falou aos Reis. Foi

Francisco Leopoldo quem arrastou o nome de Vossa Majestade de déu em déu. E é ele, portanto, unicamente ele, o responsável por todas as catástrofes.

D. Pedro não respondeu. Barbacena, aproveitando o ensejo. desabafou.

— E sabe Vossa Majestade o que mais? Pois Vossa Majestade escute o que vou revelar. Escute e pasme: Vossa Majestade está sendo traído!

— Traído?

— Traído, sim!

— Sim, Majestade: traído por Metternich, por Francisco Leopoldo, por toda a Corte de Viena!

D. Pedro arregalou os olhos. Barbacena, sem hesitar, desenrolou tudo:

— Eu nunca pude me conformar com os insucessos de Viena. Nunca! Sempre achei aquilo tudo estranho, impossível, absurdo. Não havia meio de compreender tantas e tão sucessivas derrotas. E eu para saber ao certo o que se passava, lancei mão de tudo. Consegui insinuar-me a muito custo, a poder de diamantes e pérolas, na confiança de uma pessoa mui próxima do coração de Metternich[49]... Soube então de tudo. A verdade é essa, unicamente essa: A Corte de Viena opõe-se formalmente a que Vossa Majestade contraia novas núpcias. E se opõe assim, de unhas e dentes, a fim de que a Casa da Áustria não venha, em hipótese alguma, a perder um dia a sucessão à Coroa do Brasil. Francisco Leopoldo quer, a toda a força, garantir ao neto o trono da América. O único interessado, portanto, em que Vossa Majestade não ache noiva é Francisco Leopoldo; e foi exatamente a Francisco Leopoldo que Vossa Majestade confiou esse negócio[50]! Eis aí por que o nome de Vossa Majestade anda rolando, pelas Cortes da Europa, de fracasso em fracasso...

D. Pedro ouviu, boquiaberto. Aquela explicação, de fato, era a única aceitável. Não havia outra coisa mais razoável para esclarecer tão desastrosos insucessos. Barbacena parecia ter razão...

E D. Pedro, o homem das resoluções bruscas, pôs a mão sobre os ombros de Caldeira Brant:

— Pois bem, Barbacena! Vossa Excelência, nesse caso, vai voltar imediatamente para a Europa.

Barbacena ergueu-se com espanto. Era inacreditável o que acabava de ouvir! D. Pedro continuou:

— Vai voltar imediatamente para a Europa. E o fim principal dessa viagem — veja bem, Marquês — é ir Vossa Excelência, em pessoa, negociar o meu casamento. Eu vou dar a Vossa Excelência as minhas instruções. Vossa Excelência volta com poderes plenos.

---

[49] Vida do Marques de Barbacena.

[50] Vida do Marques de Barbacena.

Barbacena ouviu, fulminado, aquela deliberação nunca imaginada. E exclamou:

— Não pode haver, para um vassalo de Vossa Majestade, honra maior do que essa. E eu hei de empregar, para desempenhar-me dignamente dessa missão, todo o meu zelo, toda a minha habilidade, toda a minha vida!

Foi assim que o Marquês de Barbacena voltou mais uma vez à Europa; voltou, mais uma vez ainda, a correr Cortes faustosas dos grandes Reis, a fim de descobrir uma princesinha que, abnegadamente, se resolvesse a ser Imperatriz do Brasil.

E partiu...

No seu beliche, durante os longos ócios da travessia, o diplomata não cansava de ler e de reler as instruções que D. Pedro, do seu próprio punho, lhe enviara. O Monarca, a fim de evitar a demora das consultas, especificara ao amigo as condições necessárias para que a noiva fosse do seu agrado. E estipulava, enumeradamente, quatro requisitos, dos quais dois eram essenciais. As instruções rezavam assim:

O meu desejo, e grande fim, é obter uma princesa, que, por seu nascimento, formosura, virtude, instrução, venha fazer a minha felicidade e a do Império. Quando não seja possível reunir as quatro condições, podereis admitir alguma diminuição na primeira, e na quarta, contanto que a segunda e a terceira sejam constantes.

Barbacena, munido de três cheques em branco, emitidos por D. Pedro, com poderes plenos para dispor de toda a legítima que o Imperador herdara de D. João VI, singrava apreensivamente as águas atlânticas, ansioso de fisgar, com este anzol dourado, a princesinha encantada. E D. Pedro, ardendo de impaciência, ficou-se à espera...

Os dias começaram a correr. Foram longos e entediantes. Até que enfim, por uma corveta inglesa, chegada de Falmouth, chegaram á Corte notícias alvoroçantes. Foi um raio de sol na alma sucumbida do Monarca. Barbacena, depois de lançar hábil golpe de vista sobre as princesas casadouras, lembrava, como boa possibilidade, a casa reinante de Dinamarca.

A Carta secreta dizia assim:

Achei a princesa dos Países-Baixos casada; a de Orleans é uma criança, e Vossa Majestade, na véspera de minha partida, mostrou repugnância em tal união, por causa da idade.

A princesa de Saxe Weimar não pode responder sem primeiro consultar o Imperador da Rússia, que está muito longe e absorvido com a guerra com a Turquia.

Resta, portanto, a Casa da Dinamarca que felizmente detesta Metternich e muito estimaria fazer-lhe uma pirraça. O Rei tem filhas feias, mas as sobrinhas — ouço dizer — são bonitas.

Conseguindo, como espero, um casamento com a Dinamarca, terá o Marquês de Rezende a honra de acompanhar a Augusta Noiva. Vossa Majestade conhecerá que não é possível avançar mais em tão poucos dias[51]*...*

A Dinamarca! E D. Pedro, com exasperante sofreguidão, ficou esperar o desfecho das negociações.

Os dias continuaram a correr.

---

[51] Carta escrita de Londres em 10 de outubro de 1828.

Certa manhã, o Monarca recebeu as notícias almejadas. Eram ótimas. Barbacena escrevia:

Senhor!

Poucas horas depois de expedir a minha última carta, recebi aviso do meu comissário na Dinamarca com as mais lisonjeiras informações sobre a formosura, elegância, caráter e educação d. princesa. E como da parte da Dinamarca existe decidida aversão pela Áustria, e como toda a cautela parece filha do receio que a Áustria venha estorvar esse casamento, estou com as mais fundadas esperanças de concluir este negócio muito à satisfação de Vossa Majestade. Já expedi resposta aos quesitos; e vindo o "sim" partirá o Marquês de Rezende para a Dinamarca.

D. Pedro delirou. Vivo entusiasmo embandeirou-lhe a alma. E romântico, velho romântico, D. Pedro erguia castelos sobre castelos.

Ah, devia ser linda! E elegante, e fina, e loura.

E o Imperador pôs-se a esperar, impaciente, as notícias que viriam pelo primeiro barco.

E as notícias chegaram. Eram deste teor:

Senhor!

Aprovando os primeiros passas do Rezende e do Itabaiana, na escolha do agente em Dinamarca, tive o maior cuidado em recomendar, como condição sine qua non, a perfeição física e moral da princesa. Sei agora, no entanto, que a princesa é, com efeito, elegante; mas, infelizmente, tem os olhos, pestanas e sobrancelhas albinos, como todas as princesas da Dinamarca, o que basta para tornar repulsiva ainda a maior beleza deste mundo. Os albinos são o que nós, no Brasil, chamamos preto aço; e quereria Vossa Majestade semelhante noiva? Certamente não!

Vou, portanto, suspender as minhas diligências daquele lado e continuar em outro.

Que desapontamento! D. Pedro, ao ler aquilo, largou um grande murro na mesa.

— Este Barbacena é um animal!

Indignadíssimo, sem poder agir, isolado aqui neste fundo pedaço da América, D. Pedro, de braços cruzados, tinha ímpetos de desistir do casamento, de estrangular Barbacena, de acabar com tudo!

E os dias corriam.

Dias longos, entediantes, de revirar os nervos. E a cada paquete que entrava a barra, estourava nova tentativa de Barbacena. Era sempre assim:

Não perco um instante em tomar informações e lançar minhas vistas sobre outras casas. Muitíssima pressa tenho eu na conclusão do casamento e neste mesmo instante se me apresenta outra porta à qual vou bater. E essa porta, que se me apresenta, é a da Holanda, de onde recebi aviso de se haver anulado o ajuste do casamento da Filha do Rei com o príncipe de Suécia. Pelo retrato que mostrei a Vossa Majestade e pelas informações uníssonas que tenho recebido, nenhuma união seria tão feliz como essa.

A Holanda! E de novo, no peito do viúvo, entrava fugidio clarão de esperança. D. Pedro punha-se então a esperar pela Holanda. E era nova ânsia! E nova agitação! E novo desespero!

Os dias continuavam a correr.

E quando, ao anúncio de um barco que chegava, D. Pedro, pressuroso, corria a receber a correspondência, já Barbacena, nas suas imensas cartas, nem mais tocava uma palavra sobre a Holanda! E passava, bruscamente, sem explicação, a nova Casa reinante:

O falecido Grão-Duque de Baden deixou três filhas lindíssimas. E qualquer delas muito estimaria casar-se com Vossa Majestade[52].

Baden! Recomeçava o exasperante martírio de nova espera. E os dias a correrem. Aqueles dias longos, entediantes, de revirar os nervos. Entrava um paquete. E sempre a mesma comédia:

O Pedra Branca, aproveitando o dia de anos da Rainha, para vir a Londres sem dar suspeitas, comunicou-me que o Grão-Duque de Baden recusava o seu consentimento.

E D. Pedro, a cada missiva, não se continha. E vociferava:

— Este Barbacena é um animal!

E de novo, ao ancorar de outro navio, lá vinha Barbacena com nova probabilidade:

O meu fito, agora, vai às sobrinhas da Duquesa de Clarence...

Era decepção sobre decepção. D. Pedro, nesses dias aflitivos, fora, de fato, um soberano infelicíssimo. Tudo conspirava contra ele. Aquela estrela radiosa, que iluminara propiciamente a sua vida, tinha agora um clarão mortiço, bruxuleio de lâmpada que se apaga. Os seus nervos andavam desafinados por tantos padecimentos. E com razão. A Guerra do Sul terminara por uma derrota vergonhosa. A Argentina, aproveitando habilmente o momento, impusera impiedoso tratado de paz que o mortificara cruamente. O mano Miguel, esse, com uma felonia de arrepiar, não só se recusara a esposar D. Maria da Glória, como usurpara, descaradamente, o trono da rainhazinha. E coroando essa enfiada de golpes, para mais torturar a alma sofredora do Monarca, aquelas cruciantes decepções que estouravam a cada paquete. Foi assim, em meio de tantas provações, que, para o maior desapontamento, chegou esta arrasadora carta do diplomata:

Brilhante casamento, no caso atual das coisas, não se consegue. Não se consegue sem tempo, paciência, e muita habilidade, visto que princesas só há na Alemanha, onde a influência de Metternich é decisiva. Digo que só há na Alemanha, porque as da Itália se recusaram; na França, Grã-Bretanha e Rússia não há; na Dinamarca são horrendas; e o parentesco da Suécia não convém. É preciso parecer, em suma, que se não pensa por ora em casamento...

Esta carta foi a gota que faltava para transbordar a taça. D. Pedro leu-a e releu-a com furor. E sem poder mais refrear os seus nervos, há tanto tempo acicatados, o Imperador, numa daquelas suas desatinadas explosões, bradou para o Chalaça, que o escutava perplexo:

— Pois que vão todas para o diabo que as carregue! Essas princesinhas de meia-tigela que se fiquem lá pela Europa! Eu já não quero mais saber desses vidrinhos de cheiro! E nem de Metternich! Nem de Barbacena! Nem de Wellington! Nem do diabo! Eu já não posso mais, caramba! Eu estouro! E para acabar com tudo isto, com toda esta trapalhada do inferno, só há um meio, Chalaça, um só: é casar-

[52] Carta escrita de Londres em 23 de outubro de 1828.

me com a Marquesa de Santos! Afinal de contas, pensando bem, aquela mulher é a única que eu amo! Aquela mulher, por uma fatalidade, é a minha paixão!

E clamava, agitadíssimo, como um desatinado:

— É a minha única paixão! Minha única paixão!

Debruçando-se então sobre a sua secretária, pálido e trêmulo, quase a chorar de tão emocionado, D. Pedro tracejou estas linhas, que, na sua eloqüente simplicidade, foram o grandioso triunfo da paulista:

Minha Marquesa do Coração!

Impossível esquecer-me de Vosmecê um só momento. Eu não agüento mais esta separação. Venha! Venha, minha Marquesa, depressa, que aqui espera Vosmecê, de braços abertos, o seu fiel, constante, e verdadeiro

Imperador

E passou ás mãos do Chalaça, que empalidecera, aquela carta absurda.

— Tome lá, Chalaça. Mande um correio partir imediatamente para São Paulo. Que vã voando! Que estropie quantos cavalos puder pelo caminho! Mas que a Marquesa, dentro de uma semana, esteja de novo aqui na Corte. Vamos acabar, uma vez por todas, com essas histórias da casamento na Europa.

E um próprio de confiança, na tarde desse mesmo dia, partiu desabalado para São Paulo, a fim de levar à mulher que enlouquecera o Imperador, á deliciosa, à inesquecível favorita, aquela tão pequenina, mas tão surpreendente carta.

SUPREMO TRIUNFO

No momento em que o Marquês de Paranaguá abrindo a tabaqueira de ouro, fungava a sua pitada, entrou o Chalaça. O velho Ministro, com leve sorriso no lábio, pensou lá com seus botões:

Vamos ter notícias... O Chalaça deve saber coisas!

O valido, naquela tarde, acabava de chegar da fazenda de Santa Cruz. Viera daquela grave vivenda conventual, tão amada de D. João VI, aonde fora, em companhia do Sr. D. Pedro, aguardar o retorno vitorioso da Marquesa. Vinha, portanto, carregado de notícias. E que notícias. As mais palpitantes...

— Vossa Excelência não avalia, bradou o favorito, logo ás primeiras frases, não avalia o que foi a chegada da Domitila. Um triunfo, sr. Marquês! Verdadeiro triunfo!

— Que me diz, sr. Comendador? Vamos lá! Conte-me um pouco essa história.

O Chalaça não viera para outra coisa. Desenrolou, com minúcias e detalhes, as ocorrências do grande acontecimento:

— Imagine Vossa Excelência, sr. Marquês, que todos nós, de manhã cedo, partimos de Santa Cruz ao encontro da Marquesa. Éramos um bando. O Imperador ia radiante. Conversava com todos. Ria-se. Eu nunca o vi tão alegre. Parecia um colegial em tempo de férias. Quando chegamos em Itaguaí, ah, foi cômico!

Realmente cômico! Imagine isto, sr. Marquês: o povoado inteiro estava embandeirado!

— Sim, senhor! Embandeirado para receber a Marquesa. Era dia de grande gala!

Paranaguá soltou uma risada. O Chalaça continuou:

— O Imperador, como o sol ia alto, resolveu sestear na vila. Mas eis que na estrada, ao longe, surge um magote de cavaleiros. Todos nós começamos a olhar. O Imperador, que sondava o horizonte com uns óculos de alcance, bradou:

— É a Marquesa!

Metemo-nos todos, a galope, pelo caminho.

Era, de fato, a Marquesa. Vinha num belo zaino, vestida com um *amazona* elegante, muito corada de sol. D. Pedro saltou do cavalo. A Marquesa também. Todos os circunstantes se descobriram. E D. Pedro, radioso:

— Seja bem-vinda, Sra. Marquesa!

Ela beijou risonhamente a mão do Imperador. Todos os da comitiva, tomados de súbito entusiasmo, prorromperam em palmas e brados:

— Viva a Marquesa de Santos!

— Viva a Marquesa de Santos!

Na vilota de Itaguaí, ao mesmo tempo, começaram a espocar rojões pelo ar, morteiros, e o diabo! Até os sinos da capelinha puseram-se a repicar. Um triunfo, Marquês! Um verdadeiro triunfo!

— D. Pedro perdeu a cabeça, exclamava Paranaguá, atarantado. Perdeu a cabeça definitivamente.

— O imperador chegou hoje da Fazenda Santa Cruz. Veio especialmente para dar beija-mão amanhã. E para dar beija-mão em honra da Duquesa de Goiás! Veja, sr. Marquês, como as coisas mudam. Antigamente ao tempo de D. Leopoldina, as filhas da Marquesa nem sequer apareciam nas festas. E agora? D. Pedro, para afrontar a Corte, dá beija-mão, em pleno Paço, em honra da bastarda! E amanhã à noite, para festejar a pequerrucha, a Marquesa, por sua vez, resolveu oferecer um grandioso jantar aos seus amigos. O Imperador, com aqueles seus rasgos, já mandou à Marquesa, de presente, uma riquíssima baixela de prata.

Paranaguá ouvia aquelas coisas com terror. D. Pedro havia chegado ao máximo. Aquele despudor irritava. O Chalaça continuou:

— O que Sua Majestade pretende, com o beija-mão de amanhã, não é honrar a duquesinha: é festejar oficialmente a reentrada da favorita na Corte!

— Veja lá o que faz a paixão, comentava amargamente o velho Marquês. Dar um beija-mão para receber a amante! Que maluquice!

— Mas ainda não é tudo, atalhou vivamente o Chalaça; o que andam preparando por aí, e preparando muito ás escondidas, isso sim, Marquês, isso é de arrepiar a gente! Vai ser uma bomba...

E o valido, baixando a voz:

— O casamento de D. Pedro com a Marquesa é coisa decidida! Estoura já...

Paranaguá abriu os olhos. Impossível! O Chalaça estava delirando! Que absurdo! Sua Majestade não enlouquecera tanto. Sua Majestade, apesar da cegueira, não levaria tão longe o seu capricho. Impossível. Mas o Chalaça sorria.

— Não há *impossível* para D. Pedro, meu caro Marquês! D. Pedro é capaz de tudo! Capaz de todas as doidices deste mundo. Vossa Excelência quer ter a prova do quanto é sério este negócio de casamento? Imagine, sr. Marquês, que o Barbacena acaba de ser demitido das suas funções de plenipotenciário...

— Que diz, Comendador?

— É o que digo, Marquês: foi demitido! E mais ainda: para substituir o Barbacena foi nomeado o Conde de Palma. E o Conde, que deve partir amanhã pela escuna ancorada no porto, leva ordens para romper as negociações. Aquilo é acabar com o casamento lá, e realizar o casamento cá.

Aquelas revelações aturdiram o Ministro.

— Mas onde vamos parar, Comendador? Isto é uma vergonha!

O Chalaça não respondeu. Levantou-se, pegou no chapéu, estendeu a mão ao Ministro:

— Vamos esperar os acontecimentos, Marquês. Amanhã, depois do beija-mão, é que se pode resolver alguma coisa. Por isso, até amanhã! Até amanhã, no beija-mão da Duquesa de Goiás!

E saiu...

É o dia do beija-mão. Dia tropical, glorioso, orgíaco de luz. O sol, com uma gargalhada de ouro, flameja pelo azul. Tudo a rir! A natureza, essa esbanjadora e caprichosa, parece que porfiou em colorir, com a sua mais faustosa riqueza de tintas, o dia triunfal da Sra. Marquesa de Santos. E é de ver-se o rebuliço que fervilha pela Quinta da Boa Vista... Nunca, na Corte, houve tão ardente alvoroço por um beija-mão! Nunca, para acudir ao Paço, houve tão quente curiosidade! Toda a nobreza do tempo, ávida por assistir àquele acontecimento único, correu, gulosamente, à Quinta de São Cristóvão.

Os salões estão burburinhando de gente. É a mais alta, é a mais legítima fidalguia do Primeiro Império. E fervem comentários. O nome da Marquesa anda de boca em boca.

Num canto do salão, aplumada, refulgente, D. Maria Carolina de Sousa Coutinho, Marquesa de São João Marcos, murmura, desoladamente, com um revirar de olhos:

— É coisa assentada... D. Pedro casa-se com a Marquesa!

A Viscondessa de Mirandela, enrugando os lábios, com uma careta de desdém.

— Credo!

E D. Francisca Mônica Carneiro da Costa e Gama, a orgulhosa Marquesa de Baependi, juntando as mãos:

— A Domitila! A divorciada!

— Não é à toa, cochicha a Viscondessa da Cachoeira, que traz no pulso um bracelete cravejado de enormíssimas safiras; não é à toa que o Paço hoje regurgita de gente. Todos querem ver a futura Imperatriz. Reparem um pouco na Goitacases... Até a Goitacases veio hoje ao beija-mão!

Realmente! Até D. Ana Francisca Rosa Maciel da Costa, a velha Baronesa de Goitacases, aquela mesma famosa, enfunadíssima Dama que desacatara D. Domitila na Capela Imperial, abalou-se tremulamente de casa para vir ao beija-mão. Queria ver — ver com os seus olhos! — o incrível escândalo daquele triunfo!

Mas não é só. A flor mais nobre da aristocracia brasileira resplandece em São Cristóvão. É soltar os olhos pela sala...Que deslumbrante! D. Ilda Mafalda de Sousa Queiroz, a rutilante Marquesa de Valença, vestido de gorgorão negro, cadeia de ouro e mitenes de seda, corre pelos grupos o seu *lorgnon* de madrepérola. A graciosa Baronesa Nogueira da Gama, a pequenina D. Maria Francisca Calmon, filha da austera Condessa de Itapagipe, enfeita lindamente o Paço com a garridice primaveril dos seus vinte anos. A Viscondessa do Rio Seco, recamada de laçarotes, grande fortuna da época, traz no decote um áspero faiscar de jóias dardejantes.

Os cavalheiros, agrupados pelos salões, comentam maldosamente. O assunto e sempre o mesmo, um único, inesgotável: a Marquesa de Santos.

No vão duma janela, amigos e íntimos, Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda, murmura, com triste meneio de cabeça, ao distintíssimo Marquês de Valença:

— O Pais está perdido, meu caro Estêvão de Rezende! Ora veja este beija-mão! Pode lá haver escândalo maior?

Mas o Marquês de Valença, ao ver aproximar-se D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, faz um gesto significativo ao amigo:

— Chut! Aí vem o Palma...

E o Conde de Palma, aquele gentil e maneiroso descendente dos Castelo Branco da Costa Lencastre, condes de Sabugal, envaidecido pela sua retumbante nomeação de plenipotenciário, vara gloriosamente o salão, azougado, distribuindo sorrisos de triunfador. Ao vê-lo passar, banhado de júbilo, o velho Paranaguá, tocando ao de leve no ombro do Visconde de Gericinó, Ildefonso Caldeira Brant, exclama com um sorriso:

— Lá vai, meu honrado Visconde, o substituto do seu irmão!

Gericinó franze o sobrolho. E dando largas a uma ira represada custo:

— Mas que injustiça, sr. Marquês!

— Não se irrite, Visconde, atalha Paranaguá filosófico. Isto é da vida! Eu, que aqui estou, depois duma existência inteira de serviços ao País, já fui também arrasado pela cólera da deusa. Agora chegou a vez de Barbacena. E que se há de fazer?

Eis que aparece o Chalaça. E com um gesto amplo, apontando o salão:

— Nunca vi, meus senhores, um beija-mão assim! Só mesmo a paulista, com a sua reentrada, é que poderia fazer tanta velharia desentocar-se de casa! Reparem um pouco.

Nisto, bruscamente, ecoa o pesado rolar dum coche no pátio da Quinta. Rompe súbito fragor de tambores e de cometas. Os porta-estandartes, a um berro do Capitão, abatem as bandeiras imperiais. Todos os archeiros, em continência, apresentam armas. Sousa Lobato, porteiro da Imperial Câmara, corre precipitado à portinhola dourada do coche. Esvoaça imediatamente, de boca em boca, um cicio palpitante:

— A Marquesa! A Marquesa!

Grande ânsia. A alma dos cortesãos freme nos olhos. Todos querem ver.

Eis que, debaixo do mais grandioso silêncio, com o Porteiro Imperial à frente, abrindo alas, a Sra. Marquesa de Santos, conduzida pelo braço de Ribeiro Cirne, surge triunfalmente, como numa apoteose, ante o olhar devorador da Corte inteira.

No mesmo instante, escancarando a ampla porta que dá para a Sala do Trono, Sousa Lobato exclama com ênfase:

— Sua Majestade, o Imperador, dá beija-mão!

Altaneira, a fronte erguida, fazendo ondular a espraiada cauda do seu vestido de seda fosca, os lábios frescos e sangrentos como duas amoras, o olhar faulhante de soberania, a Sra. Marquesa de Santos, lantejoulada de diamantes, um colar de duzentas pérolas enrodilhado o colo, atravessa com majestade por entre aquela fidalguia de enfunada proa. E penetra, com orgulho, vencedoramente, em plena Sala do Trono. D. Pedro, moço e belo, fronte escampada e dominadora recamado de grã-cruzes, o fitão verde e amarelo a tiracolo, do alto do trono, sob o amplo docel de damasco verde e ouro, sorri, jovialmente, democraticamente, com a mais acolhedora afabilidade. A um lado do Trono, sentadas em filas, a Duquesa de Goiás e as Princesinhas. de outro lado, fofa e solene, com seu vasto espalhar de veludo carmesim, uma grande poltrona vazia. A Sra. Marquesa de Santos, derramando graças e feitiços, numa reverência encantadora, curva-se lindamente ante o Monarca. Beija a testa da filha. Beija a mão das princesinhas.

D. Pedro, em seguida, num desafio ostentoso à Corte, oferece a favorita, com um gesto amável, a poltrona ao lado. D. Domitila senta-se. É a única mulher sentada. E diante dela, sob o seu olhar de vitoriosa, desfila, dobrada e rastejante, a Corte inteira.

E aquelas aristocráticas Damas, a chisparem de jóias, farfalhando sedas, resplandescentes de plumas e rendas, perpassam ali, diante do Trono, com uma donairosa reverência ao Monarca, com um bajulante sorriso à triunfadora. E os

velhos titulares, aqueles austeros portadores de nomes venerandos, graves e solenes, barba-piolho, a casaca abrolhada de rútilas insígnias, beijam reverentes a mão augusta do Amo: e polidos, com a mais dobrada mesura, curvam-se respeitosos ante a grande dama. E a Sra. Marquesa de Santos, ali, naquele beija-mão único, ao lado do Imperador, gloriosa, alvo de todos os olhares, no pináculo daquele triunfo retumbante, sente gostosamente, lá no íntimo, que é ela, exclusivamente ela, em tão adorável instante, a mulher mais alta, a mulher suprema do Brasil.

E vaidosa, e para impressionar mais fundamente, a Sra. Marquesa de Santos não se demora. Não quer banalizar o seu sucesso. Mal termina o beija-mão, a vitoriosa paulista levanta-se. Chega-se ao Trono. Faz uma reverência. Beija, ao de leve, a mão de D. Pedro. E, com luminoso sorriso, fazendo valer os seus trinta e dois branquíssimos dentes, exclama alto, para ser ouvida:

— Conto com Vossa Majestade, hoje à noite, para o jantar com a Duquesa...

D. Pedro sorri. E romanesco, namorado escandaloso e impávido, desce ostentosamente os degraus do Trono. Por entre o assombro de toda a Corte, atravessando alas de palacianos, D. Pedro, com a mais acintosa cortesanice, acompanha pessoalmente a Sra. Marquesa de Santos até o topo da escadaria. Nesse momento — oh! glória embebedante! — a música rompe, as bandeiras imperiais se abatem de novo, os archeiros apresentam armas: e a gloriosa Vencedora debaixo de tão alucinantes honrarias, sai iluminada do Paço de São Cristóvão...

Fora, ante aquela alegria derramada, sob a luz maravilhosa, debaixo daquela cascata de ouro que irisa tudo, a Sra. Marquesa de Santos, tonta de felicidade, vai saboreando a olímpica delícia daquele triunfo.

Ah, podiam correr os anos. Podia agora desmaiar a sua estrela! Ah, nunca mais, na vida daquela mulher afortunada, haveria de se apagar a lembrança daquele beija-mão fulgurante, daquele beija-mão tão rápido — quinze minutos apenas! — em que ela, a pequenina Titília de Castro, a endiabrada caçula do Coronel João de Castro, foi, de fato, a Imperatriz do Brasil.

A SUPREMA DERROTA

Era tarde, noite já alta, quando o Imperador voltou do banquete que a Sra. Marquesa de Santos oferecera em honra da Duquesinha de Goiás. Ao saltar em São Cristóvão, D. Pedro topou com o Chalaça, muito inquieto, à espera de Sua Majestade. O Imperador estranhou agitação do valido:

— Que é isso? Você ainda de pé? Alguma coisa grave?
— Alguma coisa, não, Sr. D. Pedro: mas *muita coisa e muito grave.*

D. Pedro fitou o valido:

— Que é que aconteceu?
— Chegaram esta tarde, pela corveta que entrou no porto, cartas importantíssimas do Barbacena.
— Do Barbacena?
— Cartas importantíssimas, Sr. D. Pedro!

E diante de Sua Majestade, abrindo os braços, o Chalaça exclamou teatralmente.

— Vossa Majestade está noivo!

D. Pedro deu um salto. A notícia ferreteou-lhe os nervos como um aguilhão em fogo.

— Que é que você diz, Chalaça? Noivo? Noivo de quem?
— Da Princesa Amélia de Leuchtenberg, filha do Príncipe Eugênio de Beauharnais...
— Da Princesa Amélia? Você está louco?
— Não estou louco, não, Majestade! O tratado matrimonial foi assinado a trinta deste.
— Já foi assinado?
— Pelo Marquês de Barbacena, como plenipotenciário de Vossa Majestade; pelo cavaleiro Planat de la Faye, como representante da Duquesa de Leuchtenberg.

D. Pedro pôs a mão na cabeça, sucumbido:

— Mas isto é um sonho!
— Não é sonho, Majestade: é a realidade nua e crua. O tratado matrimonial já foi ratificado pela Grã-Duquesa. Só falta Vossa Majestade ratificá-lo também. Barbacena mandou todos os papéis. Estão aí. Chegaram agora pela corveta.

D. Pedro estava estupefato. Depois de tantos e tão humilhantes fracassos, depois de perdidas todas as esperanças, quando o Barbacena já estava demitido, quando a Marquesa de Santos, chamada de São Paulo, retornava triunfalmente à Corte, eis que é nesse momento, exatamente no dia da reentrada da favorita que estoura, bruscamente e brutalmente, a noticia do ajuste do casamento! Oh, era de arrasar um homem...

Subindo a quatro e quatro as escadarias da Quinta, Sua Majestade correu sôfrego ao Salão dos Despachos. O Chalaça espalhara sobre a mesa a papelada do Barbacena. D. Pedro, com a alma em fogo começou a ler, uma por uma, aquelas revelações formidáveis.

A primeira carta dizia:

"Senhor!

Mal podendo sustentar a pena por causa duma violenta febre que sofro, darei no entanto a Vossa Majestade, na efusão do meu coração, as notícias de ontem e os meus parabéns de hoje. Aí tem Vossa Majestade, junto a esta, o retrato da linda Princesa, que aconselhada por seu tio, Rei da Baviera, ousa afinal atravessa os mares para ir se unir a Vossa Majestade. O Visconde de Pedra Branca, aproveitando-se da boa vontade da Grã-Duquesa de Leuchtenberg e sabendo da indisposição do Rei da Baviera, seu irmão contra Metternich, dirigiu suas diligências para a Princesa Amélia. filha da Grã-Duquesa, sobrinha do Rei da Baviera e da Imperatriz da Áustria, e conseguiu, enfim, o consentimento da mãe que e tutora, e do dito rei da baviera, que é seu irmão.

A fim de ver a Princesa, escolhi para ir a Munich o Veador Ernesto Frederico de Verna Magalhães, o qual, além do segredo que sabe guardar, temeria faltar à verdade e comprometer-se com Vossa Majestade, garantindo a formosura duma

Princesa que tal formosura não possuísse. Junto remeto a Vossa Majestade a carta original que dele recebi ontem com o retrato.

No momento afortunado em que tiver a honra de entregar a Vossa Majestade os dois sagrados depósitos uma filha e uma noiva — confiados à minha fidelidade, beijarei contente a augusta Mão de Vossa Majestade e direi um eterno adeus à vida pública. Deus guarde a V. M. I. como todos desejam e principalmente eu. que, com o mais profundo respeito, sou de V. M. I. obrigadíssimo e fiel criado

Marquês de Barbacena[53]"

D. Pedro deixou tombar a carta.

Estava noivo!

Mas oh! que estranho tipo foi esse D. Pedro! Que homem ilógico! Ao ler a carta, ele, o escandaloso apaixonado da Marquesa, sentiu uma alegria doida apoderar-se-lhe da alma. Os seus olhos chamejaram. Súbita emoção sacudiu-o todo.

O Chalaça, que acompanhava a alegria do Amo, passou às mãos de Sua Majestade a carta do Verna Magalhães:

— Eis aqui, Majestade, as informações sobre a noiva!

D. Pedro leu as informações que mandara a Barbacena o enviado especial de Munich:

Tenho a honra de participar a Vossa Excelência que, tendo felizmente alcançado o objeto de minha missão, vi a Princesa no quarto do aio de seu irmão, e posso afirmar a Vossa Excelência, debaixo de palavra de honra, que Sua Alteza Real me pareceu muitíssimo mais formosa do que o retrato que a Vossa Excelência eu já entreguei, retrato esse que foi tirado em duas sessões e está justamente trajada como eu tive a honra de a ver. E além disso. a sua tenra idade, pois ainda não conta dezessete anos, e a alta opinião das virtudes da Duquesa, sua augusta mãe, assim como o desvelo desta na educação dos filhos, o que em Munich é constante, são uma garantia mais do que suficiente de que Sua Alteza reúne todas as qualidades.

D. Pedro tomou o retrato da noiva. Lançou sobre ele, ardendo de curiosidade, os seus olhos ávidos. Pôs-se a examiná-lo carinhosamente, detalhe por detalhe, com essa mesma volúpia de joalheiro, que, com o olhar chispante de gozo, vai descobrindo as fúlgidas maravilhas de uma jóia perfeita.

D. Amélia era linda. A neta de Josefina Beauharnais herdara, com o sangue atávico da francesa, todas as graças e feitiços da raça: fina, leve, elegantíssima, os olhos muito quentes, os cabelos muito crespos, o sorriso muito cândido, e, com os seus dezessete anos, viçosos e frescos, era toda ela uma orvalhada primavera de carne.

O Chalaça exclamava com efusão:

— É linda! É lindíssima!

D. Pedro mirava e remirava o retrato. Devorava com olhos cúpidos aquela criaturinha angelical, tão fina, que sorria na gravura como um anjo. E concordava, triunfante:

---

[53] Carta escrita de Lalcham, em 1829.

— E é realmente linda! É lindíssima! O Barbacena teve dedo...

— Aqui está, Senhor, continuou o Chalaça, o tratado matrimonial. O Barbacena mandou todos os documentos.

D. Pedro, num crescendo de contentamentos, pegou da papelada. O Barbacena relatava assim:

Hoje, depois de me haver encontrado em Canterbury com Mr. Le Chevalier Planat de la Faye, representante da Duquesa de Leuchtenberg, tenho a honra de remeter a Vossa Majestade, devidamente assinado por nós ambos, o tratado matrimonial feito a 30, esperando que Vossa Majestade o ratifique. Também remeto uma cópia do protocolo contendo ajustes e medidas externas ao tratado, a fim de que Vossa Majestade tenha conhecimento de tudo.

D. Pedro, à vista daqueles papéis selados, lendo e relendo, numa onda de felicidade, o contrato do seu casamento, vendo enfim, depois de tanta luta, a realização do seu grande sonho, exclamou para o Chalaça, rumorosamente, num transporte de entusiasmo:

— O Barbacena é na verdade um grande diplomata! Eu sempre disse... Um grande diplomata!

— Vossa Majestade precisa ler ainda esta carta, atalhou bruscamente o Chalaça: e pese Vossa Majestade o embaraço em que se acha o Barbacena com as notícias chegadas na Europa.

D. Pedro, refreando os seus transbordamentos, murmurou sisudamente:

— Já sei... São notícias da Marquesa!

— Exatamente. Eis a carta!

D. Pedro, com um vinco na testa, leu a última carta do Barbacena:

Depois da chegada do paquete Swaiping, começaram a espalhar-se incríveis notícias sobre a Marquesa de Santos, havendo apenas dúvida se a mesma estava em Santa Cruz ou no Rio de Janeiro.

Desde ontem, porém, tomaram considerável corpo porque Lord Stangford confirma a notícia da vitória da Marquesa!

No dia seis — imagine Vossa Majestade! — todas as gazetas de Londres anunciavam o casamento de Vossa Majestade com a Marquesa de Santos.

Qual será o resultado desta notícia?

Não sei! Mas afianço que a Áustria saberá tirar partido disso...

D. Pedro, aquele moço absurdo, incrível temperamento de meridional arrebatado, aquele mesmo namorado sem juízo, que, momentos antes, escandalizara a Corte com acintosa ostentação dos seus amores, D. Pedro, já agora esquecido de tudo, mas fascinado pela só idéia de possuir uma noiva linda e noiva, bradou para o Chalaça, com um murro na mesa, esta sentença irrecorrível:

— A Marquesa volta já para a Província! Volta já! Está tudo acabado...

Uma semana depois, em Munich, foi celebrado, com magníficas solenidades, o casamento do Senhor D. Pedro I, Imperador do Brasil, com a Sereníssima Princesa Amélia Augusta Eugênia Napoleon de Leuchtenberg, filha do Príncipe Eugênio de Beauharnais. Nesse mesmo dia, debaixo de um sol de ouro,

trotando pela estrada poeirenta de São Paulo, a Sra. Marquesa de Santos deixava irremediavelmente a Corte: ia, com olhos molhados, a caminho de sua terra natal, cumprir, mais uma vez ainda, sobre o coração do maior político da Província, o seu estranho destino de mulher enfeitiçadora...

FIM